



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o IX Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva: Compromisso da Ciência, Tecnologia e Inovação com Direito à Saúde

Olinda-PE, 03 de novembro de 2009

Eu sou a testemunha mais viva de que uma parteira pode tirar um bichinho bonito assim, como eu.

Bem, eu quero cumprimentar o companheiro Eduardo Campos, nosso querido governador do estado de Pernambuco,

Minha companheira Dilma Roussef, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu companheiro Temporão, ministro da Saúde,

O nosso querido companheiro João Lira Neto, vice-governador do estado,

O deputado Guilherme Uchôa, presidente da Assembléia Legislativa de Pernambuco,

Nosso querido prefeito João da Costa, prefeito de Recife,

O nosso querido Renildo Calheiros, prefeito de Olinda,

O nosso querido companheiro José da Rocha, presidente da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva – Abrasco,

Nosso companheiro Paulo Hernandes Gadelha, presidente da Fundação Oswaldo Cruz,

O José Luis di Fabio, gerente de Tecnologia, Atenção à Saúde e Pesquisa da Organização Mundial da Saúde,

Nosso querido companheiro Eduardo Freese de Carvalho, presidente da Comissão Científica do Congresso,

Nossa querida Josefa Maria Silva Santos, parteira tradicional,

Meus companheiros delegados e delegadas desse 9º Congresso da Abrasco,



Companheiros da imprensa,
Meus amigos e minhas amigas,

Vocês não se assustem, porque o discurso parece grosso, mas é letra grande para quem usa óculos e não quer usar óculos para ler. Então, não se avexem. Calma, que daqui eu e a Dilma vamos para Londres, é mole? É mole? Enquanto isso, vocês vão para Porto de Galinhas.

Mas eu queria começar o meu discurso, que está escrito bonitinho, aqui, primeiro, pedindo um minuto de silêncio a dois brasileiros, um da Funasa, e um da Força Aérea Brasileira, que morreram, semana passada, na queda de um avião Caravan, que saiu de Rio Branco e foi para Tabatinga, no Amazonas, e caiu. O piloto conseguiu pousar no rio, nove ficaram vivos e dois morreram. E esses companheiros estavam em uma campanha de vacinação nas tribos indígenas do Norte do País, portanto, eles merecem a nossa consideração, o nosso respeito e eu queria propor um minuto de silêncio às vítimas deste incidente.

Muito obrigado, gente.

E, depois, já que nós estamos prestando homenagem ao centésimo ano de nascimento de Josué de Castro, aos 30 anos da Abrasco, a cem, sabe, pelo combate à doença de Chagas, eu queria mostrar esta foto para vocês, publicada no jornal O Estado de São Paulo, acho que no sábado ou no domingo. Quando foram fazer o socorro às pessoas que tinham caído do avião, quem estava lá? Uma perua do Samu, Humberto Costa, para recolher os companheiros. E, inegavelmente, isso é uma homenagem a você, Humberto, inegavelmente o Samu é um dos programas mais bem-sucedidos e, por isso mesmo, neste ano, vamos fazer o edital comprando mais 1.600 ambulâncias para dotar o País de condições de bom atendimento.

Bem, eu queria... Eu fico com uma vontade de fazer uma coisa, mas vou fazer outra. Eu vou ler o meu discurso aqui, que eu ganho mais. Eu não sei,



primeiro, se muita gente sabe, mas é uma criação brasileira a utilização do termo “saúde coletiva”, que está hoje presente na agenda acadêmica e política de países da América Latina, do Caribe e da África. Essa é uma forma, sem dúvida, de abordar as relações entre conhecimentos, práticas e direitos referentes à qualidade de vida. Em lugar de tradicionais contraposições “saúde pública *versus* assistência médica”, “medicina curativa *versus* medicina preventiva”, “indivíduo *versus* sociedade”, os principais termos que vêm definindo interesses gerais, hoje, são o quê? Universalidade, equidade, democracia, cidadania, entre outros, ou seja, nós demos um passo extraordinário na discussão sobre saúde no nosso país.

E foi precisamente em torno desses temas, segundo eu fui informado, que se deu a organização da Associação Brasileira de Pós-graduação em Saúde Coletiva, a Abrasco, em 1979. Além, é claro, do desafio de formar profissionais atentos à corrente de novas ideias sobre os problemas de saúde. Alguns antigos, outros produtos de mudanças recentes nos campos biomédico, político e social.

Todos aqui sabem que a Abrasco veio fortalecendo o seu papel ao longo da década de 90, quando a maior preocupação na era da saúde era garantir as conquistas obtidas com a nova Constituição e assegurar a implementação do modelo de gestão em saúde definido pelo SUS. Hoje, está muito fácil a gente defender o SUS. Mas em 1988, quando a gente aprovou o SUS na Constituição Federal – muitos aqui não tinham nem nascido, ainda - era duro a gente enfrentar o debate, porque estávamos começando a viver um momento em que o Estado não prestava para nada, o Estado não servia para nada, o Estado só atrapalhava, e isso perdurou, praticamente, duas décadas. A chamada década do pensamento único. Agora, com essa crise econômica, me parece que o Estado voltou a ter importância, porque foram os Estados que salvaram os países mais ricos do mundo da quebradeira por conta da crise econômica.



E na questão da saúde, na questão da saúde, muitas vezes, nós fazemos uma discussão, eu diria, equivocada ou menor do que o tema da saúde precisa que seja feita. Muitas vezes nós discutimos problemas menores, nós não damos importância necessária a um direito elementar que é o de todos os brasileiros terem direito a uma saúde de qualidade. Eu, vira e mexe, participo de debate em que as pessoas falam: “O Estado não serve para nada. Eu, para ter saúde, pago o meu plano médico”. Só que essa pessoa que paga o plano médico, quando declara o Imposto de Renda, restitui uma grande parte do que pagou. Portanto, é o Estado que garante para ela a assistência médica. E assim vale para outras coisas.

Eu, por exemplo, minha querida Josefa, quando vou fazer um *checkup*... porque só rico tem *checkup*. Rico, autoridade e gente... Porque quando eu vou fazer um *checkup*, nenhum médico pergunta para mim: “Ô, Lula, você está sentindo isso? Você sente isso. O que você passou ontem?”. É uma máquina, uma fileira de máquina. Máquina um, deita; máquina dois, levanta; máquina três, faz; e máquina quatro, vai. É como... Não, obviamente que tudo chique, tudo necessário. Mas eu me sinto o próprio Charlie Chaplin, naquele filme “Tempos Modernos”. Entra... Você não tem contato, não tem mais a figura daquele companheiro que pergunta: “Escute aqui, você tem dor de barriga? A sua barriga incha, seu pé dói, sua cabeça dói?”. Não tem. Hã, Humberto? Eu falo isso porque eu vivi os dois lados. Eu sei o que é esperar sentado, com a bunda em um banco de um balcão de hospital, três ou quatro horas ou cinco horas, e, às vezes, depois que a gente está lá, dizem: “O médico não está”. Eu sei o que é isso e sei o lado do atendimento *vip* que tem um Presidente da República, eu sei os dois lados. Então, neste assunto eu falo de cátedra que ainda falta muito para que a gente possa dar às pessoas mais humildes o tratamento respeitoso que todo ser humano precisa ter no mundo. E aí, obviamente que precisa de dinheiro. Ninguém faz saúde sem dinheiro, ninguém faz saúde. De vez em quando se fala muita bobagem de dizer: “Olha...” Tem



gente que fala: “Eu vou dar...”, candidato a prefeito fala: “Eu vou dar transporte de qualidade, gratuito”. E depois percebe que não é possível. A qualidade impõe determinados custos que alguém tem que pagar. A saúde de qualidade necessita de dinheiro.

E aí a sociedade como um todo tem que se autofinanciar. Veja o que o Obama está passando nos Estados Unidos com a questão da saúde. E lá tem 50 milhões de pobres que não têm direito a nada. Ah, se tivesse um SUS nos Estados Unidos, como seria bom para os pobres. Eu, na próxima conversa que eu tiver com o Obama, eu falo: Obama, faça o SUS. Custa mais barato, é de qualidade e é universal, porque... e veja o que ele está apanhando, porque os conservadores não querem mudar nada. Ou seja, as pessoas não querem abrir um milímetro para atender a uma parte da população que não teve direito a nada. Como eu acho que o mundo vai ter que ser cada mais solidário para que a gente possa sobreviver neste planeta, porque está cada vez mais apertado, cada vez tem mais gente e cada vez tem mais problemas, eu acho que nós vamos caminhar para uma sociedade em que a gente, de vez em quando, vai abrir mão de algumas coisas nossas para que outros possam ter acesso àquilo que a gente já tem.

E a questão da saúde, veja, quando nós criamos o Brasil Sorridente... quer dizer, eu acho que o Brasil Sorridente, e eu tenho cobrado do meu companheiro Temporão, o Brasil Sorridente ainda não atingiu – viu, Humberto? – aquilo que era o nosso desejo. Porque, na medida em que a gente instalou o Brasil Sorridente nas cidades, as pessoas que moram na periferia, lá no interior, que não podem vir à cidade, até porque muitas vezes não tem ônibus, não conseguem ir ao dentista. Então, agora o nosso querido Temporão está comprando 160 peruas com laboratórios odontológicos, com protético, para a gente percorrer, sobretudo, as cidades do Território da Cidadania, que são as mais pobres do País, para ver se a gente coloca dente nas pessoas.

O Eduardo Campos sabe, aqui, na Fazenda do Trabalhador, aqui, em



Suape, tem um companheiro nosso, porreta, brigador, companheiro, vai lá em Brasília me visitar sem um dente na boca. Aí, quando ele abriu a boca para mim, eu falei: “Eduardo, pelo amor de Deus, esse companheiro não pode nem comer um amendoim, mais! Tem Brasil Sorridente lá, vamos levar esse companheiro, vamos levar esse companheiro”. Levou. Levou o companheiro, colocou uma prótese especialíssima, ele, agora, já está comendo amendoim e já pediu um carro, não quer mais dente, não, agora ele quer um carro.

Esses dias, eu fiquei indignado, porque nós fizemos uma revista bonita, do Ministério do Desenvolvimento Agrário para levar para a Europa, traduzida. E tem um casal bonito trabalhando na roça, e aparece um companheiro, uma figura humana belíssima, sorrindo, sem um dente na boca. Eu falei: “Companheiro, não é possível que a gente não... antes de tirar a foto, não mandou consertar, arrumar”. Porque tem gente que acha que pobre gosta de ser banguela.

Então, essa é uma coisa que nós ainda temos que avançar. E, muitas vezes, não basta ter dinheiro, esse é o problema, é que não basta ter dinheiro. É preciso ter um conjunto de cabeças pensantes e uma palavra nova que eu vou criar: um conjunto de pessoas executantes para que as pessoas possam dar certo. Porque, também, no País, entre você pensar e fazer fica mais fácil atravessar o Oceano Atlântico a nado e ir para a África. Não é uma coisa fácil.

As farmácias populares estão funcionando, já temos quinhentas e poucas farmácias populares; já tem mais 9 mil que são aquelas farmácias populares, mas que são convênios com farmácias particulares, já temos 9 mil; se tivesse um pouco mais de dinheiro, a gente ia colocar um pouco mais de farmácia e um pouco mais de remédio. Porque a gente também só pode dar o passo de acordo com a abertura da perna, senão a gente quebra.

A gente fez o PAC da Saúde e eu tinha um sonho, que era levar saúde para a escola. Eu queria que toda criança que começasse a estudar, a própria professora pudesse fazer o teste da tabela para saber se a criança estava



enxergando bem ou não. Eu queria que duas vezes por ano passasse um dentista na escola para ver a boca das crianças, para educá-las, para dar um *kit*. Nós levamos quantos anos para poder fazer o pregão do *kit* odontológico, *kit* bucal? Mais de dois anos, ou quase três anos. E nós não conseguimos levar a saúde para a escola como nós queríamos. Porque, às vezes, a criança não aprende porque tem um problema, e, sobretudo, problemas de visão, que a pessoa não sente dor, a pessoa vai acostumando com outro olho e tal. Daqui a pouco vai fazer um exame mais apurado e descobre que a pessoa está com problema no olho. Você pode descobrir isso logo no início, e aí precisa de dinheiro.

Mas, aí, houve gente que achando que era demais dar R\$ 40 bilhões para um governo, por ano, seriam R\$ 120 bilhões em quatro anos, dos quais mais da metade seria gasto com a saúde, preferiram: “Vamos prejudicar o Lula”. E não me prejudicaram, prejudicaram uma parte muito grande da sociedade brasileira que não tem dinheiro para pagar plano médico, portanto não restitui do Imposto de Renda, e que precisa da saúde pública. Ao mesmo tempo, o Eduardo disse bem, é preciso saber quantos governadores do Brasil estão colocando na saúde aquilo que a Constituição garantiu que tem que por, que é 12%, ou quanto a cidade tem que por. Porque, cada um... Se o cidadão começar a colocar quadra de esporte como dinheiro na saúde, aí vai ficar difícil. Por isso nós estamos querendo regulamentar a Emenda 29 e não é muito fácil.

Bem, eu queria dizer para vocês que eu fiquei feliz porque o tema deste Congresso “Compromisso da Ciência Tecnológica e Inovação com Direito à Saúde” é uma das bandeiras que o nosso governo tem se empenhado em defender e implementar. Estamos investindo como nunca em ciência. Só no PAC da Ciência e Tecnologia são R\$ 41 bilhões até o ano que vem. Somente na área da saúde, ou melhor, somente na área de ciência e tecnologia, com o



objetivo de garantir a inovação para melhorar, também, a qualidade da saúde das pessoas neste país.

Na área da assistência farmacêutica, por exemplo, o financiamento para o setor, que era de 1,9 bilhão, em 2003, passou a R\$ 5,9 bilhões, agora em 2009. Implementamos, ainda, essas coisas que vocês já sabem, da farmácia popular, o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Investimos, também, R\$ 524 milhões em cerca de 3 mil pesquisas científicas e tecnológicas na área da saúde, realizadas em mais de 400 instituições de ensino e pesquisa entre 2003 e 2008. No que diz respeito à inovação, o DST/Aids e os dias nacionais de vacinação são exemplos que deram certo, que temos reforçado muito e que vêm inspirando iniciativas semelhantes em vários países.

Apesar de tudo isso, é preciso reconhecer que as chamadas doenças negligenciadas dengue, doença de Chagas, esquistossomose, hanseníase, leishmaniose, malária e tuberculose ainda significam um grave problema no nosso país, mas, felizmente, estamos avançando. Investimos R\$ 95 milhões para financiamento de 460 pesquisas voltadas ao combate e prevenção dessas doenças. Temos avançado, também, na produção de medicamentos hemoderivados. Serão aplicados R\$ 550 milhões em obras e compras de equipamentos para a instalação da fábrica da Hemobrás, aqui, em Goiana, que está atrasada. É importante lembrar que está atrasada, viu, Temporão? Eu já vim a Goiana há dois, três anos, quer dizer... De vez em quando eu penso que eu venho inaugurar a fábrica, ela nem começou ainda. Então, é preciso ver quem está cuidando disso e dar um puxão de orelha, porque você vai colocando o dinheiro à disposição, depois as coisas não acontecem. É preciso saber porque atrasou tanto. Já faz tanto tempo que não lembro a data que eu vim a Goiana, junto... O Humberto ainda era ministro quando eu vim anunciar isso e me parece que andou pouco, andou pouco. Então, é preciso correr atrás porque o mandato termina dia 31 de dezembro do ano que vem, para ver se a



gente deixa, pelo menos, as coisas bastante engatilhadas.

Só para vocês terem ideia, hoje, o Brasil gasta R\$ 1 bilhão com a importação de medicamentos derivados de sangue. Essa fábrica vai poder nos dar uma mão extraordinária e a gente não precisar importar mais. Eu quero lembrar também que o Brasil será sede da I Conferência Mundial sobre o Desenvolvimento de Sistemas Universais de Seguridade Social, que será realizada em 2010, em Brasília. Para o nosso país, será uma grande oportunidade de participar de debates de alto nível sobre uma seguridade social universalizada e abrangente, com seguridade econômica de acordo com os princípios da Constituição de 88.

Bem, meus companheiros e minhas companheiras, eu queria, agora, dizer para vocês o seguinte: primeiro, a homenagem que vocês deram neste Congresso ao Josué de Castro. Acho que pouca gente, neste país, teve a coragem que teve o Josué de Castro de levantar o tema da fome, como ele levantou. Porque muitas vezes, no País, cuidar de pobre é assistencialismo, para outros é populismo. São temas que, muitas vezes, mesmo, Eduardo, quando, em reuniões que a gente faz, nos setores de esquerda da sociedade, as pessoas estão acostumadas a discutir outros temas, esse negócio da fome é quase que “uma coisa piegas, isso é populismo barato, isso é assistencialismo”.

E eu acho engraçado, porque as pessoas que falam não conhecem o que é a fome. Porque eu duvido que um cidadão que viu a lombriga maior comendo a menor, aquele barulho infernal no estômago da gente, uma dor infernal, um gosto de azedume na boca, que uma pessoa pudesse ser contra um tipo de política que levou o Josué de Castro a ser a figura importante que ele foi, que poderia ter sido indicado Prêmio Nobel, mas, sobretudo, que poderia ter deixado seguidores da luta dele, mas nós sabemos que nem sempre, no regime autoritário, a gente tem seguidores imediatos, ou seja, às vezes demora um pouco para as pessoas defenderem as boas causas.



De qualquer forma, eu acho que nós estamos fazendo, hoje, aquilo que Josué de Castro imaginava que pudesse ser feito naquele tempo. Não foi possível, a conjuntura política não permitia, a sociedade talvez não entendesse, como entende hoje, e eu acho que hoje nós poderemos homenageá-lo aqui, com a dimensão e a grandeza do que esse homem representou para o nosso querido Brasil.

Ao mesmo tempo, também hoje faz quarenta anos que morreu um outro brasileiro importante. É importante, Carlos Marighella também foi assassinado há quarenta anos. E eu fico pensando que nesses congressos, de vez em quando, a gente tem que lembrar as figuras que fizeram alguma coisa importante no nosso país, porque nós somos um país sem muitos heróis, nós não temos muitos heróis. Talvez porque nós fomos sempre colonizados, e colônia não pode ter herói. Nós temos vergonha de reconhecer os nossos heróis, não é? E eu acho que nós precisamos fazer de todas as pessoas que tentarem em algum momento construir alguma coisa importante, a gente não ter vergonha de começar a criar os nossos heróis. Porque senão as pessoas vão morrendo, vão ficando despercebidas, daqui a pouco, para nós, só é herói aquele que está na novela e morre. Como a novela termina a cada nove meses, oito meses, e se cria herói todo ano, a gente fica com uma quantidade de heróis muito pulverizada. E quem tem muitos heróis não tem nenhum. Tem que ter poucos, mas de qualidade, e nós precisamos selecioná-los.

Bem, eu queria terminar dizendo para vocês, companheiros e companheiras da área da saúde... Eu vi tanto papel levantado que eu confesso que a minha cabeça não conseguiu enquadrar todas as reivindicações de vocês. Eu acho que... eu sou daquela tese de que não tem tema proibido. Eu nasci no movimento sindical vendo a briga entre sanitaristas e os médicos brasileiros. Os médicos achavam que os sanitaristas não eram médicos, e isso foi “cacete” e mais “cacete” por este país afora. Porque sempre tem o dono da verdade, aquele que acha que é mais do que o outro. Eu acho que não existe,



na verdade, nenhuma moeda no mundo com um único lado. É preciso construir os dois lados, acho que cada função tem sua importância, tem sua especificidade. Nós precisamos fazer uma discussão... Eu estou me interessando agora, falei com o Temporão, estou me interessando por esse negócio do ato médico. Eu quero compreender, eu só quero compreender, eu quero compreender. Veja, eu não quero fazer injustiças, mas eu quero compreender, perfeito, o que está em jogo. Porque, depois que eu cheguei à Presidência da República... Quando eu era só presidente do Sindicato de São Bernardo do Campo, não tinha coisa melhor do que a luta das corporações. Mas quando você vira presidente da República, que você tem que ficar lidando com muitos lados, aí eu comecei a perceber que é preciso que a gente tome muito cuidado em transformar corporações em coisas muito poderosas, cerceando as coisas. E eu falo isso com a clareza de um senhor de 64 anos de idade, que reconhece o valor de cada área, de cada função.

Mas, eu lembro que um dia eu fui convidado para um debate no Rio de Janeiro, sobre religião, era campanha política. E, de repente, um pastor evangélico, ele foi tão nervoso comigo, ele tinha tanta razão e tanta verdade na cabeça dele, que ele estava condenando não apenas a igreja católica, que ele já “dava de barato”, ele condenava também tudo que era religião afrodescendente. E eu me assustei, porque ele foi tão agressivo na pergunta, tão nervoso na pergunta, que eu falei: “Meu filho, foi por causa de um cara como você, foi por causa de um comportamento desses que Herodes teve, que mandou matar toda criança que nasceu, pensando que ia matar o Menino Jesus”. Então, vamos devagar com essas verdades absolutas, vamos devagar.

Eu posso dizer para vocês o seguinte: eu, naquela cadeira de Presidente, não consegui fazer tudo o que eu queria, mas que a gente aprende como nunca, a gente aprende. Porque ali a gente não “acha”, ali a gente não fala “eu acredito”, “eu penso”. Ali, ou você faz ou não faz. Ali, é “pão, pão, queijo, queijo”, ali é “pão, pão, queijo, queijo”, para o bem ou para o mal. Você



tomou a decisão, está tomada, e fim de papo.

Então, eu quero discutir com mais, eu diria, Temporão, com um pouco mais de carinho essas coisas, para a gente evitar que aconteçam os absolutismos das corporações e muitas coisas que têm no Brasil. Quem tiver razão, a gente vai tentar cuidar de reparar. Quem tiver razão, a gente vai cuidar de reparar, tem sempre um jeito de conversar com um ou com outro. E eu sou um homem do diálogo, portanto eu estou disposto a construir a afirmação de uma coisa sem negar a outra. Ou seja, eu acho que o Brasil precisa disso, e nós precisamos construir.

E eu queria desejar para vocês o seguinte: é que vocês pudessem, é que vocês pudessem, em um Congresso como esse. Sabe, aqui é uma coisa, de coração, que eu peço para vocês: é que vocês façam o debate, levistem as corporações, o que quiserem, mas dediquem um pouco deste Congresso para pensar neste país, para pensar nos outros, não para pensar em quem está aqui, para pensar em quem não está aqui. Sabe por que eu acho importante? Nós temos uma questão séria, hoje, no mundo. Não é uma questão brasileira, uma questão americana ou uma questão francesa, ou uma questão boliviana, que é a questão das drogas. Está ficando claro que do jeito que nós tratamos as drogas até agora não está resolvendo o problema. O que nós estamos vendo é cada vez mais jovens utilizando drogas mais fortes, ou seja, dizem que o crack é uma espécie de borra da cocaína, é a sobra, é aquilo que não presta da cocaína. E nós sabemos dos efeitos nefastos que o crack está fazendo na periferia deste país afora, nós sabemos. E, possivelmente, nem o governo, nem vocês, individualmente, nem o ministro da Saúde possam ter ainda uma certeza de como tratar isso. Mas o dado concreto é que o problema está ficando sério, porque senão fica muito fácil para um país rico dizer que está combatendo a droga, manda colocar uma base militar na Colômbia.

Eu falei com o presidente Obama e quando eu propus a criação do Conselho de Defesa da América do Sul é porque nós temos que cuidar da



questão do tráfico de drogas no nosso continente. E aí os países ricos poderão cuidar dos seus viciados internos e aí resolverá o problema. Se não tiver viciado, não tem mercado para vender. É preciso cuidar e eu gostaria que vocês, não hoje, obviamente, mas que em um outro Congresso, que a gente pudesse colocar este tema como um tema para a gente aprofundar. Aprofundar, porque eu tenho certeza de que, talvez, na cabeça de vocês tenham ideias importantes que a gente possa aproveitar.

No mais, eu quero, do fundo do coração, desejar à Abrasco boa sorte e a vocês boa sorte, que Deus abençoe todos vocês neste Congresso.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura do seminário “Investing in Brazil Summit: Identifying Opportunities in the New Economic Climate”

Londres-Inglaterra, 05 de novembro de 2009

Obs: Devido a problemas técnicos, o início do discurso não foi gravado

... brasileiros,
Empresários do Reino Unido,
Convidados,
Ministros brasileiros,

Primeiro, dar os parabéns ao Financial Times e ao Valor Econômico por realizarem este encontro. Eu penso que, com a ajuda das empresas brasileiras e com a ajuda das empresas estrangeiras, a gente poderia repetir isso todo ano. Um ano no frio do Reino Unido, e um ano no calor do Brasil. Eu penso que em política e em economia nós precisamos nos encontrar mais vezes para que a gente possa se conhecer mais profundamente e melhor.

Eu queria dar um depoimento para vocês, antes de ler o meu discurso, de algumas coisas que estão acontecendo no Brasil, que muitas vezes nem nós mesmos, do governo, sabemos ou acompanhamos. Porque quando não acontece nada em um país, todo mundo sabe. Quando acontece muita coisa, nós nem sabemos. Eu acho que o depoimento do Banco do Brasil, do Bradesco, do BNDES, da ministra Dilma, do ministro Franklin, do Meirelles, eu penso que são depoimentos muito importantes, que dão sustentabilidade e seriedade àquilo que estamos fazendo no Brasil. Mas tem milhões de outras coisas que estão acontecendo, que nós muitas vezes não sabemos porque



muitas vezes nós não aprendemos a dar importância às coisas pequenas, que significam muito.

Eu vou dar dois exemplos para vocês, antes de começar o meu discurso. Em 2004, resolvemos fazer no Brasil um programa chamado Luz para Todos. Nós tínhamos milhões de famílias que não tinham energia na sua casa. Acontece que essas pessoas que não tinham energia elétrica moravam distante dos grandes centros urbanos. Então, não havia nem interesse da iniciativa privada e nem mesmo interesse das empresas públicas brasileiras, do setor energético, de fazer um programa dessa dimensão. Na Amazônia, algumas ligações chegam a custar para nós, do governo, US\$ 3,5 mil, uma ligação. E alguém tem que fazer, porque é um brasileiro que está lá perdido, no meio da floresta, e que tem o direito a ter os benefícios que os outros cidadãos têm. Então nós assumimos, enquanto governo, fazer o programa Luz para Todos. Nós começamos com os números do nosso instituto de pesquisa, o IBGE, que afirmava que tinha por volta de 8 milhões de famílias – 8 ou 10, Dilma? A Dilma saiu para dar entrevista – 8 ou 10 milhões de pessoas que não tinham energia elétrica. Então nós resolvemos fazer esse programa.

Quando nós entramos no meio do nada para fazer a ligação, nós descobrimos que não eram 10 milhões, que tinha pelo menos mais 4 ou 5 milhões de pessoas que não tinham energia elétrica. E começamos esse programa. Em março deste ano nós tínhamos atingido, 2 milhões e 22 mil [2 milhões e 200 mil] residências a que nós levamos energia. Essa energia significa três pontos de luz, totalmente gratuitos. Pessoas pobres não pagam absolutamente nada, e é uma coisa financiada pelo governo. Em alguns estados, os governos estaduais entram com a contrapartida de mais ou menos 20%.

Prestem atenção nos números que eu vou dar aqui. Para fazer a ligação nessas 2 milhões e 200 mil residências nós já utilizamos 906 mil quilômetros de cabo; 906 mil quilômetros de cabo dariam para dar 21 voltas no planeta Terra,



se é que os cálculos que me deram estão certos, de que a circunferência da Terra é de 40 mil quilômetros e oitocentos e poucos metros. Então, tudo o que nós colocamos de cabo, até agora, daria para dar 21 voltas no planeta Terra. Não precisaria nem de um foguete, era só se pendurar no nosso fio e chegar no Planeta Terra. Isso significou 727 mil transformadores; e isso significou 4 milhões 740 mil postes. Tudo isso incentivando que a empresa local, na cidade ou no estado, fizesse esse trabalho. Por conta desse Programa, nós vendemos para as famílias que colocaram luz nas suas casas 1 milhão e meio de televisores, mais de 1 milhão e 400 mil geladeiras, mais de 900 mil aparelhos de som e mais de 1 milhão de liquidificadores, apenas por conta desse Programa, que não seria feito se o governo não assumisse a responsabilidade. Já custou ao governo mais de R\$ 9 bilhões e nós não tratamos isso como gasto, nós tratamos isso como investimento do Estado brasileiro para cuidar da cidadania do nosso povo.

A segunda coisa é o crédito consignado. Era impressionante como as pessoas que tinham uma concepção capitalista no meu país não tinham descoberto que em um país capitalista tem que ter capital circulando. Porque você não pode ser capitalista na concepção e ser outra coisa na prática. Nós criamos, em 2005, se não me falha a memória, um programa chamado Crédito Consignado, para emprestar dinheiro às pessoas que não tinham (incompreensível): ao aposentado, ao pequeno trabalhador que queria tomar US\$ 50 emprestado, US\$ 80, US\$ 6.

Eu vou terminar essa primeira parte dizendo: sabe quanto de dinheiro nós emprestando no mês de setembro? Sabe quanto tem na caderneta do crédito consignado? Mais de R\$ 100 bilhões. Pessoas que tomam dinheiro emprestado em um banco, não para comprar dólar, não para depositar em um banco não sei onde, ou fazer derivativos não! As pessoas pegam o dinheiro no banco para comprar uma televisão, para comprar um sapato, para comprar uma camisa, para comprar uma meia, para comprar material escolar para o



filho. E é isso que dá o dinamismo dessa chamada classe média emergente que está revolucionando o Brasil.

Eu fui agora visitar um canal que nós estamos fazendo no Nordeste. Quem não visitou, se for brasileiro, é importante visitar. E os ingleses estão convidados para visitar. É um canal de 642 quilômetros, que vai levar água a quatro estados da Federação, que tem a parte que menos chove no País. Lá eu conheci uma mulher. No ano passado – essa mulher chama-se Eliane – essa mulher, quando as empresas começaram a trabalhar, ela tomou R\$ 50 emprestados para um afilhado dela. Fez R\$ 50 de pastéis e foi vender na obra. Um ano depois, ela já estava servindo 400 refeições na obra, já tinha comprado um carro, já tinha comprado uma motocicleta. E com muito orgulho – viu, Trabuco? – com muito orgulho ela me falou que já tinha pago R\$ 5 mil de Imposto de Renda, ou seja, ela pagou o seu Imposto de Renda. Vejam a contradição: o Presidente da República, naquela mesma semana, tinha recebido R\$ 5 mil de devolução do Imposto de Renda. É fantástico uma pessoa que, um ano e meio atrás não tinha R\$ 50, um ano e meio depois ela já tinha um carro, uma motocicleta, um restaurante, e já estava pagando Imposto de Renda. É esse milagre da transformação, que ainda não foi medido corretamente pelos economistas, que ainda não foi medido corretamente pelos institutos de investigação, que está ocorrendo no nosso País.

Eu confesso a vocês que quando eu vi os companheiros aqui fazer as suas exposições, e mesmo quando eu faço, eu sou obrigado a reconhecer que nem nós, do governo, temos dimensão do que está acontecendo no nosso país. No sábado passado eu fui a uma exposição de catadores de papel, pessoas que catam papel na rua para reciclar. Só nos próximos dois anos o BNDES, que pouco tempo atrás não tinha dinheiro nem para emprestar para empresários, está emprestando para os catadores de papel R\$ 225 milhões para eles se organizarem em cooperativas, fazer reciclagem, fazer artesanato. Eu tenho pedido para os prefeitos: não contratem empresas para fazer a coleta



de lixo na rua, porque vocês vão deixar apenas uma pessoa rica. Contratem todas as pessoas pobres que querem catar papel, porque a gente vai distribuir essa riqueza e a gente vai ter um conjunto de pessoas na periferia dos grandes centros urbanos vivendo dignamente, às custas do seu trabalho. É uma espécie de conquista de cidadania coletiva que está acontecendo no nosso país. Era isso o que eu gostaria que os empresários e os investidores ingleses entendessem. Sobretudo os ingleses, que no final do século XIX e começo do século XX investiram muito no Brasil. Depois da 1ª Guerra Mundial tiveram muitos problemas, e aí não voltaram mais a investir no Brasil, como investiam no final do século XIX. É importante que a Inglaterra redescubra o Brasil como território de oportunidades para investimentos.

Obviamente que o companheiro Botín, eu posso tratá-lo assim, porque espero que um dia ele leve alguns jogadores do Real Madrid para jogar no meu Corinthians. O companheiro Botín teve essa visão ainda em 2002, quando eu era candidato a presidente da República, [havia] muito preconceito contra mim, muita gente falando que eu ia acabar com a economia brasileira, e o Botín foi me fazer uma visita e perguntou para mim: “Presidente, eu posso dar uma declaração?” Eu falei: só se for a favor, contra não. Ele, em pleno 2002, no auge das eleições, o Botín, com o seu Santander, foi lá dizer que o Lula era uma garantia para o País. E agora estamos aqui, ele colhendo resultados daquilo que, com essas palavras, ele ajudou a produzir no nosso país.

Bem, eu precisava começar dizendo isso porque tem uma revolução silenciosa no Brasil e, possivelmente, nem todo mundo entenda que é a recuperação da autoestima coletiva de uma sociedade. Isso é muito forte. Eu não sei se vocês perceberam que o Vietnã, um país pequeno daquele, conseguiu derrotar a França, conseguiu derrotar os Estados Unidos e conseguiu derrotar a China. Qual é a explicação, se não a autoestima à flor da pele para defender o que era deles?



Nós, brasileiros, estamos assim. Nós cansamos de ser país do futuro, nós cansamos de tantas promessas do século XX, e nós agora não queremos perder nenhuma oportunidade do século XXI. Eu estou convencido de que o século XXI é século do Brasil, e nós temos que começar ontem, para que a gente possa desfrutar desse espaço que o mundo está vivendo e o Brasil, dentro dele, está vivendo um momento quase mágico, pela expectativa que nós mesmos temos de nós.

Eu, algum tempo atrás, se tivesse um seminário desses, eu tenho certeza de que viria empresário aqui falar: “não, porque a carga tributária no Brasil..., porque os impostos no Brasil..., porque o sindicato no Brasil..., porque a política no Brasil..., porque...” Ou seja, havia uma tendência a nos comportarmos como se fôssemos de segunda classe, de olhar um europeu, um americano como um ser superior e a gente sempre muito pequeno. Isso acabou. Nós continuamos mais respeitosos com os outros, mais temos o nosso direito, e isso nós vamos brigar para que o Brasil se transforme em uma grande nação. É este o meu sonho e o meu desejo.

Pois bem, eu queria, de coração, agradecer esta oportunidade. Eu nem precisaria vir aqui mais a Londres porque eu já não sou mais candidato a nada, eu poderia não vir aqui. Mas o sonho que eu tenho com o Brasil é tão grande, que no dia 3 de dezembro nós vamos fazer um seminário destes na Alemanha. Eu espero que a partir do ano que vem, a gente comece a continuar a fazer esse seminário no mundo inteiro, até que as pessoas descubram o Brasil na sua plenitude. É por isso que eu estou aqui. Estou aqui para corroborar com as palavras dos companheiros (incompreensível) e dizer para vocês o seguinte: os depoimentos e exposições em testemunho nesta manhã de ministros, empresários e jornalistas dão conta de que o Brasil vive um momento excelente e excepcional. Não vou aborrecê-los com cifras e números que provam essa afirmação. Quero apenas ressaltar alguns pontos que eu considero importantes. Fomos um dos últimos países do mundo a entrar na



crise e fomos também um dos primeiros a sair dela. Aliás, já voltamos a crescer e, pelo ritmo, estamos fechando o ano de 2009, segundo testemunho do meu Ministro da Fazenda, do meu Presidente do Banco Central, de muitos empresários, eu não tenho dúvida de que poderemos crescer 5% em 2010.

Estamos criando, neste ano, mais de 1 milhão de novos empregos formais, enquanto milhões de postos de trabalho foram e estão sendo sacrificados nos países ricos. Nossa indústria automobilística, por exemplo, deve bater recorde de produção em 2009. Aqui há um probleminha que eu queria dizer para vocês, que foram anos de tentativa de convencer o empresário brasileiro, de convencer o empresariado brasileiro que o consumidor brasileiro não está preocupado com o valor total de um produto. Ele está preocupado se a mensalidade que ele vai pagar cabe dentro do seu contracheque. Porque, normalmente, os empresários quando têm um problema aparecem e falam para o governo: “Reduza impostos”. E eu perguntava: Qual é a parte de vocês? Qual é a parte de vocês? Ora, se um trabalhador não pode comprar um carro em 36 meses, ele pode comprar em 48, ele pode comprar em 60. Então vamos fazer um jogo para que todo mundo ganhe e ninguém perca: o governo não perca, os empresários não percam e o povo possa comprar o seu carro. Conclusão: a indústria automobilística está batendo recorde atrás de recorde nas vendas de carros. E não é demais porque as matrizes não permitem que nós adentremos aos seus mercados, porque se permitissem a gente iria vender muito mais carros e nem as exportações iriam cair. Mais recentemente foi a indústria de caminhão, que estava em crise, estava em crise, estava em crise, estava em crise, e nós tínhamos um problema: o caminhão não podia ser alienado porque é um instrumento de trabalho. A lei parece extraordinária, mas se ele não pode ser alienado como garantia, a pessoa não pode trocar de caminhão. Nós fizemos um programa, o ministro Guido Mantega se juntou com os empresários e, mais recentemente, neste mês e no mês passado, os caminhões voltaram, outra vez, a produzir de



forma extraordinária. Só para vocês terem ideia do que eu estou falando, a Mercedes Benz, que tinha mandado embora 1.300 trabalhadores em dezembro, no mês passado contratou exatamente 1.300 trabalhadores porque a produção voltou a crescer. Um outro exemplo: nós resolvemos financiar a agricultura familiar a comprar tratores. Colocamos R\$ 25 bilhões no BNDES para financiar tratores de até 78 cavalos para a agricultura familiar. Conclusão: 78% da produção da indústria de tratores do Brasil, hoje, está totalmente vinculada à agricultura familiar. E o que é mais importante: já vendemos mais de 16 mil tratores em apenas dez meses. E nós achamos que é possível vender tudo o que nós colocamos de crédito no BNDES, o que é mais ou menos 700 mil tratores e 300 mil máquinas agrícolas.

Nosso sistema financeiro – já foi dito aqui pelo Trabuco e pelo Banco Central, portanto, eu não tenho como duvidar –, está muito (incompreensível). O crédito já retornou aos níveis anteriores à crise e os juros apresentam as taxas mais baixas das últimas décadas. Confesso a vocês que eu gostaria que fossem um pouquinho mais baixos. Vamos brigar por isso, o tempo se encarrega de nos ajudar a conseguir isso.

As vendas do comércio vão de forma extraordinária. Os investimentos também voltaram a crescer de forma vigorosa, e em todas as áreas da economia – na indústria, na construção civil, na agropecuária, nos serviços – respira-se um clima de otimismo e de confiança.

Vocês sabem que a construção civil, no Brasil, ficou praticamente 20 anos sem fazer grandes investimentos. As empresas grandes já não eram mais tão grandes, as médias não eram tão médias, e as pequenas tinham desaparecido. Foram, praticamente, 20 anos de atrofiamento dos investimentos brasileiros na área da construção civil. Nós fizemos mudanças em toda a legislação, e agora anunciamos um programa de um milhão de casas, que é um desafio ao setor privado brasileiro, que vai construir, e ao setor público brasileiro, que vai financiar. Eu espero que a gente tenha uma chance



extraordinária de chegar em 2010 com um milhão de casas contratadas. Este ano já vamos chegar a 400 mil, o que é uma coisa inusitada em nosso país.

Todos esses movimentos ocorreram com a inflação controlada, com a relação dívida interna-PIB estabilizada e com a nossa vulnerabilidade externa reduzida. Basta lembrar que em poucos anos passamos da condição de devedores à condição de credores internacionais. Nossas reservas, também não vou repetir aqui, porque já somam mais de US\$ 230 bilhões, e aí um dado importante. Em 2005 eu estava na Índia quando a Índia atingiu US\$ 6 bilhões de reservas. Eu estava com lá com o meu companheiro Palocci, que era o ministro da Fazenda, e a gente ficou sonhando com o dia em que o Brasil tivesse US\$ 6 bilhões de reservas, nós achávamos que ia ser o máximo. Passados apenas três anos, nós estamos com US\$ 230 bilhões de reservas, não devemos nada ao FMI. Se eu contasse para vocês a cara do meu amigo Rato quando eu telefonei para ele, na sede do FMI, e convidei ele para ir ao Brasil, que eu queria devolver o dinheiro do FMI. Ele: “Não, companheiro Lula, *pero, pero, pero...*” Eu falei: Não, aqui não tem nada de *pero, pero*. Vamos pegar... e eu fiquei muito feliz. Esses US\$ 230 bilhões nos forneceram, durante a crise, um formidável colchão de segurança para lidar com as (incompreensível) internacionais.

Por tudo isso, podemos dizer que a economia brasileira enfrentou a crise financeira internacional de cabeça erguida e saiu-se muito bem na prova. Outro problema de imponência, que vocês devem ter acompanhado aqui em Londres: nós tínhamos clareza, porque nós estávamos discutindo até então... até setembro a gente discutia a crise do *subprime*, e a gente discutia os efeitos do *subprime* na crise do Brasil. E naquele tempo a gente discutia que não teria mais que 1% de influência na crise brasileira, até que veio o *Lehman Brothers*. Ou seja, quando ele quebra, aí a crise se aprofundou porque o crédito desapareceu. Vocês imaginem que uma empresa como a Petrobras, habituada a pegar bilhões e bilhões de dólares lá fora, foi disputar, no Banco do Brasil, na



Caixa Econômica Federal, um financiamento com as empresas pequenas e médias. Por isso é que nós fomos atrás da China, pedir US\$ 10 bilhões. Eu, pessoalmente, falei três vezes com o Hu Jintao e posso garantir para vocês que os chineses são duros na queda. Olhem, quem está habituado (incompreensível). Roger, você está habituado. Os chineses são parada, viu? Não sei quem é mais duro, se são os chineses ou os ingleses, mas é muito duro negociar com os chineses. Mas de qualquer forma, conseguimos a garantia de US\$ 10 bilhões, que depois nem ficou tão primordial porque o Banco Central e o BNDES estavam dispostos a fazer qualquer cobertura. De qualquer forma, nesse aspecto nós estamos tranquilos, o dinheiro já voltou à praça, nós, portanto, estamos tranquilos para garantir o nosso crescimento.

Pois bem, o que aconteceu é que a economia retomou o impulso anterior à crise, está mais madura e pronta para crescer fortemente. Isso só foi possível porque nos últimos anos o povo brasileiro não se deixou levar pelas fórmulas prontas e pelos modelos dominantes, e soube fazer opções corretas, em meio a muitas dificuldades. E, assim, com trabalho e sacrifício, lançou bases sólidas para a abertura de um longo e sustentável ciclo do crescimento econômico do nosso país.

Logo no início do meu governo, deixamos claro que não toleraríamos a volta da inflação, porque sabemos que ela não só impede qualquer crescimento consistente, como também afeta, principalmente, os mais pobres. Por isso mesmo, no primeiro ano do meu governo realizamos um ajuste fiscal duríssimo, talvez o mais duro da nossa economia. (incompreensível). Talvez, se eu fosse um economista, eu não tivesse tido coragem de fazer o ajuste. Eu só fiz o ajuste porque eu era sindicalista, e eu sabia que nós tínhamos que plantar uma coisa muito sólida para a gente colher no futuro.

O ajuste, possivelmente, tenha sido o mais forte da história do Brasil, mas nos deu a sustentabilidade para chegar onde estamos hoje. Muitos nos criticaram por isso, mas os fatos mostraram que estávamos certos. Não foi uma



opção fácil, mas foi a opção necessária. Conscientemente, troquei parte do capital político conquistado nas urnas pela consolidação de um rumo saudável na economia.

Aqui uma coisa importante, companheiros: é que a classe política mundial precisa aprender. Nós somos eleitos para governar, e nós estávamos habituados a entender que nós não sabíamos governar porque o mercado resolveria tudo. Ora, o mercado pode resolver uma parte substancial das coisas de um país, mas tem coisas que o mercado não consegue resolver porque não é papel do mercado. O mercado não faz política social, isso é o Estado que tem que fazer. O mercado não faz uma política como o Luz para Todos ou cria um Bolsa Família, isso tem que ser política de Estado. E o que acontecia, na verdade, no nosso país? Os governantes, às vezes, se elegem e não tomam as decisões. Imaginem se o presidente Bush, que estava no final do mandato, tivesse tido, quem sabe, as informações corretas e a decisão correta de evitar que o *Lehman Brothers* quebrasse. Possivelmente custasse muito menos do que a quantidade de trilhões de dólares que nós tivemos que colocar no mercado depois que quebrou o *Lehman Brothers*.

Então, o dirigente político quando chega ao poder, ele não pode ficar falando como se fosse oposição: “Eu acho, eu penso, eu quero, eu acredito.” Um dirigente tem que fazer, e pagar o preço ou colher o preço, se as coisas derem certo. Então essa crise, que chegou muito forte depois da queda do *Lehman Brothers*, não precisaria ter chegado a essa profundidade se os governantes tivessem tomado as medidas na hora certa, no momento certo. É para isso que existe governo. De vez em quando alguém me pergunta: “Ô Lula, mas você era sindicalista, pô! Você agora está aí, os bancos estão ganhando muito dinheiro, e você não fala nada.” Eu falo sempre: graças a Deus, os bancos estão ganhando dinheiro, porque quando eles quebram dão um prejuízo desgraçado. Então, eu quero que os bancos ganhem muito dinheiro mesmo para não quebrarem, porque o prejuízo é infundável e está aí essa crise



econômica para mostrar o que aconteceu.

Pois bem, mas nós não nos limitamos a isso. Fomos além. Desafiamos a sociedade brasileira a encarar os obstáculos e os preconceitos que vinham minando nosso desenvolvimento. Por exemplo: dizia-se que era impossível crescer e, ao mesmo tempo, distribuir. Diziam ainda: o bolo tinha que crescer primeiro, para que se pudesse comê-lo depois. Eu cansei de ouvir isso na década de 70, ouvimos muitas dessas frases nos anos 70, quando o Brasil chegou a crescer, durante vários anos, mais que 10% ao ano. O bolo cresceu, mas alguém comeu o bolo, e o povo é que não foi. O que aconteceu é que o povo ficou mais pobre e quando queria o bolo, ó... foi! Foi a época da mais brutal concentração de renda da nossa história. Eu nunca aceitei essa tese do bolo.

Por isso mesmo, desde o primeiro momento do meu governo trabalhamos para mostrar que era possível combinar crescimento econômico com distribuição de renda. Graças ao programa Bolsa Família, hoje considerado um dos mais bem-sucedidos programas de transferência de renda pelos organismos internacionais, mais de 11 milhões de famílias no Brasil, cerca de 50 milhões de pessoas, passaram a fazer, no mínimo, três refeições por dia.

Aqui eu queria fazer um parêntese. Quando a gente faz política social de transferência de renda, normalmente aparece, junto a segmentos da sociedade, a ideia de que o governo é populista ou de que o governo está fazendo assistencialismo. Alguns diziam no Brasil: “Não, mas por que está investindo nos pobres? Poderia fazer ponte, fazer estrada, fazer viaduto”. Porque eu acho que... eu gostaria de fazer pontes, viadutos e estradas, mas a ponte pode esperar um mês, a estrada pode esperar dois meses, um investimento qualquer pode esperar. Quem está com fome não pode esperar e não pode nem ter paciência, porque a fome é a forma mais perversa de tortura, sem estar incluída nos direitos humanos, que o ser humano vive hoje. E agora



são 1 bilhão de seres humanos que estão abaixo da linha da pobreza, portanto, passando fome. Então, eu dizia: Certamente, se eu pudesse jantar todos os dias em um restaurante e depois dar R\$ 100,00 de gorjeta, depois de tomar três ou quatro uísques, eu poderia dizer que aquilo era assistencialismo. Mas, para uma mãe de família, com três ou quatro filhos, que pega R\$ 80,00, R\$ 90,00 R\$ 100,00 R\$ 120,00, leva para casa e vai comprar comida para os seus filhos não tem preço no mundo que pague. E eu só lamento que a gente não tenha dinheiro para dobrar isso ou triplicar isso. Se Deus quiser, quando a gente começar a produzir muito petróleo com o pré-sal, a gente vai poder melhorar a vida dessas pessoas mais pobres até que elas não precisem mais do Estado e possam sobreviver às custas do seu suor e do seu trabalho, que é a coisa que mais dignifica um ser humano.

Não apenas ganhar as condições mínimas de sobrevivência e, com isso, dignidade e cidadania, como também se tornar consumidores, alargando e impulsionando vigorosamente nosso mercado. Aí era outra burrice de uma parte da elite política do nosso país, ou seja, a maioria do povo não participava do processo. Até a publicidade na televisão no Brasil era feita apenas para 40% dos brasileiros que tinham um mínimo de possibilidade de consumo.

Também promovemos um aumento real do salário mínimo, que no meu governo passou de US\$ 80 para US\$ 270, em 2009. Aqui era outra coisa absurda. Um empresário inglês não tem porque entender o que eu vou dizer aqui, mas no Brasil dizia-se o seguinte: “Se der aumento para o aposentado, vai quebrar a Previdência, vai quebrar a Previdência”. Quando vocês lerem o jornal, prestem atenção em uma coisa: a Previdência brasileira não é deficitária. Quando vocês virem no jornal “déficit de 47 bilhões na Previdência”, não é verdade. A Previdência brasileira não é deficitária. O que é deficitário é a política de seguridade social que nós criamos na Constituição de [19]88, quando nós incluímos trabalhadores rurais para receber aposentadoria. E, habilmente, o Tesouro e a Fazenda colocam isso como déficit na Previdência



Social quando, na verdade, isso é um compromisso da União de garantir a essas pessoas cidadania. Se você for medir os trabalhadores que pagam com os trabalhadores que recebem empata ou o déficit é bem pequenininho. Mas quando você coloca a seguridade social, que entra auxílio a portador de deficiência, que entra auxílio às pessoas que nunca trabalharam que têm mais de 65 anos, que entram todos os trabalhadores rurais aposentados, aí você tem um déficit grande, que não é um déficit da Previdência. Essa é uma contabilidade equivocada, que eu acho que até o nosso companheiro Guido Mantega já mudou algum tempo atrás, porque era uma forma equivocada de apresentar o nosso déficit da Previdência Social.

Bem, além disso, os recursos do Estado destinados à agricultura familiar foram multiplicados sete vezes no nosso país. E o crédito popular, antes praticamente inexistente no Brasil, expandiu-se de forma acelerada e segura, transformando-se em um dos mais importantes motores que hoje movem a economia, que é o crédito consignado que eu acabei de falar. Já são mais de US\$ 100 bilhões hoje na mão de aposentados, na mão de pessoas pobres, fazendo comércio com dinheiro emprestado. E pagam! A inadimplência é muito pequena. O Banco do Brasil pode falar qual é a inadimplência aí, é muito pequena. Certamente, alguns grandes pagam menos que antes, sobretudo na área agrícola.

Pois bem, graças a essas iniciativas, o Brasil mudou a sua cara. Nesses sete anos, 30 milhões de pessoas deixaram a linha de pobreza e cerca de 21 milhões ingressaram na chamada nova classe média. Impulsionada pelo forte aumento do consumo popular, a roda da economia passou a girar mais forte, beneficiando todo o conjunto do País.

Outro preconceito que foi preciso vencer foi o de que era impossível estimular a demanda interna e, ao mesmo tempo, expandir o comércio exterior. Para os adeptos dessa tese, a economia brasileira era um cobertor curto, incapaz de simultaneamente atender às necessidades do mercado interno e



dar um salto nas exportações. Tampouco aceitamos essa simplificação. Ao contrário, desde o primeiro momento trabalhamos para alargar o mercado interno e, concomitantemente, nos lançamos à conquista de novos parceiros no mercado internacional.

Como um caixeiro viajante, saí pelo mundo afora, acompanhado de empresários, ministros abrindo novos mercados. Resultado: em sete anos, nosso comércio internacional ampliou-se espetacularmente. Nossas exportações passaram de US\$ 60 bilhões, em 2002 para US\$ 197 bilhões, em 2008, e também se diversificaram de forma notável. Embora nossas vendas para os Estados Unidos e para a Europa tenham aumentado de forma significativa no período, cresceram muito mais as exportações para a Ásia, a América Latina e a África.

A China é hoje o nosso principal parceiro comercial. A América do Sul, que em 2002 era o destino de apenas 19% das nossas exportações respondeu, em 2009, por 26%. Isso por conta da crise, se não tivesse a crise teria sido muito mais.

Essa diversificação revelou-se especialmente importante quando a crise financeira provocou forte retração nas economias americana e europeia. Com um leque maior de parceiros, tivemos uma margem de manobra bem maior para enfrentar as adversidades.

Quero me referir ainda a um terceiro preconceito, talvez o mais nocivo de todos, que durante muito tempo impediu o crescimento vigoroso da nossa economia. Ao longo de décadas ou de séculos, boa parte dos nossos dirigentes comportou-se como se fosse impossível governar para todos os brasileiros.

Descrentes nas forças do País e incapazes de mobilizar suas reservas e potencialidades, conformavam-se em organizar o País para, no máximo, um quarto dos brasileiros. Como se isso fosse possível... Como se fosse possível um pai ou uma mãe de família, com quatro filhos, montar um lar sólido olhando



apenas para o futuro de uma das crianças e condenando as outras três à falta de perspectivas, de oportunidades, de sustento ou de carinho. É evidente que assim não se organizava o País, nem para todos, e nem para a minoria.

Olhando para trás, vejo que minha eleição para a Presidência da República, a eleição de um torneiro mecânico que migrou de uma das regiões mais pobres do país, simbolizou a vontade do povo brasileiro de romper com essa concepção tacanha e excludente.

O povo deixou claro que queria virar a página. E que acreditava ser possível construir um país que fosse de todos e tentasse se organizar para todos.

Meu governo é apenas a expressão política dessa decisão. Daí vem sua sustentação, sua identidade, sua força, suas melhores idéias, suas melhores práticas.

Minhas amigas e meus amigos,

Avançamos muito nesses últimos anos. Mas podemos e vamos avançar muito mais.

Em 2007, lançamos o Plano de Aceleração do Crescimento, que deverá investir, como disse a Dilma aqui, mais de US\$ 300 bilhões até o próximo ano em obras, já, em obras de infraestrutura e logística, em energia, em rodovias, ferrovias e hidrovias, em portos e aeroportos, em habitação e saneamento básico. O país está passando por grandes transformações. Transformou-se em um verdadeiro canteiro de obras.

No ano que vem, pretendo lançar um novo Plano de Aceleração do Crescimento, o PAC II, para que o próximo governante, quando assumir, já tenha um plano traçado e uma prateleira de projetos organizada. E possa, assim, manter o ritmo de expansão econômica do País no período que vai de 2011 a 2015. Até porque precisamos de novos investimentos em infraestrutura e transportes associados à Copa do Mundo de 2014 e às Olimpíadas de 2016.

Também nos próximos anos começaremos a explorar as enormes



reservas de petróleo e gás do pré-sal, descobertas pela nossa querida Petrobras na nossa plataforma marítima. A exploração desses gigantes recursos abrirá uma nova fronteira energética no mundo. E nós, brasileiros, queremos transformar a riqueza finita do petróleo num novo impulso para o desenvolvimento do nosso país.

Não pretendemos ser apenas exportadores de óleo cru, mas, partindo de nossa base industrial sofisticada e diversificada, queremos comercializar produtos de maior valor agregado, construindo novas refinarias de diesel e gasolina *premium*, consolidando um grande polo petroquímico, fortalecendo nossa indústria naval, produzindo conhecimento, ciência e tecnologia.

Em suma, o Brasil é hoje – e será nos próximos anos – um país de enormes desafios, uma nova fronteira de crescimento econômico, inclusão social e estabilidade política. Nós, brasileiros, com nossa autoestima renovada pelos progressos dos últimos anos, estamos confiantes de que seremos capazes de enfrentar e vencer esses desafios. E quero convidar todos vocês a serem nossos parceiros nessa empreitada.

A exploração das reservas de petróleo e gás do pré-sal não nos desviará de nossas metas de consolidar nossa matriz energética como a mais limpa e a mais renovável do Planeta. Somos pioneiros e líderes mundiais na produção de biocombustíveis e queremos consolidar essa posição. Para aproveitar o potencial dessas fontes alternativas, o Brasil busca parcerias com governos e empresas em todo o mundo. Por meio de projetos triangulares, também podemos ajudar outros países em desenvolvimento. Estamos entusiasmados com a perspectiva de levar tecnologia, segurança energética e alternativas de emprego e renda para a África, a América Latina e o Caribe.

Como já disse em outras oportunidades, a expansão dos biocombustíveis não ameaça a segurança alimentar ou a preservação das florestas, tanto que no Brasil a produção de alimentos vem crescendo fortemente, enquanto cai a taxa de desmatamento. Em 2009, ela será a menor



dos últimos 20 anos. Por isso, estaremos levando para Copenhague propostas ambiciosas e queremos conclamar todos os demais países, especialmente os mais ricos, a fazerem o mesmo.

Minhas amigas e meus amigos,

Na Cúpula do G-20, em Londres, sob a coordenação do primeiro-ministro Gordon Brown, de respondermos aos cétricos com uma demonstração de cooperação e solidariedade.

Mas não podemos deixar que uma recuperação da economia, ainda parcial, adie as profundas mudanças necessárias na governança mundial.

A crise que ainda não terminou teve efeitos devastadores, não somente sobre o sistema financeiro. Ela afetou, sobretudo, os países em desenvolvimento.

É urgente recuperar empregos e renovar esperanças. Isto exige uma revisão dos paradigmas que levaram a economia global à beira do precipício.

A especulação financeira não pode comandar a economia e prevalecer sobre a produção. O sistema financeiro precisa ser regulado e fiscalizado. Estamos avançando na refundação das instituições de Bretton Woods. Mas ainda falta muito para restaurar uma governança financeira forte e transparente.

Novas estruturas e regras devem refletir a emergência dos países em desenvolvimento, como atores indispensáveis em um mundo cada vez mais interdependente.

O FMI precisa adotar um formato de assistência financeira que não estabeleça condicionalidades e imposições sobre os países em desenvolvimento, como ocorreu no passado, e garanta supervisão efetiva e equilibrada de todos os países, aí, certamente, incluídos os países ricos.

O Banco Mundial deve maximizar seu apoio a políticas anticíclicas, com prioridade para os países mais necessitados do mundo em desenvolvimento. Só assim eles poderão preservar redes de proteção social e linhas de crédito



essenciais para vencer a crise.

Esse conjunto de iniciativas será em vão, no entanto, sem instâncias supranacionais de regulação. Precisamos de mecanismos de controle com alcance realmente global.

Meus amigos e minhas amigas,

Sei do grande interesse dos empresários britânicos, europeus e brasileiros aqui presentes em estabelecer parcerias para identificar novas oportunidades.

É importante buscar projetos comuns com base nas nossas complementaridades econômicas e tecnológicas. São parcerias que podem colocar o Reino Unido, a Europa e o Brasil na vanguarda dos esforços para construir respostas concertadas aos desafios e possibilidades sem precedentes, que se abrem num mundo em profunda transformação.

Confio em que este Seminário será um passo concreto nessa direção. É o que nossos povos esperam de todos nós.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de recebimento do prêmio Chatham House**

Londres-Inglaterra, 05 de novembro de 2009

Sua Alteza Real, duque de Kent,
Lorde Robertson, presidente de Chatham House,
Lorde Mandelson, primeiro-secretário de Estado do Reino Unido,
Dra. DeAnne Julius, presidente executiva do Chatham House,
Amigos brasileiros,
Amigos do Reino Unido,
Ministros,

Minhas primeiras palavras são de agradecimento pelo prêmio que me está sendo atribuído pela Chatham House.

Ele é mais do que uma distinção pessoal. É uma homenagem ao povo brasileiro, pois esse povo foi o principal protagonista da grande transformação pela qual o Brasil está passando nos últimos anos. Transformação que deu a meu país a visibilidade internacional que hoje desfrutamos.

Amigas e amigos,

No passado, durante décadas, o Brasil cresceu a taxas excepcionais, mas não foi capaz de distribuir renda. Chegamos a estar entre as oito maiores economias do mundo, mas nossa sociedade era uma das mais desiguais do Planeta. Crescíamos, mas com inflação e forte desequilíbrio fiscal.

Nosso crescimento vinha quase sempre acompanhado de forte vulnerabilidade externa. Crises internacionais a milhares de quilômetros de distância nos colocavam de joelhos. Pior que tudo: poucas vezes fomos capazes de associar o crescimento à democracia.



Era chegada, assim, a hora de mudar essa equação perversa. Depois de mais de duas décadas de estagnação, retomamos o crescimento econômico, mas soubemos combinar esse crescimento com justiça social.

Invertemos a fórmula de que era necessário primeiro crescer para depois distribuir. Mostramos que a distribuição de renda podia ser um fator fundamental do crescimento.

Transferimos renda para mais de 40 milhões de brasileiros por meio do Estado, com o programa Bolsa Família. Aprofundamos as políticas sociais de proteção aos desvalidos da sociedade. Aumentamos o salário mínimo sempre acima da inflação. Fizemos crescer sete vezes os recursos para a agricultura familiar. Ampliamos de forma excepcional o crédito popular.

A conjugação desses e de outros movimentos provocou uma mudança social profunda. Mais de 20 milhões de pessoas saíram da exclusão social e passaram a integrar o que alguns chamam de “nova classe média” brasileira.

O Brasil dispõe hoje de um poderoso mercado de bens de consumo de massas, que foi um fator fundamental para que enfrentássemos vitoriosamente a grave crise financeira que se abateu sobre o mundo há um ano.

Diferentemente do passado, foi possível que esse processo de crescimento com inclusão social se fizesse sem desequilíbrios macroeconômicos.

A inflação foi e está controlada. A relação da dívida com o PIB teve uma evolução muito positiva. A taxa de juros sofreu considerável redução.

Deixamos também de ser vulneráveis externamente. De eternos devedores, passamos à condição de credores internacionais.

Esse objetivo foi alcançado por meio de um vigoroso impulso a nosso comércio exterior, que acompanhou nossa política externa. Diversificamos mercados, passamos a ter uma presença comercial global e equilibrada nos cinco continentes.



Mas o importante é que conseguimos realizar toda essa mudança econômica e social em um ambiente democrático, expandindo e aprofundando a nossa democracia.

Toda essa grande transformação não seria possível se não tivéssemos caminhado contra a corrente das tendências dominantes quando iniciamos o nosso governo.

Aquelas tendências que celebravam as excelências do mercado como único fator regulador das relações econômicas e sociais. Aquelas tendências que pregavam o Estado mínimo, que consideravam o Estado como um estorvo, que viam a política como um simples jogo de interesses corporativos e não como uma atividade essencial do ser humano.

Antes mesmo que a crise econômica eclodisse já havíamos entendido que era chegada a hora da política. Antes mesmo que a anarquia dos mercados desregulados levasse a economia mundial à beira do abismo, tínhamos claro que a ação do Estado seria essencial para a definição de um verdadeiro projeto nacional de desenvolvimento.

Não queríamos, e não queremos, um Estado que intervenha abusivamente no sistema produtivo, ou busque substituí-lo. Precisamos, no entanto, de um Estado que induza e regule o desenvolvimento dos países, um Estado democrático, com fortes mecanismos de controle e de participação social, de um Estado capaz de encarnar o verdadeiro interesse nacional. A ele compete definir, em sintonia permanente com a sociedade, as linhas mestras do desenvolvimento nacional.

Exemplo dessa necessária e saudável presença do Estado na economia é o Plano de Aceleração do Crescimento, que lançamos em 2007 e que até o próximo ano terá investido em torno de US\$ 300 bilhões na completa renovação de nossa infraestrutura viária, portuária, energética e social. Na mesma direção estão nossos ambiciosos projetos de construir um milhão de moradias até 2010 no nosso país.



Além dos efeitos concretos que essas iniciativas têm na infraestrutura do País, o PAC e os programas habitacionais se transformaram em importante política contracíclica, que ajudou-nos a melhor enfrentar a crise internacional.

Ao Estado cabe coordenar a implementação de políticas agrícolas e industriais, propor as grandes orientações em matéria de saúde, educação, ciência e tecnologia. É o Estado democrático que zela pela defesa e pela segurança interna do país. É ele, finalmente, que estabelece de que forma o país irá se situar no mundo, pois está claro que não poderemos mais viver isolados.

Por essa razão, a política externa é importante. Ela é um elemento fundamental de nosso desenvolvimento.

Queremos contribuir para a construção de um mundo mais justo e solidário. É ilusão imaginar que podemos ser uma ilha de bem-estar em meio a um mar de expectativas frustradas.

Decidimos associar nosso desenvolvimento ao da América do Sul, nosso entorno imediato. Por suas enormes reservas energéticas, por suas riquezas minerais e pelo peso de sua agricultura, a América do Sul pode vir a ser um importante componente de um mundo multipolar em construção.

Somos uma região de paz, sem armas de destruição em massa, sobretudo nucleares. Temos, pois, autoridade política e moral para propugnar um desarmamento global.

Não somos atravessados por conflitos étnicos ou religiosos. Todos os nossos governantes foram eleitos em pleitos limpos e com ampla participação popular.

Em meio a dificuldades naturais, estamos realizando um processo de integração solidária do continente, sem pretensões hegemônicas, sem busca de liderança, perseguindo, sobretudo, a redução das assimetrias que ainda separam os países da região.



Na condição de segunda nação de população afro-descendente do mundo, fiz um forte movimento em direção à África, continente ao qual estamos ligados profundamente e com o qual temos enorme dívida.

Ao invés de imiscuir-nos na vida de outros países – distribuindo atestados de bom ou mau comportamento – buscamos, pelo diálogo e pela negociação, contribuir para que prevaleça a paz, a democracia e a justiça social.

É o que estamos fazendo, junto com outros países, no Haiti e na Guiné-Bissau. Foi o que fizemos, com o conjunto das nações sul-americanas, para resolver a grave crise interna em que se viu mergulhada a Bolívia há pouco tempo atrás.

Não esperem armas do Brasil. Não hesitem, no entanto, em demandar nosso apoio político, nosso esforço negociador.

Não hesitem, tampouco, em solicitar nossa ajuda para diversificar suas economias, fortalecer a infraestrutura, aprimorar programas sociais, avançar em novas tecnologias.

Amigas e amigos,

A história da Humanidade acelerou seu ritmo de forma impressionante nas duas últimas décadas. Com extrema rapidez, passamos de um mundo bipolar para um mundo unipolar.

Hoje vivemos um período de transição. Período complexo, pois atravessado por muitas crises: a crise energética, a crise alimentar, a crise ambiental. Todas elas agravadas pela crise financeira e econômica desencadeada em 2008.

A superposição dessas crises se torna mais dramática na medida em que a humanidade não dispõe de mecanismos de governança estáveis, representativos e eficazes.



As instituições multilaterais surgidas no final da Segunda Guerra Mundial envelheceram. Não estão mais adequadas à nova geografia econômica e política mundial deste princípio deste século.

As instituições de Bretton Woods somente agora começam a ser renovadas, mas com excessiva lentidão. Elas fracassaram por não haver previsto e prevenido a grave crise que se abateu sobre a Humanidade.

O rigor que o FMI e o Banco Mundial exerceram sobre os países pobres e em desenvolvimento, no passado, diferiu bastante da complacência que tiveram em relação à tragédia anunciada que veio a afetar os países ricos.

O G-20, possivelmente, impediu que o pior ocorresse, mas há muito o que fazer. Os pequenos sinais de melhoria da economia podem impedir a realização de reformas de fundo, sem as quais a Humanidade poderá reincidir, de forma mais grave, na crise.

São necessários efetivos mecanismos de regulação, fim dos paraísos fiscais, combate implacável ao protecionismo, o que nos coloca a necessidade de concluir a Rodada de Doha. O Fundo e o Banco têm de renovar suas concepções e tornar suas direções mais representativas do mundo de hoje.

Quando falta pouco mais de um mês para a reunião de Copenhague, é hora de saber se os países que lá comparecerem estarão à altura dos desafios da hora atual.

Os países desenvolvidos – aqueles que realizaram sua revolução industrial há mais de 200 anos – têm responsabilidades diferenciadas e maiores no combate ao aquecimento global.

Eles terão de realizar um considerável esforço para alterar padrões de produção e, quem sabe, de consumo. Não podem querer que os países pobres e em desenvolvimento assumam os mesmos compromissos que eles.

Por meio da transferência de tecnologia, os países ricos podem ajudar as economias em desenvolvimento. A compra de créditos-carbono não pode,



porém, transformar-se em passaporte para a irresponsabilidade ambiental por parte dos países mais ricos.

O Brasil chegará a Copenhague com propostas claras. Os êxitos atuais na redução do desmatamento de nossas florestas dão credibilidade à nossa disposição de reduzi-lo em 80% até 2020.

Os países amazônicos estão trabalhando para definir uma posição comum sobre a mudança do clima. Queremos uma Amazônia protegida, mas soberana, sob o controle dos países que a integram.

As grandes descobertas de petróleo na camada pré-sal não nos afastarão de nossa política de enfatizar a produção de biocombustíveis e de energia elétrica. Nossa matriz energética é predominantemente proveniente de fontes renováveis.

Não sucumbiremos, tampouco, à maldição do petróleo. Os grandes recursos provenientes da exploração dessas novas riquezas serão destinados aos brasileiros de amanhã.

Vamos usá-los na ampliação das políticas sociais, na qualificação de nosso sistema educacional, na pesquisa científica e tecnológica e na difusão da cultura.

Amigas e amigos,

O mundo multilateral e multipolar com o qual sonhamos exigirá uma profunda reforma de suas instituições políticas, especialmente das Nações Unidas. Um Conselho de Segurança reformado e ampliado poderá ser mais efetivo no enfrentamento das crises que comprometem a paz no mundo. Ele tem de refletir a nova correlação de forças internacional.

O Brasil está ocupando pela décima vez uma vaga no Conselho. Reivindica, junto com outros países, uma presença permanente neste organismo que tem a responsabilidade maior de zelar pela segurança coletiva da Humanidade.



Nossa luta pela mudança dos mecanismos de governança mundial não tem a pretensão de liderança, da busca de hegemonia. Mas não renunciamos à nossa vocação universalista.

Como diria um grande poeta brasileiro chamado Carlos Drummond de Andrade, temos apenas duas mãos, mas temos o sentimento do mundo.

Muito obrigado.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura do 12º Congresso Nacional do Partido Comunista do Brasil (PCdoB)

São Paulo-SP, 06 de novembro de 2009

Meu querido companheiro e amigo Renato Rabelo, presidente do Partido Comunista do Brasil,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meus queridos companheiros ministros Tarso Genro, da Justiça; Orlando Silva, do Esporte; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República; Alexandre Padilha, de Relações Institucionais; nosso querido Samuel Pinheiro Guimarães, de Assuntos Estratégicos; Edson Santos, de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; e o nosso companheiro Paulo Vannuchi, dos Direitos Humanos,

Meu querido companheiro governador Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Meus queridos companheiros senadores Aloizio Mercadante e Inácio Arruda,

Meu querido companheiro deputado federal Daniel Almeida, líder do PCdoB na Câmara dos Deputados,

Ricardo Berzoini, presidente nacional do PT,

Rodrigo Rollemberg, representante do PSB,

Vieira da Cunha, representante do PDT,

Nosso querido companheiro Aldo Rebelo, em nome do qual saúdo os demais deputados federais aqui presentes,

Companheiro Haroldo Lima, presidente da Agência Nacional do Petróleo,



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

Nossa querida companheira Luciana Santos, secretária de Ciência e Tecnologia de Pernambuco, na pessoa da qual saúdo as secretárias e secretários de estados,

Nosso querido companheiro Renildo Calheiros, prefeito de Olinda, na pessoa de quem saúdo todos os prefeitos aqui presentes,

Nosso querido companheiro Chagas – pense num “cabrinha” para falar tanto como este Chagas, pense,

Presidente nacional dos estudantes,

Companheiro Wagner Gomes, presidente da Central dos Trabalhadores,

Companheira Edíria Carneiro Amazonas, viúva do companheiro João Amazonas,

Companheiro Pedro Stédile, do Movimento dos Sem Terra,

Companheiro Ricardo Patah, presidente da União Geral dos Trabalhadores,

Companheiro David Souza, secretário-geral da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura,

Companheiro Artur Henrique, presidente nacional da Central Única dos Trabalhadores,

Companheiros e companheiras congressistas do PCdoB,

Companheiros representantes das delegações estrangeiras, e é importante a gente sempre lembrar que tem aqui 50 partidos estrangeiros representando 35 países que estão neste Congresso do PCdoB,

Companheiros da imprensa,

Convidados,

Líderes partidários – eu não sei se o Vaccarezza está aí ainda. Se não estiver, eu estou cumprimentando a companheira Marta Suplicy que estava aqui, ex-prefeita de São Paulo,

Companheiros e companheiras,



Eu preciso tomar muito cuidado com a Dilma porque o discurso dela está longo para quem é pré-candidata. De qualquer forma, não há nada que impeça o entusiasmo num momento como este, glorioso, em que o PCdoB está realizando o seu 12º Congresso.

Eu, meu companheiro Aldo, vim aqui não para fazer um discurso hoje. Eu vim aqui para agradecer essas duas décadas de relações que eu tenho com o PCdoB e que o PCdoB tem comigo. Duas décadas são uma geração. Certamente, o convívio de um casal, em 20 anos, eu tenho certeza de que tem dezenas de brigas no meio; e essa união entre o Lula e o PCdoB, nunca teve nenhum problema na nossa relação.

A minha gratidão ao PCdoB... porque é muito fácil a gente estar junto quando as coisas estão bem e é muito difícil a gente estar junto quando as coisas estão difíceis. Eu não me esqueço nunca do ano de 1989, quando as pesquisas de opinião pública me tiravam tantos votos, que eu pensei em desistir porque ia terminar a campanha devendo pontos para o Ibope. Eu tive uma conversa com o João Amazonas e disse para o João Amazonas: João, eu acho que está na hora de a gente pensar a minha candidatura. Eu saí de Teresina, fiz um comício com mais de 50 mil pessoas, aquele povo endoidecido na rua. Depois eu fui para Belém, mais de 40 mil pessoas no comício. Aí eu fui para o Amazonas visitar Balbina. Quando eu cheguei ao aeroporto do Amazonas, veio um jornal e, na primeira página, a manchete era a seguinte: “Lula cai mais um ponto. Fica com 1,75”. Como ainda faltava muito tempo para a campanha, eu falei: bom, se eu cair mais um ponto até chegar à campanha, sairei devendo. Eu sei dever dinheiro, eu sei dever favor, mas eu não tinha aprendido a dever pontos para o Ibope.

E qual não foi minha surpresa quando o companheiro João Amazonas falou: “Lula, a gente não pode fazer uma campanha como a nossa, com um operário sendo candidato a presidente, tentando agradar a todos os segmentos da sociedade. Eu acho que nós temos que demarcar – como diria, Luciano, o



nosso querido João Paulo, de Recife - demarcar o nosso campo de classe, e fazer a nossa campanha um pouco mais radicalizada, dirigida especialmente para o público que nos conhece, que nos respeita”, que eram os trabalhadores organizados da sociedade brasileira. E assim o fizemos, e assim fomos para o segundo turno, e assim quase ganhamos as eleições em 1989.

De lá para cá, eu tive dezenas e dezenas de reuniões com o João Amazonas. Eu tive o privilégio de ter reuniões com o Amazonas, com o Brizola, com o Arraes. E o João Amazonas, que durante tanto tempo era vendido como se fosse um homem extremamente sectário, era um homem que apaziguava as brigas entre Brizola, eu e Arraes, as divergências. E passei – e aí o Renato já se lembra – a fazer as reuniões com o João Amazonas na sede do PCdoB e definimos que as relações entre PT e PCdoB precisavam se transformar em uma coisa mais profunda, cada partido respeitando a identidade do outro, cada partido respeitando a soberania das decisões, dos diretórios e dos encontros de cada partido, mas nós tínhamos que estar juntos na maioria das lutas que nós fizemos neste país.

Obviamente que eu não poderia deixar de agradecer ao PCdoB por ter vindo junto comigo em 1994, uma campanha extremamente difícil, em que nós perdemos a eleição para um plano econômico, e a maior aliança que a direita já conseguiu fazer neste país. Mesmo assim, crescemos um pouco com relação a [19]89. Não posso deixar de agradecer ao PCdoB por ter vindo junto comigo em 1998, talvez a campanha mais dura que eu já fiz na minha vida, porque eu sabia que era praticamente impossível de vencer. Já tínhamos o discurso pronto e, ainda assim, o PCdoB acreditava que tinha que estar junto comigo em [19]98. E era justo que nós estivéssemos juntos em 2002. E quero aqui dizer que, pelo menos publicamente eu não conheço, mas dentro do meu partido tinha gente que achava que eu não deveria ser candidato em 2002, e no PCdoB eu nunca vi ninguém com dúvida de que eu deveria ser o candidato em 2002. Bem... teve gente que até disputou comigo, sem que eu disputasse.



Bem, depois veio o mandato. Deus queira que muitos operários neste país um dia cheguem à Presidência da República, porque a gente descobre o que é a responsabilidade de um cargo quando você quer fazer um governo sério. Quando a gente está do lado de fora – e eu estive a vida inteira do lado de fora – a gente pode achar as coisas... Normalmente, um companheiro de oposição fala: “Eu acho isso, eu acho aquilo, eu acredito nisso, eu acredito naquilo, eu penso isso, eu penso aquilo”. Quando você se senta naquela cadeira, você decide ou não decide. Você não tem muito “trelélé”, e ainda depois você tem que olhar para a correlação de forças estabelecida dentro do Congresso Nacional. E, além disso, você tem que olhar para as instituições que nós mesmos criamos e fortalecemos, achando que nunca íamos ser governo e era preciso criar instituições de fiscalização poderosíssimas, porque a gente sempre achou que não ia chegar ao governo e, então, era criar dificuldade para os outros.

O Renato já me conhece bem, o Aldo Rebelo que conviveu comigo muito tempo, o companheiro Orlando Silva, eu sou um homem de muita paciência. Ninguém me faz tomar uma decisão com raiva, e não sou homem de carregar mágoa por mais de cinco minutos. Ninguém me faz ficar com raiva por mais de cinco minutos. A minha raiva é até o momento da explosão de falar um palavrão. Passou aquilo, acabou. O mandato não permite que a gente fique brigando por coisas secundárias, porque é muito curto um mandato. Vocês vão ver como é difícil esperar quatro anos na oposição, mas como passa rápido quando a gente é governo, ou seja, a gente nem vê. Eu achei que estava ainda no primeiro mandato, estava até pensando que eu ia fazer o segundo mandato e já estou para terminar o segundo mandato, ou seja, não tem... É muito, é muito rápido, e as decisões têm que ser tomadas, eu diria, de forma precisa, cautelosa e de forma madura. Eu estou dizendo isso por quê? Porque mais uma vez, eu quero agradecer aos companheiros do PCdoB, e eu sei que o PCdoB teve fissuras internas. Conheço as divergências dentro do PCdoB, no



auge da crise em 2005, quando também dentro do PCdoB, alguns companheiros achavam que era mais fácil deixar a canoa de lado e tentar ir para outra direção. E a direção do PT, de forma convicta, assumiu o compromisso de que nós éramos o governo do PCdoB e o PCdoB estava no governo, portanto, não tinha que ter frescura, tinha que sair para a luta e enfrentar quem estava nos enfrentando.

E obviamente que eu teria agradecer ao movimento sindical, ao movimento dos sem terra, aos setores da igreja católica, ao movimento social. Agradecer a parceria extraordinária que a UNE teve comigo em todos esses sete anos de governo, em todos os momentos, quando uma pequena burguesia que tem tudo o que quer neste país era contra o Reuni, quem estava junto conosco era a UNE para garantir que as pessoas mais pobres tivessem universidade. Quando meia dúzia, quando meia dúzia de filhos de grã-finos atacava o ProUni dizendo que o governo estava dando dinheiro para a universidade particular, quem teve a coragem, e hoje pode sorrir com orgulho, chegaremos ao fim de 2010 com 570 mil, 720 mil alunos pobres da periferia, dos quais 40% negros, sendo doutores neste país.

Eu disse na última... no Congresso da UNE: às vezes a gente tem vergonha de defender as coisas. Eu fui dirigente sindical muito tempo, Renato, e às vezes a gente fazia uma pauta de reivindicação, e a gente fazia com medo de que o patrão aceitasse, porque se ele aceitasse, como é que pode o patrão aceitar a minha pauta de reivindicação? Então, a gente fazia um absurdo. Eu vi o Batista aqui, meu grande companheiro Batista. Naquele tempo eu pensava que era (incompreensível) só, mas depois fiquei sabendo que era do PCdoB. Ele participava das assembleias conosco lá em São Bernardo do Campo. A gente pedia 120%, 180%, 170%. Chegou um momento em que a gente decidiu: vamos pedir o mais próximo do possível, para que cada conquista nossa seja compreendida como uma vitória. Quando a gente pede 180% e ganha 30% é uma derrota. Mas se a gente pede 35% e ganha 30% é uma baita de uma



vitória. E com essas coisas nós mudamos a cara do movimento sindical brasileiro.

Eu me lembro que quando eu entrei no sindicato, os companheiros do Partidão diziam assim para mim: “Olha, você vai entrar... Olha, você não vai conseguir fazer nada porque isso é um círculo em que você roda, roda, roda, cai sempre no mesmo lugar. Você... a estrutura sindical é cópia fiel da “Carta del Lavoro”, de Mussolini, portanto você não pode fazer nada”, e não sei das quantas, tal, aquele negócio todo. Então, eu falei: Acho que é possível mudar. E o Batista se lembra. A primeira mudança que nós fizemos no movimento sindical que é, na minha opinião, a mais profunda mudança, é que nós decidimos que não era o sindicato que tinha... [que não eram] os trabalhadores que tinham que vir à sede do sindicato. Eram os dirigentes sindicais que tinham que amanhecer na porta de fábrica, ir à noite na porta de fábrica, ir na hora do almoço, para que a gente pudesse motivar os trabalhadores a acreditarem no movimento sindical. E todo mundo que militou sabe que, em poucos anos, a gente mudou a história do movimento sindical brasileiro. A gente mudou, eu acho que para melhor porque as conquistas que o movimento sindical teve de lá para cá foram muito grandes. Agora, obviamente que é preciso se organizar muito mais para dar outros passos importantes.

Também quero agradecer a compreensão dos companheiros do PCdoB que foram meus ministros. Eu sou muito grato, porque tem uma característica que é imprescindível em um homem ou em uma mulher, que é o caráter e a seriedade das pessoas, e a lealdade das pessoas no cumprimento das suas funções. Isso é uma coisa de que eu não abro mão. Se é para você ter um companheiro desleal, é melhor ele virar seu inimigo logo. Companheiro que é companheiro de verdade, na dúvida ele está do teu lado, não vacila. Eu acho que o PCdoB, embora tenha tido uma ou outra decepção, talvez por outras razões, a verdade é que o PCdoB foi exemplar nesses sete anos do meu governo.



Portanto, Renato, eu não poderia deixar de vir aqui agradecer, agradecer do fundo do coração a todos vocês e, obviamente, com uma certa tristeza porque vai ser a primeira eleição para presidente da República que o meu nome não vai estar na cédula. Vai ter um vazio, na minha cabeça vai ter um vazio. Por isso, depois dele, a Dilma, para a gente poder consagrar a continuidade de um projeto.

Prestem atenção que essa coisa é muito séria. Quem é prefeito e quem é governador de estado sabe perfeitamente bem que um estranho no ninho pode desmontar tudo o que foi feito em apenas dois anos, pode desmontar. E não venham me dizer que o movimento popular não deixa, que isso é bobagem. Eu não estou falando para gente ingênua. Eu estou falando para um partido de quadros, para um partido que tem gente muito bem formada e muita experiência. Não vamos acreditar nessa de que o movimento popular vai lá e segura. Não segura. Se as instituições do Estado resolverem acabar, eles vão acabar. Por isso, a continuidade é extremamente importante. E eu digo isso sem querer inibir ninguém, é por bravata.

Eu me lembro na greve da Scania, em 1978, quando o pessoal voltou a votar, eu fui para a porta da fábrica e dizia: Porque nós vamos continuar essa greve. Era só eu e o microfone. Ninguém votou a continuar a greve. Se tem uma coisa que é inteligente, é a classe operária. Tem alguns intelectuais no Brasil que acham que a classe operária é massa de manobra. Alguns setores de esquerda, inclusive, achavam que tinha que infiltrar estudantes dentro da fábrica ou o operário não sabia pensar. Acabou esse tempo, acabou. A classe operária sabe pensar, sabe formular suas opiniões e sabe brigar na hora em que tem que brigar. Não se iludam que... acabou esse tempo. Acabou o tempo do castramento, em que a vanguarda achava: “o proletário não vai saber nada, o camponês não vai saber nada”. Nós sabemos tudo. Obviamente que nós não temos a sapiência dos sociólogos ou de alguns, porque...

Nesta semana ainda, nesta semana eu fui chamado de analfabeto, nesta



semana eu fui chamado de ditador porque indiquei a Dilma pelo “dedaço” e nesta mesma semana eu ganhei o título de “estadista do ano” na... Eu compreendo, eu compreendo o ódio que isso causa. Eu compreendo, porque um intelectual ficar assistindo a um operário que só tem o quarto ano primário – e não tenho vergonha de dizer – ganhar tudo o que ele imaginava que ele pudesse ganhar e não ganhou por incompetência, é muito difícil. É muito engraçado, porque tem gente que acha que a inteligência está ligada à quantidade de anos de escolaridade que você teve. Não tem nada mais burro do que isso. A universidade te dá conhecimento, te dá aperfeiçoamento. Inteligência é outra coisa, é outra coisa, e a política é uma das ciências que exige mais inteligência do que conhecimento, muito mais inteligência. A inteligência de saber montar uma equipe não está num livro, está na sensibilidade. A inteligência de tomar as decisões não está num livro, ela está no caráter e no compromisso que tenha o dirigente que governa este país ou uma cidade.

Mas de qualquer forma, a vida é assim. As pessoas falam o que querem, ouvem o que não querem. É, porque a vida é assim, a vida é dura. O que as pessoas não percebem é que, diferentemente, de qualquer outro presidente do Brasil, este país... um presidente nunca precisou provar nada, porque não precisava. A elite não tem que provar. Sai um, não deu certo, entra outro. Sai outro, não deu certo... Todos vão fazer um curso de dois, três anos lá fora. Voltam, com a maior cara de pau se candidatam outra vez. Eu, eu tenho que provar a cada dia, desde que eu nasci. A cada dia eu tenho que provar que nós temos competência. E por que eu tenho que provar? Porque eu sei o fracasso do Walesa na Polônia. Foi eleito presidente da República, e foi concorrer, teve 0,6% (incompreensível). Zero, menos que 1%. E eu tenho clareza – e tinha clareza, e o PCdoB sabe disso – que se nós fracassássemos, ia levar mais 150 anos para um operário pensar em ser candidato a presidente da República deste país.



É por isso que eu fui em uma reunião dos catadores de papel, aqui em São Paulo, no congresso deles – expocatapapel [Expocatador], um negócio mais ou menos assim, uma feira extraordinária – e eu tenho a coragem de olhar na cara de um catador de papel e dizer: você, meu companheiro catador de papel, você pode ser presidente da República deste país. Porque nós vamos deixar um legado para isso. Obviamente que a gente não pode fazer como alguns ultraesquerdistas fazem, achar que é só pegar e colocar. Não. A pessoa tem que estar politicamente respaldada.

Eu, até hoje, Renato, acho que foi bom ter perdido tantas eleições. Eu fico pensando se eu tivesse ganho as eleições em [19]89. Com a minha cabeça e com a nossa cabeça, ou a gente fazia logo uma revolução, ou nós éramos tirados em trinta dias daquilo ali, porque chegar ao governo não é chegar ao poder. É preciso fazer uma distinção muito grande, porque tem instituições poderosíssimas. Então, é importante que a gente tenha isso.

Vocês estão lembrados, queriam que eu batesse no Evo Morales. O que o Evo queria? O gás que era dele. O que eu podia fazer? Dizer: Evo, o gás é teu. Eu, eu poderia, eu poderia ter feito uma bravata com o Evo, já que a Bolívia é um país menor, mais pobre, dependente, eu poderia ter feito uma bravata. Mas eu não conseguia enxergar como um metalúrgico de São Bernardo iria brigar com um índio da Bolívia, não, não. Eu até dizia, eu queria brigar com um cara do tamanho do Bush, mas ele virou meu amigo, nunca precisei brigar com ele, nunca.

Agora, por último, tentaram inventar uma briga do Brasil com o Paraguai: “porque o Lula é frouxo, o Lula está cedendo, porque o Lula não sei das quantas, tem que engrossar com o Paraguai.” Meu Deus do céu, como é que um país do tamanho do Brasil, da riqueza do Brasil, vai brigar com o Paraguai? Seria uma coisa desumana. Eu preferi construir um acordo com o companheiro Lugo, um acordo que possa permitir ao Paraguai ter a chance de se desenvolver, ter a chance de crescer. Isso vai custar um pouco mais para o



Brasil, mas é assim que nós temos que fazer.

A construção da Unasul. Vocês pensam que é fácil a convivência democrática na diversidade, nessa nossa querida América do Sul? Nós temos problemas sérios. E o Brasil não pode agir como se quisesse ter hegemonia, o Brasil tem que ser o maior símbolo da parceria, do companheiro mais velho, do companheiro que tem capacidade de chamar o outro para conversar e falar: companheiro, vamos devagar! Você fala uma palavra mais pesada, ofende o outro, o outro ficar ofendido, isso não dá certo; até no meio da molecada, dá briga. Vamos tentar contemporizar. E, assim, nós já propusemos o Conselho de Defesa. E por que nós queremos o Conselho de Defesa? E por que nós queremos o Conselho de Combate ao Narcotráfico? Porque aí nós vamos dizer para o Obama: querido companheiro Obama, nós não precisamos mais de base militar americana para combater o tráfico na América do Sul. Vamos nós, vamos nós cuidar do combate ao narcotráfico na América do Sul, nos nossos rios, nas nossas fronteiras. Vá cuidar dos consumidores, em outro lugar. Assim, assim fica mais fácil, assim o mundo fica melhor, e a gente pode construir... Acabamos de construir o Banco do Sul. Estamos apenas esperando que os Congressos dos países aprovelem o Banco do Sul para que a gente tenha o nosso Banco Mundial aqui dentro, o nosso BNDES. E vamos criar outras coisas, mas tudo isso tem que ser com o tempo, porque cada país tem a sua cultura, tem a sua história, cada Congresso pensa de um jeito. Não adianta a gente chegar, numa hora, e falar: “vamos criar isso.” Não cria. Cada país tem que ser entendido como ele é, com a sua história.

Mas nós estamos fazendo, e eu acho que estamos fazendo rápido. Estamos fazendo, eu diria, até mais rápido do que eu imaginava que a gente pudesse fazer. E vamos continuar consolidando isso. A nossa integração com o continente africano, eu lembro como a imprensa dizia: “o que o Lula vai fazer na África? Só país pobre”. Só faltava falar “pobre e negro.” Não falavam, só falavam “pobre”. Ora, eu tinha noção de uma coisa, companheiros. Vocês já



viram um mascate vendendo coisas na Avenida Paulista? Não, o mascate vai vender na periferia, onde tem pessoas que podem negociar em igualdade de condições.

Se vocês pegarem a balança comercial do Brasil com o mundo rico, ela é estável, há muito tempo ela não cresce. Onde é que cresceu a balança comercial do Brasil, de ida e vinda? Com a América do Sul, com a América Latina, com a África, com os Países Árabes e com a Ásia, e nós temos um superávit imenso. O Samuel Pinheiro sabe, todos os dias eu faço discurso, gente. Uma política de relação comercial não é boa quando o Brasil só produz... só vende. É preciso comprar, para ter um equilíbrio. A Venezuela chega a ter um déficit comercial conosco de US\$ 5 bilhões. Eles não têm nada para vender para a gente, nada. Nós, agora, estamos concluindo a Refinaria Abreu e Lima para a gente poder comprar o petróleo deles, para poder equilibrar. Nós estamos ensinando a plantar soja, a criar frango, a criar gado, a criar búfalo. Nem ovo eles produzem. Nós estamos ajudando. Estamos mandando uma cadeia produtiva... sete cadeias produtivas de alimentos para ajudar. Está lá a Caixa Econômica para ajudar a fazer casa popular na Venezuela. Está lá a ABDI para ensinar a fazer indústria. E assim é que é o papel do Brasil. Esse é o papel de um país do tamanho do Brasil.

Há 30 anos a doutrina americana para a América Latina era de que o Brasil era um império e que eles deveriam ter medo do Brasil. O Chávez conta para mim todos os dias que ele era professor da Academia Militar. Então, ele recebia os professores americanos, que diziam: “vocês têm que ter cuidado com o Brasil. O Brasil é um império”. E era assim. Então, o Brasil precisa construir uma relação de confiança, e é o que nós estamos fazendo, construindo uma relação de confiança que possa permitir que este país cumpra com o papel histórico que ele tem que cumprir.

E aí, companheiro Renato, eu não vou falar do governo porque eu, quando chegar no final do ano que vem, eu quero fazer uma prestação de



contas. Todo ministro sabe, Orlando, Tarso Genro, todo mundo sabe que vai ter que ir em cartório registrar. Tudo o que foi feito nesses sete anos eu quero registrado em cartório, cada obra feita, cada obra não feita, cada centavo aplicado, por uma razão simples: é que eu quero criar um novo paradigma neste país.

Veja que absurdo: é exatamente um país governado por um presidente analfabeto e um vice-presidente analfabeto – eu e o José Alencar não temos diploma universitário – que vamos terminar o nosso mandato sendo o governo que mais investiu na Educação neste país. Ao todo, serão 14 universidades federais novas, uma universidade que só falta passar no Senado, que é a afrodescendente. Vai ser feita na cidade de Redenção, no Ceará, onde começou a luta pela libertação, [com] metade de alunos africanos e metade de alunos brasileiros. A outra será a universidade da América Latina, também [com] metade latino-americanos e metade brasileiros, com currículo latino-americano, professor latino-americano, não vai ser uma coisa só do Brasil. O que eles não suportam, companheiros, é que em apenas oito anos nós estamos fazendo uma vez e meia o que eles fizeram em um século, de universidade... de escolas técnicas neste país. São 214 em oito anos, contra 140 em 93 anos de vida. Eu sei que isso é intragável.

Mas a minha vida é assim. Eu, quando fui eleito presidente do sindicato, não era para eu ser presidente do sindicato. Eu acho que eu era o mais fraco. Tinha um cara que era esperto e ele sabia que o resto era mais fraco. Todas as vezes ele falava assim para nós: “Eu vou sair do sindicato, alguém vai ter que assumir”. Ninguém falava nada. A fábrica dele tinha mudado, então ele falava: “bom, eu vou ficar, ninguém quer assumir”. Aí, na outra reunião, o cara falava: “Olha, eu vou ter que deixar o sindicato, vocês têm que escolher alguém para assumir no lugar”. Ninguém assumia, e ele falava: “Então, eu vou ficar”. Aí, quando foi um dia, eu falei: Sabe de uma coisa? Deixa ele falar hoje. Aí ele chegou na reunião: “Olha, vocês estão sabendo: está se aproximando o dia da



eleição, eu vou ter que deixar o sindicato, alguém tem que assumir”. Eu falei: Eu assumo.

Bem, e essa pessoa deixou eu assumir achando... Eu não falava, eu tinha medo de microfone. Só de anunciar o meu nome, eu começava a tremer as pernas. Tem gente aqui que é assim. Nem todo mundo é [como] esses meninos espertos da UNE, que falam, falam, falam. Eu sei que aqui tem gente que também treme, eu sei. Mas essa pessoa, essa pessoa... Eu fui eleito presidente do sindicato – acho que o Batista já estava lá na época – e essa pessoa era tão esperta, que ele colocou a sala dele na frente da minha. Então, todo mundo que ia falar comigo, falava com ele primeiro, sobretudo a imprensa. E no outro dia eu lia no jornal: “fulano falou tal coisa”. E o coitadinho do presidente, nada. Até que um dia eu reuni a diretoria e falei: companheiros, o negócio é o seguinte: não tem mais sala aqui. Agora só dá entrevista o presidente do sindicato, eu agora vou falar. Aí vieram as greves de [19]78, eu virei o “dono da cocada”.

O Fernando Henrique Cardoso, eu tenho a convicção absoluta de que ele tinha certeza de que nós seríamos um fracasso e que ele poderia voltar, por conta do meu fracasso. É isso que magoa. Então, eu lamento porque o mundo não deveria ser assim. A gente, quando perde uma coisa, a gente tem que torcer para o outro fazer. Esse negócio de ficar como jogador de bola... Jogador de bola é assim: o cara está no banco de reserva. Aí vai o repórter perguntar “como é que você está se sentindo aqui?”, e ele fala: “eu estou bem. O professor disse e Deus quer, o fulano de tal está bem”. Mas no fundo, no fundo, ele está torcendo para que aconteça uma unha encravada no titular, para ele voltar a assumir. É uma coisa da... Não é, Netinho? Um artista, quando está famoso, fazendo sucesso, que cai o sucesso, a gente fica sentido. É preciso aprender a viver com isso, e tem alguns que não aprenderam a conviver.

Eu espero dar uma lição quando eu deixar a Presidência da República,



porque eu tenho consciência de que o meu papel é permitir que quem me substitua, governe o seu governo, crie o seu estilo, mostre a sua cara e faça o que tiver que fazer, porque “rei morto, rei posto”. Vou voltar a ser militante, quem sabe militar junto à UNE aí. Quem sabe eu faça um ProUni, a UNE me aceite nos seus quadros e eu vou gritar o tanto que grita esse menino aí.

Para terminar... Acho que é o (incompreensível), acho que é mais fácil. Mas deixa eu contar a última coisa para vocês. Eu gostaria que os militantes do PCdoB, do PT, do PSB, do PDT, e dos partidos da base, da CUT, das centrais sindicais começassem a analisar corretamente o que está acontecendo no Brasil. Primeiro, porque se depender de certos meios de comunicação no Brasil, vocês nunca vão saber de nada, nunca. Eu vou te dar um exemplo. Eu peguei duas manchetes agora, que eu não quero nem saber de que jornal são. Pedi até para cortar, para eu não ver. Uma manchete diz assim: “Contra Lula, PSDB treina cabos eleitorais no Nordeste brasileiro”. Ou seja, é um pouco o que Hitler fazia para os alemães pegarem os judeus: vamos treinar gente para não permitir que eles sobrevivam. Ora, aqui em São Paulo já teve modelo de carta, de cartilha contra o PT. Aqui já teve, e é uma coisa absurda porque é você ferir qualquer regra do debate político. Mas, de qualquer forma, eu acho importante só lembrar que é assim. A outra manchete, que me deixou indignado, e [com] essa eu fiquei nervoso... A outra eu fiquei com pena, a outra eu fiquei com pena, porque eles vão lá, vão encontrar gente do PCdoB, vão encontrar gente do PT, vão encontrar gente do PDT, do PSB, da CUT, de todas as centrais sindicais, do MST, do movimento popular, e eu acho que eles vão se dar um pouco mal. Então, eu quero que eles vão devagar: cuidado com as aulas.

A outra, que eu vi aqui, é a seguinte: ONU cobra do Brasil meta de emissão de gases de efeito estufa”. Eu acabei de falar para vocês que eu sou um homem de paciência. Mas eu, agora, virei especialista nessas coisas aqui, sobretudo em ONU. E a ONU não tem condição política de cobrar do Brasil um



milésimo. Primeiro, porque eu estou pedindo para a ONU, desde o encontro do G-13 em Tóquio, que a ONU criasse uma instituição e que tivesse um único número para que todo mundo trabalhasse com uma única referência, que fosse uma espécie de PNUD que aferisse a emissão de gases de efeito estufa por cada país, para a gente não ficar trabalhando com números megadiversos, e que a gente trabalhasse apenas com um número. Ela não fez isso. Segundo: se quiserem discutir a sério a questão em Copenhague, o Brasil está totalmente disposto, eu estou disposto a ir a Copenhague. Agora, é importante que quem emite mais, assuma mais responsabilidade. País que é industrializado há 200 anos não queira cobrar igualdade com o Brasil, não. Nós temos 85% da nossa energia elétrica limpa e renovável, nós temos 47% da nossa matriz renovável. A Inglaterra só tem 2% da sua matriz energética limpa. Quem mais emite gases de efeito estufa são os nossos amigos americanos, e há muito mais tempo. Então, o Brasil está disposto, eu já assumi no dia 23 de setembro, na ONU, assumi um compromisso que é um megacompromisso, de a gente diminuir o desmatamento em 80%, até 2020. Assumi esse compromisso.

O Brasil tem o etanol, e estamos dizendo para eles: querem diminuir as emissões? Façam como o Brasil, misturem etanol na gasolina de vocês. Nós, a partir de 1º de janeiro, vamos começar a utilizar B5 no óleo diesel. Mudem a matriz energética de vocês. Não venham cobrar do Brasil, pelo amor de Deus, porque o Brasil quer participar, o Brasil vai ter proposta. Mas o Brasil quer, em primeiro lugar, dizer ao mundo que não venham propor a criação de um fundo para dar um fundo para os países emergentes, para a gente não se desenvolver, e eles continuarem com o mesmo padrão de consumo que eles têm e emitindo a mesma quantidade de gases de efeito estufa que eles têm.

Não tinha uma música que dizia “nós não queremos só comer, nós queremos cultura, queremos arte, queremos ter tudo”? Nós queremos ter os mesmos bens materiais que eles têm. Não me peçam para fazer com que 25



milhões de habitantes na Amazônia vivam por conta das muriçocas, eles querem desenvolvimento, eles querem se industrializar, eles querem ter carro, ter televisão, ter telefone. Ou será que alguém pensa que a gente vai transformar a Amazônia em um santuário da Humanidade? Nós vamos, da forma mais responsável. E já está aprovado no Plano Amazônia explorar da forma mais correta possível, porque nós não sabemos ainda 10% da riqueza que a biodiversidade apresenta na Amazônia. É preciso descobrir, e nós vamos descobrir.

Agora, acabou o tempo em que vinha uma ONG do exterior ou alguém do interior colocar o dedo no nariz do Brasil. Eu disse na FAO, no ano passado: não coloquem, não apontem o dedo sujo de vocês no combustível limpo do meu país. Não façam isso, não façam isso porque nós estamos dispostos a levar essa briga até as últimas consequências, porque nós temos responsabilidade com o Planeta. Mas nós queremos que os que poluem mais, os que emitem mais gases, sejam responsáveis pelo maior pagamento, para diminuir as suas emissões de gases.

Eu, por exemplo, fiquei com a incumbência de ligar nesta semana para o Obama, para ver se ele vai a Copenhague; de ligar para o meu amigo Hu Jintao para ver se ele vai a Copenhague; de ligar para o meu amigo, o primeiro-ministro Singh, para ver se ele vai a Copenhague. Ô Aurélio, você viu como eu estou chique? Em 78 era difícil falar com deputado, em Brasília. Agora, eu estou falando com o meu amigo Obama, meu amigo Hu Jintao, meu amigo Singh, uma evolução extraordinária que a classe operária teve. E foi graças à minha ida ao Congresso Nacional, em 78, procurar apoio para uma lei que o Arnaldo da Costa Prieto queria fazer, criando as categorias essenciais que não poderiam fazer greve, que eu encontrei lá dois deputados: o Benedito Marcílio e o Aurélio Peres. Eu falei: não é possível, a classe operária não tem futuro se só tiver dois deputados, no meio de quinhentos. Foi daí que surgiu a idéia de criar o PT e, sinceramente, não me arrependo. Hoje nós temos, entre



todos os partidos, quase 200 deputados e, se Deus quiser, poderemos construir ainda maioria.

Portanto, meu companheiro, eu fui fazer um debate para os empresários ingleses lá na City. Você sabe o que é City? City é o lugar mais chique, é o miolo do sistema financeiro mundial, hoje. É chique, vocês não têm noção do que é chiqueza. Por isso é que se chama City. Eu fui lá fazer um debate. A Dilma fez um discurso pequeno, de uns 45 minutos, falou do PAC I, PAC II, PAC III. Ela já começou a criar PAC que nem tem ainda, já para 2040. Mas aí eu chamei a atenção dos empresários para que eles atentassem para algumas coisas que estão acontecendo no Brasil, que a gente não sabe. Vocês não sabem, eu fico sabendo porque eu cobro todo dia, me reúno com os ministros, a imprensa nem sempre divulga, porque também acho que não sabe, e fica um país analfabeto das coisas que estão acontecendo aqui, internamente.

Mas eu dei um exemplo importante, que é o seguinte: o programa Luz para Todos. Vocês têm dimensão do que é o programa Luz para Todos? Eu vou dar um número para vocês. O programa Luz para Todos atingiu, no mês passado, 2 milhões e 100 mil casas com luz elétrica. Falando assim, parece pouco, mas esses 2 milhões de casas compraram 1.578 televisores; compraram 1.447 geladeiras; compraram 988 mil aparelhos de som, sem falar em liquidificador, casa de farinha, televisão e outras coisas, apenas isso. Mas o que é mais importante? É que esse programa já consumiu 906 mil quilômetros de fios; 906 mil quilômetros de fios dariam para enrolar a Terra 21 vezes. Nós já colocamos 4 milhões e 474 mil postes e já utilizamos 729 mil transformadores. Quando eu recebi esses números eu não queria crer, porque eu fico imaginando um poste em cima do outro, ou seja, os americanos poderiam, em vez de fazer avião, vir aqui pedir para nós para subir em nossos postes e chegarem à Lua. E isso, companheiros, a iniciativa privada não faria, ela não faria porque uma ligação no Amazonas, hoje, está custando quase R\$ 7 mil por casa, US\$ 3,5 mil. E se fosse o mercado que tivesse que fazer, o



mercado não faria porque não seria economicamente viável. O Estado tem que fazer porque é economicamente justo e necessário, porque todos os brasileiros têm que ser tratados em igualdade de condições.

Uma coisa, Renato, para você utilizar no seu discurso. É o seguinte, são números que eu acho bonitos. Ô Renato, em 2009 o Banco do Brasil, sozinho, tem todo o crédito disponível que o Brasil inteiro tinha em 2002. Preste atenção: somente o Banco do Brasil, hoje, tem a mesma quantidade de dinheiro que o Brasil inteiro tinha para emprestar em 2002. A Caixa Econômica Federal, hoje, atingiu R\$ 300 bilhões na poupança. E o crédito consignado, querido Aloizio Mercadante, atingiu a soma de R\$ 103 bilhões emprestados para pessoas que, até outro dia, não tinham acesso a bancos, R\$ 103 bilhões. Os tratores que nós colocamos à venda para a agricultura familiar, hoje representam 78% da venda de tratores de até 78 cavalos neste país. Dos 25 bilhões que nós disponibilizamos para a agricultura familiar, 16 mil tratores já foram comprados. Qual é a demonstração? É que faltava disposição política e [havia] falta de definição de prioridades.

Este país, companheiros, eu não tenho dúvida nenhuma de que falta muita coisa para fazer. Possivelmente, vá ainda mais uma geração, para a gente poder fazer a transformação que precisa ser feita no país. Alguns países fizeram revoluções e não conseguiram fazer a transformação. O resultado final foi muito ruim. Nós estamos fazendo uma coisa que eu chamei estes dias de revolução silenciosa, junto ao povo pobre deste país. Eu me lembro quando alguns companheiros, às vezes até cheios de razão, porque dependia muito da quantidade de livros que tinham lido, que diziam que o Bolsa Família era uma esmola. É verdade. Para quem consegue comer em um restaurante, tomar uísque e dar R\$ 100 de gorjeta, R\$ 100 do Bolsa Família é uma esmola. Mas para uma mãe que tem três ou quatro filhos, e ela consegue pegar R\$ 100 e levar para casa na forma de feijão, de arroz, de leite e de pão, é um benefício incomensurável para a parte mais pobre deste país.



Quero terminar dizendo aos companheiros do PCdoB, que eu tenho a plena convicção de que se não fossem os prefeitos do PCdoB tirando muito dinheiro do governo federal... o Renildo nem tomou posse e já quer que eu “tape” todos os buracos de Olinda, a Luciana pegou o dinheiro... tapou os buracos? Porque o Renildo está precisando de dinheiro para os buracos, lá. O Edvaldo está deixando Aracaju que parece Paris, e o “bicho” quer mais dinheiro ainda. Eu quero dizer que todas essas conquistas nossas, em qualquer lugar do mundo em que eu estiver, eu tenho clareza de que é uma conquista do nosso governo junto com o PCdoB, PSB, PDT, PMDB, junto inclusive, dos movimentos sociais, até daqueles que vivem, às vezes, quase sem aparecer. Não é uma coisa de um presidente, de um partido ou apenas de um governo, é um movimento que essa sociedade está criando, é um movimento.

Eu tive uma cena, agora, a Dilma estava comigo, no canal do São Francisco. Eu gostaria que os críticos fossem visitar o canal do São Francisco, sobretudo quem é do Nordeste. Vá, e depois vamos ter uma conversa. A água não está jorrando ainda, mas logo, logo ela vai jorrar. São 642 quilômetros de canal, e é uma obra de causar inveja a qualquer governante do mundo. Mas o que eu vi de especial lá? Uma mulher chamada Eliane, mãe solteira. Ela não tinha nada na vida, a não ser três filhas, e o marido foi embora. Essa mulher, quando o canal chegou, que chegaram os homens do Exército para trabalhar, essa mulher tomou R\$ 50 emprestados com um afilhado dela, fez pastel e foi vender para os soldados. Vendeu tudo no dia, comprou mais e vendeu. Passou a ganhar R\$ 40 ou R\$ 50 por mês. Foi ganhando tanto, que o comandante das obras lá perguntou se ela não poderia fazer refeição para todo mundo. Ela passou a servir quatrocentas refeições por dia. Hoje essa mulher, orgulhosamente, em um ano e meio, tem um carro, uma moto, os filhos estudando, e ainda disse para mim, com muito orgulho: “paguei R\$ 5 mil de Imposto de Renda este ano”. E o presidente da República recebeu uma devolução de R\$ 5 mil. É uma coisa extraordinária. E quantos exemplos estão



acontecendo neste país, assim? É coisa que a gente não sabe. Certamente, quem está na periferia sabe. Hoje nós estamos investindo em um bairro de Recife, em um bairro de Aracaju, em um bairro de São Paulo, em um bairro do Rio de Janeiro, em um bairro de Fortaleza, em um bairro de Salvador, e em qualquer estado, nós estamos investindo em saneamento básico, em um bairro de qualquer capital... Manaus, Rio Grande do Sul. No Rio Grande do Sul, nem se fala, porque a Dilma, como a “mãe do PAC”, é tudo para o Rio Grande do Sul. Eu estou até tentando fazer uma fiscalização lá, para saber se ela é candidata a governadora ou outra coisa.

Mas de qualquer forma, só para dar um dado para vocês: nós estamos gastando hoje, em cada capital, no mínimo três vezes de tudo o que foi gasto no ano de 2002, quando nós chegamos ao governo. Sabe quanto foi gasto em saneamento básico em 2002 inteiro, o ano inteiro? R\$ 262 milhões. Sabe quanto nós estamos gastando hoje? R\$ 34 bilhões. Ou seja, é isso que vai mudar a vida deste país. Porque houve um tempo em que a classe política brasileira, sobretudo a elite, gostava de fazer pontes, porque colocava o nome da mãe na ponte, o nome do pai, o nome da avó, o nome do parente. Em saneamento básico não tem como colocar nome, porque a manilha vai embaixo da terra. Mas o nosso orgulho é que a gente não vai ter o nome de nenhum parente, mas vai ter uma criança brincando na rua, sem pisar em esgoto a céu aberto, como tinha neste país.

Companheiros e companheiras,

Eu sou só agradecimento aos companheiros do PCdoB. Lamento profundamente que, como o PT, o PCdoB não tenha avançado - para não estragar o sábado e o domingo de um militante que quer namorar, que quer paquerar - em uma reunião (incompreensível). A coisa que mais me magoava no PT era sair em um sábado de sol, largar a minha mulher e o filho, e vir para uma reunião; e tome discussão, e tome discussão, e às nove horas da noite não estava concluída. Quando estava acabando, chegava um cara besta, como



o Netinho, e falava: “quero aparte aí, por uma questão de ordem.” E levanta o tema mais outra vez, e tome discussão. Eu pensava que ia ficar livre no sábado e não, terminava às onze horas da noite, chegava em casa, e a mulher brava! E aí a gente não podia falar, em um primeiro momento, que ia voltar no domingo: “amorzinho, eu estou cansado, eu estou quebrado, amorzinho”. Aí, levantava no outro dia, de manhã: “Onde você vai? Está se preparando cedo?” “Ah, amor, é que não terminou a reunião, eu tenho que ir.” A molecada toda chateada, porque queria pescar... Então, eu acho que o PC [do B]... o PT também ainda está assim, o PT ainda está assim. Eu acho que é importante, que sábado e domingo são dias de namorar, e de segunda a sexta é dia de fazer política e trabalhar.

Um abraço, e bom Congresso para os companheiros do PCdoB.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de sanção do Projeto de Lei 222/2009, que altera o plano de carreira dos militares da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal

Ginásio Nilson Nelson – Brasília, DF, 06 de novembro de 2009

Meu caro amigo, governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, e sua senhora, Flávia Arruda,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu querido companheiro Alexandre Padilha, ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais,

Meu companheiro Paulo Octavio, vice-governador do Distrito Federal, Cabo Patrício, presidente em exercício da Câmara Legislativa do Distrito Federal, por meio de quem cumprimento os demais deputados distritais aqui presentes,

Coronel Luiz Sérgio Lacerda Gonçalves, comandante geral da Polícia Militar do Distrito Federal,

Coronel Antônio Gilberto Porto, comandante geral do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal,

Meus companheiros senadores Cristovam Buarque, Gim Argello e Aldemir Santana,

Companheiros deputados federais Geraldo Magela, Jofran Frejat, Laerte Bessa, Osório Adriano, Ricardo Quirino e Rodrigo Rollemberg,

Meu querido companheiro Agnelo Queiroz, diretor da Anvisa,

Meus amigos familiares,

Secretários do DF,

Companheiros da imprensa,



Meus amigos e minhas amigas,

Eu sinto que nós estamos construindo uma nação. Eu sinto que passou o tempo em que o País era governado por pessoas que pensavam diferente e agiam de forma muito distante daquilo que era o anseio da comunidade brasileira.

Eu fico imaginando uma categoria esperar um plano de cargos e salários 32 anos. Significa que alguns começaram reivindicando, se aposentaram e não viram o seu cargo ser aprovado.

Veja que coisa interessante. Não existe no mundo, e eu tenho clareza que no Brasil e em Brasília, profissão mais admirada e mais respeitada do que a corporação de bombeiros, no mundo inteiro. Duvido que tenha uma criança no mundo que já não tenha tido o sonho de ser bombeiro, duvido. O bombeiro é visto pela sociedade, e eu diria quase que por toda a humanidade, como se fosse aquela pessoa que estaria sempre pronta a nos salvar. E eu tenho a convicção de que também a profissão dos bombeiros é respeitada pelos governantes. A explicação, que muitas vezes eu fico procurando, é como é que do ponto de vista psicológico, do ponto de vista da imagem positiva, as pessoas têm o bombeiro na mais alta consideração, e quando se trata do reconhecimento profissional, ele é tratado de forma pequena e, às vezes, como se fosse uma categoria qualquer.

O que nós estamos fazendo hoje, aqui, é fazendo o reconhecimento a duas corporações brasileiras da mais extraordinária importância. Porque o policial militar também, Arruda, muitas vezes, em uma rodinha de bar, pode-se criticar policial militar. Como, muitas vezes, em uma rodinha tem pessoas que falam: “Eu não acredito em Deus”. Mas quando qualquer coisinha acontece, o primeiro nome que ele lembra é o de Deus. E na hora do perigo, mesmo o mais descrente dos seres humanos, na hora do perigo, o primeiro nome que ele



lembra: “Ai, que bom se tivesse um policial por aqui. Ai, que bom se aparecesse um policial”.

Eu, possivelmente, já com sete anos na Presidência da República, ainda não esqueci a minha origem de dirigente sindical. E eu acho que toda vez, e falo como Presidente, falo como sindicalista e falo como cidadão brasileiro, toda vez que a gente quiser considerar uma categoria profissional essencial, nós temos que saber quanto ele ganha por mês. Porque não pode apenas a função ser essencial, o salário tem que ser essencial para que ele possa sustentar a sua mulher, a sua família e os seus pais.

Foi por isso que nós criamos, com apoio do Congresso Nacional, o piso nacional dos professores e das professoras brasileiras. Ainda não é o que a gente deseja, mas antes, neste país – e quem é do interior sabe – tinha professora ganhando menos do que um salário mínimo. E o que é mais grave, senador Cristovam, é que tem vários governadores abrindo processo no Supremo Tribunal Federal para não pagar o piso de apenas R\$ 950,00. Tem gente que acha que é muito pagar R\$ 900,00 para uma professora que fica dentro da sala de aula cuidando dos filhos que, às vezes, a mãe não pode cuidar, às vezes até cuidando de piolho de criança, porque dentro de casa não existem condições. Algumas pessoas acham que é muito pagar R\$ 951,00 para uma professora brasileira colocar 40 crianças dentro de uma sala de aula e ficar com elas o dia inteiro dando os ensinamentos que, às vezes, nós não conseguimos dar.

Que bom, companheiro Arruda, que a gente tem uma polícia ganhando um salário razoável; que a gente tem uma polícia ganhando aquilo que merece e uma polícia, do ponto de vista da sua formação profissional, muito mais qualificada, porque a gente tem a certeza de que a única hipótese de a gente não ter um policial levando propina da bandidagem é o policial ganhar o suficiente para cuidar da sua família. Quem bom que a gente tem uma polícia bem formada, ganhando um salário que merece, para que a gente possa sair



para a rua com tranquilidade e para que a gente possa dormir com muito mais tranquilidade ainda.

Eu acho, Arruda... Na semana passada, eu mandei o meu ministro da Justiça ir ao estado do Rio de Janeiro. E mandei o ministro Tarso Genro assumir compromisso com o governador Sérgio Cabral de que nós estamos dispostos a fazer o possível e o impossível para que a gente possa ajudar o governador a melhorar as condições de salário dos policiais do Rio de Janeiro, para que a gente possa exigir que eles cumpram com a função que eles têm que cumprir.

Nós sabemos, perfeitamente bem, que tem duas coisas que podem garantir um bom policial: é ele ser bem formado, é ele ter uma corporação bem estruturada e, no final do mês, ele ter a sua profissão como única fonte de renda para sustentar os seus. Se ele precisar fazer bico, nós já estamos correndo risco; se ele ganhar insuficiente e precisar trabalhar fora, nós já estamos correndo risco.

Por isso, é que nós precisamos qualificar, qualificar e qualificar cada vez mais e pagar aquilo que for o merecimento da função. O que vale um bombeiro? O que vale um soldado na rua? Ora, meu Deus do céu, a gente só se dá conta na hora do perigo, a gente só se dá conta na hora do infortúnio. E como a gente sempre torce para que não tenha nenhum infortúnio, é importante a gente pagar bem todos os meses para que a gente tenha tranquilidade 365 dias por ano.

Nós corremos um risco, viu, Arruda? Porque a partir do que aconteceu em Brasília, nós vamos ter todos os estados querendo. E eu sei que muitos aqui, eu sei que muitos aqui já mandaram cartinha, telegrama, telefonaram para o companheiro deles de Alagoas, de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte. Falaram:

“Olha, aqui nós conseguimos, pô, vamos em frente para ver se vai conseguir”. É importante levar em conta o poder dos cofres do estado. Nem



todo estado pode dar a mesma condição que Brasília. Brasília, por ser a capital, tem um tratamento diferenciado e especial. Portanto, nós não vamos exigir que um estado pobre, vamos pegar Roraima ou vamos pegar Alagoas, que ele possa fazer o mesmo que faz o DF. Eu queria a compreensão de vocês para isso. Vai conseguir fazer quando?

Se o país continuar crescendo, como nós estamos crescendo, e se o ano que vem a gente crescer, 2011 a gente crescer, 2012 a gente crescer, a gente vai tirar o País de 30 anos de atraso e a gente vai poder, então, fazer uma concertação para que todos possam viver com mais dignidade e com mais respeito neste país. Até um problema, Arruda, que nós vamos ter que resolver.

Mas tem um problema, que é uma discussão que eu não vou ser nem Presidente mais. Mas essa história do trabalho de 24 por 72 horas é uma coisa que nós vamos ter que sentar com os companheiros dos sindicatos, com os comandantes e discutir. Porque, primeiro, achar que um ser humano pode trabalhar 24 horas consecutivas sem dar uma cochiladinha, sem dar uma descansada é acreditar em Papai Noel, sabe? É melhor que os companheiros ganhem um bom salário e trabalhem oito horas e possa ter outro para trabalhar mais oito, e possa ter outro para trabalhar mais oito... Nós vamos contratar mais gente, vamos pagar melhor, e o povo vai estar muito mais seguro porque vai saber que vai ter policial 24 horas nas ruas deste país.

Mas essa é uma tarefa para os próximos quatro anos. Eu já não estarei na Presidência, mas estarei torcendo, quem sabe apoiando os sindicatos a pressionar o Governo para que ele faça aquilo que eu não consegui fazer.

De qualquer forma, eu vim aqui hoje – a gente poderia ter feito no meu gabinete – mas eu vim aqui hoje porque eu acho que nós precisamos conversar com o Brasil cada vez mais. Tem muita gente que torce para que o Brasil não dê certo. Tem muita gente que não se dá conta de que a sociedade brasileira está vivendo um clima de mais otimismo, de que nós estamos recuperando a nossa autoestima, de que nós não temos mais vergonha de



dizer que somos brasileiros e temos orgulho de andar pelo mundo. Quando eu vim ontem de Londres com a ministra Dilma, em que em um debate com empresários, os empresários estrangeiros elogiam tanto o Brasil que muitas vezes até eu fico em dúvida se eles estão falando do meu país. Porque é tanto elogio, é tanto elogio e é tanto elogio à nossa economia, à nossa política fiscal, à geração de empregos, a políticas sociais, que eu às vezes fico me beliscando para saber se é verdade que eu estou ouvindo aquilo.

Hoje vocês não precisam mais se beliscar. Podem deitar a cabeça tranquila no travesseiro e conversar com a mulher de vocês e dizer: finalmente, depois de 32 anos, nós fomos reconhecidos como profissão, como cidadãos e como guardiães da tranquilidade de Brasília!

Muito obrigado, que Deus abençoe cada um de vocês e vamos continuar lutando para a gente conquistar mais coisas! Um abraço!

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega do título de presidente emérito da Federação das Indústrias do estado de São Paulo (Fiesp) ao vice-presidente da República, José Alencar

São Paulo-SP, 09 de novembro de 2009

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República, e sua companheira Mariza Campos Gomes da Silva,

Cumprimentar o companheiro Josué, e cumprimentando o Josué estarei cumprimentando as irmãs, os netos e os irmãos do José Alencar, que nunca mais me mandou a Maria da Cruz,

Quero cumprimentar a minha companheira Marisa Letícia Lula da Silva,

Cumprimentar o governador do estado de São Paulo, José Serra, e cumprimentando o José Serra eu também estarei cumprimentando todos os governadores, porque não me deram nominata, eu não sei quantos têm aqui. Então, estão cumprimentados todos os governadores. Eu só estou vendo aqui o Eduardo Braga rindo ali, estou vendo o Luiz Henrique que passou, mas está todo mundo cumprimentado. E também, como eu não sou candidato, eu não preciso cumprimentar muita gente daqui para a frente.

Quero cumprimentar o companheiro Temer, presidente da Câmara dos Deputados, em nome do qual eu cumprimento os deputados federais e estaduais aqui presentes,

Cumprimentar a companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil, e cumprimentando todos os ministros aqui presentes,

Senadores,

Deputados,

O nosso prefeito Kassab,

E cumprimentar o companheiro Paulo Skaf, presidente da Federação.



Eu não sei, José Alencar, se você percebeu que nós mudamos o protocolo aqui. No protocolo original, você teria que falar antes de mim, mas é uma injustiça. É uma injustiça porque este reconhecimento que a Fiesp está fazendo com você, eu acho que era uma coisa que poderia ter acontecido antes, mas é importante que as coisas não aconteçam tão antes, mas aconteçam quando têm que acontecer.

Eu acho, Paulo, que é um momento extraordinário de a gente prestar uma homenagem a uma pessoa que eu acho que é muito singular e muito especial. Não existe possibilidade de existirem muitos “José Alencar” por este Brasil afora. Tem muito empresário, tem muito ministro, tem muito político, agora eu penso que o José Alencar é uma figura especial, especial pelo seu comportamento como ser humano, como pai, como companheiro.

Não são poucas as vezes em que eu e o José Alencar – não podem ser muitas vezes – às vezes, de vez em quando, tomando um gole, a gente começa a falar da vida da gente e a gente começa a chorar. E que bom que a gente chora, viu, Zé? Porque o problema é que tem ser humano que não chora, e quem não chora não tem sentimento. Então, eu acho tão bonito. Quando você falou no nome do teu pai você começou a chorar. Que bom que depois de tantos anos você ainda guarda do teu pai as mesmas emoções que você tinha quando saiu de casa aos 14 anos. E o Josué vai puxar a você porque o Josué também é chorão. Eu lembro que quando você estava no hospital, que eu ficava conversando com o Josué lá, os olhos dele, de verdes, ficavam vermelhos, todo lacrimejando.

Mas, Zé, eu penso que foi uma dádiva de Deus eu ter te encontrado. Certamente que não foi uma paixão, como a da Mariza por você, mas foi uma coisa política... Eu considero inusitado. Como eu sou um cara que acredita em Deus, e alguns me chamam de atrasado porque eu acredito, e acredito piamente que tem um ser superior que guia os nossos passos e que faz a



gente dar certo, faz a gente acontecer, mas não tinha por que eu demorar quase 70 anos para te conhecer. Eu [com] 58 e você, na época, [com] 70 anos. A gente poderia ter se conhecido há muito mais tempo. Quem sabe, eu não tivesse perdido tanta eleição. Quem sabe eu tivesse...

A verdade é que o Zé Alencar, por simplicidade, por companheirismo, ele nunca vai reconhecer, mas quem faz política neste país sabe do seguinte: eu já estava cansado de ter 30% de votos nas eleições presidenciais. E eu tinha uma agonia. O Dulci participou de uma reunião, quando foi decidir que eu seria candidato a [pela] terceira vez, e eu dizia: Gente, eu não posso ser candidato igual eu fui as outras vezes. Eu vou para o matadouro, sabe, porque viram todos contra mim, gente. Não tem jeito.

Bem, quando eu fui convidado para a tua festa de 50 anos, de aniversário da tua vida empresarial. Eu jamais imaginei ir à tua festa. Eu falava: Eu vou à festa desse empresário, grande empresário, o que eu vou fazer lá? Não tem nada para ir lá. O pessoal insistiu, insistiu, insistiu e aí, cada vez mais, eu acredito que Deus estava com o dedinho ali. Eu fui, sentei humildemente, candidato três vezes derrotado... Desfilavam governadores, Serra, por tudo quanto é lado (incompreensível), governador de tudo quanto é partido político, autoridades, ministros. Só o Itamar Franco é que não foi porque estava com uma certa birra com o José Alencar. E eu pensava: O que eu estou fazendo aqui? Estou lá, daqui a pouco chega um baixinho que trabalha com o José Alencar, o Adriano, e vem com um papelzinho: "O Zé Alencar perguntou... O senador perguntou se o senhor quer falar". Eu falei: Não, o que eu vou falar, pô? O que eu vou falar? Aí não falei. Aí fiquei lá. Aí o Zé Alencar foi falar. Quando o Zé Alencar começou a contar a vida dele, Serra, eu, na hora, eu falei: Está aí o meu vice. Por Nossa Senhora, foi uma coisa... quase um toque de mágica, eu falei: Encontrei o meu vice. E aí era preciso tentar conversar com ele.

Antes a gente já tinha feito uma reunião. Embora eu não conhecesse o Zé



Alencar, eu ficava sempre hospedado no Hotel Wembley, hotel de três estrelas, em que eu era bem tratado, nada de graça porque sempre cobraram, até que o Zé Alencar um dia me ofereceu a suíte dele, em que eu passei a ficar lá e passamos a conversar um pouco de política. E aí, quando eu desconfiei que eu tinha encontrado a minha cara-metade na política, eu falei: Agora eu preciso conversar com ele. Por sorte, o PMDB tinha derrotado ele em uma disputa interna, que não vamos entrar em detalhes aqui, e eu cheguei em Brasília, no gabinete do José Alencar – ele estava do jeito que está agora aí, rindo – eu falei: Zé, eu vim aqui te fazer uma proposta. Eu acho que o PMDB não foi leal com você ontem, te derrotou, e eu queria saber se você está disposto a ser o meu vice na próxima eleição. Você, obviamente que vai ter que trocar de partido político porque o PMDB está em outra. Você... Ele não hesitou. “Será que o PT me aceita?” Eu falei: Aceita, aceita. Eu era que estava aceitando, eu estava necessitando.

E foi como se a gente encontrasse duas pedras... duas peças que se encaixassem perfeitamente bem. Primeiro, porque tinha um pouco de preconceito, possivelmente por culpa nossa mesmo ou por preconceito mesmo, mas tinha um espaço a ser preenchido que o José Alencar preencheu. No começo, muita gente não quis, não é, Zé? Que o Zé, alguns companheiros do PT ficaram: “É, mas vai trazer aí, não sei das quantas, tal”. Depois, no meio da campanha, esse pessoal precisava mais do Zé Alencar do que eu porque ele passou a ser coqueluche da esquerda do PT nos debates por este país afora. Pensem num estado que tinha mais gente sectária, era onde o Zé Alencar era chamado mais para convencer as pessoas da boa aliança.

E eu penso que o Zé Alencar tem, sinceramente, metade da responsabilidade que eu tenho pelo fato de a gente estar governando este país há oito anos... sete. Ele, muitas vezes, não se valoriza, acha que não tem nada disso, tal. Eu acho, Zé, que não é apenas a questão de votos, é a questão da garantia. Você foi uma espécie de um fundo garantidor, que eu precisava. É



verdade, porque com você na Vice, eu chegava nos debates, empresários de 50, trabalhadores de (incompreensível), eu falava: “Olha, você não entende nada, meu filho, você não entende nada. O meu empresário aqui é o Zé Alencar. Está aqui, ó. Ó o tamanho do bicho aí. Porque isso passou a dar respeitabilidade, passou a ganhar uma dimensão que a gente não tinha e eu acho que isso foi uma coisa determinante, Zé. Além disso, esses sete anos de convivência... que poderia ser mais se o pessoal quisesse, não é, Zé? O pessoal não quer, o pessoal fica discutindo esse negócio aí de contar os mandatos, então nós dois... Nós dois, até que a gente aguentaria mais uns cinco anos de batalha. Mas, como democratas, nós estamos quietinhos. Vamos esperar o jogo ser jogado.

Mas uma coisa interessante é o seguinte, olhem, eu tenho dito em todos os lugares em que eu vou que eu não acredito que em algum momento da história política alguém tenha tido um vice-presidente em que o presidente confia o tanto que eu confio no Zé Alencar. Nós não temos divergências, quando tem, elas são explicitadas, nós somos companheiros dos bons e dos maus momentos, nós fazemos aquilo que nós entendemos que o Brasil precisa que seja feito, ele um pouco mais à esquerda do que eu. Eu virei um sindicalista mais conservador e ele, um empresário mais esquerdista, ele mais duro na queda, e eu penso que isso foi bom para o Brasil. Foi bom para mim, eu acho que foi bom para ele, acho que foi bom para o Brasil.

Eu vou contar uma história, viu, Zé, para terminar com uma história... Hoje de manhã eu encontrei o Roberto Setúbal, e eu estava lembrando, Josué, daquela conversa na tua casa, ainda em 2002. Não tinham sequer chegado as eleições e eu fui jantar na casa do Josué – eu, o Zé Alencar, o dr. Olavo Setúbal, o Roberto Setúbal – e... uma conversa. Aí começamos a conversar. E aí o dr. Olavo Setúbal começou a perguntar assim para mim: “Candidato, o que você vai fazer com os conflitos agrários, e não sei das quantas?” E eu dizia: Ó, dr. Olavo, no nosso programa nós vamos dizer isso, isso, isso, isso, isso, e o



dr. Olavo dizia: “O Império não vai deixar”. Aí perguntava outra coisa, eu respondia outra coisa e o dr. Olavo falava: “O Império não vai deixar”. Eu sei que foram quatro perguntas, quatro respostas e o Império não estava deixando a gente fazer nada. Nós já tínhamos tomado acho que um segundo gole, já era tarde, aí o Zé Alencar falou: “Escuta aqui, dr. Olavo, eu quero saber que diabo de Império que é esse, porque se esse Império for tão ruim para o Brasil como o senhor está dizendo, eu pego em armas para derrotar esse Império”. O dr. Olavo, o dr. Olavo Setúbal até tomou um susto com esse nervosismo do Zé Alencar. Mas também eu estava cansado de tanto “o Império não deixa”. E a verdade é que a história do Brasil tem um pouco de “o Império não deixa” há muito tempo, e tem uma parte das pessoas que acreditaram que o Império não deixando, não podia deixar mesmo, e não acontecia.

Eu acho que homens como o Zé Alencar, que vieram antes de nós, que tiveram coragem, que enfrentaram, a gente provou que a gente consegue dar passos importantes.

Então, Paulo, eu acho que a Fiesp fez um tento extraordinário fazendo esta homenagem ao Zé Alencar. Eu, sinceramente, conheço muita gente, e a desgraça de a gente estar ficando velho é que a cada vez a gente conhece mais gente, os anos vão passando e a gente vai (incompreensível). Agora, o que conta na vida da gente é a amizade, o que conta na vida da gente...

Eu não sei, Zé, como é que você se sentiu, mas aquele companheiro à beira de um fogão de lenha, ali, dizendo da galinha que você gosta, aquilo é mais sincero do que duzentos discursos em um palanque em época de eleição. Aquilo, na verdade, é o que marca na vida da gente. Todos nós aqui, todos nós aqui somos faceiros, achamos que temos muitos amigos, mas na hora em que você estiver precisando, você conta nos dedos da mão - eu já tenho um a menos – você conta nos dedos da mão quem são os verdadeiros companheiros que nós construímos na vida.

Na época do bem bom, todo mundo é companheiro. Na época de vacas



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

magras é que a gente sabe quem é companheiro. Eu posso dizer alto e bom som: você, Zé, foi muito mais meu companheiro na época das vacas magras do que na época das vacas gordas. Por isso, minha gratidão pelo homem que você é. E que Deus permita que esse câncer, você o massacre. Faça como o Cassius Clay fez com o Foreman, porque eu acho que se tem uma pessoa neste mundo que tem a necessidade de viver, pelos bons serviços prestados a este país, esse homem se chama José Alencar Gomes da Silva.

Meus parabéns, querido. E que Deus te dê muitos anos de vida.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço do Fórum da Inovação França-Brasil, alusivo ao encerramento do Ano da França no Brasil

São Paulo-SP, 10 de novembro de 2009

Meu caro companheiro Juca Ferreira, ministro da Cultura,
Meu caro companheiro Gilberto Kassab, prefeito de São Paulo,
Senhor Sylvain Itté, cônsul-geral da França,
Senhor Yves Saint-Geours, comissário do Ano da França no Brasil,
Meus amigos franceses,
Amigos brasileiros,
Empresários,
Inovadores,

O Ano da França no Brasil, ele será encerrado neste domingo. Mas o significado do verbo encerrar só tem sentido na agenda específica das comemorações. Porque, a exemplo do que ocorre aqui, no Fórum, estamos no começo de uma caminhada longa e profícua, que enriquecerá cada vez mais nossas nações.

A consolidação da parceria estratégica entre França e Brasil ganha ainda mais significado com a realização deste evento. O Fórum da Inovação pode ser, e é, um espaço fértil para o desenvolvimento de ações nas áreas tecnológicas, industriais e comerciais entre as empresas francesas e as empresas brasileiras. Essas ações visam à expansão dos negócios e, principalmente, ao incremento do potencial inovador. É imperativo e salutar inovar nossas indústrias, nossos laboratórios, nossas universidades.

Nessa linha, outra iniciativa estabelecida em setembro, pelos dois governos, é o Grupo de Altos Executivos entre França e Brasil. Esse grupo tem



o desafio de fortalecer ainda mais os laços econômicos e comerciais, em benefício das duas sociedades.

Hoje, o Brasil já é o principal parceiro comercial da França na América Latina, fora da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Somos o quarto parceiro comercial da França.

As trocas comerciais franco-brasileiras foram intensificadas em 2008, alcançando quase 9 bilhões de dólares. Isso significou uma progressão de 12,8% em relação a 2007.

Com todas as ações combinadas entre a França e o Brasil, acreditamos que os resultados dessa parceria podem ser ainda melhores. A parceria entre França e Brasil já tem resultados práticos e de envergadura. Na área da defesa, firmamos acordos para a construção do primeiro submarino de propulsão nuclear brasileiro, além de outros quatro submarinos convencionais, e a construção no Brasil de 50 helicópteros na Helibras. Esses acordos, que movimentarão cerca de R\$ 24 bilhões, são importantíssimos para a economia, para a defesa, para o desenvolvimento tecnológico do Brasil, a partir da transferência de conhecimento, e para a cooperação internacional. Criamos um centro franco-brasileiro da biodiversidade, que fortalecerá a capacidade científica e tecnológica dos dois países e promoverá a formação de novos talentos.

Aqui, uma coisa que eu tenho feito uma certa provocação aos nossos companheiros franceses: a França ainda não soube dimensionar, não soube tirar proveito de ser o único país europeu com fronteira na América do Sul. A França ainda não aprendeu a trabalhar politicamente, de forma correta, explorando o fato de ser o único país europeu com participação na biodiversidade da Amazônia. Há 50 anos, há 40 anos, possivelmente, isso não teria nenhuma importância. Mas, no século XXI, com o problema do aquecimento global e com a importância que ganha a manutenção das florestas no mundo, a França precisa assumir o seu lado sul-americano e o seu



lado latino-americano. A França tem que olhar tanto para a União Europeia, olhar para os países do Leste Europeu, que são a parte pobre que está adentrando a parte rica da União Europeia, mas sempre com um olhar para a América do Sul, continente do qual a França faz parte. É preciso compreender isso para que não seja apenas a ocupação de um espaço colonizado, como foi no passado. É preciso que a França comece a dar importância na parte territorial sua na América do Sul. Eu penso que isso será de uma extraordinária grandeza na relação Europa-América do Sul, França e América do Sul. Eu estou certo de que o diálogo entre a França e o Brasil é indispensável para o progresso das duas nações. Diálogo esse que deve ir além das parcerias comerciais, que, se vistas de forma isolada, já são da maior relevância. Quero ressaltar, porém, que essa aproximação é possível em virtude da afinidade que existe entre os nossos povos.

Prova disso é o vigor do Ano do Brasil na França e agora o Ano da França no Brasil. Em 2005, com o Ano do Brasil na França, houve um crescimento de 27% de turistas franceses no Brasil. Foi registrado, também, aumento nas matrículas em cursos de português na França, da ordem de 20%, em comparação ao ano anterior. Para o Ano da França no Brasil foram realizados mais de 390 eventos, em 22 estados brasileiros, com atividades que vão da arte à ciência.

O Juca já falou aqui dos investimentos. Pouco para o tamanho, mas é importante que, além de tudo o que houve, nós distribuimos por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – a Capes – bolsas de estudo para que nossos estudantes tenham oportunidade de se aprofundar em outra cultura e trocar experiências e saberes. Das cerca de 4.400 bolsas distribuídas pela Capes neste ano, 27% são para estudos na França. O número de bolsistas na França mantidos pela Capes praticamente dobrou de 2003 para 2009. E, de 2007 para cá, temos mais bolsistas estudando na França do que nos Estados Unidos. Esse é um dado



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

extremamente importante na preferência que o Brasil começa a ter pela França. Isso traduz a sinergia entre a França e o Brasil e a necessidade de dialogarmos cada vez mais.

Portanto, eu quero agradecer a todos vocês, franceses e brasileiros que têm se empenhado para reforçar e inovar esse diálogo que, comprovadamente, só traz benefícios às duas sociedades. Eu espero que esse encontro possa possibilitar, daqui para frente, que França e Brasil ajam de acordo com as necessidades e de acordo com a grandeza dos dois países. Parabéns a franceses e parabéns a brasileiros!

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de anúncio de novos projetos financiados pelo FNHIS – Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social – (PAC Habitação)

Palácio Itamaraty, 10 de novembro de 2009

Ultimamente, eu ando alegre. O Vasco está bem, já foi classificado para voltar para a divisão especial. O Ronaldão, apesar de bochechudo, está bombando, marcando gols. Quem era campeão por antecedência não vai ser. Quem não era pode ser. Até o São Raimundo, de Santarém, ganhou a série C [D], foi para a série D [C]. Quando o Corinthians completar 200 anos, o São Raimundo vai disputar um jogo com o Corinthians na divisão especial.

Não, hoje eu estou satisfeito por outra coisa. Eu estou satisfeito porque, hoje, ontem, teve uma bela homenagem prestada pela Fiesp ao nosso querido companheiro José Alencar. Uma homenagem de fazer qualquer cidadão brasileiro normal chorar. E, hoje, nós tivemos um bom encontro com empresários italianos, um bom encontro com os empresários franceses. E a alegria de vocês estarem aqui. Na verdade, os governadores e os prefeitos, alguns nem precisariam vir, ou seja, o fato de os governadores virem aqui é, não é nem necessidade de dinheiro, é uma questão de amizade, de afeto, de respeito, que nós adquirimos nesse período. E a gente também poderia fazer as coisas sem convidar vocês, mas eu penso que política a gente não faz nem por e-mail, nem por fax, nem por telefone. Política a gente faz tocando um no outro, conversando, se abraçando. E é por isso que a gente convoca vocês aqui, porque já houve momentos, e muitos momentos na história deste país, em que prefeito o máximo que fazia era receber um cartão de um deputado dando a autorização para ele entrar dentro do Congresso Nacional e, muitas vezes, um ministro, por benevolência, atender um prefeito, mas tratar com cidadania, nunca foram (incompreensível).



Ainda esses dias, Sérgio, tem alguns estados em que os prefeitos querem fazer uma mobilização para apresentar uma pauta de reivindicação como eles apresentam para mim todo ano. E todo ano eu vou lá receber os prefeitos. Você sabe que tem governador que está telefonando para os prefeitos não comparecerem para transformar o ato só em um ato político, no caso do estado que eu estou falando, do PT. Mas é uma coisa sem explicação as pessoas não terem sequer a coragem de receber alguém para reclamar dele ou até para elogiar. Então, eu estou feliz pela presença de vocês e estou feliz porque ontem eu vi uma matéria com o resultado de uma pesquisa que mostra o seguinte: as classes D e E do Norte e do Nordeste consumiram 5% a mais do que as classes A e B do Sudeste. E aí combina com uma coisa que o Téo me falava, que ele esqueceu de falar aqui, que de janeiro até agora diminuiu em 30% a mortalidade infantil em Alagoas. Esse é o dado mais excepcional e que, obviamente, poderia me deixar alegre.

Bem, então queria cumprimentar a Dilma,

Os ministros Marcio Fortes,

Companheiro Alexandre Padilha,

O Paulo Bernardo, do Planejamento, que está aqui,

O companheiro do Turismo que está aí.

Vocês não colocam o Paulo Bernardo na mesa, mas depois quem tem que liberar dinheiro é ele, aí não se queixem.

O governador Edmundo Pereira, nosso vice, está em exercício na Bahia.

O Sérgio Cabral, do Rio de Janeiro.

O Wellington Dias, do Piauí. O Wellington já vem aqui quando não tem anúncio de dinheiro, quando tem, então, ele vem um dia antes e fica um dia depois. Ele vem um dia antes para ver se pega um pouco mais e fica um dia depois para ver se tem sobra, pegar a “xepa” do investimento, aqui. Cadê o Wellington? Ah, então deve ter maior interesse lá, então. Deve ter uma verba maior lá.



Quero cumprimentar o nosso companheiro Teotônio Vilela,
Nosso companheiro Eduardo Braga, do Amazonas,
O Carlos Henrique Gaguim, de Tocantins, que está aqui,
Os senadores Delcídio Amaral,
Nosso líder, Romero Jucá,
E o Sadi Cassol, novo senador da República pelo estado de Tocantins,
que está aqui presente,

Deputado Neudo Campos,

O nosso companheiro Raul, prefeito de Palmas,

A Maria do Socorro, prefeita de Timon. Para quem não sabe, Timon é uma cidade do Maranhão, que fica exatamente na divisa da capital do estado do Piauí, Teresina, sabe... privilégio de ter uma capital, utiliza um pouco da Saúde da capital, e isso é bom.

E o Saulo. E eu acho que nós estávamos terminando esse ato, fazendo uma sacanagem com o Saulo. A palavra “popular” é sacanagem, porque esse tal de FNHIS não foi nem eu, nem o Sérgio Cabral, nem o Eduardo Braga, nem o Jucá, nem a Dilma, não foi nenhum de nós que inventou. Quem inventou isso foi o movimento social, sobretudo o movimento de moradia deste país.

E, agora, nós estamos aqui, gastando o dinheiro deles. O companheiro Saulo é conselheiro do Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social, e eu acho justo, antes de eu continuar com a minha tagarelice aqui, passar a palavra para o companheiro Saulo falar algumas palavrinhas com vocês, porque é justo.

Senhor Saulo: _____

Presidente: Ganhei uns dez pontos aqui (incompreensível). Isso aqui é como lembrar do aniversário da mulher da gente. Não esqueça, se lembrar, não tem muito sentido, mas, se esquecer, tem.



Bem, companheiros, vocês viram: é a terceira vez que o governador de Alagoas vem a um ato aqui dentro. E toda vez que ele vai falar, ele começa pedindo desculpas porque os tucanos vão ficar zangados com ele. E eu diria que não tem nenhum sentido. Eu diria que não tem nenhum sentido, deixe eu te falar: não tem nenhum sentido porque não tem um tucano que não seja bem tratado neste governo. Eu, aliás, Téo, aliás, te falo de coração, de alma limpa: eu até duvido que algum governador tucano recebeu 50% do recurso quando os tucanos governavam o Brasil do que recebem no meu governo, eu duvido. Pode fazer o levantamento quem quiser. A imprensa pode fazer o levantamento, para não dizer que sou eu que estou enxerido aqui, falando coisas. Façam o levantamento e vejam quanto foi passado em oito anos para o Mário Covas e quanto a gente passa para o Serra, para o Aécio, para a Yeda Crusius, para o Cássio Cunha Lima, para todos, para você... Não há hipótese nenhuma de a gente falar: eu não vou dar 10 (incompreensível) porque o cara não é do meu partido. Não existe essa hipótese, não existe. Não faz parte da minha formação política, não faz parte da minha experiência sindical e a gente governa não olhando o governador ou o prefeito, a gente governa olhando as necessidades do conjunto da população deste país. E isso eu acho que é uma marca que eu me orgulho, me orgulho profundamente de dizer que eu posso ter muitos defeitos, mas não tenho o defeito de destratar companheiros porque não são do meu partido ou porque não pensam ideologicamente como eu.

Então, eu acho importante esse depoimento porque nós estamos chegando ao final de uma jornada de oito anos, no meu caso. Alguns ainda têm metade pela frente, outros já vão terminar. Eu acho que essa é uma marca do Brasil.

Eu penso que não há hipótese, daqui para frente, de um governante mudar o tratamento que nós demos aos prefeitos deste país ou aos governadores deste país. Posso dizer para vocês que será muito difícil este país voltar a uma situação em que prefeitos e governadores vêm a Brasília



mendigar o que deveria ser seu, e o governo central fica com o dinheiro para fazer superávit primário, para fazer “não sei das quantas”, e as cidades vivendo à pão e água lá em seu estado.

Porque, veja, a situação do governo federal é muito cômoda na relação com os entes federados. É muito cômoda. Normalmente são os estados que estão precisando, na maioria das vezes, os prefeitos. Então, você poderia pegar o 1 bilhão e pouco que está colocando aqui, fazer uma grande ponte e colocar o nome da minha mãe. Não importa que a ponte não tivesse começo, meio e fim. Não importa, mas a ponte cabia o nome da minha mãe desse tamanho, assim.

Agora, fazer esgoto, que vai embaixo da terra; fazer tratamento de saneamento básico nos lugares mais pobres deste país; colocar guia em sarjeta... Porque a classe rica não sabe o valor de um metro de asfalto. A gente já nasce no asfalto, então... Agora, vá na terra do pobre, que o cara costuma carregar um quilo de barro embaixo do pé para ir trabalhar, quando chove, e faça um asfaltozinho, mesmo que seja uma “piçarrinha”, para ver como ele vai ganhar o reino da alegria.

Eu já me contentava, Marinho, com uma guia e com uma sarjeta, andava assim para ir trabalhar, saía de manhã com uma galocha, porque tinha que colocar a galocha. A gente andava assim, pisando (inaudível), de vez em quando, descia para o barro. Então, a gente estava... Quem já nasceu no asfalto não sabe o que é isso, não tem a menor noção.

Então, cuidar dessa parte mais pobre da população... E eu digo sempre, quando eu vou com o Sérgio Cabral, no Rio de Janeiro: “O que nós estamos fazendo é uma reparação da irresponsabilidade de quem governou este país antes de nós”. É uma reparação, porque não é possível deixar o povo se amontoar, como deixaram o povo brasileiro se amontoar, nesses últimos 30 anos. Se tivesse ordenamento, se tivesse vontade política, se tivesse disposição de conversar com o movimento, a gente iria resolvendo os



problemas sem permitir que as pessoas se amontoassem na beira de lixão, na beira de córrego, na encosta de morro, em lugares que, depois, fica infinitamente mais caro a gente consertar.

Então, o que nós estamos fazendo, a palavra correta é urbanização, saneamento, um monte de coisas, mas a palavra correta é reparação. Vocês, prefeitos e governadores, estão fazendo reparação daquelas pessoas que há 10 anos, 15 anos, 20 anos antes de vocês permitissem que o povo pobre se amontoasse de forma degradante, como se amontou neste país. A coisa poderia ser resolvida no começo, com mais facilidade.

Bem, essa é uma coisa importante. A outra coisa importante, companheiro, é que está acontecendo uma coisa fantástica, que é a construção de uma carteira. Uma carteira de projetos e uma carteira de obras. Ou seja, a coisa está entrando em uma sequencial, a coisa está entrando em uma sequencial... Pensa que eu sou analfabeto, meu caro? Eu falo logo é sequencial aqui para vocês saberem que meu vocabulário está evoluindo. Mas a coisa está entrando em um momento de sequência em que a gente vai ter um momento de vários projetos em execução e vários projetos prontos para serem executados, já com projeto executivo, já com licenciamento prévio, já com tudo, porque o primeiro problema do PAC foi a questão de falta de projeto. E aqui, orgulhosamente, eu posso olhar na cara dos governadores que entraram junto comigo, ou como o Sérgio Cabral, que entrou já em 2006, eu já estava nos segundo mandato. Ou seja, é que o PAC facilitou enormemente a vida dos governadores que entraram em 2006 e a vida dos prefeitos, porque, de repente, a gente sai de uma situação em que a palavra do governo federal era não liberar dinheiro para ninguém, porque era preciso resolver o déficit da conta corrente e era preciso resolver o negócio de superávit primário, era a lógica, para um governo que dizia o seguinte: "Vai ter dinheiro para fazer projetos estruturantes na periferia deste país". E essa foi uma mudança muito importante. Eu ousou aqui dizer, eu ousou aqui dizer que poucas vezes na



história deste país os municípios tiveram a quantidade de obras que eles têm hoje. Poucas vezes na história deste país.

Então, é uma conquista de vocês, meus filhos, não é uma conquista do governo federal, é uma conquista da briga de vocês, das conversas de vocês, do convencimento de vocês. Quando a gente já não tinha mais dinheiro no orçamento, nós fizemos uma outra coisa importante: aumentamos a capacidade de endividamento dos estados. Esses dias, Sérgio Cabral e Eduardo Braga, e meu querido governador de Tocantins, um governador falou assim para mim: “Mas o Lula? Pô, o Lula quer vir aqui até para inaugurar obra que eu financiei? O dinheiro é meu, eu vou pagar”. Tudo bem, cara-pálida, você vai pagar, mas se eu não tivesse emprestado, você não ia fazer a obra, ora. Que ingratidão é essa? Que ingratidão é essa? Se a gente não empresta o dinheiro, se a gente não aumenta a capacidade de endividamento... E eu sei que os governadores, em muitos estados, fazem o mesmo com os prefeitos: vão criando as condições.

Eu dizia para o ministro Guido Mantega: “Qual é a vantagem de o governo federal ter muito dinheiro e os estados e os municípios não terem uma ‘merrequinha’ para fazer uma única obra, o prefeitinho bolar o seu projeto e ter, lá, 10 milhões que sobraram da sua receita, do seu orçamento”. Era muito difícil, porque a maioria vive com o Fundo de Participação dos Municípios.

Que governo tomaria a decisão que nós tomamos de não permitir que os municípios tivessem prejuízo com a crise econômica? Nós, no governo federal, tivemos prejuízo, arrecadamos menos quase R\$ 60 bilhões, mas não permitimos que diminuísse a arrecadação dos prefeitos, não permitimos. O Paulo Bernardo sabe o que a gente está fazendo para cumprir o nosso orçamento. É como se você ganhasse R\$ 1.000,00 por mês e, de repente, você só tivesse R\$ 300,00 no bolso, e você tinha que pagar as dívidas dos R\$ 1.000,00.

E nós estamos fazendo isso sem permitir que nenhum prefeito tenha



prejuízo, sem permitir que um centavo do PAC seja tirado, um centavo do PAC não foi mexido porque, para nós, é sagrado. E eu tenho a convicção que será mais sagrado já nos próximos anos, porque, nos próximos anos, nós vamos ter que fazer, sim, PAC 2011-2015, PAC 2015-2021, quem quiser mudar, que mude, mas nós vamos fazer os PAC. Nós temos Copa do Mundo, nós temos Copa das Confederações, nós temos a Olimpíada Militar, que são seis mil atletas já agora, para 2011. E nós temos a taça que trouxemos de Copenhague, que é a Olimpíada de 2016.

E as pessoas precisam parar de duvidar do Brasil. As pessoas precisam parar de achar que nós somos de segunda classe, que nós não podemos nada. Logo, logo, nós vamos inventar uma Olimpíada de Inverno. Deixa o pessoal do clima lá, em Copenhague, não tomar conta do clima, que vai logo, logo, cair neve em Garanhuns e, aí, nós vamos fazer uma Olimpíada em Garanhuns, de neve ou de qualquer coisa, se não tiver, nós compramos gelo.

Mas a verdade é que o Brasil... Uma coisa que eu acho sagrada, vocês tem 70% de responsabilidade, é que a gente voltou a acreditar na gente, a gente voltou a acreditar na gente porque, antigamente, como era a vida dos prefeitos? O prefeito levantava de manhã e ia para o gabinete. Nas cidades pequenas do interior, Sérgio e Eduardo – o Eduardo deve conhecer mais do que o Sérgio, porque o Rio já é da parte mais rica do País. Mas um prefeitinho, Sérgio, de uma cidade de 3 mil habitantes no Nordeste, 4 mil, 20 mil, o prefeito levanta de manhã com 300, 400 pessoas na porta da casa dele. O cara quer dinheiro de passagem, o cara quer dinheiro para comprar remédio, o cara quer dinheiro para pagar a prestação, o cara quer dinheiro para mandar o filho não sei para onde, sabe? Então é um inferno. Com o Bolsa Família, 99% disso acabou, 99% disso acabou. Então eu acho que este país está virando um país mais civilizado, em que as coisas...

Esses dias o companheiro Pezão me deu um papel grande sobre Nova Iguaçu. Eu já tinha ouvido do prefeito Lindberg que faltam apenas 12



quilômetros para asfaltar toda a nossa querida Nova Iguaçu. Mas o Pezão me deu uma coisa que nós estamos fazendo lá na Baixada Fluminense, de recuperação de todos os rios da Baixada Fluminense, que eu confesso a vocês que eu fiquei impactado. Eu estou até marcando uma ida à Baixada Fluminense, de helicóptero aberto, com o Stuckinha para tirar fotografia, com a televisão, para mostrar. Porque se algum adversário meu ficar ofendido porque eu estou mostrando, eu sei que eles vão mostrar as coisas que a gente não fez. Então, entre não mostrar e mostrar, nós vamos mostrar o que está fazendo, porque nós vamos mudar a cara da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. Como eu quero mudar a cara de Alagoas, como eu quero mudar a cara do Amazonas, de Tocantins. O Brasil entrou em uma nova fase, não vai faltar dinheiro para isso e não pode faltar.

Eu, esses dias, estava no Ceará entregando uma obra de R\$ 352 milhões em um bairro chamado Maranguapinho, eu não sei. Bom, de qualquer forma, em uma obra só em um bairro de Fortaleza era mais dinheiro do que tudo que foi liberado em 2002 inteiro para saneamento básico. Então, a coisa do Brasil mudou tanto que os pobres estão comendo mais do que os ricos. Não sou eu quem diz, é pesquisa. Está comprando mais material de higiene, coisa que era impensável há algum tempo, não é? O que a gente está percebendo é que os municípios pobres começam a melhorar a sua situação. Alagoas dizer que diminuiu 30% a mortalidade infantil é um fato extraordinário.

O governo federal aprendeu o caminho de arrumar dinheiro. Então, daqui para frente, gente, só tem uma coisa: é vocês tocarem as obras. Não tem nada mais perverso do que a gente ter o dinheiro, do que a gente ter o projeto e a obra não acontecer. Então, o dinheiro tem, e quanto mais vocês fizerem, mais vai aparecer dinheiro. Isso é que nem poço: quanto mais cavar, mais água vai sair. Porque, na hora em que vocês tiverem projetos convincentes, esses projetos irão ser construídos.

E eu acho que os prefeitos, a maioria que está no um ano de mandato



ainda, nem um ano começou, vocês têm mais três anos pela frente para fazer projeto. Nós vamos apresentar o novo PAC, os governadores e os prefeitos comecem a ver quais são as prioridades dos seus estados, além da Copa, além das Olimpíadas, porque é o seguinte: este país não tem retorno, este país não tem retorno. Podem ter certeza de uma coisa: este país vai se transformar em uma grande nação. Esse é o destino do Brasil no século XXI, está escrito nas cartas, na Bíblia, e está escrito onde a gente quiser. O nosso companheiro Saulo teve até premonição de que vai ser assim. Então, por que desacreditar disso?

Então, acabou o tempo em que prefeito ficava no gabinete dele, com a mão no queixo, xingando o governador; o governador ficava com a mão no queixo, xingando o presidente; o presidente ficava com a mão no queixo, xingando o FMI, e as coisas não aconteciam. Agora, nem vocês têm que me xingar, nem os prefeitos têm que xingar vocês, nem eu tenho que xingar o FMI. Nós temos é cumprir com a nossa obrigação de bem governar este país.

Portanto, meus companheiros, mais uma vez, meus parabéns. Fiquem de olho para o Marcio liberar todo o dinheiro que ele prometeu aqui. Você viu que o “bichinho” é ligeiro para falar: “50 milhões, 80 milhões, 30 milhões, 40 milhões”. E já vi prometendo metrô para todo mundo, aqui. É importante vocês cobrem. Porque somente assim a gente vai continuar fazendo este país dar certo.

Aos governadores e aos prefeitos, mais uma vez, minha gratidão e o meu reconhecimento pelo trabalho extraordinário de vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no Fórum de Negócios Brasil-Itália

São Paulo-SP, 10 de novembro de 2009

Meu caro amigo governador do estado de São Paulo, José Serra,
Meu caro amigo e companheiro Puccinelli, governador do estado do Mato Grosso do Sul,

Meu caro amigo ministro do Desenvolvimento Econômico da Itália, Claudio Scajola,

Meu querido amigo Guido Mantega, ministro da Fazenda,

Meu caro Vincenzo Scotti, vice-ministro das Relações Exteriores da Itália,

Meu caro companheiro Ivan Ramalho, ministro interino do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Meu caro companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Eu já posso dizer “minha amiga” Emma Marcegaglia, presidente da Confindustria,

Meu amigo Paulo Skaf, presidente da Federação das Indústrias de São Paulo – e eu queria dizer ao Paulo que é importante ele parar de me convidar para vir aqui porque daqui a pouco eu estou vindo mais na Fiesp do que na sede da CUT, e isso pode me causar “complicômetro”, e toca que o Serra vai querer visitar a CUT mais do que eu. Então, é preciso ter um certo equilíbrio.

Meu companheiro Paulo Okamoto, presidente do Sebrae,

Amigos e amigas participantes do Fórum,

Jornalistas,

Companheiros e companheiras,



Bem, hoje, Paulo, eu não tenho discurso e o problema de eu não ter discurso é que eu posso me empolgar e terminar cantando *Amore mio* aqui, o que iria fazer eu perder toda essa boa relação de amizade que estamos construindo.

Bem, primeiro, eu queria dizer aos empresários italianos, aos empresários brasileiros que eu estou satisfeito. Afinal de contas, é a quarta vez que nós nos reunimos, aqui ou na Itália. Muitas vezes, as pessoas ficam angustiadas porque, em uma primeira reunião, não aconteceu nenhum negócio. Às vezes até na segunda reunião não acontece nenhum negócio. O que é importante é que como empresários que vocês são, vocês sabem que a persistência é a razão dos grandes negócios que podem existir entre os empresários brasileiros. Afinal de contas, Furlan, quantas viagens você teve que fazer para vender um frango da Sadia em qualquer país do mundo? Ou para vender uma pasta italiana aqui no Brasil, quantas viagens os companheiros tiveram que fazer? Quantas passagens de avião? O que é importante é que a gente não perca a esperança de descobrir os momentos de fazer o investimento, os momentos de colher, o momento de comprar e o momento de vender.

Eu sempre tive, na minha cabeça, a ideia de que os ministros da área econômica e ministros da indústria e comércio deveriam ser verdadeiros camelôs, ou seja, mascates, que pudessem viajar pelo mundo vendendo aquilo que têm, fazendo os negócios que puderem ser feitos, porque no mundo globalizado não existe mais possibilidade de você ficar em casa esperando que alguém passe lá e pergunte se você tem alguma coisa para vender. Na verdade, as pessoas vêm muito mais para vender do que para comprar, e nós temos que ir lá muito mais para vender, também, do que para comprar.

O que é importante é que a gente construa um equilíbrio porque balança comercial entre dois países tem que ser uma mão... uma via de duas mãos. Não interessa para nenhum país ter uma vantagem no superávit, muito grande,



na balança comercial. É preciso que haja um certo equilíbrio para que os dois países se sintam totalmente confortáveis nessa relação comercial. E Brasil e Itália estão numa situação confortável do ponto de vista do equilíbrio, ora um pouco de superávit para o Brasil, ora um pouco de superávit para a Itália. Mas o dado concreto é que é muito pouco, é muito pouco em uma relação, um fluxo total de 14 bilhões. É muito pouco para o tamanho da Itália e para o tamanho do Brasil. O que o Brasil tem de força no seu mercado interno, o que o Brasil tem de porta de entrada de produtos italianos na América do Sul e o que a Itália tem de possibilidade da entrada de produtos brasileiros na Europa.

E nós temos muita coisa a construir juntos, até porque, se tem uma migração que foi exitosa no mundo foi a migração italiana, e com muita responsabilidade no Brasil, com muita responsabilidade.

O Serra tem razão. Certamente, a agricultura brasileira não seria o que é se não fosse a experiência italiana aqui, a partir dos anos... do final do século XIX. Eu não sei se a Itália faz a pizza tão gostosa quanto no Brasil, mas o dado concreto é que nós aprendemos com vocês! Certamente, haverá um dia em nós estaremos exportando nossa *pasta* para o Brasil [para a Itália] e teremos como pagamento uma *pasta* italiana. Aí não estaremos fazendo negócio, estaremos fazendo um escambo. Ou seja, estaremos trocando produtos. Mas aí eu penso que a minha alegria é por ver essa casa cheia de empresários dos dois países.

Durante os últimos anos, um pouco a Europa preocupada com os seus problemas de inclusão da Europa Oriental, esqueceu um pouco o Brasil. Todos os países da Europa tiveram muito problema com a inclusão do Leste Europeu. Era como se tivessem adotado novas crianças pobres e tinham se esquecido dos seus parceiros originais, como o Brasil. Isso vale para Itália e vale para outros países da Europa, que tiveram muitos problemas internos. Nós compreendemos.

Mas agora, com essa crise econômica, é o momento da gente pensar o



que a gente fez certo no século XX e o que a gente pode mudar para aperfeiçoar no século XXI. Porque é um dado extraordinário que aconteceu com o mundo, com essa crise econômica: ninguém mais tem certeza de tudo como nós tínhamos alguns anos atrás. Está todo mundo mais humilde. Eu participo do G-20. Eu nunca vi tanta gente humilde, sabe? Ninguém, ninguém... O Banco Mundial já não tem todas as certezas que ele tinha. Porque era muito fácil ter certeza quando a desgraça era nos países pobres. Aí, em país pobre todo mundo dá palpite. É como o pai para a criança: o pai tenta vender as suas experiências para as crianças como se fossem uma verdade absoluta, sem perguntar se é aquilo que as crianças querem. Então, o Banco Mundial tinha solução para todos os problemas dos países pobres, o FMI deitava e rolava ensinamentos para todos nós. Quando a crise eclodiu nos países ricos, o FMI não tem nenhuma solução e o Banco Mundial não tem nenhuma solução. E o que é mais grave é que muitos governantes não pensaram em solução, porque nos últimos 20 anos muitos governantes esqueceram de governar, achando que o mercado, por si só, resolveria o problema dos países.

Eu digo isso para deixar claro, e não tenham dúvida: eu não acredito no Estado gestor, não acredito, porque na hora em que o Estado for gestor, o governador, o presidente, o prefeito têm que contratar tanto amigo para trabalhar, mesmo que seja um incompetente, que depois é difícil mandar embora, ou seja, atrofia a máquina. O Estado tem que ser apenas o indutor e o regulador, para não permitir que haja nenhum segmento esquecido de participar do desenvolvimento. E essa crise nos obriga a pensar exatamente qual o modelo de desenvolvimento que nós queremos a partir da crise econômica mundial. Como é que nós vamos tratar o sistema financeiro?

Vejam que engraçado. Eu, aqui no Brasil, que passei... Eu e muita gente aqui, que passamos a vida inteira criticando o sistema financeiro brasileiro, descobrimos, com a crise, que o nosso sistema financeiro era um dos mais organizados do mundo e um dos mais controlados do mundo. Ou seja,



descobrimos que países que pareciam ser exemplares, do ponto de vista da seriedade da sua administração pública, não eram. Estavam órfãos, do ponto de vista do controle do Estado, do Banco Central, na sua economia.

Nós, agora, estamos em uma fase em que nós precisamos descobrir novos consumidores. Ô Paulo, era importante que uma entidade ou, Guido, o governo, sei lá, que a gente fizesse um estudo profundo do que seria o mundo hoje se a gente não tivesse a China ou a Índia, ou se a gente não tivesse Índia, China e Brasil. Por que o que está para acontecer conosco?

Os Estados Unidos certamente vão levar muito tempo para voltar a ser o consumidor prioritário do mundo, como foi até o ano passado, eles vão ser muito mais cuidadosos. E o Obama já disse isso mais que uma vez: “Não esperem que os Estados Unidos voltem a ser o consumidor do mundo, que eram. Nós vamos ter mais cuidado”. Você já ouviu isso, e todo mundo já leu isso. A Europa, do mesmo jeito, vai ser muito mais cuidadosa.

Bem, o que resta ao mundo desenvolvido e o que resta aos países em desenvolvimento? O que aconteceu no Brasil, de coisa importante? O Guido Mantega disse, e eu vou tentar não falar nada de macroeconomia, porque o Serra discordou 5% do Guido, ele pode querer discordar um pouco mais de mim, ou 6%, aí nós vamos criar uma inimizade à toa. Então, não vou falar de macroeconomia, para ele concordar 100% comigo, aqui, quando eu terminar de falar.

Mas, o que aconteceu no Brasil, diferentemente da Europa, diferentemente dos Estados Unidos ou do Japão? Nós tínhamos milhões e milhões de brasileiros que estavam querendo adentrar o mercado de consumo e que não podiam entrar. Na hora em que você soltou um pouquinho a corda e garantiu que os benefícios do crescimento chegassem a essa gente... Eu vou dar um dado para os italianos e para os brasileiros, que saiu ontem em uma pesquisa, que eu não lembro nem qual é o instituto: pela primeira vez na história deste país, os mais pobres do Nordeste tiveram um consumo 5% maior



do que a classe A e B do Sudeste brasileiro. A classe D e E do Norte e Nordeste consumiram 5% a mais do que a classe A e B do Sudeste.

Quem tem shopping center aqui no Brasil, quem trabalha com comércio, sabe perfeitamente bem o que está acontecendo nos lugares mais pobres do Brasil, com os poucos recursos que essas pessoas têm recebido, com o aumento do salário mínimo, com o programa Bolsa Família, com a Loas. Essas pessoas não compram dólar, essas pessoas não importam produtos, essas pessoas vão diretamente para o comércio, ou seja, aquilo significa imediatamente desenvolvimento. É por isso, que é a parte, eu poderia pegar o Furlan... Não quero fazer *merchandising*, mas o Furlan está inaugurando mais fábricas no Norte e no Nordeste do que fez tudo no Sul e Sudeste. Porque o povo aprendeu a comer; não é que ele aprendeu, ele conquistou o direito de comer, não tanto quanto precisa, mas muito mais do que ele já comeu, em qualquer outro momento da sua história.

Aqui está a Pirelli. Eu conversei com o dono da Pirelli... Eu vou dar um número para vocês que nunca aparece na macroeconomia do pessoal da área econômica, porque são números muito pequenos. Então, sempre trabalham com números grandes, com PIB, com taxas de juros, com dívida interna, com... Mas, um número pequeno, Guido, para você trabalhar. O programa Luz para Todos. Eu vou contar porque, para mim, é uma coisa tão gratificante que eu aprendi que um ser humano não pode ser feliz sozinho. Então, eu quero repartir a minha felicidade com vocês. O programa Luz para Todos: nós descobrimos pelos dados do IBGE, em 2004, que nós tínhamos por volta de 10 milhões de brasileiros que não tinham acesso à energia elétrica. Esses dados eram do IBGE. Nós montamos um programa Luz para Todos. Pois bem, esse Programa visava a atender essas 10 milhões de pessoas. Quando nós fomos a campo e começamos a trabalhar, nós descobrimos que, além das 10 milhões de pessoas na pesquisa do IBGE, nós descobrimos mais 1 milhão e poucas pessoas que não tinham, ou seja, quase 1 milhão de famílias a mais; significa



mais 4 ou 5 milhões de pessoas que não tinham. E nós elaboramos um programa totalmente gratuito, em uma parceria entre o governo federal e o governo estadual. Nós atingimos no mês passado 2 milhões, acho que 2 milhões e 100 mil casas que receberam o programa Luz para Todos. Isso implica em um pouco mais de 10 milhões de pessoas. Eu vou dar um número, para ver como a Pirelli está ganhando dinheiro no Brasil. Para o programa Luz para Todos foram utilizados, até agora, 906 mil quilômetros de cabos, a maioria fabricada pela Pirelli; 906 mil quilômetros de cabos dariam para a gente enrolar a Terra umas vezes; 1 milhão e 474 mil postes – daria para chegar na nave espacial lá, que está parada, por escada, nos nossos postes –; 799 mil transformadores. Apenas pegar o grosso das coisas que foram utilizadas como programa social, que a iniciativa privada não faria. E por que não faria? Porque não era rentável. O Estado teve que fazer, e já colocamos mais de R\$ 10 bilhões gratuitamente. Algumas ligações na Amazônia, Puccinelli, estão custando até US\$ 3,5 mil. E há quem diga para mim: “mas economicamente não é viável, precisamos parar”. Eu digo: mas esse companheiro continua sendo brasileiro, está dentro do território brasileiro e tem o mesmo direito que o presidente da República de ver televisão, de ter geladeira, de ter um liquidificador, de ter um ventilador. Então, nós temos que levar, ou convenceremos ele a ir mais para próximo.

Tem gente na cidade que acha que esses programas trazem prejuízo. Tem pessoas da classe média que se sentem prejudicadas. “Esse diabo desse Lula vai levando essas coisas pelos cafundós do mundo, e nós aqui”. O que acontece, na verdade? Por conta dessa quantidade de gente que recebeu o Luz para Todos – não sei se aqui tem algum produtor de televisão –, foram vendidos 1 milhão e 578 mil aparelhos de televisão para o pessoal do Luz para Todos; foram vendidas 1 milhão e 447 mil geladeiras para esse pessoal do Luz para Todos; foram vendidos 998 aparelhos de som... 998 mil aparelhos de som para o programa Luz para Todos. Sem contar casas de farinha, liquidificador. E



tudo isso gratuito, porque tem coisas que se o Estado não fizer, ninguém faz porque não é economicamente rentável. Eu não posso obrigar o empresário a fazer uma coisa que vai ser prejudicial. Então, o Estado tem que assumir a sua responsabilidade.

Eu estou dando esse exemplo, Guido, porque é um exemplo que você, no G-20, pode utilizar na área econômica, porque nós temos muitos países africanos, nós temos muitos países do Leste Europeu que ainda têm problemas desses. Nós temos a Índia, com muitos problemas desses, nós temos a América Latina com milhares de problemas, só para mostrar que um programa desses, que parece ser um programa eminentemente social e assistencialista, tem um viés altamente desenvolvimentista porque gera progresso imediato na hora em que chega luz na casa da pessoa. Ou seja, é você tirar uma pessoa do século XVIII para o século XXI, apertando um botão. Esse é um milagre que o mundo inteiro tem que fazer. Menos a Europa, obviamente, menos o Japão, menos uma grande parte dos Estados Unidos.

Mas eu estou dizendo isso porque cabe a nós nesse momento – ao Brasil, à Itália, aos Estados Unidos, ao Japão, à Europa toda – a gente começar a discutir como contribuirmos para que o continente africano e países mais pobres latino-americanos possam ter esse desenvolvimento. Porque as pessoas só vão virar consumidoras dos produtos que nós fabricamos se essas pessoas tiverem poder de consumo, se essas pessoas [não] tiverem miséria. Nós não vamos vender, se a África continuar pobre. Nós temos que ajudá-la a se desenvolver.

Eu acho que nós precisamos sempre ficar de olho na possibilidade de uma parceria mais forte entre China e Estados Unidos, a criação de um G-2, que vai tomar decisões sobre coisas que vão implicar nas nossas economias. E a verdade é que muita gente se subordinou à China, muita gente adora ir fazer investimento na China porque “olha, eu vou lá na China, não tem jornal para falar mal, não tem Congresso para não votar, não tem sindicato para fazer



greve, o partido decide, eu faço”. Muita gente gosta. Empresários italianos, empresários brasileiros, empresários americanos... está cheio de gente! E depois se queixam da competitividade. Mas já foram lá para isso, já foram lá para baixar o custo de produção e para poderem ser mais competitivos no mercado internacional.

Então, nós agora precisamos pensar. É um momento extraordinário! Quando caiu o Muro de Berlim, em 1989, vários companheiros comunistas brasileiros ficaram zangados comigo, porque eu disse que graças a Deus tinha caído o Muro, porque ia libertar a esquerda para pensar outra vez, para repensar, e para maturar novas idéias.

Eu acho que essa crise veio para isso. Ela veio para a gente pensar o que fazer. Aqui no Brasil – eu vou dar um outro número, Guido, para você trabalhar na sua macroeconomia, que é o crédito consignado. O crédito consignado foi uma invenção de debate nosso, debate nosso, isso não era discutido na academia. Quando nós descobrimos que o sistema financeiro argumentava que não financiava casa e que não emprestava dinheiro para pobre porque não tinha garantia, nós resolvemos oferecer como garantia a folha de pagamento. Você tinha a experiência do Banco do Brasil, que afundava os trabalhadores, porque o Banco do Brasil não tinha limite de cobrança.

Eu lembro de muitos funcionários, sobretudo no estado do Acre, em que no final do mês, ao receber o pagamento, era zero, zero, zero, zero, zero, porque o banco descontava tudo. Então, nós resolvemos emprestar dinheiro, obrigando que a prestação fosse, no máximo, 30% do salário. Você sabe quanto de dinheiro entrou no mercado brasileiro, nesses últimos três anos, por conta desse crédito consignado, Belini? Sabe quanto, meu querido? R\$ 103 bilhões.

E o cidadão quando toma R\$ 1.500, R\$ 1.000 no banco, ele não vai comprar dólar, até porque o dólar está caindo. Ele vai comprar comida, ele vai



comprar um carro, se a prestação couber dentro do salário dele. Nós precisamos aprender que... Eu não sei se a palavra correta, Paulo, é inovação, inventividade, qualquer coisa. Mas a gente não pode fazer as coisas repetindo o que não deu certo. Essa crise é para a gente pensar: “Espera aí. Não deu certo aqui? A política de tributação entre Brasil e outros países está equivocada? O Brasil tem dificuldade em baixar determinados impostos nas nossas aduanas? É a Itália que tem dificuldade de baixar?” Nós temos que discutir e encontrar uma solução para não ficar na mesmice do século passado, encontrar alguma coisa nova.

Por exemplo, como é que a União Europeia vai cumprir o compromisso de colocar 10% de etanol na gasolina até 2020, se a gente não começar a pensar em 2010? Não dá para a gente pensar em construir uma usina, fazer planejamento de 2019 para 2020. Então, comecem agora a pensar a fazer estoque ou, outra vez, a gente não vai cumprir aquilo que foi acordado.

E nós sabemos que a mudança do clima é um tema que interessa ao mais pobre do Planeta e ao Bill Gates, ao mais rico. Porque essa é a desgraça de o mundo ser redondo: ele vai girando, vai girando, e não tem como o Bill Gates se esconder, não tem como o mais pobre se esconder. Todo mundo vai ser vítima da questão do clima. Então, como é que a gente vai discutir essa questão do clima com seriedade, se a gente vai ter em Copenhague agora uma reunião, e pelo que eu estou sabendo, os grandes líderes não vão. É muito difícil, meu querido ministro, meu companheiro italiano, é muito difícil, porque a gente poderia ter feito o acordo da Rodada de Doha, a gente poderia ter feito o acordo em novembro do ano passado. Por conta da eleição nos Estados Unidos e por conta da eleição na Índia, a gente não fez. E o querido companheiro Obama já está há quase um ano e também não tomou nenhuma atitude. Quanto mais a gente demorar para fazer o acordo, mais os países pobres vão ficar mais pobres. Eu, sinceramente, não posso ver o mundo desse jeito. Nós precisamos dar uma contribuição para ajudar a desenvolver. A matriz



energética tem que ser mudada. Não é o presidente Lula que quer vender etanol, não é. Eu quero que vocês venham produzir em algum lugar. Que produzam aqui, que produzam na África. Mas o dado concreto é que a matriz energética vai ter que mudar. É uma questão apenas de tempo, já há decisões, já há decisão da União Europeia de colocar 10% até 2020. O Japão tinha aprovado uma posição de colocar não sei quanto e depois baixou para 3%, e depois é uma coisa voluntária, não evolui. É uma coisa assim: as pessoas, na hora de assinar os protocolos, todo mundo assina tudo quanto é coisa. Mas na hora de cumprir o pão-pão-queijo-queijo, ninguém quer abrir mão dos seus hábitos e costumes.

Quem sabe, Itália e Brasil podem dar um pontapé extraordinário. Quem sabe, na assinatura do acordo estratégico entre Itália e Brasil, a gente pode fazer um sinal mais forte para acordar a Europa. Porque nós estamos tentando fazer um acordo comercial entre União Europeia e América do Sul, o Mercosul, é muito difícil, mesmo com o Brasil é muito difícil. Por quê? Porque os líderes não participam das reuniões. A gente manda os nossos representantes. Os nossos representantes vão lá sem poder de decisão e a coisa fica como se fosse um círculo vicioso, sem produzir as coisas que nós precisamos.

Eu fico feliz que a União Europeia esteja neste momento escolhendo um presidente que tenha um papel mais importante do que tem hoje. Fico muito feliz que a União Europeia tenha tomado a decisão de colocar o Ministro das Relações Exteriores da União Europeia. Eu nem sei quem vai ser, mas eu acho que é uma boa medida, porque também vai ensinando a gente como é que a gente tem que ir avançando aqui, na Unasul. Porque, até agora, o melhor modelo de integração que eu conheço é o europeu, e é ele que eu estou seguindo. Pelo amor de Deus, não dêem mancada, para que a gente não quebre a cara defendendo o modelo europeu de integração, que vai ter sempre problemas, mas é extremamente necessário.

Então, eu queria dizer a vocês que, para mim... Talvez muita gente [não]



entenda como é que um presidente da República sai de Brasília e vem para um evento empresarial toda vez que tem evento empresarial. Para mim é simples, Paulo: se eu estivesse reunido com os dirigentes sindicais, eles estariam reivindicando alguma coisa. Então, eu vim aqui tentar convencer as pessoas a investirem no Brasil, para poder atender às reivindicações que os dirigentes sindicais me farão, daqui a pouco. E, aí, nós estaremos no melhor dos mundos, trabalhando essa relação.

Então, Paulo, eu não poderia deixar de dar, mais uma vez, os parabéns à Fiesp. Você sabe que isso é problemático para nós, do governo, porque tem companheiro que acha que eu poderia fazer essas reuniões em outro estado, tentar descentralizar. Mas, em se tratando de indústria, é muito difícil. Seria quase você inventar, você tentar tirar de São Paulo, porque aqui é que está o chamado “coração industrial” do nosso país.

Então, meus parabéns, Paulo. E queria dizer aos nossos companheiros italianos, sobretudo à nossa presidente da Cofindustria, ao nosso ministro da área econômica, o Scajola, o nosso ministro, e a nossa Emma que, de coração, eu fico muito agradecido de vocês, junto com os empresários brasileiros, todo ano, fazerem um encontro como este. Eu não tenho dúvida nenhuma de que daqui a dois, três, quatro anos, quem estiver no governo deste país vai estar colhendo um crescimento extraordinário, que agora é comercial, mas tem que ser cultural. A interligação cultural entre Brasil e Itália é de uma riqueza tão grande, que nós precisamos aproveitar isso melhor. Nós precisamos sonhar um pouco maior.

O mundo não acolhe quem sonha pequeno. Eu estava vendo a história dos imperadores romanos, domingo. Eu acho que eu vi a história de uns dez imperadores, me preparando para essa reunião, só imperador. E tem imperador que destruiu a Itália, tem imperador que construiu império, tem imperador que destruiu Roma, ou seja, nós vamos ser os imperadores, sabe, da mais exitosa relação entre dois países, gente!



Os nossos antepassados, em 1875, quando vieram para cá... dizem até, Serra, que o meu Silva tem origem em Chelva, lá de Milão. Parece que foi, parece que foi uma forçada de barra, mas se eu sair daqui sem dizer para vocês que eu tenho alguma relação histórica com a Itália, vai ser muito difícil.

Então, eu queria dizer para vocês: Olhe, eu tenho mais um ano de mandato, estou indo à Itália, domingo, para participar lá, em Roma, do encontro da FAO sobre a questão da fome no mundo e a produção de alimentos. Vou ter um encontro, parece que um almoço, com o nosso primeiro-ministro, Berlusconi, e eu quero que vocês saibam o seguinte: Olhem, os empresários brasileiros já sabem. Tem gente que tem frescura para defender empresa brasileira, eu não tenho. Se alguém estiver precisando de um favor na Itália, me fale, que eu vou lá e falo. Se algum italiano estiver precisando de um favor aqui, me fale que eu falo.

Esse negócio, ah, eu não posso... O Bush veio aqui, no ano passado, não foi? Não, foi em 2005? Não... ele veio aqui e nós fomos visitar o negócio, era um negócio do etanol. Aí, de repente, era um carro da GM, ele não quis tirar fotografia perto do carro, porque disse: "Isso aqui é *merchandising*, eu não posso fazer". Eu não tive outra: não só agarrei no GM, como agarrei no Ford. Eu quero fazer *merchandising* nos dois. Porque, veja, se o Presidente da República, se o Presidente da República viaja o mundo e ele não defende os interesses da sua indústria, os interesses dos empresários brasileiros... estão aqui os empresários do etanol! A gente, antes de eu ganhar, a gente não tinha nenhuma relação de amizade. Hoje, abriu a boca, eu estou vendendo um litro de álcool. Porque eu acho que você não pode perder essa oportunidade. Agora, mesmo, o meu ministro da Indústria e Comércio está em Moçambique.

Serra, somente este ano, o Miguel Jorge já levou mais de 860 empresários brasileiros a visitar dezenas de países africanos. E, neste momento, ele está com o "sucatão" com 100 empresários brasileiros em Moçambique, depois vai para a África do Sul, porque se não for assim... Sabe,



a África tem voo para a Itália, tem voo para a Alemanha, tem voo para a França, tem voo não sei para onde, e para o Brasil não tem. Porque as empresas de avião brasileiras, Serra, só pensam na Europa e nos Estados Unidos. É que nem a classe política do começo do século, do século XX.

Nós temos que pensar no restante do mundo. Então, todo mês vai uma delegação de empresários. O Furlan fazia isso. Vai o ministro vender produto, comprar produto, ajudar a fazer parceria, ajudar a desenvolver, sabe, porque com os países ricos a gente tem uma limitação maior, porque eles estão mais qualificados, produzem produtos muito mais sofisticados, têm mais compromissos. E a minha tese é a seguinte: a gente vende o que pode entre nós, nós temos muita coisa para trocar, mas nós temos que procurar novos nichos de oportunidade.

E quando eu falo em viajar, como um camelô, eu nunca vi um camelô batendo palma na porta do Benjamim para vender roupa, corte de pano. Ele vai aonde? É na periferia vender parte de seus produtos. Então, o Brasil é um país que tem duas, na verdade, vertentes. Nós temos uma possibilidade de competir com o mundo desenvolvido em produtos de alto valor agregado e nós temos competência para vender produtos com muito mais propriedade, a preços muito mais competitivos, no mundo em desenvolvimento, sobretudo, nos países como a Índia, como a África, como a América Latina. Então, o Brasil não pode ficar estagnado, o Brasil tem que se espriar pelo mundo para vender suas coisas e eu acho que é isso.

Portanto, vocês empresários italianos saibam de uma coisa: Eu sou um homem predestinado a comprar, mas sou “bipredestinado” a vender um produtinho brasileiro, se vocês quiserem comprar, e, portanto, sobretudo, a parceria na área da inovação. Está aqui o nosso Sebrae, que fez um acordo. A questão da inovação para nós, a experiência de vocês, de todo o norte da Itália, da Emilia Romagna, é uma coisa fantástica para ajudar o Brasil, os pequenos empresários brasileiros a inovar, a melhorar a qualidade do seu



produto, a melhorar a cara da embalagem, a melhorar o jeito de entrega, porque o produto pode ser bonito, se ele não for bem vendido, ele fica feio e não é vendido.

Então, eu acho que nós temos um espaço extraordinário, e eu não tenho dúvida nenhuma: nós temos o que ensinar, mas nós temos muito o que aprender com os italianos, que têm uma experiência extraordinária e uma relação não comercial, mas uma relação de alma com o povo brasileiro.

Muito obrigado.

(\$211A)



Declaração à Imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita do presidente de Israel, Shimon Peres

Palácio Itamaraty, 11 de novembro de 2009

Excelentíssimo senhor Shimon Peres, presidente de Israel,
Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, por intermédio de quem cumprimento todos os ministros brasileiros aqui presentes,
Senhor Stas Misezhnikov, ministro do Turismo de Israel, por intermédio de quem cumprimento os demais integrantes da delegação de Israel,
Embaixadores,
Jornalistas,
Meus amigos e minhas amigas,

Eu vou ser muito breve, porque depois nós vamos responder algumas perguntas para a imprensa aqui presente.

Eu só queria dizer que a visita do presidente Shimon Peres ao Brasil é uma extraordinária oportunidade para renovarmos a nossa antiga amizade. Amizade que data do nascimento do Estado de Israel, que foi reiterada quando Oswaldo Aranha presidiu a histórica sessão das Nações Unidas, em 1947, quando se aprovou a criação do Estado de Israel.

Naquele momento, a comunidade internacional apostou na paz para o Oriente Médio, castigado por tantas aventuras coloniais. Apostou na promessa de prosperidade para seus povos. Essa também foi nossa aposta, a aposta brasileira, da diplomacia brasileira.

A paz no Oriente Médio é esperança de todos. Os interlocutores estão identificados, as dificuldades são conhecidas, e as soluções existem. Mas a paz e a reconciliação somente serão alcançadas pelo diálogo e pela



negociação. Repudiamos todos os atos de terrorismo praticados sob qualquer pretexto, por quem quer que seja.

Recordo e homenageio a coragem pessoal do embaixador Souza Dantas, em Paris, e de dona Aracy, em Hamburgo, que ajudaram a salvar as vidas de centenas de judeus na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial.

Os acordos que assinamos hoje em áreas tão variadas, como o turismo, produção cinematográfica e cooperação técnica, ajudarão a enriquecer o diálogo entre dois povos que celebram a vida.

Caro amigo presidente Shimon Peres,

Vossa excelência, como homem de larga experiência política, ganhador do Prêmio Nobel da Paz, sabe que não haverá paz sem concessões políticas.

Em 1996, ainda sob o impacto do brutal assassinato do primeiro-ministro Rabin, Vossa Excelência disse: “Se quisermos deixar para a próxima geração um mundo sem guerras, nossa geração deve passar pelas agonias da paz”.

Sabemos que são altos os custos para se alcançar uma reconciliação duradoura. Mas, certamente, israelenses e palestinos não devem temer os sacrifícios da paz. Uns como os outros podem contar com o Brasil para a construção de uma paz cujas repercussões positivas transcenderão as fronteiras do Oriente Médio, espalhando-se para toda a Humanidade.

Shalom!

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro para balanço do Mutirão Arco Verde Terra Legal

Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 12 de novembro de 2009

Se os companheiros que receberam título de terra soubessem que iam ouvir tanto discurso, eles deixavam para outro dia para receber os seus títulos.

Bem, eu... Parece muito, mas é menor que o teu, viu, Minc? Eu, sinceramente, vou tentar apenas dizer para vocês uma síntese deste ato, aqui. Aqui, nós misturamos informações importantes. Os companheiros do Inpe que vieram fazer a apresentação já deveriam estar saindo para dar uma entrevista coletiva sobre a redução do desmatamento, mas a imprensa ia ficar numa dúvida, se sai ou se fica, então, eles estão esperando aqui, porque vão ter que falar com a imprensa agora, porque foi um desmatamento... uma redução extraordinária e significativa para o Brasil, neste momento.

Mas a síntese das coisas que eu, pelo menos, ouvi e consegui interpretar aqui, é uma só, eu vou ser o mais breve possível: está provado, com o sucesso do Programa Arco Verde Terra Legal, que não é possível mais nós tentarmos resolver os problemas do Brasil aqui de Brasília dizendo que pode e que não pode acontecer as coisas em regiões tão diferenciadas e tão longínquas da capital, com tantas realidades diferentes.

Segundo, não é possível que a gente conheça apenas as palavras mudar e punir as pessoas, sem que antes a gente tivesse conversado, porque nós fazemos uma lei, quem entende de lei é advogado, a maioria das pessoas que estão na terra não conhecem a lei, e as pessoas ficam cegas diante da quantidade de artigos e incisos de uma lei, e continuam da mesma forma que antes de existir a lei, só que com uma gravidade: estão ilegais.

Não faz muito tempo – e eu comentava com a Dilma –, ainda no primeiro mandato, nós tomamos uma decisão no governo de que nós iríamos legalizar



todas as terras com menos de 500 hectares na região Norte do País. Se eu não me engano, em 2005 nós tomamos essa decisão. E eu não sei porque não andou, não andou, a verdade é essa, que não andou em 2005, não andou em 2006. Começou a andar quando nós, então, resolvemos, agora de forma mais moderna e mais sofisticada, regularizar as terras da Amazônia.

Uma decisão tomada há três anos, não teve um hectare legalizado, naquele período. E por que a gente queria legalizar? Porque a gente queria que as pessoas que tivessem muita terra e que se autointitulassem donos da terra e ficassem expulsando posseiros, a gente queria dar o título para o posseiro, para que ele fosse legalizado, em primeiro lugar, e o grande é que fosse para a Justiça, não é isso, Tereza? Mas não andou. E, agora, me parece que, embora tenham 19 mil famílias e 8 mil que se cadastraram, significa que está mais próximo agora de nós chegarmos ao 100%.

Qual é a lógica? Faz um ano que eu estou pedindo essa audiência com os prefeitos. Um ano! Se cada agenda que a gente marcar demorar um ano, eu só faço quatro agendas por ano [mandato]. E as coisas demoram por “N” razões. Mas nós estávamos convencidos, já há algum tempo, o governo inteiro, de que ou nós chamávamos os governadores de estados, chamávamos os prefeitos e estabeleceríamos com eles um pacto em que os prefeitos se sentissem prestigiados, que os vereadores se sentissem motivados, que a cidade se sentisse respeitada, ou iria continuar acontecendo o desmatamento de qualquer jeito. Porque quando a gente oferece a oportunidade de que as pessoas vão ter outros ganhos fazendo a coisa de forma mais ordenada, de forma mais justa, e que isso pode significar um ganho para o Brasil, as pessoas se convencem e fazem.

Porque, também, nenhum prefeito tem interesse que chegue um cidadão de São Paulo, ou do sul de Minas Gerais, compre, lá, 4, 5 mil hectares, contrate quatro ou cinco jagunços, mande tocar fogo e não plante nada. O que ganha um prefeito? Nada, absolutamente nada. Não se paga ITR, não se paga



nenhum imposto e não se planta nada. E, às vezes, quando coloca gado, coloca uma pessoa para tomar conta e o frigorífico é em outro lugar, não ganha nem ICMS, nem ISS, não ganha nada.

Ao passo que nós estamos tentando construir, junto com vocês, um jeito de todo mundo ganhar um pouco. Ganhar um pouco o companheiro que tem a sua propriedade de terra, ganhar um pouco o prefeito, que é punido se não cuidar direito, ele tem que ser, eu diria, beneficiado pelo fato de ele cuidar direito, de ele ser o primeiro ente federado a dizer para o cara: “Olha, aqui não vai ter projeto de desmatamento e vocês não vão aqui, de forma aleatória, fazer nada. Isso aqui tem que discutir com a prefeitura corretamente, nós temos que saber o que vai plantar, o que vai fazer, para as coisas poderem acontecer”. É muito mais fácil, mas ele tem que ter um ganho, e ele tem que ofertar um ganho.

Imaginem um prefeito de uma cidade bem longínqua, chega um cidadão lá e fala: “Olha, vai vir aqui um fazendeiro do Sul que é porreta, vai pegar 10 mil hectares e vai plantar não sei das quantas, vai gerar não sei quantos empregos”. É tudo o que o prefeito quer: emprego. Tudo o que ele quer é resolver o problema do emprego na sua cidade. E isso aconteceu junto com milhares de hectares de terra, que nunca teve o resultado que a gente queria.

O que a gente está dizendo? “Olha, companheiros, se a gente trabalhar juntos, governo federal, governo estadual e os prefeitos, e a gente estabelecer uma normatização para que a gente, não atrapalhando ninguém a desenvolver a sua cidade, mas de forma muito ordenada, a gente começar a discutir o que é possível fazer e o que pode ser feito e, por conta disso, o prefeito ter um ganho que tem que ser pago pelo governo federal...”.

O pessoal fala: “Ah, a água de Nova Iorque é maravilhosamente limpa”. Mas todas as pessoas que moram a 200 quilômetros de Nova Iorque, ou a 300, onde tem nascente d’água, recebem dinheiro para não fazer as coisas onde tem a nascente de água e onde tem o corretozinho. Ou seja, é o preço, é o



preço que os ecologistas do Tijuca, lá da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, ou da Avenida Paulista, em São Paulo, têm que pagar para que a cidade do interior, que tem terra, possam ficar sem desmatar. Porque esse é o equilíbrio, esse é o equilíbrio. Porque senão fica o outro, tomando chope de boa qualidade, falando mal da vida dos outros, das sete às 10 da noite, tomando tudo lá, chega em casa, tem energia elétrica à vontade, chuveiro à vontade, piscina esquentada a gás, e ele fala: “Não pode cortar na Amazônia”. E lá tem um outro “desgraçado”, que já pegou oito malárias, ele fala: “Pô, peraí, eu também sou filho de Deus”.

Então, o pagamento do governo federal, através dos seus ministérios, é esse equilíbrio. Ou seja, vai beneficiar todo mundo, vai. Então, se os lugares do interior ainda podem manter essa preservação ou podem até fazer uma política de reflorestamento ou de florestamento, recuperar olhos d’água, recuperar nascentes, córregos, nós temos que pagar por isso. Isso tem que estar no orçamento da União como despesa. Isso tem que ser visto como um investimento, porque se a gente for elaborar o orçamento no Congresso Nacional e isso estiver lá, a imprensa vai dizer que “é gasto, é desnecessário”. Eu acho que hoje não é mais desnecessário, gente.

Hoje, nós temos consciência de que a questão do clima é a questão mais séria que nós estamos enfrentando, porque nós não controlamos as intempéries. Eu já disse várias vezes: Freud dizia que tinha algumas coisas que a humanidade não controlaria. Uma delas eram as intempéries. Dá um terremoto, o Japão faz casa de borracha, faz casa daquilo, faz casa de papel. Aqui, no Brasil, faz piscinão, piscininha, faz tudo isso. A gente não sabe o tamanho do vento, o tamanho da chuva, a gente não sabe... Quando vem, tudo o que a gente bolou, escafedeu-se.

Então, essa questão do clima é delicada por quê? Porque o mundo é redondo. Se o mundo fosse quadrado ou retangular e a gente soubesse que o nosso território está a 14 mil quilômetros de distancia dos centros mais



poluidores, ótimo, vai ficar só lá. Mas como o mundo gira e a gente também passa lá embaixo onde está mais poluído, a responsabilidade é nossa. E o Blairo Maggi sabe perfeitamente bem a vantagem comparativa dos nossos produtos agrícolas. Quanto melhor for a imagem do Brasil, melhor valor terão os nossos produtos agrícolas. Porque do jeito que o mundo vai, daqui a pouco eles vão dizer: “Olha, não vamos comprar soja do Brasil porque lá tem desmatamento. Ou não vamos comprar ‘não sei o que’ do Brasil, porque lá tem desmatamento. Não vamos comprar gado do Brasil, a carne, porque lá está ocupando a Amazônia”. Ou seja, isso é o pior que pode acontecer neste país.

Então eu queria fazer essa reunião com vocês para dizer o seguinte, companheiros prefeitos: primeiro, o governo federal tem que assumir a responsabilidade e que vocês não são adversários, inimigos ou bandidos, que vocês não querem desmatar, mas que vocês têm obrigação de cuidar da cidade de vocês. E se nós quisermos colocar o componente preservação ambiental e manutenção da nossa floresta em pé, nós temos que criar instrumentos para que a floresta em pé seja tão ou mais rentável do que ela cortada para gerar CO². Não é isso? Esse é o desafio.

Eu, sinceramente, depois do filme mostrado aí, não precisava mais nada. O filme diz muita coisa. Agora, o que é importante, companheiro Minc, companheiro Guilherme Cassel, governadores, é que nós começamos por 43 cidades. Mas nós precisamos, agora, ir espalhando o nosso potencial para que a gente possa atingir todas as cidades até que os prefeitos do Brasil inteiro sejam parceiros e que quando a gente não for lá, o prefeito é que pega o telefone, cobrando da gente, nós chamando de incompetentes, porque ele quer preservar e que o governo federal não está lá, que o Meio Ambiente não está lá, que o Guilherme Cassel não está lá. Nós precisamos criar essas condições. Por isso, eu acho que essa síntese dessa parceria é extremamente importante, é quase uma coisa sagrada. Se não for assim, não vai dar certo. Se o governo federal ficar daqui, de Brasília, através do seu ministério, achando que o



governo de tal cidade é um bandido, porque deixou desmatar, ou se o prefeito ficar de lá, achando que o governo não vale nada, porque o governo não ajuda lá, a gente está nos piores dos mundos.

Isso aqui que nós estamos fazendo é a confirmação de uma pactuação entre os entes federados brasileiros, prefeitos. E também se o governador não estiver convencido, não acontece, não acontece. Ou seja, então é preciso que haja governo federal, com muita humildade, sem prepotência, sem arrogância, conversando com governadores; que, sem prepotência e que sem arrogância, conversem com prefeitos; e prefeitos que, com muita humildade, vão ter que conversar com o seu povo para a gente fazer as coisas certas. A síntese é isso que nós queremos aqui. Não precisaria ter tanto discurso, mas já que teve, eu quero agradecer a vocês pela paciência de nos ouvir tanto. Não sabia que esse Programa Arco Verde Terra Legal ia me custar tanto discurso em um único dia.

De qualquer forma, eu espero que a nossa gloriosa imprensa tenha registrado um pouquinho de cada coisa que foi falada e que tenha, pelo amor de Deus, a competência de fazer a síntese que eu fiz para que saia no jornal da noite.

Muito obrigado, gente, e boa sorte.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de comemoração dos 10 anos da RedeTV e inauguração do
Centro de Televisão Digital**

Osasco-SP, 13 de novembro de 2009

Meu caro amigo governador do estado de São Paulo, José Serra,
Meu caro presidente da Câmara dos Deputados, Michel Temer,
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa
Civil,

Ministros Alexandre Padilha, de Relações Institucionais; Franklin
Martins, de Comunicação Social,

Nossa querida ex-prefeita de São Paulo, Marta Suplicy,

Senador Aloizio Mercadante,

Meu caro Cesar Asfor Rocha, presidente do Superior Tribunal de
Justiça,

Deputados federais Aline Corrêa, Beto Mansur, Cândido Vaccarezza,
Celso Russomanno, Fábio Farias, João Paulo Cunha, José Aníbal, Paulinho
Pereira e Paulo Maluf,

Ex-governadores Geraldo Alckmin e Luiz Antônio Fleury,

Meu caro prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab,

Meu caro prefeito de Osasco, Emídio de Souza, em nome do qual saúdo
todos os prefeitos aqui presentes,

Meu caro amigo Amilcare Dallevo, presidente da RedeTV,

Meu caro amigo Marcelo de Carvalho, vice-presidente da RedeTV,

Jornalista Amaury Júnior, na pessoa de quem saúdo todos os
profissionais de comunicação e funcionários da RedeTV,

Amigos da imprensa,

Amigos e amigas aqui presentes,



Pela cara, o Ivo Rosset parece que estava pensando que a comida ia vir primeiro que o meu discurso. Mas, primeiro, vai ter um discurso para abrir o apetite.

Fiz questão de vir a Osasco participar da inauguração deste complexo da TV Digital por um motivo muito simples: meios de comunicação sólidos, estruturados e capazes de levar diferentes opções de jornalismo e entretenimento ao público brasileiro são fundamentais para que nosso regime democrático seja cada vez mais forte. Nesse sentido, os investimentos da RedeTV são uma ótima notícia para todos nós.

Ao apostar na tecnologia digital e se transformar na primeira emissora do Brasil a transmitir sua programação em alta definição, a emissora já havia demonstrado o seu compromisso com a comunicação e sua confiança na economia brasileira.

Agora, ao inaugurar este novo centro de produção, que possibilitará a gravação e a transmissão ao vivo de uma série de novos programas, ela está reafirmando a todos que vale a pena investir no nosso país.

Não é por menos. O Brasil está mudando a passos rápidos. Em um período de apenas seis anos, segundo a Fundação Getúlio Vargas, 25 milhões e 800 mil brasileiros ascenderam à classe média, passaram a ter uma vida mais digna, ganharam a capacidade de planejar o seu futuro e, sobretudo, começaram a integrar um sólido mercado consumidor. Isto, é claro, faz com que a indústria invista mais em publicidade, de olho nesse mercado promissor. Com mais publicidade, as empresas de comunicação têm maiores receitas e, com maiores receitas, são incentivadas a inovar em sua programação, para disputar audiência. Isso significa criar mais e melhores conteúdos, contratar jornalistas, roteiristas, artistas, técnicos, e muitos outros profissionais com talento e competência de sobra.

Este círculo virtuoso, onde todos ganham, não para por aí. O mesmo



público que hoje dispõe de mais poder de compra, tem também maior acesso ao conhecimento e, também, a uma diversidade de fontes de informação que era impensável há dez anos.

A universidade, hoje, deixou de ser exclusividade apenas dos setores mais beneficiados de nossa sociedade. A educação formal está sendo democratizada e o diploma não é mais um artigo de luxo no nosso país.

Com a revolução digital e o aumento de renda, a venda de computadores superou a de aparelhos de TV, no ano passado. E em cada três brasileiros se conectam à internet, passando a se informar e a se comunicar em um ambiente onde a liberdade é a regra, e a pluralidade de fontes de informação é o princípio básico.

Tudo isso faz com que o telespectador brasileiro seja hoje um cidadão bem informado, capaz de pensar com a sua própria cabeça, de elogiar ou criticar os conteúdos que chegam pela tela da TV. E, assim, sabe escolher o que realmente é melhor para ele e para a sua família.

Ao mesmo tempo em que todas as emissoras brasileiras de TV têm à sua disposição um mercado maior e mais lucrativo, têm também pela frente o enorme desafio de saber se comunicar com este novo Brasil que está surgindo a cada dia. Trata-se de saber produzir conteúdo com cada vez mais qualidade artística e informativa, capaz não só de refletir a realidade de nosso país, mas também de possibilitar o debate sobre os temas mais importantes do dia-a-dia da nossa população. É preciso transmitir nas telas de televisão a cultura diversificada, os anseios e os sonhos dos brasileiros e das brasileiras.

Estou certo de que a RedeTV será capaz de saber dialogar com esta nova consciência que surge em imensos setores da sociedade brasileira. E digo isso porque a emissora se mostra arrojada em seus investimentos, sintonizada com as transformações do mercado e, sobretudo, altamente competitiva.



Quero, portanto, dar os meus mais sinceros parabéns para a RedeTV, assim como para seus dirigentes, funcionários e artistas. Motivos não faltam para tanto. Em primeiro lugar, parabéns pelo aniversário de 10 anos da emissora. Mesmo estando no mercado há relativamente pouco tempo, poderia até dizer que a RedeTV ainda está em sua infância. Vocês, certamente, já mostraram que sabem como fazer televisão e disputar audiência.

Em segundo lugar, parabéns por ter escolhido a cidade de Osasco como sede para este centro. O município conta com uma economia extremamente dinâmica e, o que é mais importante, trabalhadores de grande qualidade e competência, que irão colaborar com o seu sucesso.

E em terceiro lugar, parabéns por contribuírem para o crescimento da nossa produção audiovisual, por inovarem na tecnologia digital e por levarem novas opções de programação ao público brasileiro.

É com a saudável competição entre emissoras e com a maior pluralidade que dela decorre, que o brasileiro poderá usufruir, com cada vez mais qualidade, de uma verdadeira paixão nacional: assistir a um bom programa de televisão.

Meus companheiros presidente e vice-presidente da RedeTV,

Eu não poderia deixar de comentar aqui de quando começamos a discutir a TV digital no Brasil. Parecia que era um sonho impossível de ser realizado. Não só o Brasil introduziu a TV digital, com tecnologia japonesa como, em vez de ser uma tecnologia apenas japonesa, nós criamos um modelo nipo-brasileiro. Muitas das coisas, hoje, são tecnologias brasileiras.

Mais importante: uma coisa que parecia só ser do Brasil, hoje já temos a Argentina, já temos o Chile, já temos o Peru, já temos a Venezuela e, certamente, teremos o Paraguai e teremos, quem sabe, outros países da América do Sul, porque todos irão perceber, logo, logo, que o sistema que nós implantamos no Brasil é muito melhor.

E nós não queremos apenas o sistema. Nós fizemos um acordo



imaginando trazer para o Brasil fábrica de semicondutores, para que este país possa produzir o que é de mais sagrado em tecnologia avançada, no nosso país.

Mais importante ainda, é que a RedeTV, em todas as discussões que nós fazíamos, era sempre a menorzinha, mas nunca a mais humilde; era sempre a menorzinha, mas entrava sempre com a disposição de que era possível acreditar e fazer. E foi exatamente a RedeTV que, por via satélite, entrou em primeiro lugar com a TV digital na casa do povo brasileiro.

Meus caros, se me permitem chamá-los de companheiros eu queria dizer, tanto ao Marcelo quanto ao Amilcare, que vocês estão dando uma demonstração que vale para todos nós que estamos aqui – para os bem-sucedidos, já não precisa mais; para os que estão querendo ser bem-sucedidos, ainda conta –, vocês estão dando uma demonstração de que a vida do ser humano e a passagem dele pela Terra é tão curta que ele não tem tempo de ser pessimista, ele não pode ter tempo de ser mal-humorado, ele não pode ter tempo de pensar pequeno, ele precisa pensar grande, e ele tem que acreditar nele próprio.

Se vocês fossem fazer o que vocês estão fazendo apenas ouvindo a possibilidade da viabilidade econômica antes de vocês se endividarem, vocês continuariam pequenos como eram, com muita insignificância nos meios de comunicação deste país.

Vocês acreditaram. Acreditaram e provaram que uma TV que era a menor já está disputando audiência com muitos outros, que eram maiores.

E eu vou te dizer uma coisa, de um cidadão brasileiro, não um presidente da República: eu quero que outros canais de TV sigam o mesmo caminho que vocês seguiram, porque quanto mais TV, quanto mais jornalismo, quanto mais programação cultural, quanto mais debate político, mais democracia nós vamos ter neste país e menos monopólio nós vamos ter nos meios de comunicação do nosso país.



Parabéns, que Deus lhe ajude. Que vocês possam trilhar esse caminho. Eu não vou fazer *merchandising* aqui, mas se vocês quiserem contribuir com a audiência no domingo à noite, é só ver a entrevista que o Kennedy fez comigo, vai aumentar um pouco a audiência da RedeTV.

Eu quero dizer ao Amilcare e ao Marcelo que eu e a companheira Dilma queremos pedir desculpas a vocês. Nós não vamos poder ficar para o jantar, porque nós temos que ir até o aeroporto. Nós vamos a Paris, hoje, a Dilma vai para Copenhague, eu vou para Roma. E a gente vai ter que embarcar agora, porque o aeroporto de Congonhas, depois das dez e meia da noite, é difícil a gente levantar voo, e o José Serra pode fazer uma multa, ou o Kassab, talvez, faça a multa.

De qualquer forma, gente, eu acho que é um dia glorioso para Osasco, é um dia glorioso para o Brasil, e é um dia glorioso para quem acredita que a gente tenha no Brasil um sistema de telecomunicação altamente moderno e o mais moderno do Brasil.

Eu vou sair lamentando, porque eu vi a minha imagem ali, e o problema da TV digital é que você precisa ficar cada vez mais bonito, e me parece que comigo não tem mais jeito. Como eu sou um homem que crê em Deus, eu começarei a fazer promessa daqui para a frente, para ver se melhora o meu visual na televisão, porque a verdade é que as pessoas ficam muito mais bonitas na TV digital e, por isso, a minha esperança renasceu muito forte.

Um abraço, bom jantar e até outro dia.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura do 9º Congresso Nacional de Iniciação Científica e 7º Congresso Internacional de Iniciação Científica

São Paulo-SP, 13 de novembro de 2009

Meu caro companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,
Sergio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,
Orlando Silva, ministro do Esporte,
Senhor Marco Aurélio de Mello, ministro do Supremo Tribunal Federal,
Senador Eduardo Suplicy,

Meu caro amigo Gilberto Kassab, prefeito da cidade de São Paulo,
Meu caro amigo e ex-governador Luiz Antônio Fleury, e sua esposa Ilka Fleury,

Meu caro ex-governador, ex-secretário, ex-reitor, ex-não sei o que lá,
Cláudio Lembo,

Senhora Labibi Elias Alves da Silva, magnífica reitora das Faculdades Metropolitanas Unidas, em nome de quem quero cumprimentar todos os demais reitores aqui presentes,

Meu caro Augusto Chagas, presidente da União Nacional dos Estudantes,

Senhor Hermes Figueiredo, presidente do Sindicato das entidades mantenedoras do ensino superior no Brasil,

Meu caro amigo Edevaldo Alves da Silva, presidente do complexo educacional das Faculdades Metropolitanas Unidas, em nome do qual saúdo o corpo de docentes e colaboradores aqui, das Faculdades,

Companheiros da imprensa,
Amigos,



Eu estava quase colocando um vídeo da primeira vez que eu vim aqui, assim eu não precisaria falar outra vez. Mas eu penso que é importante valorizar este 9º Congresso Nacional de Iniciação Científica. É importante porque no século XXI e nesses últimos tempos o Brasil subiu um degrau nas possibilidades de se transformar num país grande do ponto de vista territorial, que já é, mas grande do ponto de vista econômico, do ponto de vista do desenvolvimento, do ponto de vista educacional e do ponto de vista da justiça social. Para que um país atinja esse novo degrau, numa perspectiva de subir um degrau no ano seguinte, o governo tomou consciência de que não é possível subir o próximo degrau sem que a gente faça um forte investimento na educação neste país, que a gente invista fortemente em pesquisa neste país, que a gente forme novos cientistas neste país, para ter a base necessária para o Brasil dar um salto de qualidade.

Por isso, o companheiro Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia, recebeu uma incumbência minha de preparar um PAC da Ciência e Tecnologia. Esse PAC foi feito com a participação de toda a comunidade científica brasileira. Foi a primeira vez, meu caro Cláudio Lembo, que todos os participantes de uma reunião da SBPC, por unanimidade, aprovaram o Plano de Ciência e Tecnologia, R\$ 41 bilhões até 2010, e ainda criamos um conselho fiscalizador nas próprias entidades, para que a gente pudesse melhor gastar esse dinheiro, porque no Poder Público, muitas vezes, o problema é que você coloca o dinheiro e depois você tem tanto empecilho que esse dinheiro não consegue ser executado. Normalmente, você destina uma quantidade de dinheiro no orçamento para determinadas coisas e, quando termina o ano, aquele dinheiro está transferido para outro lugar ou ia para o superávit primário porque você não tinha utilizado o recurso.

Então, o dinheiro da ciência, da pesquisa e tecnologia está garantido, e o Ministério agora só tem que cumprir tudo aquilo que já foi determinado pela própria comunidade científica e aprovado por unanimidade em uma reunião



com muito mais gente do que tem aqui hoje. Gente que eu conheci, outrora, muito nervosa e muito azeda, ou seja, até a UNE seria vaiada se fosse lá. As pessoas amadureceram para compreender que as coisas começaram a acontecer, de fato.

E não parei no Ministério da Ciência e Tecnologia. Chamei a Embrapa e pedi para que a Embrapa também construísse o seu PAC para novos investimentos em ciência e tecnologia. E a Embrapa, já no ano passado, fez um PAC de 1 bilhão e meio a mais até 2010, e que está sendo executado na sua totalidade até 2010.

Se não bastasse isso, nós tomamos uma decisão, o Fleury e o Cláudio Lembo, que foram governadores, sabem perfeitamente bem que quando a gente vai discutir educação em uma reunião de secretários, em uma reunião de governo, normalmente, quem está cuidando das finanças acha que não pode gastar muito. E aí ele nivela, em igualdade de condições, todo e qualquer dinheiro do Orçamento.

Na verdade, é uma briga entre secretários, cada um achando que a sua área merece mais recursos: é a segurança que quer, de um lado; é a ciência e tecnologia do outro; é saúde do outro, e todo mundo se considera igual. Ora, se o governante não botar o pé na mesa e dizer: “Espera aí, todo mundo tem o mesmo direito, mas nós temos algumas prioridades e essas prioridades são a aposta que a gente faz no futuro.” Eu me lembro de uma decisão que nós tivemos, no governo, que eu decidi que era proibido, era proibido no governo a gente utilizar a palavra “gasto” quando estivesse falando de educação. Era preciso falar “investimento”, porque a educação é o investimento que dá o retorno muito mais rápido para as pessoas, individualmente, e para a sociedade como um todo, se a gente tiver capacidade e coragem de fazer investimento. E isso passou a ser feito.

É por isso que nós criamos outras dezenas de programas. Quando nós iniciamos a Olimpíada de Matemática, não pensem que as pessoas



acreditavam que era possível fazer Olimpíada de Matemática. Nós tínhamos 274 mil alunos, dos quais, a grande maioria das escolas privadas no Brasil, e não tinha... e quando nos propusemos, em 2004, fazer a Olimpíada de Matemática em escola pública, aparecem aqueles pessimistas de sempre dizendo: “Não, porque o aluno pobre, da escola pública, não vai se interessar por Olimpíada de Matemática”. Eu me lembro de uma vez, ministro Marco Aurélio, que até a Justiça Eleitoral não deixou a gente colocar um cartaz convocando a Olimpíada de Matemática de 2006, achando que era campanha eleitoral, quando não tinha o nome do presidente, não tinha o nome de ninguém. Era apenas convocando os alunos para se inscreverem.

O dado concreto é que a descrença foi vencida pela esperança e pela vontade do povo. Na primeira Olimpíada se inscreveram 10,5 milhões de crianças. Na segunda Olimpíada se inscreveram 14,5 [milhões] de crianças. Na terceira Olimpíada, 18,3 milhões de crianças. E este ano...? 19,2 milhões de crianças e adolescentes da escola pública se inscreveram para a Olimpíada de Matemática. É a maior do mundo.

Eu tinha vergonha porque a Argentina, na época, tinha uma Olimpíada de Matemática que tinha 1,2 milhão de alunos; os Estados Unidos tinham uma Olimpíada que tinha 9 milhões de alunos; e a gente tinha apenas 274. Portanto, hoje, hoje o Brasil é recordista... Talvez a gente perca da China, se eles tiverem uma Olimpíada, porque tem mais chinês do que brasileiro no mundo mas, de qualquer forma, é uma coisa estupenda. Só para vocês terem idéia, no primeiro ano que nós fizemos a Olimpíada de Matemática, quem ganhou o primeiro prêmio foi um menino de 16 anos, de Brasília, que andava em cadeira de rodas, tinha problema de audição e não enxergava. Esse moleque foi o primeiro aluno da Olimpíada.

Agora, mesmo, nós fomos ao Rio de Janeiro entregar medalha de ouro. Um dos meninos que ganhou a Olimpíada não consegue... ele era levado para a escola em um carrinho de pedreiro, o pai levava ele porque ele não



conseguia andar, não conseguia nada, ou seja, era tetraplégico esse menino, e esse menino conseguiu a terceira medalha de ouro que ele ganha, em uma Olimpíada em que participam 19 milhões de crianças.

Mas eu não estava contente com a da Matemática e resolvi que nós deveríamos fazer a de Português. Na de Português nós não tínhamos uma experiência, nós não tínhamos um Instituto [como o] de Matemática Aplicada como [que] nós temos no Brasil, nós não tínhamos um de Português. Então, nós fizemos uma parceria com uma fundação: Cenpec. E fizemos a primeira Olimpíada de Matemática [Português] no ano passado. Inscreveram-se 6 milhões de jovens, 6 milhões. Entregamos, entregamos 30 medalhas de ouro para os 30 melhores alunos, e foi uma coisa emocionante porque o que as pessoas no Brasil estão precisando é de uma oportunidade.

Ou seja, no fundo, no fundo, todos nós acordamos de manhã, e muito mais gente que não está aqui precisa muito mais do que nós, na expectativa “do que vai acontecer na minha vida, qual é a chance que eu tenho, qual é a oportunidade que eu tenho?” Pois bem, não sei se o Ministério da Educação vai publicar, mas vocês vão ver as redações, os poemas que foram vencedores, que são coisas extraordinárias de gente humilde do interior deste país, que se vocês vissem andando na rua, vocês falavam: “Coitadinho, não sabe nada”, não é?

Eu, agora, no ano que vem, quero fazer a primeira de Ciências. A primeira Olimpíada de Ciências, que é uma matéria que eu vejo meus filhos sempre dizerem que é difícil. Então, eu acho que nós temos que fazer uma Olimpíada de Ciências, para quê? Para provocar, para provocar a inteligência das pessoas, a vontade das pessoas, e que a gente possa depois ir criando outras Olimpíadas, em outras matérias que sejam mais complicadas, para que a gente possa despertar no Brasil o prazer de estudar.

Hoje, a Olimpíada de Matemática tem uma disputa nas escolas públicas, uma verdadeira disputa, e ainda nós não conseguimos dar os prêmios que nós



poderíamos dar. Por volta de 3 mil ganham bolsa da Capes. Ainda é pouco, eu acho que era preciso que a gente garantisse... porque no meio dessas Olimpíadas surgem pelo menos 2, 3 mil gênios deste país, que nós deveríamos criar as condições para que o Estado financiasse esses garotos até a conclusão total dos seus estudos, ou a iniciativa privada adotasse parte desses alunos, porque não é fácil hoje. Se um time de futebol contrata um moleque de 14 anos que nem sabe se vai ser bom de bola, por que a gente não pode contratar um cientista que vai prestar tanto serviço ou mais do que o jogador de futebol ao mundo e ao país. É apenas uma questão de compreensão da importância dessas coisas.

Nós começamos, agora, a discutir a questão da inovação. A gente fala muito em inovação tecnológica, em inovação e as pessoas acham as coisas muito complicadas. Quando a gente fala em inovação, as pessoas ficam: “Mas o que esse governo está discutindo de inovação?” E eu, para simplificar a questão da inovação, eu dou exemplo de uma inovação que é um sucesso no Brasil: a moto que entrega pizza. Antigamente, se a gente quisesse comer uma pizza, a gente tinha que sair de casa, ligar o motor do carro, colocar a família dentro, entrar, procurar lugar para estacionar, saber se tinha lugar na pizzaria, e a gente ficava lá, às vezes ficava esperando meia hora, uma hora. Todo mundo meio assustado, porque “pode entrar alguém aí na loja, pode ter uma briga”. Sabe como é sair à noite, não é? As pessoas ficam meio assustadas.

Aí, de repente, um cara lá, que eu não sei quem foi, inventou que tem uma motocicleta, você pede uma pizza, o cara enche uma caixinha cheia de pizzas e leva quantas você quiser, e se ele for cuidadoso, ela não chega nem amassada para a gente.

Eu estou dando um exemplo disso. Além do programa de investimento... do desenvolvimento industrial que nós fizemos, lançado no BNDES, para ver se a gente incentiva as empresas brasileiras a quererem participar do processo de ciência e tecnologia, de investimento em inovação tecnológica.



Vejam que engraçado: no Brasil nós temos apenas 6 mil empresas que procuram inovações sistematicamente. É preciso que a gente tenha 30 mil, 40 mil, 50 mil empresas procurando fazer essa inovação porque a marca, o produto, o embrulho do produto, às vezes uma coisinha a mais que passa no produto, você coloca mais valor agregado, e isso, é preciso que o empresário tenha a iniciativa.

Eu participei, agora, de um encontro com a CNI, que me convidou, quase pedindo para que eu fosse uma espécie de garoto-propaganda da inovação, porque os empresários ainda não procuram, com a força que deveriam procurar, fazer inovação na sua empresa ou no seu produto, e esse é um desafio que está colocado. E quando a gente faz um Congresso de Iniciação a gente está, na verdade, colocando uma pontinha de provocação em uma mulher ou em um homem que pode, daqui a pouco, querer fazer pós-graduação, fazer mestrado, e virar um grande cientista neste país.

Bem, tudo isso, vocês vejam que o companheiro da UNE já chegou aqui e já comprometeu 50% do pré-sal com educação. Ou seja, o pré-sal, o pré-sal, meus companheiros, pode valer para a mulher, mas vale para (incompreensível): é como um homem bonito em um baile que tem a maioria de mulheres ou uma mulher bonita em um baile que tem a maioria de homens, ou seja, todo mundo fica de olho ali.

O pré-sal, todo mundo acha que vai resolver todos os problemas. Vejam, o pré-sal, nós definimos que a criação do fundo a ser gerido por uma instituição que vai ter governo e não governo será utilizado de forma prioritária para algumas coisas: educação, ciência e tecnologia, a questão ambiental, a questão cultural e a questão da saúde. Lógico que com cada segmento da sociedade que a gente conversa, alguém quer tirar um pouquinho, ou seja, ninguém quer tirar de onde não tem, só quer tirar de onde tem.



Hoje, ninguém quer beliscar o Corinthians, querem beliscar o Palmeiras, que estava pensando que ia ser campeão e está em uma situação um pouco mais delicada. Então, todo mundo está querendo beliscar.

Então, esse petróleo, nós temos que ter o cuidado, porque tem gente que fala: “O Lula teve sorte, encontrou o pré-sal”. Sorte, não. É que nós saímos de US\$ 250 milhões de pesquisa por ano, para US\$ 950 milhões de pesquisa por ano. Porque pesquisa é uma coisa difícil. Pesquisa, a gente faz sem saber que vai encontrar o resultado. Depois de dez anos de pesquisa, a gente pode pegar tudo o que foi escrito, tudo o que foi feito e jogar fora. Mas você não descobrirá alguma coisa se você não tiver coragem de entender que isso não é gasto, é investimento.

Da mesma forma que você pode não encontrar nada, você pode encontrar. Onde nós encontramos o pré-sal era área já utilizada pela Petrobras, eram algumas áreas em que ela já tinha dado como esgotado o petróleo. Ou seja, foram novas tecnologias que permitiram que a gente pudesse chegar mais fundo para encontrar mais petróleo do que aquele que a gente tinha tirado.

Então, eu penso que a sociedade brasileira está se convencendo de que nós precisamos fazer mais investimentos. Às vezes a gente é criticado porque... Eu vejo muito, sobretudo alguns jornais aqui de São Paulo muito conhecidos de vocês falam assim: “ah, porque o governo está inchando a máquina.” Veja que engraçado: hoje nós temos o mesmo número de funcionários públicos que nós tínhamos em 1997. Aliás, temos 10 mil a mais.

Agora, eu pergunto para vocês: como é que o Edevaldo vai crescer a Faculdade dele, se ele não contratar mais professores? Se não contratar mais técnicos para trabalhar? Se não colocar mais gente na área administrativa? Ora, como é que este país vai um salto na educação, sem contratar professores? Como é que a gente vai melhorar a polícia, sem contratar mais policiais? E mudar as regras, porque no Brasil a polícia agora é o seguinte: é



aquele negócio, um mente para o outro e a mentira ganha... esse negócio de policial trabalhar 24 [horas] por 72 [horas] é a maior mentira que já se inventou neste país. Nem ele trabalha 24 [horas] consecutivas, porque ele deve dormir metade, e nem nas 22 [72] ele descansa, porque fica fazendo “bico”. O Kassab me disse: “aqui em São Paulo, agora, o ‘bico’, a Prefeitura assumiu e está contratando os policiais para fazer bico”. Não era melhor pagar para ele trabalhar oito horas, ele ia embora para casa, vinha outro e trabalhava oito horas, e ia embora para casa, vinha outro e trabalhava oito horas... Não era muito mais decente? Muito mais digno? Então, as pessoas vão... essa é uma cultura brasileira, que é o seguinte: “eu não quero dar aumento de salário, então eu vou facilitando a vida das pessoas.”

O Jarbas Passarinho, quando era ministro da Previdência, reduziu a jornada para 36 horas na Previdência, para entender que era aumento de salário. Então, “eu não posso dar aumento, você para de trabalhar, eu não posso dar aumento você para de trabalhar”, sabe? Essas loucuras que vão fazendo no Brasil e que vão tornando [tomando] cara de verdade.

Então, eu penso, companheiros e companheiras... Veja, nós tomamos a decisão de fazer escolas técnicas. Nós vamos entregar, em 2010, 214 escolas técnicas no Brasil. E o Brasil precisa de mais, muitas vezes 214. Por que 214 passam a ser muito, em oito anos? Porque em 100 anos foram feitas apenas 140. Se em oito anos foram feitas 214, significa que é possível quem vier depois de mim fazer 300, quem vier depois de quem vier depois de mim faz mais 300... e daqui a pouco a gente está com o problema do ensino profissional, do ensino médio legalizado neste país.

A Universidade...vocês vão pegar o mapa de quem construiu universidade no Brasil, e graças a Deus, graças a Deus houve empresários neste país que tiveram coragem de fazer investimento, não no ensino privado [fazer investimento no ensino privado], porque se não fosse o ensino privado, a incompetência do Estado brasileiro de investir na educação, nós teríamos



apenas uma elite, 0,05% da elite paulista estudando em universidade pública e o povo pobre terminando de estudar, ou no ensino médio ou, se pudesse pagar ainda, em uma escola particular.

Então, a verdade é que o Estado não cumpriu com as suas obrigações, porque também durante muito tempo prevaleceu a ideia, no Brasil, de que “o Estado tem que ser fraco, o Estado não pode ser nada”. Você foi governador, Lembo, e o Fleury foi governador. Se o Estado não for forte, não existe Estado. Só tem condição de o Estado existir... e não é o Estado para ser o gestor, é o Estado para ser o indutor, para ser o regulador. Na crise econômica, agora, os papas de que [que diziam que] “o mercado resolvia tudo”, ninguém abriu a boca. Você viu que quando era a Colômbia que tinha crise econômica, o Peru, o Uruguai, o Paraguai, a Argentina, o Haiti, o FMI sabia tudo. Quando a crise foi no umbigo dele, ele não sabe nada. Não deram um palpite sobre a crise, nem FMI, nem Banco Mundial, ninguém. Eu vou às reuniões do G-20, vocês não sabem quanta humildade. Mas quando a crise era só no Brasil, quantos palpites. “Nego” já descia no aeroporto dando palpite: “Porque tem que fazer isso, porque tem que fazer aquilo, não pode comprar aquilo, não pode fazer aquilo, tudo aquilo é gasto”.

Então, tem umas bobagens que se criou neste país que têm que ser desmontadas para a gente voltar a governar este país em função das nossas necessidades, das nossas possibilidades. E a educação é condição *sine qua non* para isso. Eu estou falando *sine qua non* porque o Caetano Veloso vai ouvir que eu falei *sine qua non*, ele vai dizer: “Porra, como o Lula está...”

Então, a educação é a base mais concreta e mais objetiva para a gente dar um salto de qualidade, quem sabe subir dois degraus, três degraus, quatro degraus nesses próximos anos.

Eu estou convencido de que o Brasil estará entre as cinco economias maiores do mundo nos próximos dez anos, estou convencido disso. Podem olhar e gravar, depois o Edevaldo passa um vídeo aí e me convida, daqui a dez



anos, para vir aqui. Eu desconfio que a gente vai chegar em 2016. Até lá, vamos chegar a ser a quinta economia do mundo.

Mas não tem sentido a gente crescer se esse crescimento não for partilhado com todos, e se a parte mais pobre da sociedade não receber uma partícula um pouco maior, para que ela possa chegar a um nível razoável. Tem gente que acha ruim: “Ah, o Lula fica criando o Bolsa Família, dá dinheiro para pobre.” Você veja o que aconteceu agora, você veja que os pobres do Brasil das regiões Norte e Nordeste consumiram 5% a mais do que as classes A e B, da região Sudeste. E sabe em que, Lembo? Sobretudo, em material de higiene. O que significa isso? Significa que nós quebramos uma máxima que tinha neste país, que dar aumento para o salário mínimo era inflacionário. Nós estamos há sete anos dando aumento real para o salário mínimo e a inflação está controladíssima, a 4%. Não há nenhum problema. Quem é que salvou este país da crise? Foi o povo e a parte mais pobre, que consumiu, que não ficou com medo e que gastou o que tinha que gastar.

Então, nós temos um mercado interno extraordinariamente fantástico, de um povo que não tem quase nada. Então, qualquer coisa, para ele, é um ganho incomensurável. Então, eu acho que nós estamos...

O ProUni, que estes meninos criaram, aí, eu não sei quantos alunos o ProUni tem aqui na Metropolitana. Mas a verdade concreta é a seguinte: é que eu ando o Brasil inteiro, e você encontra jovens da periferia que jamais poderiam pagar uma universidade ou que jamais poderiam ter um curso superior, essa meninada estudando de graça, dos quais 40% negros. Tem gente que fica brigando por cota, cota, cota, lei, e uns escrevem contra, outros a favor. O dado concreto é que o ProUni resolveu esse problema em parte, porque 40% dos estudantes do ProUni são meninas e meninos negros da periferia pobre deste país.

E quando duvidaram de nós, dizendo que eu estava nivelando por baixo a educação, colocando os pobres da periferia na universidade, o que



aconteceu dois anos depois? Em uma avaliação, em quinze áreas, os alunos do ProUni foram os melhores alunos, inclusive em Medicina, numa demonstração, gente, de que não existe aquele negócio de uma pessoa ser muito mais inteligente do que a outra. Na verdade, o que precisa saber é se as duas tiveram a mesma oportunidade, se as duas estiveram sentadas no mesmo banco, na frente do mesmo educador e se tiveram a chance de aprender. Esse é o desafio que está colocado, e isso é o que vai acontecer no Brasil daqui para a frente.

De vez em quando as pessoas falam assim para mim: “Lula, qual é legado que você quer deixar, quando você não for mais presidente?” É a mudança de paradigma neste país, porque tem presidente da República que passou anos e não fez uma única faculdade, tem presidente da República que passou aqui anos e não fez uma escola técnica, e tudo gente letrada, Lembo, tudo gente que, se você pegar o currículo para apresentar não cabe, de tanta sapiência. Agora, faltava um compromisso dessas pessoas: era definir que tipo de país ele quer e para quem ele quer governar, e quem vai ter prioridade. E iso a gente não aprende na escola, a gente aprende é na nossa disputa de sobrevivência no dia a dia.

Então, meu companheiro Edevaldo, você que [ficou] órfão de pai muito cedo, que ajudou a sua mãe no sustento de casa – eu vendia tapioca e você vendia molduras artesanais e trabalhou até como pipoqueiro; eu só cheguei a vender amendoim – e que apesar do trabalho pesado e das responsabilidades precoces colocadas sobre seus ombros, nunca descuidou dos estudos; você que cursou o ensino médio graças a uma bolsa de estudos e ao trabalho como auxiliar de farmácia, bacharelou-se em Direito, foi advogado militante, chegou a deputado federal - foi a pior coisa que você fez na sua vida, foi ser deputado federal - e que funda a FMU, na verdade, você é a demonstração, tanto quanto o Zé Alencar, tanto quanto eu, de que é possível. Os americanos acham que são eles o país das oportunidades. Mas, na verdade, os americanos, nós



temos mais chances do que eles porque lá, agora pela primeira vez um negro chegou à Presidência, mas nunca um torneiro mecânico chegou à Presidência lá, apesar de o sindicalismo ser muito forte.

Então, este país aqui, Edevaldo, que permite que um homem da tua origem chegue onde chegou, que permite que eu chegue onde cheguei, que permite que o Zé Alencar chegue onde chegou, e outros milhões de brasileiros que saíram do nada e venceram na vida, é que faz com que eu acredite que o povo brasileiro não precisa de favor, ele precisa apenas de respeito e de oportunidade, e é isso que nós queremos dar.

Muito obrigado.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão de abertura da Cúpula Mundial sobre Segurança Alimentar

Roma-Itália, 16 de novembro de 2009

Bem... Lugo, tudo bem?

Cumprimentar a mesa coordenadora dos trabalhos,

Cumprimentar os chefes de Estado e de Governo,

Cumprimentar as senhoras e senhores chefes de delegação,

Cumprimentar os ministros,

Meus amigos e minhas amigas,

Minha presença aqui, em mais esta importante reunião da FAO, renova meu compromisso e o do meu governo com aquela que tem sido nossa primeira prioridade: a segurança alimentar e a erradicação da fome.

Faço parte daqueles milhões de brasileiros que deixaram sua região natal para escapar do flagelo da fome. Tenho da fome, da pobreza e da exclusão social uma experiência de vida, mais do que uma percepção intelectual.

Historicamente, milhões de homens e mulheres do meu país foram empurrados para fora da sociedade por um modelo de crescimento concentrador de renda, que reproduzia a desigualdade. A economia estava organizada para atender apenas 60% dos brasileiros, deixando os restantes entregues à própria sorte.

Milhões de seres humanos eram vistos como estorvo. Qualquer esforço para socorrê-los da pobreza, da exclusão e da desigualdade era visto – e ainda o é, por alguns – como “assistencialismo” ou “populismo”. Havia que inverter essa lógica perversa.

Os milhões, que antes não encontravam lugar em nossa sociedade,



passaram a ser, pouco a pouco, nosso maior ativo. Hoje eles formam parte da nova fronteira econômica, social e política que está moldando um outro Brasil: uma nação mais próspera, soberana e cada vez mais democrática.

Delegados e delegadas,

A experiência brasileira e de outros países mostra que o enfrentamento do problema da fome exige, antes de mais nada, vontade e determinação política.

Foram iniciativas políticas que permitiram ao Brasil retirar 20 milhões e 400 mil pessoas da pobreza e reduzir em 62% a desnutrição infantil, quebrando o ciclo perverso que perpetua a miséria e a desesperança. Alcançamos esses resultados criando uma forte rede de proteção social articulada com políticas de estímulo à agricultura familiar.

Programas como o Bolsa Família, principal instrumento do Fome Zero, que atendem mais de 50 milhões de brasileiros, garantem que os alimentos cheguem, efetivamente, à mesa dos que mais precisam. Além disso, estimulam a produção agrícola, promovem o desenvolvimento local e contribuem para criar um vasto mercado de consumo popular.

Nosso mercado interno teve papel decisivo para que o Brasil fosse um dos últimos países a entrar na recente crise internacional e um dos primeiros a sair dela. A agricultura familiar é componente essencial dessa estratégia, produzindo 70% dos alimentos consumidos no País e representando 10% do Produto Interno Bruto. São 4 milhões e 300 mil famílias gerando alimentos e biocombustíveis de forma plenamente compatível e sustentável.

Esses resultados não seriam possíveis sem um novo ímpeto à reforma agrária. De 2003 a 2009, assentamos o equivalente a 60% de todas as famílias até hoje beneficiadas pela reestruturação fundiária do País. Além do acesso à terra, expandimos em 500% o crédito à pequena agricultura, ampliamos a assistência técnica e desenvolvemos a infraestrutura de armazéns públicos. Mais de 1 milhão e 300 mil famílias são beneficiadas com o seguro agrícola.



O Programa de Aquisição de Alimentos destina produtos da agricultura familiar a todos os grupos ameaçados pela insegurança alimentar. Já o Programa Nacional de Alimentação Escolar, que serve diariamente 52 milhões de refeições gratuitas aos alunos do ensino público, agora é obrigado a comprar da agricultura familiar, no mínimo, 30% de tudo o que distribui.

Sem falar no programa Luz para Todos, que já levou energia elétrica, gratuitamente, para 2 milhões e 146 mil famílias – mais de 10 milhões de pessoas –, principalmente na zona rural, tornando cada vez mais próxima a universalização do acesso à energia em nosso país.

Tais avanços produtivos e sociais foram acompanhados de valiosas conquistas ambientais. Entre outras, a redução drástica do desmatamento, a ampliação das áreas florestais protegidas e o completo zoneamento agroecológico do País.

Mas o Estado brasileiro não está sozinho nesse esforço. Conta com o engajamento indispensável dos movimentos populares e de diversos setores da sociedade civil, por meio do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, diretamente vinculado à Presidência da República. Com isso, logramos alcançar o 1º Objetivo de Desenvolvimento do Milênio bem antes do prazo estabelecido. Agora trabalhamos para a total erradicação da fome no Brasil.

Senhoras e senhores,

Frente à ameaça de um colapso financeiro internacional, causado pela especulação irresponsável e pela omissão dos Estados na regulação e na fiscalização do sistema, os líderes mundiais não hesitaram em gastar centenas e centenas de bilhões de dólares para salvar os bancos falidos. Com menos da metade desses recursos, seria possível erradicar a fome em todo o mundo.

O combate à fome, contudo, continua praticamente à margem da ação coletiva dos governos. É como se a fome fosse invisível. Muitos parecem ter perdido a capacidade de se indignar com um sofrimento tão longe de sua



realidade e experiência de vida. Mas os que ignoram ou negam esse direito acabam por perder sua própria humanidade.

Quando lançamos o Fórum Mundial de Combate à Pobreza, em Genebra, em 2004, propugnamos uma verdadeira parceria global para mobilizar vontade política e apoio financeiro.

Na última reunião do G-8 mais o G-5, em L'Áquila, demos um passo importante. Na Declaração sobre Segurança Alimentar, nos comprometemos a destinar US\$ 20 bilhões a essa causa. Mas ainda é insuficiente para enfrentar a tragédia cotidiana da fome no Planeta.

Necessitamos, sim, de medidas que funcionem em situações emergenciais. O mais importante, no entanto, são as soluções de longo prazo, capazes de prevenir as calamidades.

É fundamental que os países desenvolvidos cumpram os compromissos assumidos e aumentem os níveis da Assistência ao Desenvolvimento. O sistema multilateral de comércio precisa livrar-se dos vergonhosos subsídios agrícolas dos países ricos. Eles sabotam a incipiente agricultura dos países mais pobres, cancelam suas esperanças de fazer dela uma ponte para o desenvolvimento.

Não teremos êxito no combate à fome se não mudarmos radicalmente os padrões de cooperação internacional. É preciso virar a página dos modelos impostos de fora. Não faz sentido que o FMI e o Banco Mundial imponham ajustes estruturais que inviabilizem as políticas públicas de estímulo à agricultura dos países mais pobres. Não podemos desperdiçar as experiências acumuladas nos próprios países beneficiários.

Esse é o caminho trilhado pelo Brasil para cooperar com as nações mais pobres na luta contra a insegurança alimentar. Transferimos, sem condicionalidades, a tecnologia de ponta que revolucionou nossa agricultura e compartilhamos nossas exitosas políticas públicas de inclusão social.

Tenho, nesse sentido, recebido dezenas de líderes africanos no Brasil, e



visitei 21 países na África, alguns deles mais de uma vez. Ontem, realizamos um encontro África-Brasil para discutir a participação da Embrapa no desenvolvimento da agricultura na savana africana.

O papel das Nações Unidas e, particularmente, da FAO é decisivo para construir um mundo sem fome. A FAO tem legitimidade para conduzir esse debate, garantindo a participação ampla de governos e da sociedade civil.

Por esse motivo, o Brasil tem devotado o melhor de seus esforços para a reforma do Comitê de Segurança Alimentar. Ele deve tornar-se um foro representativo de todos os atores relevantes na construção de uma parceria global para a agricultura e a segurança alimentar.

Atitudes isoladas e voluntaristas serão sempre paliativas. Na falta de ação coletiva e coordenada, a pobreza extrema e a exclusão social continuarão a gerar focos de instabilidade e conflito. Um mundo de desempregados, miseráveis e famintos jamais terá paz e segurança duradouras. Sem horizontes, sem esperanças, sem futuro para mais de 1 bilhão de seres humanos, como esperar um convívio harmonioso e cooperativo entre os povos? Sobretudo porque não há carência de alimentos. Ninguém ignora que já produzimos o suficiente para alimentar, com sobras, toda a Humanidade.

Mais que um lamento, esta é uma convocação. Já afirmei, e faço questão de reiterar, que a fome é a mais terrível arma de destruição em massa existente no nosso Planeta. Na verdade, ela não mata soldados, ela não mata exércitos. Ela mata, sobretudo, crianças inocentes que morrem antes de completar um ano de idade. Vencê-la está, realisticamente, ao alcance de nossas mãos. Só assim abriremos caminho para um mundo justo, livre e democrático com que todos nós sonhamos.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita da presidente da Argentina, Cristina Kirchner

Palácio Itamaraty, 18 de novembro de 2009

Excelentíssima senhora Cristina Fernández de Kirchner, presidenta da Argentina,

Senador José Sarney, presidente do Senado,

Deputado Michel Temer, presidente da Câmara dos Deputados,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, por intermédio de quem cumprimento os demais ministros brasileiros aqui presentes,

Meu companheiro Jorge Taiana, ministro das Relações Exteriores, Comércio Internacional e Culto da Argentina, por intermédio de quem cumprimento os demais ministros argentinos,

Companheiros parlamentares, senadores, deputados,

Senhoras e senhores embaixadores,

Demais membros integrantes da delegação argentina,

Empresários,

Amigos da imprensa brasileira e da imprensa argentina,

Sua visita, Cristina, é sempre um evento especial, ocasião para reafirmar a aliança estratégica entre Argentina e Brasil.

Neste quarto encontro presidencial de nosso Mecanismo de Integração e Coordenação, temos a oportunidade de dar mais um passo para realizar todo o nosso potencial.

A despeito de dificuldades, que alguns tentam exagerar, estamos maduros para enfrentar, de forma solidária e coordenada, os desafios que devem nos unir, jamais nos separar.



Juntos defenderemos melhor nossos interesses nacionais e faremos prevalecer uma nova visão de integração regional. Ajudaremos a moldar um mundo mais limpo e seguro para as próximas gerações.

Cara amiga Presidenta,

Esta reunião é especialmente oportuna no momento em que ainda não se dissipou uma crise mundial que questiona velhos paradigmas e requer respostas inovadoras.

Temos atuado juntos na esfera global. Mas temos também de buscar respostas bilaterais para enfrentar a crise.

Ao Brasil interessa uma Argentina forte, competitiva e próspera. Esse objetivo coincide com nosso interesse nacional. Ele é inseparável de nossa inserção no mundo do século XXI.

Essa relação em que os dois países ganham se traduz nos números de nosso comércio, dos investimentos e da cooperação bilateral. Nunca nossos países foram tão integrados. Nunca nossos destinos foram tão inseparáveis.

O Brasil é o principal mercado para os produtos industrializados argentinos. Eles representam quase 70% das exportações da Argentina para o nosso país. Em 2009, de cada dez automóveis exportados pela Argentina, nove vieram para o Brasil.

O BNDES é parceiro entusiasta de nossa integração. Desde 2005, foi desembolsado US\$ 1,2 bilhão para projetos de ampliação e modernização da infraestrutura da Argentina e do seu parque produtivo. Outro US\$ 1,5 bilhão está destinado a setores prioritários como gasodutos, saneamento e abastecimento de água. Novas operações em exame de US\$ 4,5 bilhões não deixam dúvidas de que continuamos a apostar no extraordinário potencial da Argentina e de nossa parceria.

Juntos garantimos a adoção de um padrão de TV Digital comum na América do Sul, que abre importante espaço para a integração da infraestrutura de comunicações regional. A decisão comum nessa matéria, de Argentina,



Brasil, Chile, Peru e Venezuela, consolida nossa região na vanguarda do acesso democrático à informação.

Empresas dos dois países são hoje grandes investidoras no outro lado da fronteira, onde geram renda e empregos. Em 2008, nosso intercâmbio alcançou quase US\$ 31 bilhões, um recorde. A importação de bens e equipamentos brasileiros ajudou a aumentar a competitividade das exportações argentinas para o resto do mundo.

Temos o desafio de retomar e superar os níveis anteriores, demonstrando que faremos do comércio uma alavanca para a retomada do crescimento.

O caminho a seguir é o incremento das exportações argentinas, não a diminuição das exportações brasileiras. Por isso, apoiamos esforços de longo prazo para aumentar a competitividade do parque produtivo na Argentina. Nossa resposta à crise deve ser mais comércio e mais investimentos; mais negócios e integração produtiva. O protecionismo não é solução, apenas cria distorções difíceis de reverter.

Querida companheira Cristina,

Temos motivos para confiar no progresso de nossa parceria. Hoje, monitoramos o andamento dos 20 projetos em carteira: da cooperação nuclear e o sistema de pagamentos em moeda local até a interconexão energética.

Fizemos notáveis avanços em setores como a livre circulação de pessoas, o financiamento de projetos de integração produtiva e a complementação na indústria naval. Mas precisamos ir mais rápido. O projeto do satélite conjunto, por exemplo, está maduro. Exige de nós definições políticas e compromissos financeiros.

A Declaração Conjunta que acabamos de assinar aponta o caminho a seguir se quisermos consolidar, definitivamente, essa verdadeira comunidade de interesses. Nada disso será possível sem um Mercosul revigorado e uma Unasul consolidada. Esses mecanismos são a pedra de toque de uma



integração sul-americana estável, justa e soberana.

Seria importante dar um grande e coordenado impulso às questões pendentes do Mercosul nas sucessivas presidências *pro tempore* que Argentina e Brasil terão no ano de 2010.

No G-20 Financeiro, defenderemos uma arquitetura financeira internacional com maior regulação, supervisão e participação dos países em desenvolvimento.

A ação conjunta de Argentina e Brasil permitiu incluir a OIT entre os convidados às Cúpulas de Londres e Pittsburgh, dando mais peso nas discussões do grupo para as questões do mundo do trabalho, que devem estar no centro de nossas preocupações. Na OMC, não abdicaremos de um acordo que favoreça a agricultura nas regiões mais pobres; na Conferência sobre Mudança do Clima, cobraremos das nações industrializadas metas ambiciosas e apoio financeiro e tecnológico para os países que são as maiores vítimas do aquecimento global. Em todos esses tabuleiros, estamos comprometidos com soluções eficazes, legítimas e democráticas para os problemas mundiais.

Dentro desse espírito, exigimos a pronta restituição do presidente Manuel Zelaya. Caso contrário, as eleições de 29 de novembro estarão comprometidas e estará lançado um precedente extremamente perigoso. Este é o consenso de toda a América Latina e Caribe.

Companheira Cristina,

Temos um destino comum que vamos construindo por vontade de nossas sociedades e com a serena determinação de quem sabe que nossa parceria é em defesa das liberdades, na construção da prosperidade e na criação de um mundo mais justo.

É com essa convicção que eu queria dizer aos empresários brasileiros aqui presentes e aos empresários argentinos uma coisa que eu disse quando estive em Buenos Aires, com a Cristina, no debate empresarial: cada dia mais, argentinos e brasileiros precisam se enxergar e se entender como parceiros.



Os dois países são muito interdependentes, os dois países precisam um do outro. Ao Brasil interessa que a Argentina cresça, se fortaleça, se industrialize e à Argentina deve interessar que o Brasil cresça e se fortaleça, porque cada vez mais tende a crescer o comércio entre nós.

Lógico que temos que levar em conta o tamanho da população brasileira, temos que levar em conta a diferença entre os dois países existente hoje. Mas é importante também que vocês saibam que na próxima reunião que nós vamos fazer na Argentina, daqui a mais ou menos 90 dias, um tema prioritário será o tema dos investimentos e financiamentos do Brasil na Argentina. Porque se a gente ficar apenas olhando a diferença no déficit comercial de um ou de outro e, por conta disso, diminuirmos a nossa relação comercial, todos perderemos.

Então, o que nós precisamos fazer... e os empresários brasileiros precisam compreender isso, os empresários argentinos precisam compreender isso, e o governo brasileiro e o governo argentino precisam compreender isso: quanto mais investimentos brasileiros fizermos na Argentina, quanto mais financiamentos fizermos na Argentina, mais equilibrada será a nossa balança comercial, porque serão empresas produzindo na Argentina para exportar para o Brasil parte dos produtos fabricados na Argentina.

Por isso, nós tomamos uma decisão, Cristina e eu, que não está no documento assinado por nós – vai ser assinado depois –, uma decisão de que os nossos ministros de Indústria e Comércio, mais a ministra Débora, da Argentina, Miguel Jorge, Celso Amorim e Taiana, e mais os dois ministros da Economia, a cada 45 dias, vão ter que encontrar um jeito... A cada 45 dias jantam em Buenos Aires uma vez, outra vez jantam no Brasil, para que a gente não permita que qualquer problema individual ou de um segmento empresarial na relação comercial crie impedimento das boas relações entre os dois países.

É com essa afirmação e esse chamamento aos empresários brasileiros, que eu gostaria de propor a todos vocês um brinde em homenagem à nossa



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

querida companheira Cristina Fernández de Kirchner, e em celebração à amizade fraterna entre o povo brasileiro e o povo argentino.

Muito obrigado.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura do termo de compromisso para expansão e modernização da refinaria potiguar Clara Camarão e início das obras para produção de gasolina na unidade de Guamaré (PAC)

Guamaré-RN, 19 de novembro de 2009

Companheiros e companheiras de Guamaré,
Companheiras e companheiros do Rio Grande do Norte,
Companheiras e companheiros da Petrobras,
Minha querida companheira governadora do estado do Rio Grande do Norte, Wilma de Faria,

Companheiros ministros Geddel Vieira Lima, ministro da Integração Nacional. Eu queria pedir para os companheiros do Rio Grande do Norte que, quando tiverem tempo, por favor, façam um turismo nas obras do canal do São Francisco, que vocês vão ficar tão impactados como eu fiquei. E, logo, parte dessa água chegará ao estado do Rio Grande do Norte.

Companheiro Edison Lobão, ministro de Minas e Energia,
Meu caro Iberê Ferreira de Souza, vice-governador do estado do Rio Grande do Norte,

Deputados federais, companheira Fátima Bezerra, companheiro Henrique Eduardo Alves e companheira Sandra Rosado,

Meu companheiro presidente da Petrobras, José Sergio Gabrielli,
Meu caro companheiro Auricélio dos Santos Teixeira, prefeito de Guamaré, por meio de quem cumprimento os prefeitos presentes,

Companheiro Paulo Roberto Costa, diretor da área de abastecimento da Petrobras,

Nosso companheiro Guilherme Estrella, da área de exploração e produção,



E cumprimentar o companheiro Ney Argolo, gerente-geral da Refinaria Potiguar Clara Camarão,

Cumprimentar os companheiros da imprensa, e dizer para vocês da alegria de estar aqui em Guamaré.

A mim, pouco importa aquilo que alguns adversários dizem do que nós estamos fazendo. Adversário é exatamente para isso. Se não fosse assim não seria adversário. O problema é que os nossos adversários estão com um problema, e um problemaço, porque eles vão ter que encontrar um assunto para discutir conosco. Porque eu, sem ter os números aqui na minha frente, e o que eu vou dizer vale para o Rio Grande do Norte, vale para São Paulo, vale para o Rio, vale para Pernambuco, vale para Roraima, vale para o Amapá, vale para o Rio Grande do Sul, vale para qualquer estado. Eu duvido que todos eles juntos, nos últimos 20 anos, fizeram os investimentos que nós fizemos nos estados brasileiros. Falo sem medo de errar. Porque a hipocrisia chega a tal ponto que as pessoas acham que nós descobrimos o pré-sal por sorte. O homem chegou à Lua por sorte, o homem inventou o avião por sorte, a febre amarela foi controlada por sorte, a vacina contra o tifo foi sorte. Na verdade, o que essas pessoas não percebem é que sorte todo mundo quer ter, sobretudo, o goleiro do Flamengo, domingo, quando jogar com o Corinthians. Precisa ter muita sorte, porque a impressão que eu tenho é que o Ronaldão vai bombar no Maracanã. Então, o goleiro tem que ter sorte mesmo.

Agora, a verdade é que as pessoas precisam aprender a aliar a sorte a um pouco de competência e a um pouco de decisão política de fazer pesquisa na hora certa. Ora, se nós não tivéssemos investido em pesquisa, certamente, nós não teríamos descoberto o pré-sal. [Assim] como se nós não tivéssemos investido em pesquisa, nós não teríamos feito o biodiesel. E não diga que foi sorte do Lula. Foi incompetência deles, porque desde 1975, portanto, eu ainda estava assumindo a minha primeira presidência no Sindicato dos Metalúrgicos



de São Bernardo do Campo, que o pesquisador e professor Expedito Parente, da Universidade Federal do Ceará, patenteou o biodiesel. Eu só fui chegar ao governo em 2003. Portanto, de [19]75 até 2003, eles poderiam ter transformado o biodiesel em combustível. Não fizeram, fomos nós que fizemos. Eles não fizeram.

Ora, da mesma forma que eles sabiam que o País tinha um problema sério na Educação, que faltava universidade neste país, que faltavam escolas técnicas profissionais. Todos eles tinham diploma de pós-graduação. Eu, mal e porcamente, tenho um curso de torneiro mecânico, mas tenho um diploma de conhecimento do Brasil que eles não têm e da realidade do povo brasileiro. Então, veja, (falha no áudio) que esse estado está recebendo nove novas escolas técnicas. Não é à toa que esse estado recebeu (falha no áudio) Federal Rural do Semiárido, a Ufersa, com três novos campi. Eles poderiam ter feito isso, eles governam o Brasil desde que a República foi proclamada. Mas eles são daqueles que, quando tem comida no prato deles, eles não lembram daqueles que têm fome, não lembram daqueles que não têm o prato cheio.

Então, eu... Nem sei por que comecei falando isso, talvez porque o Lobão tocou no assunto, e a Wilma, mas eu vinha dizendo para o Lobão no avião que eu estava em Roma, nesses dias, e ganhei um livro – eu não leio em italiano, obviamente, mas essa frase eu entendi. No livro dizia o seguinte: “Preocupe-se menos com as críticas dos seus adversários e mais com o silêncio dos seus companheiros”.

Nós temos clareza do que essa obra significa para o estado do Rio Grande do Norte. Eu passei um papelzinho para o José Sergio Gabrielli, para ele lembrar de forma carinhosa, sem cobrar... Sabe, Wilma, aquele negócio das reuniões que a gente faz com o prefeito, que a gente atende o prefeito, atende o prefeito, e quando ele pega o microfone, que a gente pensa que ele vai agradecer, ele apresenta uma nova pauta de reivindicação. Isso é que nem petroleiro, é que nem petroleiro, é que nem sindicalista. Você atende 99% das



coisas, o desgramado pega o microfone para falar, você pensa que ele vai reconhecer uma coisa que você fez, ele vai cobrar aquele 1% que falta. Então, nós já estamos habituados a isso.

Eu falei para o José Sergio: nós temos um problema aqui, no Rio Grande do Norte, que é sério se a gente não resolver. É que nós precisamos perfurar novos poços e estamos encontrando um pouco de problema de equacionar a questão ambiental que precisamos resolver, obviamente, sem agredir o meio ambiente, nós precisamos.

Agora, se a gente não fizer novos poços, as sondas terão que ir embora e isso será um prejuízo para o estado. Eu não quero, a Wilma não quer, vocês não querem e ninguém quer. Em Mossoró tem poço perfurado há 30 anos, e ele vai secando. É preciso abrir novos poços. E aí nós precisamos sentar juntos, não pode ser uma coisa que a governadora quer, a Secretaria de Meio Ambiente não quer, ou a Secretaria quer, a governadora não quer. Não. É tudo um governo só, é só pensar nos interesses prioritários do estado e a gente fazer, sem criar nenhum problema, aquilo que é necessário fazer. Porque a verdade é que nós precisamos preservar o meio ambiente, sim. É uma condição *sine qua non*... Vocês gostaram do *sine qua non*? Eu, de vez em quando escapam umas palavras difíceis assim, eu... Mas, veja uma coisa, nós precisamos ter clareza de que fazer investimento aqui é extremamente importante para o estado e a gente precisa fazer ela [fazê-lo] preservando o meio ambiente. Mas vocês estão vendo o que está acontecendo para Copenhague. Em setembro de 2003, eu fui fazer um discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas e eu assumi o compromisso de que nós iríamos, até 2020, reduzir o desmatamento em 80%. Não pensem que é pouca coisa, não. E aí eu vejo nos jornais que o Presidente dos Estados Unidos, que é o país que mais polui o mundo porque é mais industrializado, ele está assumindo o compromisso de fazer uma diminuição da emissão de gás de efeito estufa menor do que a que nós estamos propondo só para a Amazônia. E são eles



que poluem, e poluem há mais tempo. Nós fizemos uma proposta agora, Wilma, de uma redução de 36,1% a 38,9% até 2020. É, na verdade, a maior e melhor proposta apresentada por um país emergente, e a gente não tinha obrigação de apresentar. A gente não tinha obrigação de apresentar porque nós não fazemos parte dos países desenvolvidos que fazem parte do anexo 1.

Nós apresentamos porque nós conquistamos o direito de andar de cabeça erguida neste mundo. E nós queremos mostrar: se é para valer a questão do Planeta, se é para valer a questão do aquecimento global, o Brasil vai fazer a sua parte. Mas nós não queremos fazer a nossa parte para impedir o nosso crescimento e eles continuarem crescendo, produzindo carro cada vez maior, parece mais uma banheira do que um carro. Eles poderiam utilizar carro a álcool. A gente vende o carro e vende o álcool junto para eles, o que é muito melhor e não emite gás de efeito estufa. Eles poderiam fazer parceira conosco, utilizar biodiesel e não usar óleo diesel. Por que eles ficam tentando encontrar aquilo que eles sabem que não vão encontrar logo, que é fazer um carro a hidrogênio? Então, enquanto não faz um carro a hidrogênio, diminui o consumo de petróleo dele, compra o nosso biodiesel, o nosso etanol, já com 25 [%]... Ou pode comprar nossa gasolina já misturada com 25 [%] de etanol, e vai ficar melhor para a agricultura de cada país. E nós vamos pensar. E nós vamos mudar nossa matriz siderúrgica aqui no Brasil, e vamos tentar mudar do carvão mineral para o carvão vegetal. Porque a gente sequestra carbono quando a árvore está crescendo, e a gente emite menos quando a gente está queimando carvão.

Então, o Brasil vai para Copenhague mostrando o que a gente vai fazer. Não falamos da Petrobras porque vocês ainda não têm pesquisa para saber quanto que a gente vai diminuir com o pré-sal, porque o pré-sal tem, lá embaixo, um gás com muito enxofre, se não falha a memória, que nós vamos precisar discutir o que fazer com ele. O ideal é reinjetá-lo. Mas isso a gente não colocou na contabilidade ainda não, porque é uma coisa nova, a gente não vai



colocar. Por que eu estou dizendo esse negócio do clima? Porque é verdade que hoje a questão do clima é uma preocupação mundial. Se houver um aquecimento de 2 graus nos próximos 30 anos, pode subir a água do mar, muito. E muitas ilhas e muitas cidades à beira do mar podem sofrer problemas sérios. Ora, se cientificamente nós já sabemos disso hoje, por que sermos irresponsáveis e esperar acontecer para a gente começar a cuidar? Nós temos que cuidar enquanto é tempo. E o Brasil, então, vai para Copenhague preparado para mostrar que nesse assunto nós não temos medo de debater nem com americano, nem com chinês, nem com francês, nem com alemão, nem com ninguém. Nós estamos cientificamente preparados para fazer esse debate, com números que podem ser mensurados.

Agora, o que nós não queremos é que venham fazer fiscalização aqui. Esse negócio de achar que pode vir fiscalizar o Brasil... Nós queremos para eles a soberania deles. Mas, por favor, este país não é tão rico quanto eles, mas temos tanta ou mais vergonha do que muitos países têm quando se trata de controlar o meio ambiente.

Dito isso, eu queria dizer para os companheiros que nós estamos chegando ao final de um mandato. Passa rápido para mim, para “desgraça”, mas demora para a oposição, e eu compreendo. Eu compreendo que oito anos, para quem está no governo, é pouco, mas para quem está na oposição é uma eternidade. E, por isso, é importante que haja uma espécie de alternância de poder, de rotação, para a gente exercitar a democracia em toda a sua plenitude.

Tem gente... Não, deixe eu falar uma coisa para vocês: com a democracia a gente não pode brincar. Porque tem gente que fala: “fica mais um, depois fica mais outro...” Aí, começa a nascer um ditadorzinho. Na política, a gente não pode se achar nem insubstituível nem imprescindível, ou seja, é sempre importante a gente acreditar que vem alguém melhor, para fazer mais, para fazer muito mais.



Ora, então eu fico já começando a pensar como é que a gente vai mostrar o que a gente fez. Eu vou dizer algumas coisas que vocês não sabem e que vão saber – se entrassem no site da Presidência já saberiam, mas não entraram, então, não sabem. Então, eu vou dizer – nós temos site, temos até Blog, agora, do Planalto, estamos chiquérrimos aqui neste negócio. Vocês não...

Mas [you] contar uma coisa para vocês. Esses dias, eu fui a Londres fazer um debate. Eu estou tão chique que eles me deram lá o título de Estadista do Ano, imaginem. Imaginem, sair de Garanhuns para não morrer de fome e ir para City. City é o lugar mais chique da economia mundial, é onde está, assim, o que vocês podem pensar de melhor. E os caras me deram o título de Estadista do Ano. Eles, que tinham medo de mim pouco tempo atrás. Mas eu estou dizendo isso porque estava lá o Guido Mantega, fez uma extraordinária palestra; estava o Meirelles, fez uma extraordinária palestra; e todo mundo falou da macroeconomia, da grande economia, dos 300 e não sei quanto bilhões de dólares do PAC, dos US\$ 174 bilhões da Petrobras, do trem de alta velocidade, era só... Eu, Wilma, nunca vi tantos bilhões na minha vida. E eu, então... Aquele bando de gente sabida, falando números e números. Eu falei: o que vai falar aqui um matuto de Garanhuns?

Aí eu resolvi falar da nossa microeconomia porque, no fundo, no fundo, a microeconomia é uma coisa fantástica. Quando eu cheguei no governo, tinha companheiros na... - o José Sérgio, como é economista, sabe disso - tinha gente famosíssima na economia e nos vários governos que achava que se a gente aumentasse o salário-mínimo a gente traria a inflação de volta. Nós estamos aumentando o salário-mínimo há sete anos consecutivos e a inflação está com o rabo entre as pernas, controlada. E foi esse aumento do salário-mínimo para as pessoas que ganham o mínimo, mais programas como o Bolsa Família, mais investimento no Mais Alimentos, mais investimento no Pronaf, mais as coisas que nós estamos fazendo, gerando empregos, é que



permitiram que no mês passado o povo das classes D e E do Norte e do Nordeste – D e E são os mais pobres –, que permitiram que no mês de outubro o povo brasileiro mais pobre, das classes D e E do Norte e do Nordeste, consumisse mais do que as classes A e B da região Sul deste país.

Porque tem uma lógica na economia que não precisa ser doutor para saber. Se eu tiver R\$ 1 mil e eu der R\$ 1 mil para o José Sergio Gabrielli, só ele vai tomar uma cerveja, só ele vai levar a mulher dele para jantar. Agora, se eu pegar aqueles R\$ 1 mil e, em vez de dar para ele, eu pegar cem pessoas e der R\$ 10,00 para cada uma, todo mundo vai levar um pão para casa, um quilo de feijão e um litro de leite para comer todo dia. E é exatamente isso que está acontecendo na economia brasileira.

Eu estava com um calor (incompreensível) ali, agora aqui começou a fazer um vento, que eu não sei onde está esse vento. Essas coisas chiques da Petrobras aqui que... Eu estava suando ali, daqui a pouco eu estou aqui, parece que vai fazer uma torre de conduzir energia eólica, aqui, de tanto vento.

Bem, então, essas coisas que estão acontecendo na economia, que muita gente ainda não entendeu. As pessoas não têm dimensão. Quem ganha R\$ 6 mil, R\$ 10 mil ou mais não tem dimensão do que significam R\$ 100,00 na mão de um pobre, não tem dimensão. Porque, vamos dizer, quem ganha R\$ 10 mil, se um belo dia se junta com dois, três companheiros, vai para um boteco, enche o “caco” de cerveja, aí pega e dá R\$ 100,00 de gorjeta para o garçom: “toma aí”. O garçom está pensando até que vocês assaltaram um banco, sabe? Mas dá R\$ 100,00 de gorjeta. Isso, vocês deram de gorjeta para tomar uma cerveja. Agora, imaginem uma mãe de família com dois, três, quatro filhos em casa, vendo a lombriga maior comer a menor, de fome, ela pega R\$ 100,00 e entra em um supermercado, ela vai levar sustância para aquela molecada passar umas duas semanas.

Então, é um milagre. Esse milagre é que está acontecendo no País. E aí, eu vou entrar... O que eu disse para os empresários ingleses? Eu falei para



os empresários ingleses do programa Luz para Todos. Porque quando a gente faz um programa desses, aqui neste estado, Wilma, o Luz para Todos atende 252 mil pessoas, já. Então, eu acho que 52 mil famílias já beneficiadas. Quando a gente fala programa Luz para Todos, tem gente que nunca teve problema de falta de energia na sua casa, a não ser quando apaga, assim, que fala que... para a novela, fica xingando todo mundo, não é? Porque não sabe onde é que vai o artista, não sei das quantas, mas nunca viveu à base do candeeiro. Então, a pessoa que nunca viveu à base do candeeiro, a pessoa não tem noção do significado e, muitas vezes, me faz crítica: “Ah, mas o Lula fica gastando dinheiro só com os miseráveis, não sei das quantas. E nós aqui?”.

Bem, então vou dar uma resposta para vocês. O programa Luz para Todos, nós atingimos agora, em outubro, 2 milhões e mais ou menos 100 mil famílias, é isso, Lobão? Lobão? Lobão? Dois milhões e 100 mil famílias. Isso representa mais ou menos 11 milhões de pessoas, partindo do pressuposto que cada família mora em uma casa e cada casa tem quatro ou cinco pessoas. Certamente, em um lugar mais pobre, por falta de jogo do Corinthians e por falta de novela, tem sempre um “bruguelinho” a mais ali naquela casa.

Bem, então... vocês sabem o que nós já utilizamos para o programa Luz para Todos? Pensem, 1 milhão de quilômetros de fio, 1 milhão de quilômetros de fio, na semana passada eram 906 mil quilômetros. Já chegou a 1 milhão, Gabrielli. Vocês sabem quantas voltas a gente dá no planeta Terra com 1 milhão de quilômetros de fio, vocês sabem? Eu também não sei. Alguém vai ter que pedir para um foguete nosso ir lá e... Nada, nós medimos, é quase 25 voltas no planeta Terra a quantidade de fio que nós utilizamos no programa Luz para Todos, produzido por trabalhadores brasileiros e por empresas brasileiras. Sete milhões, não, 4 milhões. Bem, então, vocês sabem o que nós já utilizamos no programa Luz para Todos? Pensem: um milhão de quilômetros de fios. Um milhão de quilômetros de fios, na semana passada eram 906 mil quilômetros, já



chegou a um milhão, Gabrielli. Vocês sabem quantas voltas a gente dá no planeta Terra com um milhão de quilômetros de fios? Vocês sabem? Eu também não sei. Alguém vai ter que pedir para um foguete nosso ir lá e... Nada, nós medimos, são quase 25 voltas no planeta Terra, a quantidade de fios que nós utilizamos no programa Luz para Todos, produzidos por trabalhadores brasileiros e por empresas brasileiras. Sete milhões, não, 4 milhões e 800 mil postes feitos por brasileiros, gerando emprego para brasileiros; 800 mil transformadores feitos por brasileiros, gerando emprego para os brasileiros e pagando salário para os brasileiros. Então, imaginem um milhão de quilômetros, quase 5 milhões de postes e quase um milhão de transformadores.

Bom, é só isso? Não, tem mais. Nós fizemos uma pesquisa pelo Ministério de Minas e Energia: 83% das pessoas que recebem o Luz para Todos, a primeira coisa que fazem é comprar uma televisão. Sabe o que isso significa, 83% de pessoas comprando televisão? Significa que as lojas venderam 1 milhão e 578 mil televisores produzidos no Brasil, gerando empregos no Brasil, para o comércio, na fábrica, e pagando salário para trabalhadores brasileiros. Mas foram só televisores? Não. Setenta e sete por cento compraram geladeiras, geladeiras feitas no Brasil, vendidas na cidade, gerando emprego e gerando salário para as pessoas. Só aparelho de som foram vendidos, até dois meses atrás, 989 mil aparelhos de som, porque também as pessoas gostam de um forrozinho, não é isso? Quem aqui não gosta de um chameguinho, quando chega do trabalho, com um forrozinho? Bem, aqui vocês gostam de forró, não gostam? Gostam.

Então, agora imaginem o que foi de liquidificador; imaginem o que foi de casa de farinha; imaginem o que foi de uma série de coisas. Porque no Programa Luz para Todos, nós fazemos a ligação de graça, damos três tomadas de graça e três bicos de luz. Vocês sabem, no Amazonas, quanto custa uma ligação agora? Mais de US\$ 3,5 mil. Se a gente fosse pensar na



viabilidade econômica, a gente não faria. Para que eu vou levar luz para um cara que está lá no fim do mundo? Economicamente não compensa, é melhor eu levar luz aqui para o centro de Natal, porque com um poste só eu puxo um monte de fios, ligo um monte de casas e eles pagam. Lá, os coitados não podem pagar. E como nós entendemos que o coitado que está lá tem o mesmo direito que nós, que estamos aqui, nós temos a obrigação de levar, mesmo se for de graça, custe o que custar, para essas pessoas. É essa, um pouco, a diferença do que está acontecendo no Brasil.

Eu vou dar um dado para os companheiros que já estudaram, aqui. Em 1909 o presidente Nilo Peçanha fez a primeira escola técnica no Brasil, na cidade de Campos, no Rio de Janeiro, em 1909. De 1909 a 2003, todos os presidentes da República que passaram pelo governo, em quase 96 anos, fizeram ao todo 140 escolas técnicas. Nós, só neste ano, vamos inaugurar 100. E vamos terminar o mandato, em 8 anos, fazendo uma vez e meia de tudo o que foi feito em 100 anos neste país. As universidades, os dados que eu dei aqui, é que nós estamos fazendo no Brasil 14 universidades novas e estamos fazendo 105 campi avançados. Aqui, eu falei três, mas é pelo Brasil inteiro. E por que nós estamos fazendo isso? Possivelmente, porque como eu não tive o direito de ter um diploma universitário, não pude ter... Se bem, José Sergio, eu gostaria de ser economista. Eu acho tão bonito o economista fala número, número, número, e quando é oposição, então, ele sabe de tudo. Eu nunca vi bicho sabido para saber das coisas como economista de oposição e para ver catástrofe. Agora, quando chega no governo, ele esquece tudo o que ele sabia porque, aí, acabou a tese acadêmica, aí é pão-pão, queijo-queijo. Mas eu gostaria de ser, eu gostaria de ser ou isso ou advogado, que é um bicho falador. Eita, bicho da peste sabido, fala umas palavras! Jamais Caetano chamaria de analfabeto um advogado falando, letrado, essa *sine qua non* eu aprendi com os advogados.

Bem, então o que eu descobri? Que era a minha obrigação não permitir



que os filhos dos brasileiros, no meu governo, tivessem a mesma dificuldade que eu tive, no governo deles. É que é preciso apresentar para a juventude brasileira uma perspectiva, porque se o jovem não tem perspectiva de trabalhar nem de estudar, vai ser apresentada para ele a perspectiva da sacanagem, do crime, do narcotráfico e outras perspectivas, porque as pessoas sem ter o que fazer não pensam coisa boa.

Pois bem, então nós estamos dando esse passo extremamente importante no País. Aqui nesse estado, em 93, os companheiros da Petrobras se lembram que a minha caravana passou em Mossoró. E lá em Mossoró eu fui avisado por um companheiro petroleiro que tinha um poço da Petrobras que tinha sido perfurado e que tinha dado água, e que dava uma vazão de água de 250 litros por hora. E que a Petrobras, na época, tinha procurado o governo da época... Não deve ser diferente, viu, Wilma, dos candidatos de hoje. Porque aqui também, neste estado, você é exceção. Você foi a pessoa que rompeu com o coronel “A”, que é parente do “B”, porque é tudo parente aqui. É inacreditável, inacreditável que no Nordeste tem cidade em que pai e mãe ficam adversários para disputar eleição. Filho e pai, compadre e comadre, ou seja, eles dão um jeito. Passam três anos e meio tudo ali, juntos. Mas quando faltam seis meses, estão em partidos diferentes e um xingando a mãe do outro.

Bem, então eu descobri... Eu não sei quem foi o governo da época, não sei quem foi. Não vou fazer acusação em falso sem saber quem foi. Mas a Petrobras me comunicou que tinha procurado o governador e pedido para ele comprar uma bomba, que a Petrobras instalaria a bomba. Então, o governador, certamente por ser caro, não comprou a bomba. À Petrobras não restou outra alternativa senão tamponar... Vejam minha linguagem chique. Se fosse um peão qualquer, falaria: “tapar o poço”. Na nossa linguagem de petroleiro é tamponar. Então, é isso? “Bichinho” esperto aqui, meu filho. Então, esse poço foi tamponado.

Em [19]93, eu ouvi essa história e fui com essa história na cabeça.



Quando eu ganhei as eleições, o nosso companheiro José Eduardo Dutra foi indicado presidente da Petrobras, a primeira coisa que eu pedi para ele foi o seguinte: eu quero abrir o poço lá em Mossoró, para levar água não sei para quem, mas eu quero abrir aquele poço para a gente levar água. Demorou um tempo também, não é, companheiro José Sergio? Demorou mais do que... Porque eu achei que era só abrir o poço e colocar um cano. Não. Mas tem que colocar um cano, tem que levar na casa das pessoas, tem que fazer... Demorou, mas graças a Deus, me parece que essa parte do meu poço de [19]93 está pronta. Não sei nem quem [vai] receber a água, mas eu sei que está pronta. E, por isso, a Petrobras vai ter que perfurar mais poços, aquele que der água nós vamos aproveitar a água e ajudar o povo do Nordeste a não passar necessidade de água neste país.

Bem, eu quero terminar dizendo para os companheiros da Petrobras do orgulho que eu estou vivendo. Eu estou vendo acontecer coisas que nós sonhamos juntos. Não era um sonho meu, era um sonho de vocês. Eu lembro da primeira discussão que nós fizemos sobre a indústria naval brasileira. As pessoas diziam que nós não tínhamos tecnologia, não tínhamos engenharia, não tínhamos competência para recuperar a nossa indústria naval, que a gente tinha que comprar sonda em Cingapura, tinha que comprar plataforma na Noruega, tinha que comprar não sei o que na China. Nós compramos essa briga e hoje, companheiros, graças a essa briga, a gente já recuperou a indústria naval brasileira, com perspectiva de a gente fazer todas as coisas da Petrobras aqui no Brasil: fazer plataforma, fazer sonda e fazer navio. Vocês não sabem a alegria, quando eu vou a um estaleiro no Rio de Janeiro. Mas já tem estaleiro no Nordeste. Aqui no Rio Grande do Norte nós temos um problema porque a água do mar é rasa, e aí precisa ter uma certa profundidade. Mas o dado concreto é que nós conquistamos essa coisa.

E a Petrobras... A Petrobras, antes de a gente assumir, ela só vivia na página dos jornais por vazamento de oleoduto. Era vazamento de oleoduto, era



plataforma que tombava e quebrava não sei para onde, era um monte de coisas. Quando eu fui indicar este moço aqui, ó – eu vou dizer aqui, de público – quando eu fui indicar este moço aqui para ser diretor financeiro da Petrobras, chegaram alguns conselheiros e falaram assim para mim: “Ô Presidente, o senhor não pode colocar o José Sergio Gabrielli de tesoureiro da Petrobras, diretor financeiro. O mercado não vai aceitar”. Ora, eu nunca tinha pedido um voto para o mercado, nunca. O único mercado que eu conhecia era um mercadinho popular de São Bernardo em que eu ia comprar uma macaxeira e uma farinha para fazer um sarapatel, de vez em quando.

Pois bem, eu indiquei este moço. Um ano e meio depois, ele foi eleito o melhor diretor financeiro das empresas de petróleo do mundo inteiro. Eu acho, sem desmerecer ninguém, eu acho que a Petrobras nunca viveu o momento exitoso que ela está vivendo hoje. É um momento muito promissor, que eu espero que os petroleiros não queiram tudo só para eles, para dividir um pouquinho com quem não é petroleiro: eu, por exemplo, eu.

Mas eu acho que essa descoberta do pré-sal vai permitir que a gente possa repetir o que a gente está fazendo aqui, em outros lugares da Federação, porque uma coisa é sagrada... Vocês estão vendo a briga, agora, pelo dinheiro do pré-sal. Agora todo mundo quer dinheiro do pré-sal. Uma coisa é certa: nós temos algumas prioridades. Educação, em primeiro lugar. Sem Educação nós não vamos a lugar nenhum. O melhor patrimônio que o pré-sal pode deixar para o futuro deste país é o povo brasileiro com uma alta formação educacional e profissional. Segundo, investimento alto em ciência e tecnologia, porque somente com investimento em ciência e tecnologia a gente vai dar um outro passo importante. Terceiro, vamos cuidar da questão cultural, cuidar da questão ambiental e cuidar da Saúde também. Se tiver todo o petróleo que o Estrella diz que tem, nós vamos cuidar disso e cuidar um pouco mais. O que a gente não pode é permitir que esse dinheiro do petróleo entre no ralo comum da Administração Pública e não surta os efeitos que nós precisamos. Deus não



dá muitas oportunidades para uma pessoa que não sabe aproveitá-las corretamente, e eu acho que esse é um momento de ouro para o Brasil.

Vocês vejam só... Aliás, Wilma, um pedido que eu vou fazer para você de público. Veja só: nós, que não éramos nada, agora temos, [em] 2011, Olimpíadas Militares; [em] 2014, Copa do Mundo; [em] 2016, Olimpíadas. E aí, Wilma, nós vamos fazer um desafio para os governadores e para os prefeitos, porque cada cidade e cada estado... obviamente que cada cidade coordenada pelo estado, nós precisamos começar a criar Olimpíadas municipais até 2016, fazer a molecada... moleque pequeno, de 12 anos, 13 anos, não gosta de brigar? Gosta. Vamos ensinar esse moleque a lutar boxe, judô. Ele quer brigar? Vamos ensiná-lo a brigar, mas respeitar os adversários. Meninas de 12, 14 anos, em vez de ir para a prostituição infantil, vamos ajudá-las a aprender, a fazer ginástica, a dançar, a nadar. Isso não pode ser feito pelo governo federal, isso tem que ser feito pelos três entes federados juntos. Uma empresa como a Petrobras tem que ajudar, a prefeitura tem que participar, o governo do estado e o governo federal, porque quando chegarem as Olimpíadas aqui, a gente não pode ganhar aquela merrequinha de medalha. Nós temos que ganhar mais medalhas e trabalhar com a perspectiva de que o Brasil mude de patamar e passe a ser um país que se coloque entre a primeira, até a quinta ou sexta potência olímpica. Nós temos condições para isso. O dado concreto é que nós nunca levamos isso a sério e agora vamos ser obrigados a levar. Quem sabe aqui desta Refinaria, com um patrocínio pequeno, mas justo, a gente possa ter um atleta campeão olímpico em 2016.

Esse desafio eu vou fazer para os empresários, para a prefeitura, para o governo. Eu já não vou ser mais Presidente, mas quero estar lá. Vai ter uma medalha de ouro para a terceira idade, eu não sei qual é a especialidade, mas deve ter... Não pode ser levantar copo, tem que ser uma coisa mais saudável, mas eu estou lá para competir e vou me inscrever.

No mais, meus queridos companheiros e companheiras do Rio Grande



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

do Norte, muito obrigado pelo carinho e parabéns à Petrobras.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de anúncio do novo plano de investimento da Ford para o
Brasil**

Camaçari-BA, 20 de novembro de 2009

Bem, eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro Jaques Wagner, governador da Bahia,

Meu querido companheiro ministro da Comunicação Social, Franklin Martins,

Quero cumprimentar o Edmundo Pereira, vice-governador da Bahia,

Cumprimentar o ex-governador e senador César Borges,

Quero cumprimentar os deputados federais Sérgio Carneiro e Daniel Almeida,

Companheiro Ivan Ramalho, secretário-executivo do Ministério do Desenvolvimento,

Nelson Barbosa, secretário de política econômica do Ministério da Fazenda,

Quero cumprimentar o James Correia, secretário de Indústria e Comércio da Bahia,

O Luiz Caetano, nosso querido companheiro prefeito de Camaçari,

Quero cumprimentar a vereadora Luiza Maria, presidente da Câmara de Vereadores de Camaçari... Luiza Maia! Puxa-sacos.

Quero cumprimentar o presidente da Ford das Américas, senhor Mark Fields,

Quero cumprimentar o presidente da Ford Brasil e Mercosul, o Marcos de Oliveira,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Aurino Pedreira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia,



E quero cumprimentar Nadilma Lima Costa, que eu pensei que ia fazer um discurso e não fez. É muito difícil alguém se recusar a falar mas me parece que ela não é candidata a nada, então ela não quis falar.

Quero cumprimentar os jornalistas aqui presentes,
Os convidados,

E eu vou ser muito sucinto aqui porque no meu relógio biológico já são três horas da tarde, no de vocês são duas. Eu não sei se vocês já almoçaram, mas eu não almocei, e começa uma “roncadeira” aqui, na minha barriga, se eu não tomar cuidado, as maiores vão comer as menores, e eu posso até ficar doente.

Mas eu queria me dirigir, sobretudo, aos diretores da Ford, sobretudo aos diretores internacionais da Ford. É com muito orgulho que eu posso, na frente da imprensa brasileira, na frente de meninas e meninos deste país, todos muito jovens, trabalhando na Ford, na frente de convidados, de autoridades, dizer a vocês que o Brasil vive um momento mágico na sua vida econômica, na sua vida de desenvolvimento e na vida do povo deste país.

Não que a gente tenha resolvido todos os problemas, porque existem problemas seculares que nós precisaremos de mais tempo para resolver. Mas que as pessoas estão percebendo que nós temos um rumo e que esse rumo não é mais apenas um futuro para uma pequena parte da elite brasileira, mas que é um rumo que prevê a participação de 190 milhões de brasileiros, todos tirando proveito e ganhando alguma coisa do crescimento deste país.

E queria que vocês compreendessem que quando nós afirmávamos, há 12 meses, que a crise no Brasil não seria forte como seria nos Estados Unidos, que a crise no Brasil não seria a crise da Europa e que a crise do Brasil seria uma marola, possivelmente uma marolinha. Uma marolinha é uma onda pequena, uma marolinha é uma onda pequena. E eu tinha consciência de que nós tivemos dois momentos da crise econômica mundial: um momento foi



quando a gente estava discutindo o preço do aumento das *commodities*, encabeçada pelo petróleo; o outro momento, quando nós estávamos discutindo o *subprime* e o déficit de um problema imobiliário nos Estados Unidos; e o terceiro momento, quando quebra o Lehman Brothers. Ou seja, até então, o Brasil não estava envolvido na crise de *subprime*, o sistema financeiro brasileiro estava muito sólido. Aqui, no Brasil nenhum banco pode alavancar mais de 10 vezes o patrimônio líquido do banco. Nos Estados Unidos, ultrapassava 35%. Aqui, era só 10 vezes. E, portanto, a gente tinha uma solidez no sistema financeiro, não tínhamos problema habitacional, do ponto de vista da especulação, e nós vínhamos em uma fase extraordinária de crescimento.

Quando quebra o *Lehman Brothers* – e aí, me desculpem meus companheiros americanos –, se o presidente Bush tivesse noção do prejuízo que iria causar ao mundo a quebra do *Lehman Brothers*, possivelmente, com menos de 10% do dinheiro que o Tesouro americano teve que colocar no sistema financeiro, ele teria evitado que o *Lehman Brothers* quebrasse e teria evitado a crise financeira internacional que tomou conta do mundo por uma questão de desconfiança.

O dinheiro desapareceu de tal ordem do mundo que uma empresa como a Petrobras, acostumada a tomar emprestado em bancos estrangeiros bilhões e bilhões de dólares, a Petrobras não conseguia tomar emprestado um único dólar. Ela teve que se voltar para o mercado interno e vir disputar o crédito na Caixa Econômica Federal com o mutuário que precisa financiar a sua casa. Bem, essa foi a situação que tornou a crise aqui, no Brasil, mais grave. Os companheiros da indústria automobilística sabem, que eu já falei de público, que eu acho que eles exageraram na breçada do carro. Não precisava ter breçado bruscamente como breçaram, porque a indústria automobilística significa 24,1% do produto industrial brasileiro e que, portanto, se ela tivesse acreditado e não breçado tão rápido, a gente não teria a desativação entre



novembro, dezembro, janeiro e fevereiro da indústria automobilística, que causou prejuízo, junto com outros setores da economia, no PIB brasileiro. Mas isso já é coisa do passado.

O dado concreto é que, quando veio a crise econômica mais profunda, entre novembro e dezembro, nós tomamos medidas muito duras. Primeiro, nós, possivelmente, tenhamos sido o país que agiu mais rápido para enfrentar a crise. E o primeiro setor com quem nós conversamos foi a indústria automobilística, pelo significado dela na cadeia produtiva do nosso país.

A segunda coisa que nós detectamos é que nem os bancos das empresas automobilísticas e nem os bancos pequenos que financiavam carro tinham dinheiro para financiar carro, não conseguiam alavancar recursos para financiar carro. E nós sabíamos, e eu sabia, porque tinha sido metalúrgico, comprava carro usado da indústria automobilística, que se a gente não alavancasse os carros usados, seria mais difícil a gente vender um carro novo. E, portanto, nós colocamos à disposição do sistema financeiro R\$ 100 bilhões do compulsório, alguns bancos não fizeram nada com o dinheiro, preferiram comprar título do governo do que financiar bancos pequenos ou comprar carteira, que era a orientação do Brasil. E nós, então, tomamos a decisão de determinar que o Banco do Brasil comprasse 50% da carteira do banco que tinha a maior carteira de carro usado do Brasil, que era o Banco Votorantin. Compramos 50% da carteira dele, para que Banco do Brasil adquirisse expertise em financiamento de carro usado.

Logo em seguida, nós compramos a Caixa Econômica Estadual de São Paulo, que era um (falha no áudio) que tinha um patrimônio importante, que a nós interessava comprar. E, ao mesmo tempo, criamos um segundo garantidor para os bancos menores poderem captar recurso – no exterior ou aqui dentro – e não correrem o risco de dar o calote a quem os tinha financiado. E, ao mesmo tempo, fizemos um acordo de desoneração com a indústria automobilística. E veja que interessante: em março, a gente já estava



começando a bater recorde de produção e a bater recorde de vendas no nosso país, enquanto o meu amigo Obama ainda não tinha resolvido o problema da General Motors, lá nos Estados Unidos.

Bem, eu estou contando esse caso para vocês compreenderem que este país, ele resolveu, definitivamente, acabar com essa história de que nós éramos o país do futuro. Nós queremos reafirmar que o nosso futuro é agora, e nós não vamos jogar fora essa oportunidade.

Mas é importante saber que algumas coisas estão acontecendo neste país que muitas vezes não aparecem na grande imprensa brasileira. Nós éramos um país capitalista sem capital; um país capitalista sem poupança e um país capitalista sem crédito, não funciona. Bem, precisou chegar à Presidência da República um metalúrgico que foi acusado de comunista durante três décadas para fazer, neste país, o que os “sabidos” pensavam que sabiam, mas não sabiam.

E vou lhes dar alguns números que é muito importante o Brasil saber: hoje, em 2009, o Banco do Brasil, sozinho, tem disponibilizado todo o crédito que o Brasil inteiro tinha em 2003. Eu vou repetir: o Brasil, em 2003, tinha R\$ 380 bilhões disponibilizados para crédito, o Brasil inteiro. Hoje, só o Banco do Brasil tem isso. Não vou falar do BNDES que, em 2004, tinha 40 bilhões de contratos na sua carteira e que neste ano vai terminar com R\$ 157 bilhões de crédito para o setor produtivo deste país. Não vou falar do crédito consignado. Uma vez, eu tive uma reunião com os banqueiros e eu perguntei para os banqueiros: Por que vocês não emprestam dinheiro para os pobres?. “Ah, porque não temos garantia”. Por que vocês não financiam casa para o pobre? “Porque não tem garantia”. Aí nós voltamos para o governo, fizemos uma reunião e resolvemos dar como garantia para emprestar dinheiro para pobre a folha de pagamento. Ou seja, hoje, nós temos mais de R\$ 105 bilhões no crédito consignado, emprestando dinheiro a trabalhador que ganha pouco e emprestando dinheiro a aposentado deste país que não conseguia pegar nada.



E uma coisa que o mundo tem que saber: se tem alguém que paga corretamente as coisas no Brasil é o povo pobre, por quê? O patrimônio mais sagrado que essa gente tem é o seu próprio nome e a sua honra e, por isso, eles pagam as coisas que muitas vezes os grandes não pagam. Bem, além disso, quando nós criamos o Bolsa Família neste país, a elite política dizia que eu estava fazendo assistencialismo. Eu estava dando dinheiro, R\$ 100,00, R\$ 115,00, R\$ 85,00 para as pessoas mais pobres e o pessoal dizia: “O Lula poderia fazer estrada. O Lula poderia fazer ponte. Isso significa desenvolvimento”. Ora, meus caros, como é que eu poderia... eu sei que a ponte é importante, mas esse povo não come tijolo, não come cimento. Esse povo come é feijão e arroz. E se eu não desse feijão e arroz, nem força para produzir a ponte eles tinham. Então, era preciso primeiro encher a barriga do povo para, depois, eles fazerem a ponte. E, hoje, isso atende praticamente 12 milhões de famílias no País, significando quase 55 milhões de pessoas que recebem o mínimo necessário para comer e para dar de comida para o filho.

Possivelmente, um dono da Ford, um presidente da República, um deputado, uma pessoa que ganha muito, não sabe o significado de R\$ 10,00 na mão de um pobre. Não sabe, porque essa coisa de gente ser rica, R\$ 10,00 dá de gorjeta, R\$ 50,00. Mas uma mãe pobre, ela pega uma nota de R\$ 50,00, ela vai ao supermercado e compra comida para 15 dias, para matar a fome dos seus filhos.

E, aí, nós chegamos a uma situação que as ciências contábeis não explicam. Vejam, nós chegamos a uma situação que este mês saiu uma pesquisa, feita por uma empresa lá em São Paulo. E a pesquisa mostra o seguinte: as classes D e E, portanto, os mais pobres, do Nordeste e do Norte, consumiram 5% a mais do que as classes A e B, do Sul do País. Esse é um dado extraordinário. É um dado excepcional, de que as pessoas estão trabalhando mais, estão ganhando um pouco mais.

Eu vou lhe dar um exemplo importante, vou lhe dar um exemplo



importante: o mundo está vivendo uma crise de desemprego, está havendo uma crise de desemprego. Na Europa, eles andam achando que negro está demais lá, que latino-americano está demais, que está tirando o emprego dos coitadinhos que moram na Europa.

Nos Estados Unidos, tem 35 milhões de hispânicos, ou seja, até agora eu não vi os americanos culparem os hispânicos pela crise, porque todo mundo sabe que tem o dedinho do governo americano passado na crise americana e no sistema financeiro.

Pois bem, aqui, no Brasil, contrariando toda a lógica econômica dos especialistas, neste ano, nós vamos terminar o ano, meu querido Marcos, criando 1,3 milhão de novos empregos com carteira profissional assinada. Só perdemos para a China, que é obrigada a criar 9 milhões de empregos por ano, e está criando três, e a Índia, que é obrigada a criar uns cinco ou seis e está criando um pouco menos. Mas, também, a gente não pode competir com a China, não é? Porque são 1,3 bilhão de habitantes na China e 1 bilhão de habitantes na Índia, ou seja, nós só temos 190 [milhões].

Mas o dado concreto é que nós criamos, no momento em que o mundo está enfrentando desemprego, nós criamos 1,3 milhão de novos empregos neste ano da crise. Isso significa 1,3 milhão de chefes de família levando comida para sua casa, levando arroz, levando feijão, levando pão, levando salada, e se Deus ajudar, um presentinho de Natal para os filhos poderem viver felizes e dignamente.

E eu vou terminar dando um exemplo aos nossos convidados aqui, porque este é um exemplo muito forte. Eu não vou falar de escola, não vou falar de nada. Eu vou falar de um programa chamado Programa Luz para Todos. Programa Luz para Todos, para quem nasceu na cidade, que já tinha luz, não tem noção do que é. Para quem, sabe, só sente a falta de luz quando estava vendo novela, não tem problema. Eu estou falando das pessoas que viviam no século XVIII, as pessoas que viviam à base de candeeiro neste país,



que não é pouca gente. Então vou contar uma coisa para vocês: esses... Nós começamos o Programa Luz para Todos em 2004. Nós, até agora, já fizemos 2,2 milhões ligações em casas, famílias. São 2,1 milhões famílias que foram atendidas. Isso representa quase 12 milhões de pessoas.

E vou contar uma coisa para vocês: sabem quanto de fios, de cabos foram utilizados até agora? Um milhão de quilômetros de cabo, de fio. Um milhão de quilômetros de fio. Para vocês terem ideia, daria para enrolar o Planeta Terra 25 vezes, a quantidade de fios que nós colocamos. E algumas ligações na Amazônia chega a custar US\$ 3.500 uma ligação. E nós fazemos a ligação, sabe por quê? Uma empresa privada não faria, porque economicamente não seria rentável. Mas como o Estado não tem que ter lucro, o Estado precisa garantir a cidadania, nós achamos que o cidadão que mora às margens do rio Amazonas, a 600 Km de Manaus, ele tem que ter direito a ter luz na sua casa, a ter geladeira, a ter televisão e a ver sua novela. Já investimos 14 bilhões de reais nesse programa, em três anos e meio. Sabe quantos postes nós já colocamos? Um milhão de quilômetros de fio. Sabe quantos postes? Cinco milhões de postes. Sabe quanto nós colocamos de transformador? Oitocentos mil transformadores.

Por conta desse programa, vocês sabem o que aconteceu? As pessoas que receberam o Luz para Todos compraram 1 milhão e 600 mil televisores, 1 milhão, 470 geladeiras, 980 mil aparelhos de som, mais de 1 milhão de liquidificadores, mais casa de farinha, mais tudo o que vocês possam imaginar, neste país. E só aqui, na minha gloriosa Bahia, Wagner, nós já atendemos 1 milhão, 742 mil famílias, com um investimento de R\$ 1,491 bilhão.

Talvez um outro governo, que tivesse nascido em uma casa que tivesse luz elétrica, não faria isso. Agora, eu, até os sete anos de idade, vivi numa casa com um desgramado de um candeeiro fazendo fumacê na minha cara. O que é mais importante desse programa, que eu coloquei na televisão: uma mulher ficava acendendo a luz e apagando toda hora. E, aí, o marido perguntou para a



mulher: “Por que você está apagando a luz?”. Ela falou: “Porque eu nunca tinha conseguido ver o meu filho dormindo”.

Esse programa, eu fui com o Wagner aqui, na Bahia, acender a luz em uma casa, tinha duas mães solteiras, cada uma com um magote de filho. Dizem que não pode, que não é bom, mas o pessoal gosta e... É a lei da natureza, que precisa ser reeditada e reeducada. Mas nós fomos numa casa. Chegou numa casa, tinha três crianças sentadas numa cadeirinha bem baixinha, com um pavio, uma lata de refrigerante, eu não vou dizer o refrigerante, mas era uma lata de refrigerante com um pavio aceso, as crianças na mesinha, brincando. Eu cheguei lá, peguei as duas mães solteiras, coloquei o dedo delas na tomada e acendi. Quando eu acendi a tomada, aquelas mulheres saíram das trevas do século XVIII para o século XXI num piscar de olhos.

Então, eu queria dizer para vocês que às vezes eu viajo com o meu Ministro da Fazenda, o meu presidente do Banco Central, eles falam muito da macroeconomia, eles falam aqueles números gigantescos. Eu prefiro mostrar essa microeconomia, essa economia que parece subterrânea, mas é o que garante o direito à cidadania de milhões de brasileiros que foram marginalizados, que não entravam na pesquisa de consumo, que só eram lembrados pelos candidatos na época da eleição. Porque, eu não sei se vocês sabem, aqui, no Brasil, em época de eleição, rico não presta, só presta pobre, pobre vira santo. Nego pega criancinha no colo, beija, abraça: “Ai, meu...” E vai para a televisão e mete o pau no rico, mete o pau nos banqueiros. Depois que ganham as eleições, metem o pé no pobre e vai almoçar e jantar com banqueiro e com empresário todas as vezes.

Eu almoço com banqueiro, almoço com empresário, mas eu não esqueço que eu vim dali. Aquele é o pessoal que eu sei que eu vou voltar quando deixar a Presidência da República. E o grande... a única coisa que eu quero na vida, é a única coisa, não espero nenhum agradecimento, é quando



eles me encontrarem na rua, eles me tratem como companheiro como tratavam antes de eu ser presidente da República, porque não mudou a nossa relação.

E quero agradecer a Ford e agradecer o governador Jaques Wagner. Eu tinha dúvida com relação a essa nova medida provisória, dando mais um tempo para os benefícios que a Ford tem para vir aqui. E eu fui convencido pelo governador que era importante para a Bahia, fui convencido pelo ministro Guido Mantega. Então eu vim aqui dizer para vocês que o que nós estamos fazendo é manter o benefício que foi dado para a Ford em [19]99 – não é isso? – para que continue até 2015. Porque, veja, haverá um dia, o Marcos está aqui muito sorridente, os nossos amigos americanos, muito sorridentes, fizeram muitos elogios aos trabalhadores brasileiros, aos baianos, mas vai chegar um dia... eu sei que a participação no lucro foi boa este ano, agora, eu vi que quando falou de aumento de salário, o pessoal falou... Eu acho... Você sabe que isso, isso acontece comigo também quando eu vou a uma reunião com funcionário público, eles querem mais aumento de salário. A gente pode não ter para dar todo dia. Mas, certamente, um dia a gente dá um pouquinho para agradecer a qualificação extraordinária que tem o povo baiano para produzir carro e, inclusive, para a engenharia.

Eu quero dizer para vocês que isso que disse o presidente da Ford aqui é coisa que eu já ouvi nos Estados Unidos, inclusive, em outras partes do mundo, em outras empresas, que tem pouca gente no mundo com a criatividade e a facilidade de aprender que tem o povo baiano.

Portanto, meus parabéns à Ford, parabéns à Camaçari, parabéns ao Brasil e parabéns aos trabalhadores e trabalhadoras da Ford. Até outro dia.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de comemoração do Dia Nacional da Consciência Negra**

Salvador-BA, 20 de novembro de 2009

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro e amigo Mahmoud Abbas, presidente da Autoridade Palestina, na pessoa do qual saúdo todos os integrantes da comitiva palestina,

Quero cumprimentar o companheiro Jaques Wagner, no nome de quem eu quero cumprimentar todas as autoridades aqui presentes,

Quero cumprimentar o Dom Geraldo Magela e, cumprimentando ele, eu cumprimento todas as religiões aqui presentes,

E quero cumprimentar o nosso querido povo baiano, neste Dia extraordinário da Consciência Negra,

Eu vou ser muito breve hoje, porque ontem eu pensei que ia falar dez minutos, na Petrobras, no Rio Grande do Norte, falei uma hora e pouco. Hoje, eu disse que ia falar pouco, na Ford, e falei uns 50 minutos. E eu vou tentar ser breve porque, no ano que vem, nós estaremos em algum lugar da Bahia – eu espero que seja em uma praia – para a gente comemorar esse dia da Consciência. E nós vamos comemorar, no ano que vem, de forma diferente: no ano que vem já será feriado nacional no Dia da Consciência Negra; no ano que vem nós já teremos um ano de vigência do Estatuto da Igualdade Racial; no ano que vem nós teremos muito mais legalização de quilombos feito pelo Incra. Só para vocês terem ideia, a Fundação Palmares já tem reconhecidas, hoje, 1.400 comunidades. Dessas comunidades, 851 já estão em processo no Incra.

Eu espero que quando a gente vier aqui, no ano que vem, em vez de a gente entregar 30 certificados de propriedade, a gente possa, quem sabe, entregar 200, 300, 400, para ver se a gente consegue, o mais rapidamente



possível, resolver essa dívida histórica que o Estado brasileiro tem para com o povo negro do nosso país.

Em segundo lugar, eu queria dizer a todos vocês que nós vivemos uma situação, eu diria, quase que curiosa, no Brasil: o racismo, no Brasil, é considerado crime inafiançável. Ou seja, não pode ter nada mais duro do que isso. O racismo é um crime inafiançável. Qualquer pessoa que for vítima de racismo e denunciar, pela lei, a pessoa que praticou o racismo tem que ser presa e vai cumprir pena sem ter direito a que alguém pague para ela sair. Isso é a lei e a teoria, na prática, não é assim, na prática não é assim. Ora, e por que não é assim? Porque não basta estar na lei, mas do que a lei, está na consciência do racista ser racista de verdade. E não é uma questão de lei. E, às vezes, ele pratica o racismo de forma muito sutil, de forma muito subjetiva, que às vezes parece que não é racismo, mas, na verdade, é racismo.

Na maioria das fábricas, o negro não é escolhido para chefe de seção, sempre é um outro que é escolhido. Não há, praticamente, gerente de banco negro. Se houver, é uma exceção. E se a gente for pegar todas as profissões, a gente vai percebendo que embora ninguém diga que está preterindo um negro, de forma até no subconsciente, a pessoa está preterindo o negro para determinados cargos neste país. E essa não é uma questão de lei, é uma questão de educação, é uma questão de consciência, é uma questão de denúncia, é uma questão de brigar o dia, o ano, e o século até que a gente mude a cabeça das pessoas. Porque eu nunca sofri preconceito por ser negro, mas já sofri muito preconceito por ser pobre e por ser nordestino, já sofri muito preconceito. E eu acho que ainda tem preconceito. Mas, hoje, eu não dou mais bola porque eu venci os preconceituosos e virei presidente da República deste país.

A gente, a gente não vai vencer o preconceito lamentando o preconceito. A gente vai vencê-lo enfrentando o preconceito, enfrentando, discutindo, debatendo, no local de trabalho, no sindicato, no partido, na igreja, no clube.



Onde a gente estiver, nós temos que dizer: um homem e uma mulher não podem ser medidos pela sua cor, tem que ser medidos pelo seu caráter, tem que ser medidos porque são seres humanos iguais a todos.

Pois bem, nós temos consciência de que nada foi mais preconceituoso contra um homem que esteve nesta praça em 1991, chamado Nelson Mandela. Ele esteve exatamente nesta praça Castro Alves em 1991. E o preconceito era tão grande que embora os africanos da África do Sul, negros, tivessem quatro vezes ou cinco vezes mais população do que os brancos de olhos azuis, quem governava eram os olhos azuis e não os negros. E o primeiro que se rebelou, que ficou conhecido no mundo, foi um jovem que ficou preso 27 anos na cadeia. E é uma bobagem alguém achar que prendendo ou matando, as pessoas acabam com a ideia de libertação. O Mandela saiu, não cidadão africano, saiu cidadão do mundo, da cadeia, mais forte, mais preparado, mais contundente e conseguiu fazer com que o povo negro chegasse à presidência da República.

E eu tive o prazer de, em 1994, ir à África do Sul visitar o Mandela. E eu via, Jaques Wagner, o orgulho daquele povo negro, que antes não podia nem passar a 1 quilômetro perto do palácio, entrando no palácio, tocando na parede, tocando na cadeira e dizendo: “Isso agora é nosso porque nós somos a maioria e, na democracia, prevalece o direito democrático de quem tem mais votos”. E aqui, no Brasil, certamente, nós vamos caminhando para isso. Eu sei que falta muito ainda, falta muito. Nós hoje, Wagner, estamos fazendo a recuperação daquilo que a elite que governou antes de nós, não fez. Se quem governou antes de nós tivesse feito escola, os meninos negros não estavam morrendo aos 14, 15 ou 16 anos de idade por conta de bala da polícia.

Dizem que não têm preconceito. Coloque, às 10 horas da noite, em duas calçadas na mesma rua um negro e um branco, e coloque uma pessoa para encontrar com eles para ver qual é a calçada que a pessoa vai. Ela vai mudar para a calçada do branco, porque já está incutido na consciência dela que o



negro pode ser um bandido e isso não é culpa do negro, isso é culpa do preconceito estabelecido neste país.

Quando a gente vê um menino de 18 anos, de 15, de 17, na televisão, sendo preso, às vezes, cometeu um crime bárbaro, a gente fica com raiva. Mas a gente se esquece quem é que deixou de cuidar daquele menino quando ele tinha 2 anos de idade, 3 anos, 4 anos, 7 anos ou 8 anos. A juventude brasileira não quer cadeia, a juventude brasileira não quer ser presa, a juventude brasileira quer oportunidade de estudar, de trabalhar e de conquistar a sua cidadania.

Vocês sabem a briga que nós temos feito pela cota nas universidades. E vocês acompanham artigos de jornais para ver quanto preconceito ainda existe. Mas nós quebramos isso com o ProUni. O ProUni, que foi cheio de preconceito pela imprensa brasileira, quando hoje é medido, 46% dos estudantes do ProUni são meninas e meninos negros da periferia deste país e deste estado. Só aqui, na Bahia, Wagner, são 38 mil jovens, bolsistas do ProUni. Então daqui a pouco, a gente vai ter muito negro e negra advogados, a gente vai ter muito negro e negra médicos, a gente vai ter muito negro e negra dentistas, a gente vai ter psicólogo, a gente vai ter todas as profissões que antes pertenciam só para a elite, a gente vai ter filho de pobre, dos bairros pobres, chegando à universidade e conquistando o direito de ser doutor neste país.

Por isso, meus companheiros e companheiras, eu sei que ainda falta muito, mas nós já vencemos tabus e mais tabus. Nós fizemos quando criamos a Secretaria e, muitas vezes, não fazemos mais porque também não existe o hábito de fazer. Este país estava educado a governar para rico. Negro e pobre só tinha importância na época da eleição, porque na época da eleição todo mundo gosta de pobre e gosta de negro, todo mundo abraça pobre e abraça negro. Depois de eleitos, eles governam para aqueles que eles xingaram durante a campanha e desprezam os pobres e os negros deste país.



Por isso, este dia de hoje é um dia marcante. É um dia marcante, porque está aqui o presidente da República, o governador do estado, meia dúzia de ministros. Está aqui um homem que simboliza a luta pela resistência de um povo sofrido, que é o presidente Abbas, palestino, que luta contra a tirania daqueles que mantêm o povo palestino segregado, confinado, sem dar oportunidade.

E eu queria terminar dizendo para vocês o seguinte: eu digo sempre que o maior legado que eu quero deixar para o povo brasileiro é o legado de terminar o mandato sendo tratado por vocês como eu era tratado antes de ser presidente da República, ser companheiro de vocês.

Querida companheira Dilma,

Eu não sei o vai acontecer neste país nos próximos anos, não posso nem pensar. Mas eu vou lhe dizer uma coisa: pode ser que daqui a dois anos você esteja nesta tribuna e eu esteja ali, gritando para você trabalhar mais, para favorecer muito mais a população negra. Porque este país só será justo no dia em que nós formos tratados em igualdade de condições na cidade em que a gente mora, na rua em que a gente mora, na escola em que a gente estuda, no local em que a gente trabalha e no ambiente que a gente convive.

É com essa convicção que, muito mais do que um presidente da República comprometido com o movimento de vocês, que é um movimento nosso, muito mais do que um presidente da República, é que eu sou um brasileiro que sei que o dia... enquanto o meu coração bater, enquanto a minha cabeça pensar, enquanto as minhas pernas andarem, eu estarei junto com vocês, para que a gente consiga a igualdade neste país.

Muito obrigado. Que Deus abençoe o povo brasileiro e, sobretudo, o povo negro deste país.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita do Presidente da Autoridade Nacional Palestina, Mahmoud Abbas

Salvador-BA, 20 de novembro de 2009

Excelentíssimo senhor Mahmoud Abbas, presidente da Autoridade Nacional Palestina,

Companheiro Jaques Wagner, governador do estado da Bahia,

Embaixador Riad Al Malik, ministro das Relações Exteriores, em nome de quem saúdo os demais integrantes da delegação da Autoridade Palestina,

Ministro Celso Amorim, em nome do qual cumprimento a delegação brasileira,

Embaixadoras, embaixadores,

Amigos jornalistas,

Amigos da Bahia,

É uma grande honra receber o presidente Mahmoud Abbas em Salvador, por ocasião da celebração do Dia da Consciência Negra no Brasil.

Nesta data de conscientização e valorização de nosso rico passado étnico-cultural, queremos transmitir uma mensagem de paz, tolerância e igualdade para todas as vítimas de discriminação e de preconceito no mundo.

Nada mais simbólico do que realizar esta celebração na primeira capital do Brasil, onde a formação da nação brasileira é revelada em toda a sua complexidade.

Nada mais simbólico do que contarmos com o privilégio da presença do presidente Abbas, um defensor da causa e dos direitos do povo palestino.

Senhor Presidente,



Não é só sangue negro que corre nas veias do povo brasileiro. A identidade árabe também está inscrita em nosso DNA. A contribuição trazida pelos imigrantes árabes permanece forte em nossa cultura e na maneira de ser dos brasileiros.

Os cerca de dez milhões de brasileiros descendentes de árabes contribuem imensamente para o progresso do Brasil e orgulham-se de conviver com uma comunidade judaica vibrante e ativa, da qual faz parte o nosso querido governador Jacques Wagner.

Nossa política externa reflete essa diversidade e pluralismo. São de longa data as relações do Brasil com o Oriente Médio, particularmente com os povos árabes e com o povo palestino em especial. Essas relações, sustentadas no passado por vínculos humanos, têm-se intensificado nos últimos anos. Isso não é obra do acaso, mas reflexo da importância política e econômica atribuída pelo Brasil à região, amparada em laços afetivos de cooperação e amizade.

Para citar alguns exemplos concretos, abrimos Escritório de Representação em Ramalá, criamos o cargo de Embaixador Extraordinário para o Oriente Médio e ajudamos a realizar a Cúpula América do Sul-Países Árabes.

Ao mesmo tempo, nosso comércio com o Mundo Árabe quadruplicou, desde 2002. Um futuro acordo de livre-comércio entre Mercosul-Palestina reforçará esses vínculos.

O Brasil sediará uma conferência econômica dirigida à diáspora palestina e às comunidades empresariais ibero-americanas, para fomentar investimentos e negócios na Palestina.

Presidente Abbas,

A paz e a estabilidade no Oriente Médio interessam à Humanidade. E tudo que interessa à Humanidade não nos é alheio. O Brasil quer ajudar a construí-la. Estou convencido de que o processo de paz se beneficiará da



contribuição de outros países, além dos que tradicionalmente estiveram envolvidos.

A paz justa e duradoura na região depende do estabelecimento de um Estado palestino próspero, coeso e sem restrições, que garanta a segurança de Israel e que tenha seus direitos e os de sua população respeitados. A comunidade internacional não pode se conformar com menos do que isso.

A expansão dos assentamentos na Cisjordânia deve ser congelada. As fronteiras do futuro Estado palestino devem ser preservadas. Os palestinos devem ter maior liberdade de circulação nos Territórios Palestinos Ocupados. A situação humanitária na Faixa de Gaza é insustentável. A dignidade humana não pode continuar a ser ignorada.

O Brasil acredita que não se chegará ao entendimento por meio da exclusão e do isolamento. Advogamos o diálogo com todas as partes que genuinamente querem construir um futuro melhor para as próximas gerações.

Encorajo a Autoridade Nacional Palestina a seguir buscando a unidade de seu povo e um ambiente de convivência democrática. Aqueles que se amparam em dogmas inabaláveis semeiam a discórdia e fomentam, na verdade, a permanência do conflito.

Senhor Presidente,

O Brasil considera que o desenvolvimento é o principal antídoto contra o radicalismo e a desesperança. Respalamos com contribuições concretas nosso interesse em participar mais ativamente das discussões para a estabilidade do Oriente Médio. Dentro de nossas limitações, fizemos recentemente duas doações importantes.

Em 2007, na Conferência de Paris, ofertamos US\$ 10 milhões à Autoridade Nacional Palestina, uma das maiores contribuições dentre os países em desenvolvimento não-islâmicos. Esses recursos têm sido empregados na Cisjordânia, em projetos de cooperação nas áreas de saúde, infraestrutura e educação.



Em março último, anunciamos nova doação, em valor equivalente, desta vez para a reconstrução de Gaza. Compartilhamos o sofrimento de sua população, duramente atingida pelo conflito do início do ano e pela terrível escassez decorrente do bloqueio que lhe é imposto.

Em conjunto com a Índia e a África do Sul, levamos adiante o projeto, financiado pelo Fundo Ibas, de construção de um centro esportivo em Ramalá.

Meu querido Abu Mazen,

Como tive oportunidade de dizer ao presidente Shimon Peres, não precisamos inventar soluções mágicas para a questão palestina. Os caminhos são conhecidos.

E Vossa Excelência é parte do patrimônio construído ao longo de anos de negociação. Sua dedicação, moderação e liderança injetam ânimo e confiança nos que acreditam num Oriente Médio em paz. A persistência é o único caminho contra o conformismo.

Confio em que Vossa Excelência continuará a colocar os interesses e os direitos do povo palestino acima de seus próprios. O Brasil estará sempre ao lado dos que preferem o diálogo e a persuasão.

Com essa convicção, peço a todos que a gente possa, daqui do Brasil, ficar torcendo para que o presidente Mahmoud Abbas e o povo palestino possam, junto com o povo de Israel, encontrar definitivamente a paz, porque o mundo precisa dela.

“Salámu Alêikum!”, Que a paz esteja com todos.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do Fórum Mundial de Educação Profissional e
Tecnológica**

Brasília-DF, 23 de novembro de 2009

Em vez de iluminar vocês, para eu ver, eles preferiram iluminar o palanque aqui, e eu não consigo ver aqui na frente. Mas, deixa eu fazer uma pergunta aqui: tem gente do Rio Grande do Sul? De Santa Catarina? Do Paraná? De São Paulo? Do Rio de Janeiro? De Minas Gerais? Do Espírito Santo? Da Bahia? De Sergipe? De Alagoas? De Pernambuco? Da Paraíba? Do Rio Grande do Norte? Do Ceará? Do Piauí, tem gente? Do Maranhão, tem gente? Do Amapá, tem gente? Do Amapá tem pouca gente, Fernando Haddad. Do Pará, tem gente? Do Amazonas, tem gente? De Roraima, tem gente? Do Acre, tem gente? Do Mato Grosso, tem gente? Do Mato Grosso do Sul? Só tem um pouquinho aqui. Mato Grosso do Sul, vamos gritar um pouco mais. Rondônia, tem gente? Tocantins, tem gente? Goiás, tem gente? Brasília, tem gente? Está faltando alguém? Não, não está faltando ninguém.

Bem, primeiro, eu queria cumprimentar o meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

O meu querido companheiro Sergio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Cumprimentar o meu querido companheiro governador do Ceará, Cid Gomes,

Cumprimentar o Narciso Damásio dos Santos Benedito, vice-ministro da Educação para o Ensino Técnico, Profissional e Formação de Quadros de Angola, que está ali presente. Uma salva de palmas para Angola, gente.

Cumprimentar os senadores Valdir Raupp e Eduardo Suplicy,

Cumprimentar os deputados federais Ariosto Holanda, Fernando Marroni



e Maria do Rosário,

Cumprimentar o Alessio Surian, representante do Conselho Internacional do Fórum Mundial de Educação,

Cumprimentar o nosso querido companheiro Moacir Gadotti, presidente do Instituto Paulo Freire,

Cumprimentar o Eliezer Pacheco, secretário de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação,

E cumprimentar o companheiro Augusto Chagas, presidente da UNE,

Companheiros e companheiras,

Reitores, professores, estudantes e familiares,

E também os companheiros da imprensa, que quando perderem o emprego, vão entrar em uma escola técnica e vão perceber que um bom técnico pode ganhar tanto quanto um jornalista neste país.

Eu vou ser muito sucinto aqui porque eu vou ler um texto pequeno, porque se eu for falar de improviso eu fico dizendo “e para terminar”, e não termino nunca. Nessa semana eu fui falar com os petroleiros lá no Rio Grande do Norte, e quando eu me dei conta, já estava falando há uma hora e 10 [minutos]. Vocês vão ter aqui a Escola Bolshoi, que vai apresentar um show para vocês. Eu, como conheço o show apresentado pela Escola Bolshoi, eu acho que vocês não podem perder, porque na hora em que vocês... Já assistiram um show dos meninos e das meninas de Pelotas, na hora em que vocês assistirem o show do Bolshoi, e na hora em que vocês olharem para dentro de vocês mesmos, vocês vão perceber que ninguém segura este país, a não ser a ignorância daqueles que querem dirigir este país fechando os olhos à criatividade do nosso povo.

Portanto, é com grande alegria e satisfação que participo deste evento que dá início ao Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica. A alegria provém do fato de sediarmos este Fórum que, pela primeira vez, se



dedica ao tema da educação profissional e tecnológica, e reunirmos aqui representantes de mais de 15 países que participarão de debates que visam a qualificação das ações em Educação no mundo. Eu queria também cumprimentar as delegações dos 15 países que estão aqui participando deste evento.

Alegra-me, também, saber que milhares de professores, estudantes, trabalhadores em Educação, pesquisadores e representantes de governos, sindicatos e associações estarão juntos até sexta-feira para compartilhar conhecimentos e experiências. Ao mesmo tempo, fico muito satisfeito em receber este Fórum e poder dizer a todos aqui o que fizemos, o que temos feito e o que ainda faremos pela educação profissional e tecnológica brasileira.

Mas, antes, quero contar uma pequena história a vocês. Há dois meses, em 26 de setembro, foram completados cem anos da assinatura do Decreto número 7.566 pelo então presidente Nilo Procópio Peçanha. O Decreto criou as primeiras 19 escolas de aprendizes e artífices no Brasil. Esse homem, que veio de família modesta, cujo pai, Sebastião de Souza Peçanha, vivia da agricultura, passou um ano no governo e deu impulso ao ensino técnico e profissional brasileiro. Em uma mensagem apresentada ao Congresso Nacional, em 1910, Nilo Peçanha diz que “atendendo a uma antiga aspiração do País, o governo fundou o ensino profissional em toda a República”, e que as chamadas oficinas já eram frequentadas por centenas de alunos. Ao avaliar seu legado, Nilo Peçanha tinha todos os motivos para sentir orgulho do que fez nessa área, mas conta a história que ele sentiu uma ponta de arrependimento. Em 1924, pouco antes de morrer, Nilo Peçanha teria dito a um padre que cometera um erro quando criou as primeiras escolas de aprendizes e artífices. Ele teria se arrependido porque criou apenas 19. Ele achava que deveria ter criado, no mínimo, 200 escolas.

Observem que, de 1909 a 2002, foram construídas no Brasil 140 escolas técnicas. Depois de Nilo Peçanha, o presidente que mais criou escolas técnicas



foi o presidente Itamar Franco, que criou 26 escolas no nosso país. Mas nos últimos sete anos o Ministério da Educação entregou à população 96 unidades, permitindo o ingresso de novos 43 mil estudantes. E até dezembro de 2010, ou seja, em oito anos, entregaremos 200 novas escolas... 214 novas escolas técnicas. Aí, passarão a ser 354, que oferecerão 500 mil vagas aos estudantes brasileiros, para aprenderem a sua profissão.

Criamos também 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia. Esses institutos estão presentes em todos os estados e oferecem curso técnico integrado ao nível médio, curso superior de tecnologia, licenciatura e pós-graduação. Para assegurar esse crescimento, investimos por meio do Plano de Desenvolvimento da Educação, o PDE, R\$ 1 bilhão e 100 milhões na expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

Temos, hoje, uma rede articulada de escolas de educação profissional e tecnológica de primeiríssima qualidade. Os cursos foram estruturados de modo a estabelecer um itinerário formativo, ou seja, o aluno entra em um curso técnico e pode chegar à pós-graduação. Essa é uma proposta inédita no mundo, não tem similar.

E muitos desses jovens irão longe, podem ter certeza disso, porque as chances de empregabilidade após o término do curso são fabulosas, devido ao ótimo preparo que eles recebem. Como o mercado de trabalho, impulsionado pela automação industrial e pela globalização, exige profissionais altamente especializados, muitos desses jovens darão continuidade aos estudos para atuar com mais eficiência em ambientes informatizados e marcados por tecnologia de ponta.

Além de todos esses benefícios, com a construção das novas escolas os jovens não precisam mais deixar suas casas para estudar na capital. Eles têm, na sua própria localidade ou nas proximidades, uma escola de qualidade que ensina e que também aprende com a experiência que eles trazem.



Para darmos esse salto foi preciso alterar uma lei de 1998, que impedia a criação de escolas técnicas federais no nosso país. Trabalhamos para mudar a lei, porque entendemos que o curso profissional significa o início de uma carreira e também de uma vida nova, cheia de dignidade para esses jovens e suas famílias. É requisito fundamental investir em nossos recursos humanos. A construção de um Brasil mais justo e melhor, a inserção do Brasil na economia mundial com vantagens competitivas, tem como pré-requisito o melhor nível educacional do nosso povo. Nesse sentido, a educação profissional e tecnológica assume valor estratégico para o desenvolvimento do País.

Queridos estudantes, professores, reitores e convidados estrangeiros,

Eu penso que a coisa mais importante que nós vamos deixar neste país quando terminar o meu mandato, não é apenas a quantidade de escolas técnicas feitas, mas é a mudança de paradigma da quantidade e da qualidade das escolas que nós fizemos.

Quando nós entramos aqui tinha uma lei, tirando do governo federal a responsabilidade pelas escolas técnicas. Eu quero agradecer aos deputados e aos senadores que mudaram a lei para que o governo federal pudesse voltar a assumir a responsabilidade de formar a nossa juventude e dar a ela uma qualidade de ensino capaz de permitir que ela possa competir com qualquer jovem, de qualquer país do mundo, em igualdade de condições.

Mais ainda, é importante. Quando eu entrei na Presidência, eu poderia ter feito 27 escolas e ter dito: Eu fui o presidente da República que mais fez escolas. Mas nós fizemos 214. Deus queira que quem vier depois de mim sinta o mesmo orgulho que eu sinto hoje e, em vez de 214, faça mais 300; e quem vier depois, faça mais 300; e quem vier depois, faça mais 300, para que a gente possa ter neste país a escola fundamental... a escola profissional e a escola tecnológica como um dos pilares da elevação do conhecimento da nossa juventude, e preparando-a para passos seguintes.

Eu quero dizer para vocês que tenho visitado muitas escolas, tenho



inaugurado muitas escolas. Agora, no dia 10 de dezembro... no dia 15 de dezembro, vamos inaugurar mais 70 escolas, para completar as cem só neste ano.

E o que eu digo nesses discursos, eu vou dizer para vocês. Se vocês, um dia, tiverem qualquer problema em casa e perderem a motivação; se vocês, um dia, tiverem qualquer problema econômico na família ou qualquer outro problema na família, de desagregação, de brigas e tiverem que desanimar e acharem que não vale a pena, eu queria pedir para vocês: lembrem-se que este presidente da República deve o fato de ter chegado à Presidência da República a um curso técnico que eu fiz em 1963. Foi graças a esse curso que eu pude arrumar emprego e eu fui o primeiro de oito irmãos a ganhar mais de dez salários mínimos, eu fui o primeiro a ter um carro, eu fui o primeiro a ter uma geladeira, eu fui o primeiro a ter uma televisão, eu fui o primeiro a ter uma casa.

E o que esteve reservado para mim, por conta desse curso, [certamente] estarão muito mais coisas reservadas a vocês, porque certamente as escolas em que vocês estão estudando e as oportunidades que vocês terão daqui para a frente serão infinitamente maiores do que a minha. Mais ainda, quando tudo não estiver do agrado de vocês, lembrem-se do orgulho que vocês estão dando ao pai de vocês e à mãe de vocês por estarem frequentando uma escola técnica profissional.

Um abraço. Boa sorte e bom Fórum para vocês.

(\$211A)



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após assinatura de atos, por ocasião da visita do presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad

Palácio Itamaraty, 23 de novembro de 2009.

Excelentíssimo senhor Mahmoud Ahmadinejad, presidente do Irã,
Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,
por intermédio de quem cumprimento os ministros brasileiros aqui presentes,
Senhor Manouchehr Mottaki, ministro das Relações Exteriores do Irã,
por intermédio de quem cumprimento os demais ministros da delegação iraniana,

Senhores embaixadores aqui presentes,
Senhoras e senhores jornalistas,

Os laços centenários que unem Irã e Brasil estão hoje sendo renovados com a visita do Presidente Ahmadinejad a nosso país.

No mundo em que vivemos, a distância geográfica e a diversidade cultural não devem servir de pretexto para manter os povos afastados. Pelo contrário, é necessário descobrir afinidades, explorar parcerias e discutir temas da agenda global. Este é o sentido do diálogo que lançamos hoje.

Senhor Presidente,

O Irã e o Brasil são dois grandes países em desenvolvimento. Têm aspirações comuns em matéria de progresso econômico e social.

É grande nosso potencial de cooperação nas áreas de ciência e tecnologia, do comércio e dos investimentos. Os acordos que firmamos hoje contribuirão para ampliar e aprofundar nossa relação.

Nosso comércio dobrou durante meu governo. Em 2007, alcançou quase US\$ 2 bilhões. Apesar do recuo no ano passado, é alvissareiro que em 2009 as



trocas não tenham perdido vigor, mesmo num contexto de crise econômica mundial.

O Irã é um dos maiores mercados para as exportações agrícolas brasileiras. Em breve poderá voltar a ser o principal destino das exportações brasileiras no Oriente Médio.

A expressiva delegação empresarial que acompanha Vossa Excelência saberá explorar ainda mais nossas complementaridades. No mesmo sentido, a missão que meu Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio chefiará proximamente a Teerã deverá identificar novas oportunidades de comércio, investimentos e cooperação.

Irã e Brasil são países com grande potencial energético. Vivemos também o desafio de desenvolver fontes alternativas de energia. Pretendemos realizar, em parceria, projetos de geração de energia elétrica. E vamos levar para o Irã a experiência brasileira com veículos movidos a gás e a etanol.

Nossa larga experiência em agropecuária pode ajudar o Irã a conquistar sua segurança alimentar.

Nas áreas de ciência e tecnologia, vamos promover a colaboração entre universidades e centros de pesquisas.

Presidente Ahmadinejad,

Num mundo cada vez mais multipolar, é fundamental reforçar as relações Sul-Sul e consolidar os mecanismos de integração em nossas regiões.

Vemos positivamente os esforços do Irã para criar um mercado comum na Ásia Central, no âmbito da Organização de Cooperação Econômica.

O Brasil tem se empenhado em fortalecer o Mercosul e construir a União Sul-Americana de Nações. Com muito diálogo, tolerância e paciência, estamos trabalhando pela integração continental. Reconhecemos que, sem estabilidade e cooperação regional, não haverá paz e prosperidade duradouras.



A política externa brasileira é balizada pelo compromisso com a democracia e o respeito à diversidade. Defendemos os direitos humanos e a liberdade de escolha de nossos cidadãos e cidadãs com a mesma veemência com que repudiamos todo ato de intolerância ou de recurso ao terrorismo.

Presidente Ahmadinejad,

Reconhecemos o direito do Irã de desenvolver seu programa nuclear para fins pacíficos, com pleno respeito aos acordos internacionais. Esse é o caminho que o Brasil vem trilhando, em obediência à nossa Constituição, que proíbe a produção e a utilização de armas nucleares.

Não-proliferação e desarmamento nuclear devem andar juntos. O Brasil sonha com um Oriente Médio livre de armas nucleares como ocorre em nossa querida América Latina.

Encorajo, assim, Vossa Excelência a continuar o engajamento com países interessados, de modo a encontrar uma solução justa e equilibrada para a questão nuclear iraniana.

Senhor Presidente,

Senhoras e Senhores,

A experiência brasileira de abrigar grandes comunidades árabe e judaica em convivência harmoniosa desmente o mito de que o Oriente Médio está condenado aos conflitos e sofrimentos que tem vivido por décadas.

Mantemos um diálogo aberto e franco com todos os países da região. Com esse espírito, recebi, nos últimos dias, os Presidentes de Israel e da Autoridade Palestina. A Shimon Peres e a Mahmoud Abbas reiterei a posição brasileira sobre o conflito no Oriente Médio. Defendemos o direito do povo palestino a um Estado viável e a uma vida digna, ao lado de um Estado de Israel seguro e soberano.

Mas a busca de um entendimento, nesse e em outros temas regionais, exige a incorporação de novos interlocutores genuinamente interessados na paz. Para dialogar, é necessário construir canais de confiança, com



desprendimento e coragem. São esses mesmos valores e princípios que devem prevalecer na busca de paz no Oriente Médio.

O Irã pode ter um papel decisivo não só no Oriente Médio, mas também na Ásia Central. Confiamos na experiência milenar de sua cultura para forjar uma ordem internacional harmônica em sua própria região. Será particularmente importante a contribuição iraniana para lograr a unidade dos palestinos, sem a qual suas aspirações de liberdade não poderão ser alcançadas.

Senhor Presidente,

Sua vinda ao Brasil e minha visita ao Irã em 2010 fortalecerão o diálogo entre dois países que partilham desafios e têm a vontade de superá-los.

Esse diálogo é e será marcado pela franqueza e pela disposição de colocar a paz mundial acima de qualquer outro interesse. Por isso vejo que podemos olhar com muita confiança para nosso futuro.

Muito obrigado.

(\$211 A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de assinatura da mensagem de encaminhamento ao Congresso Nacional da Lei Orgânica da Polícia Federal

Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 23 de novembro de 2009

Eu estou com muita pressa. Eu vou falar umas palavras e sair correndo porque eu tenho que receber o Presidente do Irã às 11h30 em ponto, e tem um horário para cumprir porque tem uma reza, que é deles, à uma hora em ponto, então nós temos que cumprir a agenda antes da uma hora, a agenda de trabalho.

Bem, mas eu queria dizer para vocês que, ao terminar o nosso mandato no próximo ano, certamente nós deveremos ter todas as categorias de funcionários do Estado brasileiro mais ou menos com os seus problemas resolvidos, sobretudo no que diz respeito a Plano de Cargos e Salários, aos reajustes atrasados que existiam. E faltava a Lei Orgânica da Polícia Federal.

Quando nós, no governo, nos (incompreensível) com o compromisso de fazer uma lei orgânica, de discutir salário, de discutir tempo, com uma série de coisas, nós sempre ficamos olhando, que a hora em que a gente atende uma categoria, é como se fosse um dominó, ou seja, todas as categorias ficam olhando aquela categoria que conquistou alguma coisa e todo mundo quer equiparação. A única coisa que ninguém quer equiparar, aqui, é ao salário do Presidente da República. O resto, todo mundo quer equiparar a alguma coisa.

Eu penso que nós estamos fazendo aquilo que poderia ter sido feito muito tempo atrás. Primeiro, interessa ao Estado brasileiro ter uma Polícia Federal com os quadros necessários, com uma formação intelectual acima da média e, ao mesmo tempo, nós precisamos ter uma Polícia Federal que seja respeitada pela sociedade brasileira.

Bem, para que isso aconteça, é importante que a gente, a partir da



aprovação da Lei Orgânica da Polícia Federal, a gente não perca um princípio fundamental na vida humana: quanto mais poder, mais responsabilidade. É para isso que eu acho importante a gente dar poder, porque todas as vezes que uma instituição tem muito poder e ela age com menos responsabilidade, aquilo que poderia parecer um ganho termina sendo um prejuízo, porque as pessoas se autointitulam acima do mal e do bem e acham que podem fazer tudo.

Uma outra coisa que eu acho extremamente importante é que toda vez que tiver dois seres humanos haverá discussão política, haverá divergência política. O que não pode, efetivamente, é uma instituição como a Polícia Federal estar a serviço desse ou daquele partido político porque está no governo, ou desse ou daquele partido político porque alguém é filiado àquele partido político. Uma das coisas em que a gente ganha respeitabilidade é as pessoas perceberem, e sobretudo as pessoas mais humildes da sociedade – não aqueles que estão sendo investigados –, que existe neutralidade naquilo que a pessoa está fazendo, e que a pessoa está fazendo aquilo porque é de interesse do Estado brasileiro que aquilo aconteça de tal forma. Na hora em que a sociedade desconfia que a coisa não está sendo feita com seriedade, a gente termina perdendo aquilo que parecia ser um ganho, que é o poder que nós queremos dar para a instituição.

Veja o que acontece hoje. Hoje, com todas essas denúncias de corrupção, a sociedade não percebe que o grande número de investigações que acontecem é porque a Polícia voltou a exercer o seu papel de investigação, porque não existe, por parte do Presidente da República, do Ministro da Justiça, do Diretor da Polícia Federal, proibição para que as coisas sejam investigadas corretamente.

O que a gente tentou evitar, na verdade? Era o show de pirotecnia, que muitas vezes a investigação nem começava e a pessoa já estava condenada pelos meios de comunicação. Na verdade, o bom trabalho é aquele que você



faz, apresenta o resultado, seja para inocentar ou para culpar, mas que a pessoa que foi investigada saiba que ela foi investigada da forma mais neutra possível e que não houve nenhuma mãozinha por detrás, fazendo com que determinada pessoa tivesse que ser punida porque havia interesse político de A, de B, de C ou de D.

Eu acho que esta Lei Orgânica vai dar a vocês muito mais poder e, certamente, muito mais responsabilidade. Mas, mais do que isso, ela vai reconhecer uma tarefa nobre que a Polícia Federal já cumpre, e certamente vai cumprir com muito mais eficácia, a partir do momento em que o Congresso Nacional aprovar esta Lei Orgânica.

Por isso, Tarso, meus parabéns. Parabéns, Paulo Bernardo. O Paulo Bernardo tem essa cara assim, dura, mas é um grande negociador. Ele traz essa experiência do tempo do Banco do Brasil, e também porque ele parece o chefe de uma família, com não sei quantos ministros, que cada um quer um pouquinho de dinheiro, e ele é obrigado a distribuir de forma justa e equânime o dinheiro para todo mundo. E parabéns, Luiz Fernando. Certamente, você vai ter o privilégio de ainda dirigir uma Polícia Federal – eu espero que seja aprovado rápido –, dirigir uma Polícia Federal com muito mais direitos e também com muito mais deveres do que a que nós temos hoje.

Parabéns a todos vocês.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de encerramento do III Encontro Empresarial Brasil-Irã

Palácio Itamaraty, 23 de novembro de 2009

Primeiro, eu queria, em meu nome e em nome do presidente Ahmadinejad, pedir um pouco de desculpas a vocês, porque a nossa reunião foi longa e não pudemos fazer a reunião no horário que estava previsto.

Ao mesmo tempo, o Presidente tem que visitar o Senado do Brasil e, portanto, a nossa reunião dos presidentes com os empresários ficou um pouco prejudicada. Eu prometo consertar isso quando, no mês de abril ou maio, for a Teerã e levarmos uma grande delegação de empresários brasileiros, para que a gente possa fazer uma virtuosa e uma exitosa reunião.

Mas eu queria dizer aos empresários do Irã que estão aqui presentes que Irã e Brasil, embora tenham relações há mais de cem anos, nós nos conhecemos muito pouco e, possivelmente, não tenhamos explorado nem 5% da oportunidade de negócios que existe entre as duas grandes nações. Na área de ciência e tecnologia, na área da agricultura, na área da indústria e comércio, na área de energia, certamente nós temos um campo extraordinário para explorar em benefício do povo iraniano, do povo brasileiro, dos empresários iranianos e dos empresários brasileiros.

Nós tomamos uma decisão dos dois presidentes, em que, de agora até a minha visita a Teerã, vários ministros brasileiros e técnicos vão estabelecer um processo de visita ao Irã, vários técnicos e ministros iranianos vão estabelecer um programa de visita ao Brasil, para que a gente possa, em Teerã, assinar mais acordos e fazer com que a economia dos dois países continue crescendo e que a gente possa garantir, para o povo iraniano e para o povo brasileiro, um futuro mais justo e mais promissor.

Penso, também, que é importante a experiência brasileira na



diversificação da sua balança comercial. O Brasil, hoje, tem um fluxo, na sua balança comercial totalmente diversificado, com quase todos os países do mundo, e não dependemos mais, como dependíamos há 20 anos, apenas de dois blocos. Daí porque a importância do Irã para o Brasil e, certamente, a importância do Brasil para o Irã.

Eu penso que daqui para frente, depois dessa visita de vocês ao Brasil, é importante que comecemos a procurar novas oportunidades de negócio, em todas as áreas, não existe limite. E, afinal de contas, vocês são homens de negócios, os nossos empresários são homens de negócios e, na medida em que vocês comecem a conversar entre si, vocês vão descobrir quanto tempo nós perdemos não fazendo essas conversas há dez ou há quinze anos.

Eu quero agradecer ao presidente Ahmadinejad, da sua visita ao Brasil. Quero agradecer à grande delegação empresarial do Irã que veio ao Brasil. E posso prometer ao presidente Ahmadinejad que nós pretendemos levar ao Irã número igual ou maior de empresários brasileiros, para que os dois países possam estabelecer grandes negócios, grandes parcerias, porque o mundo exige muito mais ousadia hoje do que exigia há vinte ou trinta anos. Hoje, nós não podemos ficar sentados nas nossas cadeiras esperando oportunidades. Hoje, nós temos que procurar oportunidades, porque, nesse mundo competitivo e globalizado, quem ficar muito tempo sentado vai perder oportunidades. E nem Irã e nem o Brasil podem perder as oportunidades que existem entre os dois países.

Portanto, é com desculpas por não ter feito a grande reunião com os empresários que eu quero, de coração, agradecer a presença de todos vocês aqui no Brasil. Espero que tenham feito algumas reuniões importantes, e eu espero que, na próxima visita do Presidente ao Brasil, a gente possa fazer uma grande reunião de negócios, em São Paulo, que é o grande centro industrial do nosso país.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês!



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita do Presidente da República Tcheca, Václav Klaus

Palácio Itamaraty, 24 de novembro de 2009

Excelentíssimo senhor Václav Klaus, presidente da República tcheca,
Senhora Livia Klausova,
Minha querida companheira Marisa,
Ministro Martin Pecina, ministro do Interior da República tcheca, por intermédio de quem cumprimento os demais membros da delegação,
Embaixador Antonio Patriota, secretário-geral das Relações Exteriores, por intermédio de quem cumprimento as demais autoridades brasileiras,
Senhores Embaixadores,
Senadores,
Deputados,
Convidados,
Companheiros da imprensa,
Meus amigos e minhas amigas,

Tenho grande prazer em dar as boas-vindas ao presidente Klaus, da República tcheca, nesta sua primeira viagem ao Brasil. Mas quero convidá-lo, desde já, a voltar no ano que vem. É que, em abril de 2010, estaremos comemorando os 50 anos da fundação de Brasília. Vamos recordar a epopeia que foi a construção desta nova capital. Lembraremos, em particular, o papel singular desempenhado por Juscelino Kubitschek, bisneto de um imigrante tcheco. Virou presidente da República, deu grande impulso à industrialização do País e realizou a antiga promessa de levá-lo para o interior.

Essa celebração será também uma oportunidade para a nação brasileira reafirmar seu apreço e carinho pelo povo tcheco, por sua contribuição para a



construção do Brasil que hoje prospera neste cerrado.

Senhor Presidente,

Não imagino expressão mais eloquente do enorme potencial de amizade e cooperação entre nossos países. Somos o maior parceiro comercial da República Tcheca na América Latina. Desde o início de meu governo, nossas trocas triplicaram, alcançando US\$ 670 milhões em 2008. Mas podemos fazer muito mais. As condições para isso já estão dadas.

Na contramão da tendência mundial, a economia brasileira retomou um crescimento vigoroso ainda este ano. Isso nos dá a certeza de que, em 2010, a expansão do PIB será superior a 5%. Está aí uma excelente opção para diversificar o comércio exterior tcheco. Isso verão os muitos empresários de sua comitiva, que amanhã estará em São Paulo e em Recife. Da mesma forma, a Comissão Mista bilateral ajudará a fortalecer nossos vínculos econômico-comerciais.

Por sua localização estratégica, a República Tcheca é um importante centro distribuidor de mercadorias e serviços para a Europa Central e do Leste. Isso a torna especialmente atrativa para os empresários brasileiros que, cada vez mais, buscam diversificar mercados.

O acordo de cooperação na área da defesa, que estamos negociando, permitirá trocarmos experiências no campo de operações internacionais de manutenção da paz. Ao mesmo tempo, devemos explorar nossas complementaridades industriais para promover o desenvolvimento de equipamentos de defesa.

Na área de educação, temos grande interesse em estimular o diálogo entre universidades brasileiras e tchecas e facilitar o intercâmbio de cientistas, pesquisadores e estudantes.

Senhor Presidente,

Somos países com vocação multilateral, voltados para a construção de consensos e para o diálogo. A presidência tcheca no Conselho Europeu, no



primeiro semestre deste ano, empenhou-se no fortalecimento da parceria estratégica entre União Europeia e Brasil.

A reunião ministerial do Grupo do Rio-União Europeia, em Praga, reforçou nosso diálogo político em torno dos complexos desafios globais do século XXI. Contamos com o ativo envolvimento tcheco nas negociações sobre mudanças do clima. Como berço da revolução industrial, a Europa precisa assumir um papel de liderança.

O Brasil está fazendo sua parte. Vamos reduzir em quase 40% nossas emissões estimadas para 2020. Acredito que todos os países, especialmente os mais ricos, devem fazer com que a Cúpula de Copenhague produza resultados claros e ambiciosos.

Senhor Presidente,

Neste ano, celebramos 20 anos da Revolução de Veludo, que colocou a então Tchecoslováquia no caminho da democracia. Há 20 anos o Brasil realizava suas primeiras eleições diretas para presidente da República, pondo fim a décadas de regime de exceção. Sabemos, por experiência própria, como são preciosas as conquistas do pluralismo e da representatividade na construção de uma sociedade próspera e solidária.

Esses mesmos valores orientam a política externa brasileira. Somente com práticas mais democráticas moldaremos uma governança global verdadeiramente legítima e eficaz. Sem efetiva representação dos países em desenvolvimento, os organismos internacionais continuarão desacreditados. É esse ingrediente que fez do G-20 o principal foro da governança econômica mundial.

Com essa convicção defendemos, na OMC, que a Rodada de Doha assegure aos países mais pobres os benefícios do livre comércio agrícola. Precisamos, agora, democratizar as instâncias políticas e de segurança.

Por essa razão, esperamos trabalhar juntos pela reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Entendo esse gesto como um voto de



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

confiança na capacidade brasileira de contribuir para a nova ordem mundial que todos almejamos.

É com esse espírito que convido todos os presentes a erguerem suas taças e brindarem comigo à saúde e à felicidade pessoal de Vossa Excelência, da sua esposa, e à amizade dos brasileiros pelo povo tcheco.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a Convenção Mobilidade Sustentável na Renovação Urbana - cerimônia de lançamento do Challenge Bibendum 2010

Rio de Janeiro-RJ, 25 de novembro de 2009

Bom, eu tenho que ser meio rápido aqui, porque o presidente da Michelin tem um voo para Paris. Se depender do volume, aqui, ele vai viajar só amanhã. Mas, por isso, eu vou economizar na nominata, aqui.

E eu queria, cumprimentando o companheiro Sérgio Cabral, governador do Rio de Janeiro, eu quero cumprimentar a todas as pessoas que estão aqui no palco, cumprimentar os nossos convidados.

E dizer para vocês que é sempre uma alegria a gente poder discutir assuntos de tamanha relevância para o Brasil, como a questão da mobilidade urbana. E não apenas para o Brasil, para o mundo inteiro. Sobretudo para quem é latino-americano, sabe que a discussão sobre mobilidade urbana precisa estar na ordem do dia, porque os governantes do século XXI terão que fazer reparos na irresponsabilidade urbana dos que governaram no século XX, se não todos, uma grande parte.

Em primeiro lugar, eu não poderia deixar de agradecer à Michelin, por ter escolhido esta maravilhosa cidade do Rio de Janeiro para sediar o Challenge Bibendum. O nome é bonito: Bibendum. Difícil de falar mas, de qualquer forma...

Bom, este agradecimento é estendido a todos os companheiros e companheiras que, como responsáveis pela gestão de importante cidade em seus países, vieram até aqui para debater ideias, compartilhar experiências e pensar, em conjunto, soluções para o grande desafio da mobilidade urbana.

A grande verdade é que o planejamento da vida nas cidades foi, em muitos países, inclusive no Brasil, um assunto deixado de lado por muito



tempo. Apenas para termos uma ideia do que estou falando, a questão urbana só veio a se transformar, definitivamente, em agenda de Estado, em nosso país, com a criação do Ministério das Cidades, em 2003. Simultaneamente, instalamos a Secretaria Nacional de Transporte e Mobilidade Urbana.

Até então, uma sociedade com mais de 190 milhões de habitantes, com quase 80% deles morando em áreas urbanas, não contava com uma referência ministerial própria para tratar do espaço mais complexo e adensado do vasto território brasileiro.

As mudanças institucionais ocorreram em meio a um grande mutirão democrático que desencadeou a participação cidadã no que se refere a repensar a situação das grandes cidades brasileiras. Isso ampliou o poder e a voz política de um Brasil formado por mais de 5.600 municípios.

Estamos em plena etapa municipal da 4ª Conferência Nacional das Cidades, que tem sua plenária conclusiva marcada para maio de 2010, em Brasília. Notem bem, não estamos falando da primeira, nem da segunda e muito menos da terceira. Estamos falando da quarta conferência nacional para discutir mobilidade urbana. Um esforço que envolve milhares de cidadãos e cidadãs para discutir, diagnosticar e sinalizar linhas de passagem entre a herança do caos urbano e a cidade humanizada na qual todos nós queremos viver.

Temos assim feito em todos os setores. Nos últimos seis anos, realizamos mais de 60 conferências nacionais sobre as diferentes políticas públicas, da saúde à educação, da aquicultura e pesca aos direitos das mulheres. Essas conferências contaram com a participação de 4,5 milhões brasileiros nas etapas municipais, estaduais e nacional. Outros 14 encontros ainda serão feitos até o final de 2010, e estamos agora na reta final da conferência, que, pela primeira vez, debaterá comunicação social.

Nós temos a firme convicção de que, com essas iniciativas, a população passa, cada vez mais, a participar da elaboração das políticas públicas mais



importantes para o seu dia a dia. E, com isso, o Brasil está conseguindo mudar de forma visível a relação entre o Estado e a sociedade.

E aí, todos vocês sabem que uma mudança muito significativa é que, até antes do meu governo, Presidente da República não recebia prefeitos. E em hipótese alguma, porque partia-se do pressuposto de que os prefeitos eram tudo chatos, que iam a Brasília a mando dos governadores só para reivindicar dinheiro. O dado concreto é que, desde que eu tomei posse, todo ano, no mês de março, tem a Marcha dos Prefeitos, nós recebemos a pauta de reivindicação no ano, trabalhamos o ano inteiro, atendemos a reivindicações; no ano seguinte, vamos à Marcha outra vez, recebemos outra pauta de reivindicação, prestamos contas daquilo que nós fizemos; no ano seguinte, a mesma coisa. E vamos fazer isso até o último ano de governo, ou seja, uma interação absoluta.

Neste ano que houve a crise econômica, em que a receita da União caiu, a receita dos estados caiu muito, nós tomamos uma decisão de não permitir que a receita das prefeituras caísse e o governo federal garantiu a todos os prefeitos brasileiros que eles iriam arrecadar, no ano de crise, o mesmo que nós arrecadamos em 2008, que foi um ano muito bom de arrecadação. Portanto, nós garantimos aos prefeitos aquilo que eles tinham recebido no melhor ano, que foi o ano de 2008.

Uma nação capaz de enxergar seus desafios não conseguirá mais se acomodar à indiferença. E um desafio, em particular, está bem visível aos nossos olhos: a questão da mobilidade urbana. Estamos convencidos de que o direito à mobilidade urbana é indissociável do direito à mobilidade social. Não podemos separá-lo do direito ao emprego digno, ao salário justo, à moradia, ao transporte, à segurança, à educação e ao lazer. Ela não é uma agenda restrita à dimensão espacial. É sim, um elemento indissociável da apropriação cidadã dos recursos e do potencial de liberdade inerente à urbanização.

Precisamos promover nas cidades brasileiras do século XXI aquilo que,



desafortunadamente, não foi feito no espaço rural do País no século XIX e no século XX. Ou seja, universalizar serviços, multiplicar oportunidades, democratizar equipamentos.

Temos de consagrar, enfim, a precedência do bem comum sobre o interesse unilateral; do espaço público sobre o privilégio; da cidadania sobre a iniquidade.

O Brasil, meus companheiros, minhas companheiras, começou o século XX com nove entre cada dez brasileiros vivendo no campo. E terminou aquele século com oito em cada dez brasileiros morando nas cidades. A partir do golpe de 1964, o Estado impulsionou um processo de modernização agrícola sem atentar para os efeitos sociais dessa empreitada. Com isso, gerou um êxodo rural ou melhor, um êxodo humano de proporções épicas.

Em 30 anos de migrações internas, o Brasil atingiu uma taxa de urbanização que, nos Estados Unidos, ocorreu num espaço de oito décadas. Nós, em apenas três décadas. Mesmo com a redemocratização, a situação continuou a piorar.

Nos anos 90, a ideologia e a prática do Estado mínimo enfraqueceram o planejamento público. Instrumentos e ferramentas de política habitacional foram desativados. Os recursos para o saneamento básico foram drasticamente reduzidos. E tudo isso gerou cidades sem cidadania. Milhões de cidadãos humildes, sobretudo os jovens, foram abandonados à própria sorte. E o solo urbano virou cenário para uma arquitetura da exclusão inspirada no lado mais perverso da nossa história.

Hoje, nossas cidades concentram 75% da pobreza nacional. As grandes periferias metropolitanas abrigam 30% desta pobreza. E, embora as favelas cariocas sejam as mais conhecidas, elas não são o único exemplo. Em 1973, as favelas da cidade de São Paulo abrigavam 1,2% da população. Hoje elas reúnem mais de um milhão cento e cinquenta mil moradores, cerca de 11% dos habitantes do município.



Esse é o contexto dos desafios associados à temática da mobilidade urbana. O contexto de uma rotina marcada pela precariedade dos direitos mais elementares. Tal situação só pode ser mudada em todo o seu conjunto, ou seja, com programas sólidos para reforma urbana, habitação, saneamento, segurança, transporte e todas as outras áreas por muito tempo deixadas de lado por gerações e gerações de governantes.

Meus amigos e minhas amigas,

Nosso governo está investindo R\$ 106,3 bilhões em habitação e urbanização. Mais da metade destes recursos – R\$ 55,9 bilhões – são destinados à moradia de interesse social.

Além disso, estamos aportando outros R\$ 40 bilhões em saneamento básico e R\$ 37 bilhões no Programa Minha Casa, Minha Vida. Também estamos realizando, agora, uma nova família de investimentos com dupla finalidade: preparar nossas cidades para abrigar a Copa do Mundo de 2014 e receber os Jogos Olímpicos em 2016, além da Copa das Confederações, em 2013... Não, a Copa das Confederações, em 2013 e os Jogos Militares em 2011. Se brincarem, Sérgio, nós vamos trazer a Olimpíada do Inverno para Garanhuns, lá em Pernambuco

Mais do que uma festa do esporte, o que esses eventos nos reservam é a oportunidade – como diria o Magri – imperdível de criar uma festa da cidadania. De acelerar um processo de reparações históricas para transformar as cidades brasileiras no grande espaço democrático que nossa gente cobra e que todos temos o direito de desfrutar.

A mobilidade urbana – o direito cidadão de poder circular de forma rápida e barata por sua cidade – está presente em todas as políticas que, a exemplo das que citei até aqui, buscam imprimir a renovação de nossas cidades. Mas, para que possamos atingir nossos objetivos de mobilidade urbana, temos outro grande desafio a vencer: a imobilidade de algumas ideias. Não raro, elas afrontam a mudança com uma carga de preconceito



incompatível com as urgências do nosso povo.

Menciono um caso exemplar: no Rio de Janeiro, as obras do PAC incluem um conjunto de intervenções urbanas e de saneamento que vão modificar para melhor o perfil das maiores favelas da cidade. Nas comunidades do Alemão, da Rocinha, do Pavão-Pavãozinho, esse mutirão inclui a construção de teleféricos para ligar o alto dos morros ao transporte coletivo no asfalto.

Intervenções como essa costumam ser saudadas com entusiasmo quando feitas em bairros de classe média ou classe alta. Viadutos às vezes até menos importantes, destinados a desafogar o trânsito de bairros mais ricos, ganham luzes e tratamento de obra de arte da imprensa. Quando o beneficiado, todavia, é a comunidade pobre, não falta quem acuse de marqueteira a obra pública que vai ampliar a mobilidade urbana de milhares e milhares de famílias neste país.

Superar essa visão estreita faz parte do esforço ao qual devemos nos dedicar para vencer a perversa segregação que ainda faz milhões de brasileiros se sentirem quase como exilados em sua própria casa. A cidade brasileira em que nossa gente tem o direito de morar não é a que concretiza desequilíbrios em pedra e cal. Não é a que ergue muros de medo e privilégio. Não é a que destina o cinza do preconceito e da solidão da maioria.

Tornar as cidades democráticas, justas e sustentáveis é uma das provas cruciais na vida de um povo. Creio que hoje, finalmente, o Brasil está munido de ferramentas para enfrentar essa decisiva tarefa do século XXI.

Meus amigos e minhas amigas, antes de eu falar “muito obrigado” que estava aqui, já na última página, e deixar o dono da Michelin mais inquieto, o motor do avião já está ligado, eu queria dizer duas coisas, sobretudo para quem trabalha na administração pública, seja no Brasil, ou em qualquer outro país, porque na América Latina, com raríssimas exceções, é quase tudo a mesma coisa. Ou seja, o sufoco que o nosso continente sofreu durante toda a



década de 80 e a década de 90, em que os Estados adotaram como definição filosófica e eu diria, ideológica, de ser um Estado mínimo, em que a iniciativa privada iria resolver todos os problemas pertinentes à sociedade, levou a que em cidades inteiras neste país e em outros países fossem colocados asfaltos sem que se colocasse uma manilha para fazer coleta de esgoto ou até para fazer coleta da água da chuva. Ou seja, o desprezo pela qualidade de vida das pessoas, o desprezo pela questão ambiental se deu de tal magnitude que os governos que vierem a partir de nós vão ter que gastar muito mais para fazer um processo de reparação, em vilas inteiras, cidades inteiras e em dezenas de cidades, neste país.

Habitualmente – e vou terminar – habitualmente, os administradores públicos deste país não gostavam de gastar dinheiro em saneamento básico, porque é uma obra que não aparece. Você vai coletar um cocô, jogá-lo em um esgoto e vai levá-lo não sei para onde.

O que era importante neste país era fazer pontes e viadutos, mesmo desnecessários, porque ali você poderia imprimir, em uma placa azul, o nome do pai, o nome da mãe, o nome de um parente ou o nome de uma autoridade que você queria puxar o saco.

As pessoas não se deram conta de que não existe propaganda melhor para um governante, infinitamente melhor do que uma placa, é uma criança podendo andar descalça na sua rua, sem o medo de pisar em esgoto a céu aberto, uma criança brincar de forma saudável.

E, da mesma forma, Sérgio e Eduardo, eu penso que seria extremamente importante que a gente analisasse a questão do transporte coletivo neste país com o carinho que nós temos que olhar. Quem anda de carro apenas reclama, com o seu rádio ligado, do tempo que fica parado. Mas é muito duro ficar em pé uma hora e meia, dentro de um ônibus, sendo atropelado por trás e pela frente, pela direita e pela esquerda. Ou seja, às vezes perdendo 1/3 do dia ou, melhor, 1/3 do dia em que ele tinha que



trabalhar oito horas, dentro de um ônibus. Ou, às vezes, dentro de um trem que não está corretamente funcionando.

Por isso é que nós estamos convencidos de que essa nova geração de governantes que virá, a partir de agora, ela terá que fazer infinitamente mais, porque nós aprendemos, neste atual momento, que não há dinheiro mais bem investido do que a gente cuidar da cidade. E cuidar da cidade significa a gente garantir o direito e ir e vir das pessoas.

Acontece que nós não estávamos habituados. As cidades estavam truncadas em qualquer capacidade de investimento. Este país funcionou 20 anos onde o único objetivo era você guardar dinheiro para você fazer superávit primário. E aí as cidades não podiam gastar, o estado não podia gastar e a União não podia gastar.

Obviamente que nós não queremos abrir mão da nossa responsabilidade fiscal. Nós não queremos gastar mais do que nós temos. Nós só queremos gastar aquilo que nós temos. E não podemos endividar outras gerações.

Mas se a gente quiser garantir ao povo brasileiro a cidadania, que as pessoas não fiquem tão nervosas, que as pessoas não atirem no outro às vezes por uma discussão banal, um semáforo em qualquer cidade desse país, a gente precisa compreender que o investimento na mobilidade urbana é o investimento na melhoria de vida das pessoas da rua, da vila, do bairro, da cidade. Que fazer esse companheiro chegar em casa mais rapidamente, ou chegar no trabalho mais rapidamente, é permitir a ele que tenha um pouco mais de lazer.

Portanto, eu acredito que – vocês que participam de administrações públicas, que são prefeitos ou que são assessores de prefeitos – é preciso que também nós aprendamos uma coisa, viu, Eduardo: nunca sente em uma mesa e coloque 40 prioridades na sua mesa, porque se você colocar 40 prioridades, você não fará nenhuma. Você fará um pedacinho de cada coisa. Pode ter 50



na sua mesa; escolha duas. Se tiver dinheiro, escolha no máximo três. Mas ao terminar o seu mandato tenha, nem que seja, uma única coisa para mostrar: “Eu comecei e acabei”.

E o que nós estamos fazendo junto com o prefeito e com o governador do Rio de Janeiro, aqui nos bairros mais pobres do Rio de Janeiro, é apenas para a gente provar: nós não queremos fazer políticas de curativo, nós queremos fazer uma intervenção bruta, uma intervenção total. Porque nós achamos que a presença da prefeitura, a presença do estado, a presença do Governo Federal, com muitas políticas públicas nos bairros pobres, que a gente vai ganhar essa disputa com o crime organizado, com o narcotráfico, e fazer com que as pessoas percebam que é possível fazer. Não é possível é a gente continuar estendendo o leque de miseráveis espalhados pelas encostas e pelas beiras de córregos.

E agora muito mais, com as Olimpíadas, nós temos mais obrigação. Todo o PAC, a gente não pensava em Olimpíada. Nós, agora, vamos apresentar um segundo PAC 2011-2015. Por que nós vamos apresentar agora, se eu não vou estar mais governando em 2011? É porque é necessário começar a comprometer dinheiro no Orçamento da União para que, quem vier depois, não tenha pretexto para não fazer. Porque em 2002, só para vocês terem ideia, em 2002, Sérgio, quando eu cheguei no governo, o Brasil tinha investido, em saneamento básico, em todo o território nacional, apenas R\$ 262 milhões, ou seja, nada, nada. Hoje nós estamos gastando, só no Complexo do Alemão, R\$ 600 milhões.

Ou seja, ou nós fazemos isso e enfrentamos o debate daqueles que falam: “Estão gastando. Estão gastando onde não deveria gastar”... Porque, para alguns, investir no Alemão é gasto, para nós é investimento. É investimento porque, neste país, meu querido amigo da Michelin, nós queremos acabar com uma máxima vergonhosa: tudo que é para o rico é desenvolvimento, tudo que é para o pobre é gasto. E nós estamos provando



que é mentira, porque quem sustentou essa crise econômica no Brasil foram os pobres, foi a capacidade de consumo dos pobres que sustentou a economia brasileira no auge da crise. É só pegar os estados do Norte e do Nordeste, que a gente vai descobrir que no mês de outubro as classes D e E do Norte e do Nordeste consumiram 5% a mais do que as classes A e B da região Sudeste.

Então, é preciso acabar com essa bobagem de dizer que a gente não pode colocar dinheiro para os pobres, porque isso é gasto. É o mais... investimento, o melhor investimento que nós poderemos fazer, é a gente fazer com que as pessoas que são pobres se considerem tão cariocas e tão brasileiros quanto nós, que estamos aqui neste plenário.

Muito obrigado e boa sorte.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante inauguração do Gasoduto Urucu-Coari-Manaus e início do fornecimento de gás do Campo de Urucu

Manaus-AM, 26 de novembro de 2009

Meu querido governador do estado do Amazonas, companheiro Eduardo Braga,

Meu querido companheiro Alfredo Nascimento, ministro dos Transportes. E cumprimentando o Alfredo, eu quero cumprimentar todos os ministros que estão aqui presentes,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras. E cumprimentando o José Sergio, eu estarei cumprimentando todos os companheiros da Petrobras, de funcionários a gerentes, a diretores,

Quero cumprimentar o secretariado estadual,

Quero cumprimentar a nossa diretora da Suframa,

Quero cumprimentar a imprensa brasileira e a imprensa do Amazonas,

E quero cumprimentar o empresário, representando todos os empresários aqui, que é o nosso amigo Felipe Daou.

Bem, todos vocês sabem que o Felipe Daou é o dono da maior rede de comunicação de toda a Amazônia. E esse homem, que eu tive a oportunidade de conhecê-lo pela mão do ministro Alfredo e, depois, em várias vindas aqui, ao estado do Amazonas, era um inquieto empresário do Amazonas, que tinha um misto de dúvida se a gente iria concretizar ou não o gasoduto Coari-Manaus. Ele não podia me ver que ele perguntava: “Vai concluir? Vai parar? Vai acontecer alguma coisa? Será que vai ficar pronto?” E eu peguei o Felipe Daou como exemplo de empresário, porque essa eu sei que era a inquietação



de muitos investidores aqui, no estado do Amazonas.

Pois bem, hoje nós estamos aqui para inaugurar o gasoduto. Estivemos a primeira vez, em 2006, para assinar os acordos. No mesmo dia em que nós assinamos o acordo, descemos de uma sala, no Palácio do Governo, e na outra sala já pegamos a licença para começar a construir a obra.

A Petrobras começou fazendo essa obra com todas as empresas que participavam da engenharia, achando que era possível fazer a obra esperando a água do rio baixar. Quando a água do rio baixou, ficou tanta lama que era impossível fazer a obra como se fosse em uma região seca. Aí, a Petrobras e as empresas tiveram que voltar atrás e esperar o rio encher para a gente fazer a obra como se estivesse fazendo-a em alto mar. O dado concreto é que é importante dizer, alto e bom som, aos descrentes deste país, aos que passam a vida inteira torcendo para as coisas não darem certo: mais uma vez nós conseguimos vencer aqueles que apostam no retrocesso deste país.

Mas as pessoas não se conformam de a gente estar aqui inaugurando o gasoduto, porque tem gente que é tão azeda, tem gente que é tão invejosa, tem gente que torce tanto para as coisas [não] darem certo, que é como se fosse um casal que não tem filhos, em vez de procurar um médico para tentar se tratar e ter um filho, eles ficam olhando o casal vizinho e, quando o casal vizinho tem um filho, eles falam: “tudo bem, nasceu, mas nem falar, fala, só chora. Não sabe nem se limpar sozinho, tem que a mãe limpar ele quando faz suas necessidades”. Passam 30 dias e falam: “Nasceu, mas nem fala ainda, não anda, não joga bola, não fala papai e mamãe”.

Com essa obra está acontecendo a mesma coisa. É como se fosse um filho meu, do Eduardo Braga, do Gabrielli, da Dilma. E quem não conseguiu, de forma saudável, em um parto normal, parir esse gasoduto, está do lado de fora morrendo de inveja e querendo fazer todas as críticas possíveis e impossíveis.

Duas palavras foram ditas aqui. Uma, pela nossa companheira que falou em nome dos funcionários, que é a palavra “usufruir”. E outra palavra dita aqui



é “responsabilidade”, dita pelo companheiro Sergio Gabrielli. Eu vou tentar pegar as duas palavras para explicar uma coisa que vocês precisam saber. Este gás está aqui para que a gente possa fazer uma pequena revolução na matriz energética da região Norte do país, sobretudo do estado do Amazonas, para ter uma eletricidade limpa, porque nós nunca mais iremos repetir o ato de insanidade de construir uma hidrelétrica como Balbina que, pelo estrago que fez, ela produz pouquíssima energia. Obviamente que talvez, na época, tenha sido necessário. Mas o tempo se encarregou que você não precisaria fazer o estrago, o lago que você fez, para produzir tão pouca quantidade de megawatts. Então, aqui, nós estamos dando um passo importante.

Agora, esse gás e esse gasoduto, só tem sentido nós termos feito ele, e trazer ele para cá para vocês usufruírem, tendo uma matriz energética mais limpa, menos poluente. Quem sabe, dependendo da quantidade de gás que a gente tiver, até os carros podem utilizar um pouco, que é mais barato e eficiente. Quem sabe pode fazer GLP, e um pouco desse gás ser engarrafado para a casa das famílias aqui do estado do Amazonas e de Manaus. E, quem sabe, as indústrias irão ganhar um pouco mais de dinheiro porque será uma energia muito mais eficiente.

A segunda coisa é que usufruir deste gás significa a gente acreditar que nos próximos anos este estado vai ter mais desenvolvimento, que vai gerar mais empregos, que vai gerar mais salário, que vai gerar mais consumo, que vai gerar mais estudo, que vai necessitar de mais gente técnica e bem formada. E este estado vai ter que deixar se ser olhado apenas como o estado da Zona Franca de Manaus e vai ter que ser olhado como o estado que, inclusive, vai ganhar dinheiro pela preservação da sua floresta.

Que não venha nenhum gringo pedir para a gente deixar um amazonense morrer de fome embaixo do toco de uma árvore, porque nós queremos preservar, mas eles terão que pagar a conta desta preservação, pelo fato de nós não termos derrubado a nossa floresta como eles já derrubaram a



deles, há um século. Então, nós queremos usufruir corretamente.

A outra palavra é a palavra responsabilidade. O companheiro José Sergio falou *en passant* – *en passant* é meio chique – falou rapidinho, que não deu... É porque eu vou receber o Sarkozy aí, então eu estou metido a falar *en passant*. Eu vou receber o presidente da França agora. E, também, eu espero que o Caetano esteja ouvindo eu falar aqui, para ele ver eu falar *en passant*.

Bem, o dado concreto é que o José Sergio falou muito rápido. Mas quando ele falou “responsabilidade”, o que ele quis dizer? Nós temos uma base da matriz energética, com hidrelétricas que produzem energia com óleo combustível, ou melhor, com termoelétrica. Isso... Tocada a óleo combustível. Isso era normal e natural quando a gente não tinha alternativa, porque o óleo combustível é muito poluente, ele emite muito CO2 e que, portanto, ele contribui para poluir o Planeta, e o gás não.

O que ele disse de “responsabilidade”? Tem várias empresas com termoelétrica aqui, a Eletrobrás parece que tem duas, a Petrobras não tem nenhuma, mas tem outras empresas que têm energia (incompreensível). É importante que empresários fiquem espertos e sabidos, porque nós somos todos bonzinhos. Todo mundo já aprendeu que nós não fazemos maldade, neste governo. Todo mundo sabe que nós fazemos as coisas conversando, colocando no papel, assumindo compromisso. Eu sou da geração em que precisava menos de papel, era no fio do bigode. Mas agora precisa de papel.

Pois bem, em setembro deste ano que vem vence o prazo para utilizar óleo combustível. Então, eu quero deixar claro aqui, aos meus queridos companheiros da Petrobras, à Eletrobrás, que não venham no dia 1º de outubro dizer que não deu para fazer a mudança, porque vai ter que mudar de óleo combustível para gás até setembro. Inclusive, a Eletrobrás tem três, e ela sabe que ela tem que fazer. A Petrobras não tem nenhuma, mas sabe que ela participa de uma. E tem outros empresários que têm as outras, que precisam fazer. Porque também neste ano que vem vence a licença ambiental, e o



Eduardo não vai permitir renovar a licença ambiental de quem não mudar de óleo diesel para gás. Portanto, não é uma coisa voluntária. É uma decisão do governo, que não vai admitir, a nenhum pretexto. E por isso não estamos exigindo que seja amanhã, que seja depois de amanhã. E aí entra a palavra “responsabilidade”, do José Sergio Gabrielli. É porque para você fazer a conversão de óleo combustível para gás, você tem que trocar o motor, tem que colocar o motor novo, esse motor custa caro. E se a gente fizer sem testar um tempo, sem utilizar um tempo, a gente corre o risco de colocar um motor a gás, quebrar, e a gente ficar sem energia. Então, a gente está fazendo uma coisa com muita responsabilidade. É como uma mãe, tem dois filhos, tem um na banheira, o outro está chorando para tomar banho. Ela não vai jogar o da banheira fora. Ela vai, com muito cuidado, tirar ele, colocar na toalha, secar, colocar na cama. Quando ele estiver já sem chorar, ela vai pegar o outro, colocar na banheira e dar um banho.

Nós estamos fazendo isso. Nós estamos saindo de óleo combustível para gás. Então, nós estamos dando um tempo para que todos comprem os motores novos, façam as mudanças que tiverem que fazer, façam o teste que tiverem que fazer, porque a partir de setembro nós queremos anunciar ao mundo, ainda no meu mandato... O Eduardo não vai estar, porque é candidato, o Alfredo não vai estar, porque acho que é candidato, a Dilma não vai estar, porque acho que é candidata. Mas eu não sou candidato e estarei aqui para apertar o botão de todas as empresas, usando gás na energia elétrica deste estado.

Eu estou avisando, e quero ser muito claro e objetivo, para ninguém dizer que eu tenho duas caras, que eu falo por trás. Certamente, alguns companheiros empresários ganharam muito dinheiro com o óleo combustível, e talvez não tenham mais interesse. Eu quero apenas reafirmar que não é interesse pessoal de nenhum empresário, é interesse estratégico do Estado brasileiro, porque nós acabamos de fazer uma proposta, e vamos levar a



Copenhague: é que nós vamos assumir o compromisso de diminuir as emissões de gás de efeito estufa entre 36,1[%] e 38,9[%]. Nós queremos mostrar para os nossos amigos americanos, para os nossos amigos europeus, que aqui no Brasil a gente fala menos e faz mais. A gente não é como aqueles que falam: “eu mato a cobra e mostro o pau”. Ora, quem mata a cobra e mostra o pau, não mostrou a cobra morta. Aqui, a gente mata a cobra e mostra a bichinha morta, a gente não mostra indiferença.

Mas hoje, certamente, esse “mata a cobra” seria uma brincadeira, porque nós não vamos matar a coitadinha, que não está fazendo mal para ninguém, se a gente não for encher o saco dela e pisar perto dela. Então, nós vamos preservar a cobra, não vamos precisar de pau porque não queremos cortar, também, uma árvore para matar uma cobra. O que nós vamos é mostrar: este país aprendeu a ser sério, este país sabe que ser sério... E nós conquistamos o direito de andar de cabeça erguida. Com a mesma cabeça erguida que eu falo para um companheiro petroleiro, para uma companheira professora do Amazonas, para um seringueiro daqui, a gente fala para o Obama, a gente fala para o Sarkozy, a gente fala para qualquer um, porque cabeça erguida é uma conquista que o Brasil aprendeu a ter.

E fico feliz. E fico feliz, muito feliz, porque este gasoduto começou conosco e vai terminar conosco. Ou seja, eu tive o privilégio, o prazer de visitar esta obra nas entranhas da floresta amazônica. Eu vi uns helicópteros que eu nunca pensei em ver na vida, o tamanho do “bicho” carregando tubo. Eu vi o sacrifício com que trabalhadores e trabalhadoras ficavam nas cabanas para dormir. Mas, ao mesmo tempo, eu vi o que é uma empresa com a grandeza da Petrobras para cuidar dos seus trabalhadores, muitas vezes igual um pai cuida de um filho ou uma mãe cuida do seu filho.

Então, é um momento glorioso, é um momento glorioso, um momento muito glorioso, da mesma forma que este gasoduto é uma marca. Daqui a 30, 40 anos, quando os nossos adversários, com muita inveja, estiverem sentados



em uma cadeirinha discutindo o estado do Amazonas, eles, mesmo gaguejando, vão ter que falar que fomos nós que fizemos este gasoduto Coari-Manaus.

Da mesma forma, Alfredo e Eduardo, eu, um dia, quero convidar vocês para conhecer as obras do Canal do São Francisco. Você sabe que levar a água do rio São Francisco para o estado do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, desde 1847 que Dom Pedro II queria levar, e tinha um inimigo oculto que não deixava. Eu nunca prometi e, se Deus quiser, no ano que vem nós vamos levar o primeiro potinho d'água lá do rio São Francisco, para matar a sede dos nossos irmãos nordestinos, que tanto necessitam de água.

Por isso, eu acho que hoje é um dia de festa. Eu não vou poder ficar aqui, Felipe, mas eu quero ver qual é a matéria que você vai passar hoje, para saber se vai ser da justeza do que representa esta obra para o estado do Amazonas e para a região. E estou sabendo que há possibilidade de mais gás, há possibilidade de mais. E aí a Petrobras vai continuar fazendo pesquisa, vai continuar fazendo pesquisa e, na hora em que a gente for achando, a gente vai garantindo a este estado se desenvolver. Porque eu trabalho com um sonho de que este país não pode ter uma parte rica e uma parte pobre, uma parte que pode tudo, outra parte que não pode nada. Este país, nos 8,5 milhões de quilômetros quadrados, ele tem que ter brasileiros e brasileiras com a mesma oportunidade, com a mesma possibilidade de vencer na vida. E este gasoduto é mais um pedacinho de oportunidade que nós estamos dizendo: é de vocês; portanto, usufruam com o carinho e com a grandeza que vocês merecem.

Um abraço e até... logo, logo, eu estou aqui. Para a desgraça dos meus adversários, nós temos muitas obras para inaugurar aqui. Outro dia, falaram assim para mim: “mas, Presidente, o Eduardo está fazendo uma ponte que está ligando um lado do Amazonas ao outro lado, que não tem nada”. Ora, se a gente não faz a ponte, não vai ter nunca nada do lado de lá, porque ninguém



vai vir a nado para cá. Então... eu vou desafiar vocês porque eu vou atravessar essa ponte correndo. O Alfredo disse que é metido a jogador de bola, que corre, nós vamos fazer um teste aí. Você não pode ficar perto de mim porque é candidato, tem que ficar bem atrás para não aparecer na foto.

E uma outra coisa, companheiros, uma outra coisa, que tem um tratamento mais delicado por causa da questão ambiental e é uma coisa muito especial, é a [BR]319, e tenho certeza de que a gente vai fazer essa estrada e ela vai começar no meu governo.

Um abraço e boa sorte ao povo do estado do Amazonas.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Espaço Cidade dos Direitos da Criança e do
Adolescente**

São Bernardo do Campo-SP, 28 de novembro de 2009

Nosso querido companheiro Luiz Marinho, prefeito da cidade de São Bernardo do Campo,

Convidar o companheiro... cumprimentar o companheiro Patrus Ananias, ministro de Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

O nosso querido companheiro Paulinho Vannuchi, ministro dos Direitos Humanos,

Nosso querido companheiro Aloizio Mercadante, senador da República,

O nosso querido companheiro Vicentinho, deputado federal,

Cumprimentar o Otávio Manente, presidente da Câmara Municipal de São Bernardo do Campo,

Nosso companheiro Ariel de Castro Alves, diretor-presidente da Fundação Criança de São Bernardo do Campo,

Nosso companheiro Luiz Carlos Ditommaso, juiz da Infância e da Juventude,

E cumprimentar o nosso querido Alysson Lincoln Almeida, integrante do grupo (incompreensível), por meio de quem cumprimento todos os jovens e crianças aqui presentes,

Bem, eu tinha pedido para todos os ministros falarem cinco minutos e vou tentar não passar de cinco minutos aqui. É duro, Luiz Alberto, mas a vida obriga que a gente fale pouco.

Bem, primeiro, os meus agradecimentos ao vereador Ari pelo fato de ter dado o nome deste espaço extraordinário, para cuidar da criança e do



adolescente, em homenagem a minha mãe. Eu penso que não apenas minha mãe, mas muitas mães fazem por merecer serem homenageadas num espaço que cuida de criança e de adolescente. Eu penso que os juízes especializados na questão da criança e do adolescente, eu penso que os especialistas brasileiros e as especialistas que tratam da questão da criança e do adolescente sabem perfeitamente bem que, além do problema social que resulta de pessoas sem esperança, nós temos, no Brasil, um pouco mais do que a questão social. Nós temos um processo de desagregação da estrutura da sociedade a partir da família, possivelmente causado também pelos mais de 25 anos em que a economia deste país passou atrofiada e que não se investiu nas universidades, não se investiu corretamente no ensino fundamental e não se investiu no ensino médio. Mais grave ainda é que os adolescentes brasileiros e as crianças brasileiras sem área de lazer, num processo de crise econômica que perdurou duas décadas e meia, portanto em um processo de desestruturação da economia familiar; a meninada sem ter perspectiva de estudar, sem ter perspectiva de trabalhar, e às vezes vendo, dentro de casa, um clima de guerra estabelecido entre a família, muitas vezes não resta a uma criança e a um adolescente outro caminho, senão sair de casa.

Eu lembro, Marinho, que na campanha de 1998, eu saí do comício da Praça da Sé e tinha três meninos que moravam na Praça da Sé, estavam me abraçando, e eu, por intuição, resolvi trazer as crianças para casa. Trouxe as crianças para São Bernardo do Campo, demos banho nas crianças, colocamos roupa dos meus filhos nas crianças, demos janta para as crianças, e imediatamente eles queriam ir embora. Eu fiquei insistindo para que eles dormissem lá em casa, Marisa insistiu, mas as crianças queriam ir embora. Eu achei por bem, então, levá-las e largá-las onde a gente as tinha pegado na Praça da Sé. Depois eu montei um comitê eleitoral ali na Avenida Angélica, e essa meninada passou a frequentar o meu comitê. No primeiro dia que eles foram lá, eu dei bola de futebol nova para eles, camiseta nova, tênis. Eles mal



desceram a escada, foram se desfazendo das coisas que eu tinha dado, vendendo aquilo. E por que é que eles vendiam? Eles precisavam de dinheiro para comprar cola para cheirar. Às vezes eles chegavam ao meu gabinete às 10 horas da manhã, já cheirando cola. A gente colocava eles para dormir, mandava buscar almoço, dava almoço para as crianças; eles acabavam de almoçar, eles queriam ir embora. E o pessoal que conhecia achava que era melhor não tentar segurar. Quando foi um dia, eu propus aos três que estavam lá, levá-los de volta à casa dos pais. E aí eu percebi que o lugar que eles menos queriam voltar era para a casa dos pais.

Vou contar só o caso de um deles. A mãe dele tinha... estava separada, tinha... estava morando com outro pai que, portanto, era padrasto dele, e um dos prazeres desse padrasto era bater na criança. Então, de repente, eu descobri que aquela criança, ao escolher a Praça da Sé para morar, na verdade ela estava escolhendo um lugar mais adequado e onde ela tinha melhor tratamento do que ela tinha na sua casa, junto com o seu padrasto.

Ora, eu estou dizendo isso porque também já é sabido que é impossível a gente tentar recuperar as crianças e os adolescentes se a gente não envolver, concomitantemente, a recuperação do pai, da mãe e da família. Ou seja, é um processo mais trabalhoso, é um processo mais científico, é um processo em que a gente precisa dedicar os esforços do poder público municipal, estadual, federal, os esforços de muitos empresários que contribuem hoje para que a gente possa resolver isso, os esforços de muita gente que trabalha de forma voluntária para ajudar a sociedade brasileira, porque nós temos que recuperar não um adolescente ou uma mãe. Nós temos que recuperar, praticamente, a família inteira, num momento em que a quantidade das informações que nós recebemos não são as mais adequadas.

Acho que o nosso Juiz sabe, o Paulinho Vannuchi sabe: quais são as mensagens educativas que nós recebemos através dos meios de comunicação neste país? O que as televisões ensinam 24 horas por dia para uma criança



dentro de casa? Qual é a quantidade de minutos educativos? É muito pouco, porque o interesse é eminentemente comercial, não é educativo. Se não deu lbope, não tem televisão. Então, as crianças hoje têm mais controle da televisão do que nós, no nosso tempo. No nosso tempo, nós tínhamos que levantar para mudar de canal, porque tinha que rodar o botão. Ficava brigando a família... Quem tem a minha idade aqui ou próximo a minha idade sabe, ficava o pai falando para o filho: “vai mudar de canal”. O filho falava: “não vou”; “vai a mulher mudar de canal”; a mulher: “vai você”. Por preguiça, as pessoas assistiam quase a um canal só, porque ninguém queria se levantar para mudar de canal. Hoje, com o controle remoto, a gente termina não assistindo a nenhum canal, porque cada vez que vem a propaganda, a gente está mudando de canal; quando volta, já acabou o filme, a gente começa outro pela metade, é assim a vida de todos nós.

Então, as nossas crianças... Veja, nós não temos ainda, e essa é uma guerra que nós temos que enfrentar, porque nós temos que enfrentar o preconceito, nós temos que enfrentar o preconceito muitas vezes até religioso, que não permite que você dê determinado tipo de educação nas escolas... A verdade é que, embora todos nós pareçamos muito modernos, nós não temos coragem de educar os nossos filhos, sobretudo educá-los sexualmente, a gente não tem coragem. É mãe moderna para fora que, para dentro, não tem coragem de conversar com a filha uma conversa séria. É pai moderno que não tem... É todo moderno quando está falando com os outros, mas quando chega dentro de casa, não tem estrutura psicológica para educar os filhos. E, assim, nós vemos que a estrutura da sociedade vai sendo praticamente tomada das nossas mãos porque nós não temos ações.

Veja, no governo, nós montamos uma Secretaria Especial com o status de Ministério para cuidar da questão de gênero, porque a mulher ainda, neste país, embora a Constituição diga que todos são iguais perante a lei, que todos devem ter o mesmo salário, a verdade é que a mulher ainda é tratada como



cidadã de segunda classe neste país. Portanto, não é uma questão de legislação, porque está na Constituição. Da mesma forma que o preconceito. A história, a história deste menino aqui é a história de muita gente, é a história de muita criança negra, é a história de muita criança pobre nordestina que vem para outros lugares, e que na Constituição está garantido que preconceito racial é crime inafiançável. Portanto, não é falta de lei. Não é falta de lei, é falta de cultura. Ou seja, não é trabalhar mais um projeto de lei, é trabalhar nas escolas, corretamente, a formação das pessoas, para que a gente não repita coisas absurdas que são inimagináveis, [de] 300 anos atrás. E isso acontece todo santo dia no nosso país, porque não é uma coisa que a gente resolve proibindo. É uma coisa que a gente resolve trabalhando, apostando e investindo muito. E se não começar pela escola, tudo fica mais difícil. Se a gente tiver medo de ensinar o combate ao racismo na escola, vai ficar mais difícil ensinar depois. Se a gente tiver medo de ensinar educação sexual para os nossos filhos nas escolas, vai ficar muito mais difícil depois, porque eles vão fazer aquilo que é próprio da natureza humana, muitas vezes por falta de uma explicação qualquer.

Então, eu penso, Marinho, que um espaço como este nos dá uma, uma, uma alegria. Você sabe, Marinho, que faz menos de um ano que eu fui inaugurar, que eu fui inaugurar o Território da Cidadania... o Território de Paz no bairro de Santo Amaro, em Pernambuco, que era o bairro mais violento de Pernambuco. Dez meses depois, a violência tinha diminuído 70% naquele bairro. E o que é o Território de Paz? É você ter polícia especial para tratar com o cidadão de uma comunidade e não uma polícia inimiga que atira no primeiro que vier, sobretudo se for um, primeiro, preto e pobre, sobretudo isso. Então, nós queremos que o policial converse antes. Por conta disso, criamos as Mães da Paz, que são as mulheres da própria comunidade que vão tentar descobrir adolescentes e crianças quase na linha de risco, para tentar recuperá-los para que a gente possa tratá-los. Que não se faça cadeia como se faz para bandido,



para cuidar de um pequeno que cometeu um delito qualquer. Que se dê a esse jovem a oportunidade de ele perceber que muito próximo dele tem uma chance muito maior de ele virar um cidadão respeitado na sociedade, e não amanhã virar um bandido, para ser preso.

E tudo isso, na hora em que os dirigentes políticos descobrirem, é mais barato fazer tudo isso [do que] depois manter um Fernandinho Beira-Mar na cadeia, porque para deslocá-lo para julgar custa mais do que uma viagem do Presidente da República, e é o Estado que paga. Quando, na verdade, seria mais barato construir escola, construir creche, construir oportunidades para as crianças e para os adolescentes neste país.

Bem, eu acho, Marinho, que a minha mãe poderia ser exemplo, porque muitas vezes também, de forma muito fácil, nós achamos que a pobreza é culpada de tudo. A pobreza é um item, a pobreza pode ser o alho que falta no tempero, o sal que falta no tempero, o cheiro verde que falta no tempero, mas ele sozinho não é tudo. Porque eu fico me perguntando como é que uma mulher como a minha mãe, com oito filhos, largou do meu pai, porque tinha que largar mesmo, e foi sozinha cuidar de oito filhos e ninguém virou bandido. E não é por falta de passar necessidade, não é por falta de passar fome. É que quando dentro de casa tem harmonia, não há nenhuma motivação para ninguém cometer nenhuma asneira, achando que na rua tem um lugar melhor do que dentro de casa. Não é porque não tem televisão, porque eu também não tive televisão. Não é só por isso. Porque, na verdade, tudo começa a partir de uma palavra chamada amor, que a gente tem que construir dentro do espaço de convívio familiar. Não existe possibilidade...

Então eu acho, Marinho, que um espaço como este aqui é uma bênção de Deus. É a gente sair daqui para poder dizer ao mundo que na grande cidade de São Bernardo do Campo as crianças são tratadas com o respeito que nós queremos que sejam tratadas em todo o País. Eu não acredito que tenha ser humano, eu não acredito que tenha ser humano, por mais violento que seja,



por mais... sobretudo se ele tiver menos que 18, 19 ou 20 anos, quando ele ainda tem tudo para aprender, que ele não queira se recuperar. Eu duvido. O que é preciso é encontrar um jeito, um jeito de educar. E se tiver um companheiro de 14 ou 15 anos deitado, trancafiado em uma Febem, com uma guarda do lado, com um cacetete, a gente não consegue domesticar nem cachorro, quanto mais um ser humano. Um ser humano, é outro tratamento.

Então, quando eu vejo estas crianças aqui, Marinho, eu, sinceramente, sou obrigado a sair daqui acreditando, ainda mais do que eu já acredito, que nós estamos a poucos passos, Paulinho, de fazer com que o Brasil sirva de exemplo para o mundo. E eu acho que nós estamos no caminho certo.

Laerte, eu queria te dar os parabéns pelo trabalho. Acho que isto aqui não pode ficar sendo mostrado apenas para São Bernardo do Campo, porque muitas vezes, também, a gente só vê na televisão as coisas ruins. As coisas boas que acontecem não são mostradas. E isto aqui é importante ser mostrado para que em outras cidades do Brasil as pessoas descubram que é possível e é barato a gente fazer as coisas, para cuidar com dignidade.

Por isso, meus parabéns a você, companheiro Marinho. Parabéns aos adolescentes que estão aqui. Parabéns para a orquestra que eu ouvi, para os companheiros que batucaram aí. Logo, logo vão ser convidados para ir batucar num lugar muito importante. Mas, sobretudo, parabéns à sociedade de São Bernardo do Campo. A gente vê na cara das pessoas que estão aqui que, muito mais do que os governos, a sociedade está assumindo para si a responsabilidade de criar um futuro muito melhor para a nossa cidade, para o nosso estado e para o nosso país.

Parabéns e muito obrigado pelo trabalho.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
sessão de abertura da 19ª Reunião de Cúpula Ibero-Americana de Chefes
de Estado e de Governo**

Estoril-Portugal, 30 de novembro de 2009

Meus agradecimentos aos meus queridos amigos, presidente Cavaco Silva e primeiro-ministro José Sócrates, e ao povo português pela hospitalidade fraterna com que nos recebe, na bela cidade de Estoril.

Quero saudar os meus companheiros chefes de Estado e de Governo dos países ibero-americanos,

E quero pedir permissão para a companheira Cristina, para fazer minhas as palavras dela com relação à homenagem ao nosso Mujica, eleito presidente do Uruguai, e também com relação a Honduras.

A escolha do tema “Inovação e Conhecimento” como foco de nossos trabalhos é muito oportuna, especialmente num momento em que a comunidade internacional enfrenta desafios sem precedentes. Vivemos um momento de mudança de paradigmas que requer respostas criativas e eficazes.

A crise econômica e financeira obrigou-nos a repensar como a riqueza vinha sendo produzida e distribuída nos últimos anos. Reforçou a importância da economia real, do trabalho e da sustentabilidade. Evidenciou a necessidade de superar um modelo baseado no trabalho informal, no baixo custo da mão de obra, na mera produção de *commodities*. Deixou patente que não podemos seguir utilizando inadequadamente recursos naturais escassos.

Hoje, mais do que nunca, dependemos da infinita capacidade humana de reinvenção e de superação. Uma progressiva convergência de novas



tecnologias, principalmente nas áreas de informação, biotecnologia e nanotecnologia, vem abrindo novos horizontes de cooperação.

A criação de economias do conhecimento na América Latina é instrumento fundamental para superar as desigualdades, fortalecer a cidadania e facilitar nossa inserção competitiva na economia global.

Mas os benefícios desse processo só virão com investimentos progressivamente maiores em pesquisa e inovação. Isso exige vigorosa ação do Estado, sem a qual passaremos ao largo dessa nova revolução tecnológica, como em momentos históricos anteriores.

Precisamos democratizar o acesso às tecnologias modernas, sobretudo na informação e comunicação. Elas são a chave para o emprego, o desenvolvimento profissional e, sobretudo, para a participação política.

No Brasil, temos feito um grande esforço nessa direção. Estamos equipando as escolas públicas com internet de alta velocidade. Distribuímos milhares de computadores portáteis para alunos e professores da rede pública de educação básica. Estendemos aos quase 5.500 municípios brasileiros a implantação de telecentros comunitários, que são espaços de convivência, aprendizado e lazer.

Os programas brasileiros de inclusão digital e de governo eletrônico utilizam o *software* aberto e livre. Essa opção reduz custos e permite a construção de ambiente digital seguro e favorável à troca de experiências e conhecimentos.

Desde 2004, a Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior vem gerando políticas públicas de estímulo ao desenvolvimento da ciência e da inovação tecnológica.

Os investimentos em inovação também são um dos pilares da Política de Desenvolvimento Produtivo, lançada em 2008, com investimentos de US\$ 24 bilhões na infraestrutura nacional de Ciência e Tecnologia até 2010.



A aprovação da Lei de Inovação dá marco legal aos desafios da promoção do conhecimento. Ela estabelece novos mecanismos de fomento para as atividades inovadoras em empresas.

O programa Primeira Empresa apoiou a criação e capacitação de 1.400 novas empresas de base tecnológica, amparadas por 17 redes que cobrem todo o País.

A inovação tecnológica foi decisiva para a revolução agrícola brasileira. Graças ao trabalho da Embrapa, cultivos de alto valor econômico e fundamentais para a segurança alimentar foram adaptados para os trópicos. Isso fez do Brasil não apenas um grande celeiro para o mundo, mas viabilizou a política de erradicação da fome e de inclusão social.

Buscamos compartilhar esses sucessos com nossos vizinhos sul-americanos e com os países africanos. Transferimos, sem condicionalidades, a tecnologia de ponta que revolucionou nossa agricultura e nossas exitosas políticas públicas de inclusão social.

A crescente adoção de um sistema comum de TV Digital na América do Sul cria as condições para estabelecermos um polo tecnológico regional. Estaremos, assim, difundindo e, sobretudo, desenvolvendo tecnologias próprias, adaptadas às nossas necessidades específicas.

Meus amigos,

Não haverá desenvolvimento sustentável se não cuidarmos da inovação. Este será um elemento essencial para o sucesso da Conferência de Copenhague sobre as mudanças climáticas.

O Brasil assumiu um compromisso ambicioso, o de reduzir em quase 40% nossas emissões estimadas até 2020. Esse esforço exige inovação. No momento em que todos os países buscam diversificar sua matriz energética e cumprir metas ambientais, os biocombustíveis oferecem alternativa segura [segura], limpa e eficaz.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

A reunião de países amazônicos que realizamos em Manaus, na semana passada, é um exemplo de como podemos atuar conjuntamente. Mas iremos mais rápido se a comunidade internacional contribuir com recursos financeiros e tecnológicos adicionais.

O Brasil está pronto para contribuir. Juntos, saberemos fazer da inovação e do conhecimento uma alavanca para enfrentar os desafios deste século que se inicia.

Obrigado.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, durante
cerimônia de abertura do 56º Encontro da Frente Nacional de Prefeitos**

Fortaleza-CE, 30 de novembro de 2009

Vocês já imaginaram como eu estou, não é? Eu acabei de receber, às 2 horas, 3 horas, o título de Cidadão Honorário de Fortaleza. Então contei para eles lá que os antigos, em Minas... A Maria do Carmo está... Como vai, Maria? Os antigos em Minas dizem que o cearense é o mais mineiro de todos os brasileiros. E, então, sempre ouvia isso com o maior respeito. Mas, agora, chegando lá, eu já tenho o direito de dizer para eles: vocês, cuidado comigo, porque eu, agora, sou cearense de Fortaleza.

Excelentíssimo senhor Francisco Pinheiro, vice-governador do estado, aqui presente,

Excelentíssimo senhor ministro de Estado, Luiz Antonio Elias, interino da Ciência e Tecnologia,

Excelentíssimos senhores senadores, deputados federais e estaduais aqui presentes,

Excelentíssima senhora Luizianne de Oliveira Lins, prefeita de Fortaleza, em nome de quem saúdo todas as autoridades municipais presentes,

Excelentíssimas autoridades federais, estaduais e municipais aqui presentes,

Representantes da imprensa,

Senhoras e senhores,

Aqui, praticamente todas as pessoas que estão são autoridades. São senadores da República, deputados federais, deputados estaduais, prefeitos de vários municípios brasileiros e, de certa forma, seria quase impossível citar o



nome de todos. Mas eu me escuso, naturalmente, por omissões imperdoáveis. Mas, são omissões inevitáveis em ocasiões como essa. De qualquer maneira, cabe-me, primeiramente, agradecer a forma acolhedora com que me receberam aqui hoje e isso eu faço na figura do nosso presidente João Coser, que é o nosso querido amigo, prefeito de Vitória, e grande companheiro, e pessoa que, naturalmente, demonstra naquilo que faz o seu estado, o seu município, fez em Brasília durante todo o tempo em que lá esteve, é uma marca, e mostra por que razão ele é o presidente dessa entidade que hoje se reúne aqui.

Todos sabem que o presidente Lula está fora do Brasil, mas, neste fim de semana, antes da sua viagem, sabendo que eu estava vindo aqui, hoje, ele me pediu que trouxesse o seu abraço a todos vocês, prefeitos aqui presentes. E seus votos de que o encontro que se realiza em Fortaleza seja revestido de sucesso em benefício de todos os municípios brasileiros. Isso é uma preocupação constante do Presidente com a sorte dos municípios.

Eu, normalmente, prefiro falar sem papel na mão, mas são tantas as realizações do governo, contemplando os municípios brasileiros, que eu não podia deixar de anotar para ler para vocês. Agora, vocês têm o direito de dar uma bronca se tiver alguma coisa aqui que não seja verdade.

Senhoras e senhores,

Este ano, no último dia 15 de novembro, comemoramos 120 anos da Proclamação da República. Este é um momento, portanto, de comemoração e também de reflexão. É claro que todos nós devemos fazer uma reflexão sobre os caminhos que percorremos para chegar até aqui e os desafios que ainda estão colocados para o nosso país.

Como vocês sabem, o governo do presidente Lula estabeleceu com os municípios brasileiros uma relação de diálogo direta e republicana, ou seja, sem intermediários e sem distinções partidárias. Uma relação pautada pelo respeito à autonomia dos municípios e aos prefeitos.



Nesse sentido, realizamos, no início do ano, o I Encontro Nacional de Prefeitos e Prefeitas, com a finalidade de auxiliar os novos gestores municipais em início de mandato. Naquela ocasião, o presidente Lula convidou os novos prefeitos a continuar essa exitosa parceria que tem alavancado o desenvolvimento de nosso país. Essa parceria se expressa na criação, em 2003, do CAF – Comitê de Articulação Federativa, e depois, na sua institucionalização pelo decreto, em 2007, como uma instância de diálogo entre a União e os municípios brasileiros, presidido pelo Ministro de Estado Chefe da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República. Em sua última reunião do ano, o CAF – CAF é Comitê de Articulação Federativa – deu mais um passo no sentido da sua consolidação como canal de diálogo. O Comitê aprovou uma proposta de lei para sua consolidação como órgão de assessoria direta do Presidente da República.

Desde o início, em 2003, o Governo do presidente Lula fez uma aposta estratégica no fortalecimento da Federação brasileira, ou seja, no fortalecimento do Estado brasileiro, nas esferas federal, estaduais e municipais, buscando construir um novo ciclo de desenvolvimento.

Ao longo desses anos, nós estamos construindo juntos os instrumentos que nos permitam sustentar o mais longo ciclo histórico de desenvolvimento do nosso país. É verdade que esse crescimento foi interrompido pelos impactos da crise internacional, mas também é verdade que nós soubemos enfrentá-la muito bem, porque foi esforço nacional compartilhado com estados e municípios.

No âmbito do Comitê de Articulação Federativa, foram discutidas diversas ações de apoio aos municípios para o enfrentamento da crise econômica mundial. Dentre elas, destacam-se: a ajuda financeira dada aos municípios para garantir, em 2009, os mesmos recursos do Fundo de Participação dos Municípios (FPM), de 2008. Em 2008, quando houve recorde histórico de arrecadação: foram R\$ 51,3 bilhões, portanto, R\$ 51,3 bilhões,



com crescimento de 27% em relação a 2007. E o que se fez foi a manutenção de 2008, ou seja, a consolidação daquele crescimento e a manutenção dele apesar da crise. Até o momento, já foram repassados mais de R\$ 2 bilhões aos municípios brasileiros e, até o final do ano, esperamos repassar mais R\$ 500 milhões, referentes à recomposição de setembro.

O parcelamento dos débitos previdenciários dos municípios em até 240 vezes, Medida Provisória 457/2009. Estima-se que mais de 4 mil municípios foram beneficiados pela medida. A nova Lei de Diretrizes Orçamentárias, LDO 2010, também trouxe muitos avanços para a relação federativa, através de medidas que permitem acelerar os investimentos públicos.

Estimados e eminentes prefeitos, nós estamos crescendo com segurança, mantendo a estabilidade econômica com responsabilidade fiscal. E uma característica importante desse processo é o intenso e permanente esforço pela redução da desigualdade regional e social.

O Programa Bolsa Família foi ampliado, em 2009, para incluir mais de 1 milhão e 900 mil famílias com investimentos no montante de R\$ 12,1 bilhões, para atender a 11 milhões e 600 mil famílias.

A extensão, em 2009, da merenda escolar aos alunos das escolas públicas do ensino médio e do ensino médio profissionalizante, fazendo com que os investimentos na merenda escolar saltem de R\$ 1,49 bilhão, em 2008, para R\$ 2,02 bilhões, em 2009, e o número de alunos contemplados pelo programa passe de 34 milhões e 600 mil estudantes para 41 milhões e 900 mil.

Expansão e recuperação da rede de agências do INSS. São 720 novas agências e 318 em recuperação. O Programa Territórios da Cidadania prevê, para 2009, investimentos no valor de R\$ 23,5 bilhões para a execução de 181 ações em 120 territórios, abrangendo 1.852 municípios.

O teto financeiro da atenção básica aumentou 149% em 2003.... entre, perdão, entre 2003 e 2008. O Programa Brasil Sorridente atende 85,3 milhões



de pessoas, com 17.875 equipes de saúde bucal em 4.597 municípios, com cobertura de 45,6% da população brasileira.

E, finalmente, além do esforço conjunto que estamos fazendo – União, estados e municípios -, nossa parceria tem servido também para induzir a atividade produtiva, convocando a iniciativa privada a ser parceira desse processo de desenvolvimento.

Há medidas que dinamizam esse processo de desenvolvimento, como, por exemplo: ampliação do crédito do Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf), safra 2009/2010, para R\$ 15 bilhões, destinados ao atendimento de mais de 2 milhões de famílias rurais; a aprovação da Medida Provisória nº 455 de 2009, convertida na Lei 11.947, também de 2009, que estabelece que as prefeituras devem gastar pelo menos 30% dos recursos para a merenda escolar com alimentos produzidos pela agricultura familiar; o programa Minha Casa, Minha Vida, que destina R\$ 60 bilhões para construir 1 milhão de casas populares em todas as cidades brasileiras, com a previsão da geração de 3,5 milhões de empregos até 2012; Programa Especial de Crédito para empresas que realizam obras públicas.

Nós conseguimos enfrentar a crise internacional. Mais que isso, não apenas conseguimos enfrentar a crise internacional, mas do que isso, todas essas medidas demonstram que conseguimos construir ao longo da crise mundial instrumentos que reforçassem a cooperação entre nós. Creio que esse foi um elemento fundamental para superarmos nossas dificuldades e alavancarmos um novo ciclo de crescimento.

Sabemos que ainda temos uma longa estrada... Sabemos bem, não é “sabermos”, não. Eu li “sabermos”, mas está errado. Sabemos que ainda temos uma longa estrada a percorrer para tornar nosso país mais justo, mas acho que estamos no caminho certo, que é o fortalecimento do federalismo cooperativo em todo o Brasil.

Agradeço a todos. Quero lhes desejar uma excelente reunião, um



excelente encontro em Fortaleza. Eu não tenho dúvida de que ele vai ser muito profícuo. Gostaria muito que o presidente João Coser e todos vocês que estão à frente deste movimento fizessem uma informação, e podem usar meu gabinete, se quiserem, para isso. Uma informação ao governo central de tudo aquilo que vocês pensam e tudo aquilo que vocês recomendam que possa continuar sendo feito nessa parceria extraordinária que há, hoje, uma disposição intransigente do presidente Lula em relação a essa integração, a essa federalização cooperativa, porque assim é que nós podemos realizar alguma coisa.

Há uma ordem tácita dentro do governo: nós não queremos saber de onde é o prefeito que está esperando para se encontrar conosco. Nós nunca fizemos a pergunta porque é assim que o governo deseja. Nós temos o dever de atender a todos com absoluta igualdade de condições, independentemente da coloração partidária.

É claro que todos nós temos o nosso partido e o nosso lado na hora da eleição, isso é natural. Porém, na hora do trabalho em Brasília, a Presidência da República tem recomendado e nós todos temos agido dessa forma. Não saber de que partido é o prefeito que nos está procurando, saber sim se é justa a sua causa e, se for justa, vamos fazer todo o possível para que ele volte, na certeza de que tem um aliado em Brasília, um aliado do Brasil.

Muito obrigado a todos vocês, muito boa sorte, sucesso para o Encontro.

(\$22A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa**

Discurso do Presidente da República em Exercício
